

Fabíola Moura Reis Santos
Juliana Ribeiro de Amorim Galdino

VOZES DO RIO

a história do rádio em
Juazeiro e Petrolina



VOZES DO RIO

VOZES DO RIO

VOZES DO RIO



Universidade do Estado da Bahia – UNEB

José Bites de Carvalho

Reitor

Marcelo Duarte Dantas de Avila

Vice-Reitor

Sandra Regina Soares

Diretora da Editora

Conselho Editorial

Danilo Gusmão de Quadros

Darcy Ribeiro de Castro

Hugo Saba Pereira Cardoso

Luiz Carlos dos Santos

Maria das Graças de Andrade Leal

Rudval Souza da Silva

Thiago Martins Caldas Prado

Suplentes

Aliger dos Santos Pereira

Gabriela Sousa Rêgo Pimentel

Maristela Casé Costa Cunha

Marluce Alves dos Santos

Mônica Beltrame

Reginaldo Conceição Cerqueira

Valquíria Claudete Machado Borba

Fabíola Moura Reis Santos
Juliana Ribeiro de Amorim Galdino

VOZES DO RIO

a história do rádio em Juazeiro e Petrolina

Salvador
EDUNEB
2018

© 2018 Autoras

Direitos para esta edição cedidos à Editora da Universidade do Estado da Bahia.
Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma
idêntica, resumida ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.
Depósito Legal na Biblioteca Nacional
Impresso no Brasil em 2018.

Coordenação Editorial

Fernanda de Jesus Cerqueira

Coordenação de Design

Sidney Silva

Revisão Textual e Normalização

Tikinet Edições Ltda

Diagramação e Capa

George Luís Cruz Silva

Revisão Textual de Prova

Maria Aparecida Porto

Revisão de Diagramação de Prova

George Luís Cruz Silva

Imagem da Capa

Arquivo particular das autoras e
[freemages.com/John Hartley](https://www.freemages.com/JohnHartley)

Ficha Catalográfica

Bibliotecária: Fernanda de Jesus Cerqueira – CRB 162-5

Santos, Fabíola Moura Reis

Vozes do rio: a história do rádio em Juazeiro e Petrolina/ Fabíola Moura Reis
Santos e Juliana Ribeiro de Amorim Galdino. – Salvador: EDUNEB, 2018.

132 p.: il.

ISBN: 978-85-7887-352-3

1. Rádio - Juazeiro. 2. Rádio - Petrolina. 3. Rádio – História em Petrolina e Juazeiro.
I. Galdino, Juliana Ribeiro de Amorim.

CDD: 384.5

Editora da Universidade do Estado da Bahia – EDUNEB

Rua Silveira Martins, 2555 – Cabula

41150-000 – Salvador – BA

editora@listas.uneb.br

portal.uneb.br



*O rádio começa de um sonho,
vira uma paixão, termina numa
eterna conquista.
(CÉSAR, 1996)*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser infalível e generoso em seus planos. Aos nossos filhos, Cecília, Miguel, Maria Eduarda e Maria Luísa, compreensivos e pacientes. Aos nossos maridos, Luís e Eduardo, sempre companheiros e atuantes nos nossos projetos. E aos nossos pais, sempre presentes nas nossas conquistas.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
O PAPEL DO RÁDIO NO FORTALECIMENTO DA CIDADANIA E DEMOCRACIA NO VALE DO SÃO FRANCISCO	15
UMA ONDA NO AR, DEMOCRÁTICA OU NÃO?	18
PERCURSO PARA O REGISTRO DA MEMÓRIA	24
RÁDIOS COMERCIAIS	29
RÁDIO JUAZEIRO, A PIONEIRA	32
EMISSORA RURAL: A VOZ DO SÃO FRANCISCO	37
RÁDIO GRANDE RIO AM, ONDAS MÉDIAS EM TODO O SERTÃO	44
RÁDIO CIDADE	46
RÁDIO SÃO FRANCISCO	49
RÁDIO FM: NOVAS ONDAS NO AR	50
RÁDIO TRANSRIO: A PRIMEIRA FM DA REGIÃO	52
TROPICAL FM, JORNALISMO EM FREQUÊNCIA MODULADA	56
RÁDIO GRANDE RIO FM, OUVIDA EM TODO O SERTÃO	59

COMUNITÁRIAS NO COMANDO DA NOTÍCIA	63
LIBERDADE FM: O POVO DO CAMPO NO AR	65
TABAJARA, A COMUNIDADE NAS ONDAS DO RÁDIO	67
PETROLINA FM: ATUANDO NO DIA A DIA DA CIDADE	70
AS VOZES DO RIO: TESTEMUNHOS DE UMA HISTÓRIA	75
CARLOS AUGUSTO: O PORTA-VOZ DO HOMEM SERTANEJO	77
INAH TORRES: COMUNICADORA SOCIAL	83
HERBERT MOUZE: A VOZ DOS GRAMADOS	87
MARTA LUZ: UMA VOZ PARA PENSAR	96
FRANCISCO FERNANDES: O ANIMADOR DE TODAS AS TARDES	101
WASHINGTON LUIZ: O REPÓRTER POLICIAL	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS	111
ANEXO	115
CRONOLOGIA DO RÁDIO	115
SOBRE AS AUTORAS	131

PREFÁCIO

Polifonia no ar: um trabalho além da sala de aula

Este trabalho, feito à quatro mãos, registra não somente uma parte da história das vizinhas cidades de Juazeiro e Petrolina, como a história das comunicações sociais, mais, especificamente do rádio, a mídia mais acessível de que dispomos, fundamental na formação e informação urbana. Sem dúvidas, nossas cidades, nossa região, ainda têm no rádio seu referencial mais forte como meio de comunicação.

Embora algumas vertentes de um trabalho desse tipo pudessem ser mais privilegiadas, *Vozes do Rio: a história do rádio em Juazeiro e Petrolina*, da autoria de Fabíola Moura R. Santos e Juliana R. A. Galdino, como livro-reportagem de um curso de especialização em Comunicação Social, escrito em 2005, apresenta, ao lado de informações históricas imprescindíveis sobre as rádios locais, saborosas entrevistas com algumas personalidades marcantes da locução san-franciscana. Acredito mesmo que essa seleção de entrevistados pudesse ser ampliada, pois, na história de cada um deles, temos a história de uma programação diversificada, de posicionamentos também diversificados frente à audiência e que refletem a sua ideologia, nessa interatividade possível entre audição e recepção pelo rádio.

O tratamento dado à linguagem, seja no programa sertanejo, seja no esportivo, seja na crônica social, ainda é um trabalho amador muitas vezes, mas, feito com prazer e dedicação. No entanto, é

preciso ter sempre em mente que há censuras nesses discursos e a democratização é relativa.

As autoras souberam entender esse aspecto, quando afirmam:

No Vale do São Francisco, essa situação se evidencia.

Na região, as emissoras de rádio comercial, em sua grande maioria, pertencem a políticos e empresários que utilizam suas concessões para promover interesses específicos. Assim, muitos conteúdos são manipulados, divulgando mensagens que beneficiam a linha partidária ou promovem os anunciantes da carteira da empresa.¹

Nesse sentido, é que a polifonia, tantas vozes em contraste, passado e presente em sua dinâmica, pode mostrar ao ouvinte como interagir e não ser um cidadão manipulável. Há opções que podem derrubar um discurso hegemônico, utilizado também em outras mídias. Sem falar especificamente das rádios comunitárias, de precário alcance, o ouvinte médio (haveria um alto e um baixo “ouvinte”?) pode encontrar nas ondas do rádio um fator de equilíbrio crítico e posicionamento que desafia a alienação.

Para os jovens profissionais que estão aí atuantes, como as autoras desse trabalho, fica a responsabilidade de compreensão desse processo e de suas opções. Para além do amadorismo, a consciência de que a linguagem radiofônica é um instrumento ideológico e que pode ser utilizado sob os mais diversos interesses e perspectivas.

Carlos Augusto, com sua experiência, na entrevista aqui apresentada, mostra isso claramente: “No rádio, o que a gente fala não

¹ Citação extraída desta obra, p. 18.

tem volta [...]. No microfone, o que você diz tem força e em rádio eu sou o que eu digo.”

Parabéns pelo trabalho e sigam em frente...continuamos à escuta...

Elisabet Gonçalves Moreira
Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP.
Professora aposentada da Universidade de Pernambuco(UPE) e
Instituto Federal do Sertão Pernambuco (IF Sertão).

O PAPEL DO RÁDIO NO FORTALECIMENTO DA CIDADANIA E DEMOCRACIA NO VALE DO SÃO FRANCISCO

Quando a gente liga o rádio, começa uma viagem pelo imaginário de cada um. É como sonhar acordado, conduzido pela voz que comanda o microfone. Uma espécie de “hipnose consciente” que nos faz construir imagens bem pessoais, fertilizadas pelo som do rádio.

A paixão proporcionada por esse veículo de comunicação de massa, considerado o mais popular e abrangente, contagia ouvintes e profissionais da área. Estudá-lo é também uma experiência única, um incentivo a divulgar e conquistar cada vez mais adeptos ao “clubê” dos amantes do rádio.

O veículo possibilita ao ouvinte se inteirar dos fatos no momento em que eles acontecem, tornando-se assim, um meio de comunicação de caráter imediato. O rádio pode ser levado a qualquer lugar e é de fácil acesso. Tem uma abordagem educativo-informativa, sendo seu principal objetivo comunicar para comunidades.

A relação de proximidade estabelecida com o ouvinte é sólida e duradoura, um vínculo que começou há muito tempo. Os historiadores do rádio têm entendimentos diferentes sobre o início do funcionamento desse meio de comunicação no Brasil. Alguns defendem que o marco inicial foi a transmissão oficial do discurso do presidente Epitácio Pessoa, no dia 7 de setembro de 1922, no Rio de

Janeiro, em comemoração ao centenário da Independência. Segundo Costella (2002), esse episódio foi um mero evento de uma feira de amostras. Terminada a exposição, encerraram-se as transmissões.

Todavia, as referências utilizadas nesse estudo provam que a Rádio Clube de Pernambuco, fundada em Recife por Oscar Moreira Pinto, foi a primeira a realizar uma transmissão radiofônica no país, no dia 6 de abril de 1919, com um transmissor importado da França.

Para outros, o surgimento do rádio se deu com a inauguração da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, primeira emissora brasileira, fundada em abril de 1923 por Edgard Roquette-Pinto e Henry Morize, com prefixo PRA-A (depois PRA-2), sediada na Academia Brasileira de Ciências.

A programação da Rádio Sociedade não obedecia a um organograma rígido, mas tinha sempre como grade inicial o *Jornal da Manhã*, apresentado pelo seu proprietário, Roquette-Pinto. As emissoras fundadas nessa década, tinham características semelhantes às da Sociedade.

As primeiras rádios, por serem financiadas por seus associados, eram sociedades ou clubs que tinham como objetivo difundir a cultura e promover a integração nacional. É por essa razão que a denominação das primeiras emissoras era sempre Rádio Sociedade: do Rio de Janeiro em 1923; de São Paulo em 1924; ou Rádio Clube: Pernambuco, Paraná, São Paulo [...]. Na década de 1920, o rádio era um meio de comunicação ligado às camadas altas da população devido ao estilo de sua programação: óperas, conferências e músicas clássicas que agradavam à elite, não atingindo as camadas populares. (MENEGUEL; OLIVEIRA, [21--?], p. 4-5).

Na década de 1930, quando surgiu o termo “radialista”, inventado por Nicolau Tuma, o Brasil possuía 29 emissoras, mas só no início dos anos 1950 surgiu a primeira emissora de rádio do Vale do São Francisco, a Rádio Juazeiro, transmitida em ondas médias.

Foi também na década de 1950 que o rádio vivenciou um momento difícil, uma vez que nascia um meio de comunicação até então revolucionário, transmitindo informações por meio de imagens e sons: a televisão.

Mas não era só por ser novidade na produção de informações e inovação tecnológica que a televisão incomodava, havia o preponderante fator econômico. Com o novo veículo veio a concorrência pelos recursos da publicidade, dos investimentos e da mão de obra especializada no que dizia respeito tanto à questão técnica quanto aos profissionais comunicadores.

A concorrência resultou no declínio do rádio nesse período, obrigando-o a uma reestruturação total.

Dentre os meios de comunicação, talvez o rádio seja o mais privilegiado em termos de potencialidades. Primeiro porque não necessita de que o ouvinte seja alfabetizado. Depois, por ser mais abrangente: a televisão não atinge áreas rurais por causa das deficiências de eletrificação [...] esta facilidade poderia fazer do rádio um instrumento de educação, o que até agora permanece como potencialidade. (CAPARELLI, 1986, p. 86-87).

Apesar do impacto, a televisão não substituiu todo o espaço conquistado pelo rádio nas décadas anteriores. Por suas características únicas e sua relação de interatividade com o ouvinte, o rádio sobreviveu e continua se reinventando.

UMA ONDA NO AR, DEMOCRÁTICA OU NÃO?

Nas palavras de León (2002), “[...] a democratização da comunicação é, antes de tudo, uma questão de cidadania e justiça social, que integra o direito humano à informação e à comunicação” mas no Brasil, ainda estamos longe de alcançar esse ideal, independentemente do tipo e do tamanho do veículo de comunicação. No Vale do São Francisco, essa situação se evidencia.

Na região, as emissoras de rádio comercial, em sua grande maioria, pertencem a políticos e empresários que utilizam suas concessões para promover interesses específicos. Assim, muitos conteúdos são manipulados, divulgando mensagens que beneficiam a linha partidária ou promovam os anunciantes da carteira da empresa.

Nessa mesma perspectiva, notícias que atinjam de forma negativa “os parceiros” da emissora são vedadas sumariamente, quando não são distorcidas de forma a minimizar seus efeitos. Mas é importante ressaltar que, mesmo em algumas rádios comerciais da região, esse quadro, aos poucos, vem sendo modificado.

Graças ao esclarecimento da população, motivado por meio de movimentos sociais e mídia alternativa, principalmente a internet, as emissoras de rádio não tiveram outra alternativa senão abrir mais espaço para a comunidade. Os programas jornalísticos ganharam mais tempo e a discussão dos problemas locais se tornou pauta diária. Nesses espaços, o morador do bairro da periferia reclama, por exemplo, da falta de saneamento e cobra providências da empresa responsável. A partir de discussões como essas, os comunicadores de rádio lançaram a proposta de uma comissão parlamentar de inquérito (CPI) para investigar os desvios de verba nas obras de saneamento da cidade de Juazeiro/BA, em julho de 2003. A CPI criada pela Câmara de Vereadores (a única realizada até a elaboração deste trabalho) não demorou a acontecer e movimentou a cidade durante vários meses.

As rádios comunitárias também vêm nadando contra a corrente da monopolização. Em alguns casos, são moradores das comunidades que fazem os programas e discutem temas de seu interesse. Essas emissoras sobrevivem com o apoio da própria população, se libertando da pressão comercial. O trabalho que elas desenvolvem é autodidata e quase artesanal, mas possibilitam resultados visíveis. As comunidades estão mais atentas e acompanham de perto os problemas locais. Conforme León (2002),

[...] cabe dizer que é consubstancial a vida democrática da mesma sociedade, cuja vitalidade depende de uma cidadania devidamente informada e deliberante para participar e responsabilizar-se na tomada de decisão dos assuntos públicos.

Com linguagem mais acessível, os comunicadores locais conseguem deixar a notícia compreensível, o que possibilita observar até uma mudança na autoestima da região. As rádios comunitárias talvez sejam as que mais contribuem para a democratização, considerando que o exercício democrático pressupõe que os cidadãos sejam bem-informados sobre as questões a serem decididas, seja diretamente ou por meio de seus representantes eleitos. Para García Canclini (1990, p. 50),

[...] os meios de comunicação substituíram partidos, sindicatos, intelectuais. A aparição súbita desses meios põe em evidência uma reestruturação geral das articulações entre o público e o privado que pode ser percebida também no novo ordenamento da vida urbana, no declínio das nações como entidades que comportam o social e na reorganização das funções dos atores políticos tradicionais.

Dessa forma, o rádio atua facilitando o exercício da democracia, por conseguinte, como fator de socialização e de formação do cidadão no exercício de sua cidadania, uma vez que funciona como espécie de plataforma na qual a população ouvinte encontra um canal direto de participação, expondo suas vontades e necessidades.

Marshall (1967 apud, Barbosa, 2010, p. 13) explica que o conceito de cidadania comporta dimensões civis, sociais e políticas de forma simultânea, um modelo também experimentado na rotina do rádio. O autor acrescenta,

[...] a Cidadania busca a inclusão dos excluídos e a reeducação dos já incluídos. Como parte de sua constante metamorfose, a Cidadania incorpora novas ideias e projetos de construção de uma sociedade melhor e mais humana. Hoje, no Brasil, ela ganha também a dimensão de sinônimo de comportamento social. O respeito às regras e às demais pessoas, às boas maneiras do indivíduo perante o corpo social, são considerados alicerces da cidadania. (BARBOSA, 2010, p. 77).

As características do rádio como meio de comunicação de massa o tornam especialmente adequado para a transmissão da informação, o que pode ser considerado como a sua função principal, uma vez que ele tem condições de transmiti-la com rapidez maior do que qualquer outro meio, até mesmo a internet.

Assim, torna-se parceiro na divulgação dos objetivos e na atuação dos movimentos populares, sejam eles de contestação estrutural ou mais específicos. Pela proximidade territorial com a realidade do cotidiano da comunidade, interage de forma quase que imediata com os acontecimentos e recebe o impacto direto das mudanças do

meio social em que está inserido. O contato é simultâneo entre a população, suas reivindicações e o meio radiofônico.

O rádio possui um caráter urgente, possibilitando que o ouvinte acompanhe os fatos no momento em que eles acontecem. Dispensa todo o aparato e a complexidade comuns nos demais meios, podendo ser levado a qualquer lugar. O acesso dos ouvintes é fácil e prático, sem a necessidade de grandes investimentos em aparelhos avançados. Segundo Ortriwano (1985, p. 81),

[...] o rádio livre dos fios e tomadas deixou de ser um meio de recepção coletiva e tornou-se individualizado. As pessoas podem receber suas mensagens sozinhas, em qualquer lugar que estejam.

Graças a essas características, o rádio possui uma importante função social, atua como agente de informação e formação do coletivo. Desde a sua criação, se firmou como um serviço de utilidade pública, exercendo uma comunicação que contribui com a história de diversas sociedades.

Entre os meios de comunicação de massa, o rádio é, sem dúvida, o mais popular e o de maior alcance público, não só no Brasil como em todo o mundo, constituindo-se muitas vezes no único a levar a informação e o entretenimento, para populações de vastas regiões que não têm acesso a outros meios, seja por motivos geográficos, econômicos ou culturais. (CÉSAR, 1990, p. 63).

É ainda uma plataforma atuante na prestação de serviços, com informações sobre empregos, produtos e utilidade pública, além de ajudar a desenvolver objetivos comuns e opções políticas, possibilitando

o debate social e expando temas e soluções práticas por meio do conteúdo jornalístico, por exemplo, sem esquecer de sua contribuição para a cultura e a produção intelectual.

Esse meio de comunicação é essencialmente popular, de fácil acesso e custo reduzido, que permite o contato do ouvinte com um mundo bem maior do que os impostos pelos limites físicos e econômicos. Nessa natureza democrática de acesso e na mobilidade que oferece, reside o potencial de um veículo de comunicação que, desde a sua invenção e disseminação, já teve dias de glória e de dificuldades, mas que se mantém atuante e continua tendo sua importância.

Nas cidades Petrolina/PE e Juazeiro/BA, o rádio se desenvolveu como fator de unidade em municípios com grandes áreas rurais e zonas urbanas de vida cultural, social e política intensa. Mas, mesmo com a sua importância, a produção radiofônica nessa região carece de trabalhos direcionados à sua história e às pessoas que o constroem, dia a dia, nas duas cidades. Por isso, esse veículo é o objeto principal deste livro-reportagem, que procura documentar a história das primeiras emissoras de rádio dessas cidades.

De acordo com levantamento feito pelas autoras desta obra em 2018, as cidades de Petrolina e Juazeiro têm, juntas, nove rádios comerciais e cinco comunitárias. Depois do jornal impresso, o rádio se estabeleceu como veículo de comunicação de maior alcance, com a missão de garantir que a informação chegasse à comunidade ribeirinha.

A Rádio Juazeiro AM, com 65 anos de fundação (em 2018) e até hoje no ar, foi a pioneira na região. Com uma potência que cativa ouvintes até em outros estados, foi a primeira a produzir uma programação totalmente local. Com programas de utilidade pública, variedades e esportivos, além de um jornalismo cada vez mais atuante, principalmente nos bairros periféricos, a Rádio Juazeiro abriu espaço para as associações de bairro, para movimentos de minoria,

ou seja, para que a população, de uma maneira geral, pudesse se manifestar.

Depois vieram as outras rádios de modulação em amplitude (AM do inglês *amplitude modulation*) com propostas semelhantes: informar e ser um canal aberto para a comunidade. A Emissora Rural, primeira AM de Petrolina, teve também participação importante nos movimentos sociais. Por ser uma rádio católica, acompanhou e divulgou, nas suas ondas, todo o desenvolvimento da Teologia da Libertação e dos Movimentos Eclesiais de Base, abrindo ainda espaço para a educação do homem do campo.

Mesmo com a chegada das rádios de modulação em frequência (FM, do inglês *frequency modulation*), apesar do seu perfil ainda mais comercial e segmentado, as rádios locais trouxeram um diferencial: incluíram na sua programação um espaço jornalístico regional, no qual a comunidade pode participar e expor suas demandas.

Recentemente, a região ganhou cinco rádios comunitárias que, apesar de estarem se adaptando ao mercado, representam uma grande conquista para a comunicação local. Nelas, a população pode participar de maneira efetiva na decisão do que será transmitido, do que interessa àquele grupo.

Na programação das rádios comunitárias, a universidade também tem espaço garantido. Um exemplo é a revista radiofônica *Eufonia*, um programa semanal produzido por estudantes do curso de Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), que está no ar há vários anos nas rádios comunitárias Liberdade e Vitória FM, em Juazeiro, e nas emissoras Curaçá FM, Orocó FM e Petrolina FM, localizadas nas cidades de mesmo nome, no Semiárido baiano e pernambucano. O programa também conquistou um horário em uma AM comercial, a Emissora Rural.

Difícilmente outro veículo de comunicação com o alcance e a força do rádio abriria tanto espaço para a produção local, para a

participação de pessoas de diferentes origens e perfis econômicos e para a divulgação do que acontece ao redor, o que fortalece ainda mais a contribuição desse poderoso veículo para o desenvolvimento dos contextos local, regional e nacional.

PERCURSO PARA O REGISTRO DA MEMÓRIA

Escrever sobre o rádio é fazer também o registro de um povo e conhecer sutilezas pela sua forma de se comunicar e enviar mensagens. Às vezes, com recados comuns, ou como diz Moreira (2004, p. 103), “[...] alguns bastante bizarros, quase caricaturais, mas expressivos do imaginário e de valores sociais e éticos preservados”. Registrar tudo isso é uma mistura de responsabilidade, prazer e aprendizado.

Foi em busca desse objetivo que *Vozes do rio* nasceu. Trata-se de um livro-reportagem elaborado a partir de entrevistas com profissionais do rádio, que gentilmente receberam as autoras e comparilharam suas memórias. Um trabalho jornalístico de investigação, apuração e escrita dessas histórias. Uma pesquisa que tem ainda a pretensão de ir além e inspirar novos estudos.

A escassa bibliografia sobre o veículo (principalmente no contexto regional) também motivou o estudo, que objetiva registrar a história do rádio em Juazeiro e Petrolina, cidades irmãs, unidas pelo rio São Francisco, antes que ela desapareça da memória dos ribeirinhos. Sendo assim, esta obra discorre sobre as emissoras pioneiras no Vale do São Francisco, visto que existe muito pouco registrado sobre essas rádios.

Ao mesmo tempo, o livro servirá de parâmetro e consulta para os estudantes do curso de Jornalismo em Multimeios da Uneb, em Juazeiro, e interessados que queiram aprofundar pesquisas no campo da radiofonia. Contribui também para demonstrar o estilo, o perfil e a atuação dos profissionais, além de registrar como o veículo vem evoluindo na região.

No decorrer da obra, será mostrado como este veículo de comunicação se desenvolveu na comunidade ribeirinha, partindo de uma abordagem geral, na qual se discute a relação mídia x sociedade, englobando sua importância para a democratização da informação até a questão regional, com a fundação das primeiras emissoras comerciais AM e FM, bem como o aparecimento das rádios comunitárias na região e os benefícios que essas trouxeram para os ouvintes, assuntos tratados na primeira parte do livro.

Personagens que ajudaram a construir essa história também estão nesta pesquisa. Locutores atuantes na evolução do rádio na região são figuras essenciais neste registro. Vozes das margens do rio São Francisco contando o dia a dia de um povo, por meio da comunicação nas ondas do rádio compõem a segunda parte deste livro.

Neste trabalho de pesquisa realizado em parceria, as autoras buscaram reconstruir não só a história das rádios, mas também a trajetória de locutores que ajudaram a percorrer esse caminho. Para tanto, investiram na memória dessas testemunhas e registraram relatos que não estão em nenhuma bibliografia até então.

Cada uma das autoras se responsabilizou por um número de rádios e locutores, diretores, gerentes e funcionários das emissoras. Os entrevistados foram ouvidos individualmente e questionados sobre a história das emissoras em que trabalharam, como começaram no rádio, em que profissionais se inspiraram, seu estilo de locução, que cuidados tinham com a voz, que é seu instrumento de trabalho, entre outras curiosidades. Além do registro baseado na memória oral, a pesquisa também foi elaborada com auxílio da bibliografia disponível e da internet.

Especificamente, a jornalista Fabíola Moura fez o levantamento das rádios Juazeiro, Tropical, Grande Rio FM, Petrolina FM e Liberdade FM, além de entrevistar os locutores Carlos Augusto, Inah Torres, Marta Luz e Herbert Mouze. Enquanto a outra autora jornalista, Juliana Amorim,

fez o levantamento das rádios Emissora Rural, Grande Rio AM, Rádio Cidade, Rádio São Francisco, Transrio e Rádio Comunitária Tabajara FM e as entrevistas com os locutores Francisco Fernandes e Washington Luís. Munidas dessas informações e com o complemento dos livros pesquisados, as autoras escreveram suas entrevistas, mas a dupla também elaborou o conteúdo que solidifica este trabalho: a importância do rádio como veículo de comunicação.

Também foram as jornalistas-pesquisadoras que registraram a maioria das fotos, acreditando que a imagem conta uma história. E, como se trata de um livro-reportagem de rádio, o registro de áudio não poderia faltar. As autoras solicitaram aos locutores entrevistados que escolhessem trechos de seus programas. Após edição, os arquivos foram gravados em CD-ROM, que ficou como registro sonoro extra do trabalho.

Dos esforços pioneiros de alguns profissionais na década de 1950 até o alto grau de competitividade e profissionalismo alcançados nos dias atuais, o rádio se firmou como fator de integração de uma região vocacionada, historicamente, para o progresso, seja econômico, político, cultural ou social. Isso permeia as páginas que se seguem.

Dessa forma, objetivou-se reconstruir a história das rádios de Juazeiro e Petrolina, assim como registrar o desenvolvimento da locução radiofônica na região por meio de alguns personagens dessa história, profissionais do rádio que contribuíram com a evolução do veículo desde a instalação da primeira emissora e que cresceram com ele. Também buscou-se analisar as características dos estilos de narração, situar o leitor no contexto histórico do rádio no âmbito mundial e apresentar os principais locutores e as características profissionais de cada um.

Vozes do rio é ainda uma tentativa de colaborar com a formação pedagógica de quem vive às margens do rio da integração nacional,

em especial os estudantes de Comunicação Social, principal inspiração e a quem este livro é dedicado.

Não é um texto difícil de ler. Ao contrário, pela natureza dinâmica e multifacetada do objeto abordado, pôde-se realizar um trabalho que busca pinçar, de forma direta e contextual, as características e peculiaridades da comunicação via rádio na referida região.

Espera-se que essa experiência possa contribuir para o enriquecimento pessoal e intelectual daqueles que se propuserem a “degustar” esta obra.

Cabe registrar que a concretização deste livro não seria possível sem os profissionais do rádio que ajudaram a contar essa história. Gratidão também à jornalista Sandra Mara de Oliveira Souza, guia das autoras nesse livro-reportagem, por sua contribuição imprescindível durante a pesquisa, que é resultado do trabalho de conclusão do curso de especialização em Ensino de Comunicação Social, realizado pela Uneb, *campus* III, em 2005.

Por fim, as autoras têm a imensa honra de apresentar a sua contribuição para essa história, que continua dinâmica e merece sempre ser revista com o carinho atento dos apaixonados.

RÁDIOS COMERCIAIS

Desde a primeira transmissão até a instituição do “reclame” pelo governo de Getúlio Vargas, o rádio brasileiro seguiu um percurso semelhante ao do veículo em outras partes do mundo. Começou com conteúdo educativo e virou comercial, inicialmente pelas ondas da AM e posteriormente também pelas FM.

Já no Vale do São Francisco, o rádio começou de forma comercial pelas AM Juazeiro, Emissora Rural, Grande Rio AM, Cidade e São Francisco, além das FM Transrio, Tropical e Grande Rio FM.

É justamente nas cidades de interior que as emissoras de rádio assumem um papel de destaque e ganham importância na rotina da população muito maior que em qualquer metrópole. No rádio, as pessoas se sentem à vontade para exercer a cidadania e exigir seus direitos. Quanto mais desassistida a comunidade, mais ela deposita no veículo toda a esperança em ter seus problemas resolvidos e direitos garantidos.

O rádio cumpre bem essa função, acaba sendo a ligação direta entre a população e o poder público, que mantém os ouvidos muito atentos para tudo que está sendo veiculado em cada estação. Na região do Vale do São Francisco, essa situação é verificada de forma marcante em Petrolina e Juazeiro. Com várias emissoras nos dois lados do rio, o veículo de comunicação tem forte presença na vida das duas cidades. Podemos ir além e afirmar que a atuação do rádio é determinante na vida desses municípios. Se um assunto foi discutido

no rádio, é certeza que será debatido nos gabinetes dos gestores e nas esquinas da cidade.

Foram as emissoras comerciais em amplitude modulada que chegaram primeiro para exercer esse papel na sociedade. Com a introdução do rádio à válvula (mais barato e acessível) e a autorização via legislação brasileira para que o veículo pudesse receber pagamento pela veiculação de publicidade, a partir de 1931, o rádio deixa de ser amador, com programação erudita e educativa, para se popularizar com programas voltados para lazer e diversão, oficialmente um produto que visa lucro. Logo

[...] os empresários começam a perceber que o rádio é muito mais eficiente para divulgar seus produtos do que os veículos impressos, inclusive devido ao grande número de analfabetos. (ORTRIWANO, 1985, p.16).

Era a época da Revolução de 1930, Getúlio Vargas estava à frente do país, e a indústria passava por um crescimento acelerado, de 200 estabelecimentos fabris em 1881 para 13.336 em 1920, 49.418 em 1940 e 89.086 em 1950 (COSTELLA, 2002). Nesse cenário, o rádio serviu para impulsionar o comércio e o consumo.

No Brasil, as emissoras tiveram de contribuir para a própria formação de mercado, pois aqui chegaram em um momento de transição. Passávamos do Brasil-rural para o Brasil-urbano. (COSTELLA, 2002, p.181).

Foi assim que o rádio se transformou e foi se profissionalizando cada vez mais, com programação no horário certo, investimentos estruturais e contratação de artistas e produtores de diversas áreas, como jornalistas, publicitários e dramaturgos.

Os programas de auditório, muito populares, eram o berço de novos ídolos, como Orlando Silva, Francisco Alves e Carmen Miranda. A linguagem radiofônica foi se estruturando de maneira cada vez mais coloquial, do programa de entretenimento ao noticiário jornalístico. (ORTRIWANO, 1985).

Essa proximidade com o público logo foi usada também politicamente. Getúlio Vargas, o presidente que autorizou os “reclames” no rádio, sentava na primeira fila dos programas de auditório e fazia questão de se aproximar dos artistas na tentativa de se beneficiar da popularidade do veículo enquanto centralizava fortemente o poder.

Por outro lado, as rádios paulistas serviam de porta-voz para exigir a deposição do presidente Vargas e a convocação de eleições para a formação de uma assembleia constituinte.

Durante a Revolução Constitucionalista, em 1932, a curiosidade pelas notícias de São Paulo elevou a audiência da Record em outros estados, inclusive no Rio de Janeiro, então capital federal. (COSTELLA, 2002, p.181).

A propaganda política, que começou nos anos 1930, foi sendo aprimorada. A Record,

[...] primeira líder em audiência, introduziu a programação política, ao trazer políticos aos seus microfones – para ‘palestras instrutivas’, como dizia o seu proprietário Paulo Machado de Carvalho. (ORTRIWANO, 1985, p. 17).

Já em 1940, o governo de Getúlio Vargas decidiu que a Rádio Nacional deveria ser um instrumento de afirmação e legitimação ideológica do Estado Novo tanto no âmbito cultural quanto no das relações sociais, econômicas e políticas.

O rádio atinge sua “Era de Ouro” na década de 1940, com as radionovelas, os radiojornais e a programação esportiva. Já em 1950, o veículo entra numa nova fase com a chegada da televisão ao Brasil. Foi nessa época que foi fundada a primeira emissora de rádio do Vale do São Francisco, a Rádio Juazeiro, que, ainda assim, reviveu todo o tempo áureo do veículo com seus programas de auditório e gincanas. As emissoras que surgiram a seguir em Petrolina também ignoraram o fim da era dourada e investiram em radiojornais de grande audiência, como o *Repórter somassa*.

Nessa região o rádio também foi utilizado como instrumento de educação e formação da população rural e, ainda hoje, é uma forte ferramenta de articulação política, tanto para promover a informação e a autonomia da população quanto para fortalecer grupos políticos de variadas legendas na disputa do poder. O sistema de concessão de canais de radiodifusão no Brasil favorece essa prática e ainda estamos longe de alcançar um modelo de comunicação democrático.

É nesse cenário que a radiofonia sanfranciscana surge, se consolida e continua mais forte do que nunca. E é essa história que contamos a seguir.

RÁDIO JUAZEIRO, A PIONEIRA

No ano do centenário da cidade de Juazeiro, em 1978, o historiador do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e do Instituto Genealógico da Bahia, João Fernandes da Cunha, lançou um dos primeiros livros que resgataram a memória do município. Na publicação *Memória histórica de Juazeiro*, o autor dedicou um capítulo à imprensa regional. A Rádio Juazeiro é a única emissora de rádio que aparece no estudo, confirmando o seu pioneirismo como a primeira da região.

Foto 1 - Fachada da Rádio Juazeiro em 2005



Fonte: Foto de Juliana Amorim (2005).

De acordo com Cunha (1978, p.144), a Rádio Juazeiro foi “[...] idealizada, construída e instalada por Joaquim Borges dos Santos e com o prefixo ZYN-21, potência de 250 *watts* - 1.250 quilociclos e ondas médias de 240 metros [...]”. O historiador registra, ainda, o dia 12 de julho de 1953 como a data de inauguração da rádio e faz uma referência à programação de então, com “[...] noticiários de qualidade, boa música e a palavra dos magníficos cronistas juazeirenses”. (CUNHA, 1978, p. 144).

Já Wilson Dias (1982) acrescenta o nome de Camerino Muniz como o comerciante que, ao lado de Joaquim Borges, adquiriu as cotas de aparelhagem da rádio de dois mercadores que possuíam um canal de radiodifusão. Adys Casalino e Floriano Pinto da França Ferreira tinham a outorga do Ministério dos Correios e Telégrafos, que funcionava no Rio de Janeiro, por meio da portaria nº 604, de 21 de junho de 1946, mas a autorização não foi repassada por eles aos

fundadores da rádio. Sem permissão para funcionar, a emissora foi desativada mais tarde e ficou fechada até 1959.

Em 1960, a aparelhagem da Rádio Juazeiro foi comprada pelo ex-prefeito da cidade, Américo Tanuri, e pelo jornalista Rômulo Athanásio, que logo depois revenderam os equipamentos a outro ex-prefeito: Joca de Souza Oliveira. A emissora funcionou algum tempo na rua da Apolo, no centro de Juazeiro, até ser vendida ao casal Osvaldo Benevides e Marta Luz, em 23 de março de 1970. Foi nesse período que a Rádio Juazeiro passou a funcionar na sua atual sede, na rua Aprígio Duarte Filho, sendo finalmente legalizada junto ao Ministério das Comunicações, mediante a portaria nº 1.309, de 26 de novembro de 1974, que renovava sua licença de funcionamento.

Vale salientar que a RÁDIO JUAZEIRO foi a primeira estação de rádio do Estado da Bahia a conseguir a renovação da licença. Em 3 de outubro de 1975, esta emissora ganha concorrência para a instalação de uma Estação em Onda Tropical de 5 KWs. Em 2 de fevereiro de 1977, ganha outra concorrência, agora para uma Estação de Frequência Modulada Stereo. Mais tarde ganha o Canal de VHF e FM para reportagens externas. Até então o único na região. E em 10 de junho de 1978, inaugurou seu Parque Irradiante com potente Transmissor de 10 KWs. (DIAS, 1982, p. 51).

Após a autorização para funcionar, a potência da emissora foi ampliada para 10 mil KW e seu alcance ultrapassou os limites do Vale do São Francisco, sendo ouvida desde Pirapora, em Minas Gerais, até a cidade alagoana de Penedo. A rádio recebia cartas até de ouvintes da África, que escutavam a emissora principalmente no período da noite, quando a potência do sinal se propaga bem mais fácil, sem a incidência de raios solares.

Em 1979 foi inaugurado o novo parque irradiante da emissora no bairro Alto da Aliança (onde ainda funciona) e seus novos transmissores, um de 10 KWZ e um reserva de 1 KWZ.

A Rádio Juazeiro começou a operar no fim da Época de Ouro do rádio e no surgimento de um novo veículo de comunicação no Brasil, a televisão. Uma época em que as emissoras nacionais tiveram que se adaptar a uma nova fase e buscar uma linguagem “mais econômica”. (ORTRIWANO, 1985, p. 21). As grandes e caras produções ao vivo e os famosos programas de auditório deram lugar a discos, fitas, noticiários e serviços de utilidade pública. As rádios se programaram para atender às “[...] necessidades regionais, principalmente ao nível de informação”. (ORTRIWANO, 1985, p. 21). É quando o radiojornalismo ganha um grande impulso.

Curioso observar que a primeira estação de rádio instalada na região começa a funcionar justamente no período em que o veículo passa pela sua pior crise no país. E, mesmo em tempos de adaptação nacional, a Rádio Juazeiro ignorou as mudanças e reviveu a fase áurea do veículo, com os programas de auditório realizados ao vivo na própria emissora.

Os calouros se apresentavam e concorriam a prêmios singelos, como caixas de chocolate. A professora aposentada da Uneb, Odomaria Bandeira não se contentou em ser apenas uma ouvinte, ela lembra dos tempos em que participava dos programas:

Eu me lembro da Rádio Juazeiro ali na Misericórdia, mais ou menos naquela parte próxima à Galeria Apolo. Cheguei a me apresentar lá, na cabine de locução, em um programa feito no Dia das Mães, como aluna do Ginásio Juazeiro. Os programas de auditório aconteceram anos antes, quando a rádio era em outro local. A rádio funcionou um tempo na rua d'Apolo e ali havia um auditório. Lembro de meus pais comentarem que, naquele auditório, João Gilberto cantara juntamente com Valter Souza e um outro cidadão daqui, formando um trio vocal e que

as pessoas não gostavam da voz do “Joãozinho”. (Odomaria Bandeira, 2005, informação verbal).

De acordo com relatos dos ouvintes daquele período “dourado” da Rádio Juazeiro, a audiência da emissora se explicava pela demora da chegada dos primeiros aparelhos de televisão à região. Além disso, a recepção do sinal de televisão (TV) se manteve precária durante duas décadas. O sinal era tão ruim que muitos moradores de Juazeiro fretaram vários veículos para assistir à Copa de 1970 na cidade de Senhor do Bonfim, privilegiada por sua localização geográfica e, por isso, com uma recepção melhor do sinal televisivo.

Foto 2 – Fachada da Rádio Juazeiro em 2018



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2018).

Como sua concessão não foi adquirida por influência política, a Rádio Juazeiro é “especial”, nas palavras da ex-gerente Margarida Benevides, que considera a emissora livre no exercício do radiojornalismo, um espaço democrático no qual todos têm liberdade para se expressar, desde que respeitem a Lei de Imprensa. Margarida compareceu à rádio a uma Câmara Municipal, já que ela “vai muito além de informar e tocar música; ela tem uma empatia especial por seu ouvinte”, conclui a ex-gerente da emissora, que em 2018 completou 36 anos de carreira como radialista e 35 à frente do programa *Quando nasce uma esperança*.

EMISSORA RURAL: A VOZ DO SÃO FRANCISCO

No final da década de 1950 e início dos anos 1960, o rádio estava passando por um momento crítico. O início da expansão de outros meios de comunicação, como a televisão, com sua linguagem totalmente diferente, provocou uma total reformulação na programação das emissoras. O antigo modelo de transmissão de programas de auditório foi, paulatinamente, substituído por uma programação mais eclética, que incluía esporte, jornalismo e uma variedade musical que melhor retratava as várias faces da sociedade.

Foto 3 – Fachada da Emissora Rural com estúdio panorâmico em 2005



Fonte: Foto de Juliana Amorim (2005).

Nesse contexto de transformação da comunicação via rádio, no dia 28 de outubro de 1962, foi inaugurada, pelo quarto bispo de Petrolina, dom Antônio Campelo de Aragão, a Fundação Emissora Rural, um veículo de comunicação da diocese do município, que nascia como instrumento de evangelização e de humanização. O primeiro programa veiculado foi o *Disk jockey rádio fã*, apresentado pelo radialista Carlos Augusto Amariz.

A emissora do Semiárido pernambucano passou por muitas dificuldades. Algumas delas aconteceram durante o período pós-Golpe Militar de 1964. Houve pressão por parte da nova ordem instalada

para que um programa implantado pela emissora, o Movimento de Educação de Base (MEB), que utilizava o método Paulo Freire de alfabetização, não tivesse continuidade.

O MEB foi fundado na região em 28 de outubro de 1962 por Dom Antônio Campelo de Aragão e por uma equipe de professores formada por Maria Dinalva Sá Medrado, Elenita Dias Ferreira, Anete Rolim, Zélia Marques de Souza, Raimunda Teixeira Coelho e João Rabelo. Professores e monitores espalhados por toda região ensinavam a população do interior a ler e escrever por meio das ondas médias do rádio.

Os professores passavam o conteúdo escolar pelas ondas da Emissora Rural. O programa era direcionado para o agricultor que, após um dia de trabalho, no horário das 18h às 19h, tinha a oportunidade de estudar pelo rádio. As salas de aula possuíam um quadro-negro e um aparelho de rádio, além de um monitor de cada localidade, que era treinado para acompanhar e tirar as dúvidas dos alunos. Os supervisores visitavam periodicamente as escolas para ver o desenvolvimento da classe.

Assim, a Emissora Rural serviu de “palco” para uma das escolas radiofônicas mais extensas do rádio. O programa atingia os municípios pernambucanos de Petrolina, Araripina, Serrita, Exu, Bodocó, Ouricuri, Ipubi, Afrânio, Santa Maria da Boa Vista, Casa Nova, Cabrobó e Orocó, com um alcance maior, comparativamente, ao estado de Sergipe.

O MEB era um movimento das dioceses e funcionava em quase todo o Brasil. Tinha sede nacional localizada no Rio de Janeiro e seu principal objetivo era alfabetizar pelas ondas do rádio. Em 1964, o MEB foi obrigado a encerrar as suas atividades por imposição das Forças Militares.

Foto 4 – Fachada da Emissora Rural antes da construção do estúdio panorâmico, posteriormente erguido no antigo estacionamento da rádio



Fonte: Acervo da Emissora Rural ([entre 1990 e 1992]).

Mas a Emissora Rural também teve seus dias de glória com os programas de auditório. A professora Odomaria Bandeira lembra do tempo em que participava das competições na rádio de Petrolina e na rádio Juazeiro:

Do auditório da Emissora Rural eu me lembro mais, porque até cheguei a participar de uns dois programas que aconteciam aos domingos pela manhã (por volta das dez horas). Eram apresentados por Franklin Delano. Eu cantei em um deles “Quem te viu, quem te vê”, de Chico Buarque, e ganhei, pelos aplausos da plateia presente, um prêmio: uma caixa de sidra e de biscoitos Somassa. Em outro dia participei do mesmo programa com uma outra música e ganhei de novo. Isto no final da década de sessenta, quando eu fazia na mesma emissora a apresentação de um programa “jovem” da diocese de Juazeiro, que

terminava no horário em que ia começar o programa de auditório. (Odomaria Bandeira, 2005, informação verbal).

A professora conta ainda que na mesma década chegou a concorrer para a função de locutora de um programa diário naquela rádio, da Companhia de Navegação do São Francisco (Franave). O concurso foi feito por meio de testes de locução com as pretendentes no ar, durante o próprio programa. O ouvinte motivado fez sua escolha por inúmeras cartas.

[...] as finalistas (eu e Genideth) disputaram frente a frente, perante uma plateia “seleta” (as torcidas) que lotou as dependências da rádio no dia marcado para o programa de auditório que definiria a vencedora, ao vivo e diretamente. Genideth ganhou e tornou-se a locutora, ficando na Emissora Rural muito além do período do programa para o qual concorrera comigo. (Odomaria Bandeira, 2005, informação verbal).

A Emissora Rural foi a única rádio de Pernambuco a transmitir em duas faixas: onda média e onda tropical. Também foi a única da região sanfranciscana a ter a concessão para transmissão em onda tropical, aquela que opera na faixa compreendida entre 2.300 e 5.600kHz.

Segundo a Associação das Empresas de Radiodifusão de Pernambuco (Asserpe) (1992), esse sistema não opera nos estados do Sul por ser destinado às regiões tropicais, pois com médias potências, é possível se obter grandes áreas de cobertura, somente utilizadas acima do trópico de Capricórnio e abaixo do trópico de Câncer.

Já as emissoras de onda média são as que estão compreendidas no *dial* entre as frequências de 535 e 1.605kHz. A Asserpe esclarece ainda que, durante o dia, as ondas se propagam por terra e, à noite, a propagação é feita tanto por terra quanto pela camada ionosférica, aumentando o seu alcance. É por isso que à noite a

maioria das emissoras baixa suas potências para evitar interferências em emissoras cocanaís.

A Emissora Rural opera no prefixo ZYI 780, na onda média, com a frequência AM 730kHz e 10 mil *watts* de potência e no prefixo ZYG 525, na onda tropical, com a frequência AM 4.945kHz e mil *watts* de potência. Graças a essa característica, a rádio já recebeu correspondências da Europa Central, da América do Norte e da Ásia.

A emissora foi administrada durante oito anos por dom Campelo de Aragão e, em seguida, por dom Gerardo de Andrade Ponte. Logo depois, quem assumiu a direção foi o ex-bispo de Petrolina, dom Frei Paulo Cardoso, que criou o *slogan* “A rádio que anuncia Jesus – uma nova rádio para um novo milênio”. Na Foto aparecem o técnico Antônio Avelar na mesa de áudio e Isve Cavalcante e Franklin Delano na locução.

Foto 5 – Primeiro estúdio da Emissora Rural em 1974



Fonte: Acervo da Emissora Rural (1974).

Hoje, a Emissora Rural é totalmente informatizada. Opera com o sistema de áudio digital computadorizado e possui um estúdio panorâmico, do qual é gerada a programação ao vivo. Além disso, a emissora dispõe de um estúdio no qual são feitas as gravações comerciais, programas e produções artísticas. No momento desta pesquisa, o administrador era o padre Bianchi Xavier.

A grade de programação é bastante diversificada, com jornalismo, programas regionais, musicais, esportivos, além do plantão de notícias via satélite com a Rede Católica de Rádio de São Paulo. Mas, apesar dos avanços, a rádio preserva um acervo fotográfico e de objetos que relembram momentos históricos, como a homenagem da Emissora Rural a Luiz Gonzaga no Cine Massangano, em 1975, no dia em que o Rei do Baião ganhou o título de cidadão petrolinense.

Foto 6 - Homenagem da Emissora Rural a Luiz Gonzaga no Cine Massangano, em 1975



Fonte: Acervo da Emissora Rural (1975).

Em 2018, com 56 anos de fundação, a Emissora Rural se prepara para migrar para a FM, ação regulamentada pelo Governo Federal por meio do Decreto nº 8.139, de 7 de novembro de 2013, e criticada pela Federação dos Radialistas (Fitert), que defende a digitalização de todos os sistemas existentes no país: rádio AM, FM, ondas médias e ondas tropicais. A federação acredita que é por meio da AM que as informações chegam aos locais mais longínquos do Brasil.

Polêmica ou não, a Emissora Rural segue investindo na migração. Já realizou toda a troca dos equipamentos para estéreo e saiu dos anteriores 10 KW da AM para uma potência de 30 KW, inaugurando o que virá a ser uma nova fase na radiofonia sanfranciscana.

RÁDIO GRANDE RIO AM, ONDAS MÉDIAS EM TODO O SERTÃO

A rádio Grande Rio AM foi fundada em 14 de fevereiro de 1981, no auge da expansão do rádio na história do país.

Para o rádio brasileiro os anos 80 representaram uma etapa de sedimentação do modelo americano de música e promoções para os ouvintes, assumido pela grande maioria das FMs nacionais. (AMORIM; CAMARGO, 2010)

Nesse período, a Grande Rio era dirigida pelo empresário Geraldo de Souza Coelho e gerenciada pelo jornalista Carlos Augusto Amariz, primeiro radialista a entrar no ar quando a emissora ainda estava em fase experimental, seis meses antes da inauguração.

Foto 7 – Fachada da Grande Rio AM em 2005



Fonte: Foto de Juliana Amorim (2005).

A Grande Rio AM é um veículo de comunicação com grande audiência no sertão pernambucano. A programação é baseada em jornalismo e informação, além de programas direcionados para o sertanejo nordestino.

Com um transmissor de 12 mil *watts* de potência, a Grande Rio AM opera na frequência 680MHz e conta com audiência em diversas partes do Nordeste. Segundo Francisco Fernandes, seu atual gerente, ela é ouvida em vários municípios de Pernambuco, Piauí, Paraíba, Bahia, Ceará e Sergipe, audiência comprovada mediante a participação dos ouvintes na programação da emissora. No estado de Pernambuco, o alcance é para todo o Sertão do São Francisco, Sertão Central e Sertão do Araripe.

RÁDIO CIDADE

No dia 4 de dezembro de 1989, o empresário Flávio Silva conseguiu a concessão pública da Rádio Rio Vale AM, hoje conhecida como Rádio Cidade. A Rádio Rio Vale era a “irmã gêmea” da Vale FM. Surgiu após sete anos de fundação da Vale FM, com o intuito de criar uma emissora com uma programação própria de rádio AM. A rádio operou em fase experimental até outubro de 1990, quando então passou a funcionar como rádio comercial.

Foto 8 – Fachada da Rádio Cidade quando funcionava no centro de Juazeiro em 2005



Fonte: Foto de Juliana Amorim (2005).

Com a criação da Rio Vale AM, os profissionais da FM foram divididos entre a Vale FM e a nova rádio. O fato de serem parte de um mesmo grupo empresarial e utilizarem os profissionais da FM pela nova emissora, inicialmente, confundiu a grade de programação das duas rádios. Com o tempo, a Vale FM e a Rio Vale AM assumiram respectivamente as identidades de rádio FM e AM.

Logo que foi inaugurada, a emissora tinha sede na rua José Petitinga. Em 1996, se instalou na Praça da Bandeira com o nome Rádio da Cidade, local onde ficou até o ano de 2000, quando passou a funcionar na rua Floriano Peixoto, ocasião em que alterou sua denominação para Rádio Cidade. Segundo Nilson Ferreira, então gerente de programação, todas essas mudanças sempre buscaram dar à emissora uma identidade própria, que caracterizasse e fortalecesse a ligação com a comunidade sanfranciscana. O nome “Rádio Cidade” foi escolhido com o propósito de estabelecer um vínculo com os diversos grupos locais que recebem o sinal da rádio.

Foto 9 – Atual estúdio da Rádio Cidade



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2018).

Foto 10 – Transmissão ao vivo para a internet



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2018).

Jornalismo, música e entretenimento integram a linha básica adotada pela Rádio Cidade, tendo uma programação bastante diversificada para o público de todas as idades. A emissora opera na frequência AM 870kHz, prefixo ZYH-499 e começou com 5 KW de potência, mas atualmente está com 10 KW. A Cidade também opera no sistema de rede com a Boa Nova de Rádio de São Paulo, retransmitindo uma programação espírita das 20h às 6h da manhã. De segunda a sexta também era retransmitido o jornal *Nova era*, das 12h às 13h, mas esse horário agora é ocupado pelo *Jornal da cidade*, apresentado pelo radialista José Geraldo.

Desde 2001, a Rádio Cidade funciona 24 horas e os conteúdos também podem ser conferidos ao vivo pela internet. Em 2008, a emissora mudou a sede para o bairro Piranga e conta atualmente com dois estúdios, site e aplicativo próprios. A programação investe no jornalismo, com quatro programas diários e mais dois esportivos, o *Giro Esportivo* (13h às 14h) e o *Panorama esportivo* (17h às 18h). Em 2017, um novo programa estreou na emissora, o *Saber*

educar, que divulga projetos e iniciativas inovadoras das escolas da região. O programa é transmitido de segunda a sexta, das 6h às 7h.

RÁDIO SÃO FRANCISCO

No dia 15 de julho de 1986 entrava no ar mais uma rádio AM na região, era a Rádio Independência, que depois mudou de nome para Rádio São Francisco. A concessão da emissora foi dada a Etelvir Dantas, um empresário da região, que a vendeu para o também empresário John Khoury.

Foto 11 – Sede da Rádio São Francisco em 2005



Fonte: Foto de Juliana Amorim (2005).

Na fundação da emissora, o nome era Rádio Independência, depois foi modificado para Nova Ind por uma questão de fonética.

No dia 4 de outubro de 2001, a rádio foi rebatizada para Rádio São Francisco em homenagem aos 500 anos do rio São Francisco.

A primeira transmissão foi apresentada ao vivo em um estúdio que possuía apenas uma mesa de som e um transmissor de 5 KW. No entanto, só era utilizado meio KW de potência, o equivalente a um raio de 100 km. *“No início foram muitas dificuldades. O toca-discos era improvisado. Nós levamos uma radiola de casa e alguns discos”*, salientou o radialista Herbert Mouze (2005, informação verbal). Logo depois, foi adquirido um toca-discos profissional para resolver esse problema. Em 2005, a rádio possuía um quadro com 15 funcionários e tinha departamento de esporte, de jornalismo, técnico e comercial.

A emissora funcionou por algum tempo em Água Bela, bairro periférico de Juazeiro. A grade de programação era bastante popular, composta de notícias e músicas. Herbert Mouze apresentava um programa infantil ao ar livre com a comunicadora Sibelle Fonseca, nas proximidades da rádio. O programa era apresentado todos os domingos pela manhã, das 9h às 10:30min, e o público-alvo eram as crianças de bairros periféricos, que participavam de gincanas e brincadeiras.

A rádio já funcionou no Água Bela, na orla de Juazeiro, no Shopping Águas Center e, em 2005, se encontrava no Mercado Popular de Juazeiro. Atualmente, encontra-se fora do ar, pois está em processo de venda para outro proprietário.

RÁDIO FM: NOVAS ONDAS NO AR

As rádios com transmissão FM surgiram no país na década de 1960. Inicialmente, as transmissões eram direcionadas a determinados públicos, a ouvintes específicos. O sinal era transmitido no sistema denominado *broadcasting*, com programação musical sem intervalos comerciais e buscando atender, sua clientela da forma

mais personalizada possível. O grande diferencial desse formato era a recepção em som estéreo, com maior pureza e qualidade.

A partir da década de 1970, a recepção, que era feita por receptores estéreos, localizados em lojas, escritórios e, consultórios, entre outros, e por canais fechados, passou a ser disponibilizada em canais abertos. Foi quando as emissoras FM tiveram grande popularização.

A pioneira a operar somente em FM no Brasil foi a Rádio Difusora de São Paulo,

[...] mas há os que contestam a primazia da Difusora nesse setor, uma vez que a Rádio Eldorado de São Paulo, quando foi fundada, em 1958, transmitia em ondas médias e por questão de prestígio usava também a FM para transmitir só música, fora da faixa comercial. (ORTRIWANO, 1985, p. 23).

Ainda na década de 1970, a tendência à especialização da audiência era maior, “[...] as grandes emissoras tentam ganhar os diversos segmentos de público, mantendo programas que atinjam diferentes faixas, em diferentes horários”. (ORTRIWANO, 1985, p.24). As agências de produção radiofônica também surgiram nesse período, produzindo programas com artistas famosos e assuntos do momento para serem vendidos a pequenas emissoras.

A primeira FM da região foi a Rádio Transrio, em Juazeiro, que por um tempo usou a marca Transamérica FM. Já a Rede Transamérica foi a primeira rede nacional de rádio FM, que chegou a atingir os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Paraná, Bahia, Minas Gerais, Sergipe, Pará, Santa Catarina, Maranhão, Paraíba, Mato Grosso e Distrito Federal. A programação era dividida em produções nacionais em rede e programas locais, elaborados por cada emissora, como aconteceu com a Transrio.

Uma das dificuldades da programação em rede é a descontextualização com a realidade local, homogeneizando os conteúdos e deixando o ouvinte cada vez mais distante do que acontece ao seu redor. Uma das grandes vantagens do rádio é justamente a proximidade com o público e a possibilidade de produzir uma programação totalmente local, que perde espaço com a produção em rede.

Perdem também os profissionais do veículo, que vão encontrar um mercado cada vez mais restrito para atuar. Na região, a produção em rede é uma realidade em determinados horários de várias emissoras, que preferem comprar a programação pronta, empacotada de outros contextos, em vez de investir na produção de conteúdos locais, que atendam à necessidade da audiência e prestem serviço à sociedade.

Dando continuidade a este trabalho, registramos a seguir como foi a chegada das rádios de frequência modulada no Vale do São Francisco.

RÁDIO TRANSRIO: A PRIMEIRA FM DA REGIÃO

Há 37 anos, entrou no ar, com a frequência 99,9MHz, a primeira rádio FM de Juazeiro e do Vale do São Francisco, a Rádio Transrio, afiliada à Rede Transamérica de Rádio, de São Paulo. No dia 14 de março de 1981, a região passou a contar com uma emissora cuja programação era musical, sem comerciais e que tinha todos os equipamentos importados dos Estados Unidos.

Foto 12 – Fachada da Rádio Transrio em 2018



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2018).

No começo, a rádio fazia o uso de fitas e ficava no ar das seis da manhã à meia noite. Antes da inauguração, no período de setembro de 1980 a março de 1981, a emissora funcionou em fase experimental.

O sistema da rádio Transrio era todo automatizado, com quatro gravadores reprodutores de fitas de rolo da marca Scully, além de reprodutor de áudio operado por quatro funcionárias, que se encarregavam de trocar as fitas. “A rádio optou por contratar mulheres para operar o sistema, por achar que elas seriam mais atentas e cuidadosas”, salientou Bráulio Pereira Leite Filho (2005, informação verbal), técnico da rádio desde a sua inauguração.

Durante os primeiros sete anos de existência, a Rádio Transrio funcionou com a programação gravada vinda de São Paulo, inicialmente, da Transamérica Produções. Depois, de 1985 a 1988, optou-se pela *Broadcasting*, outra produtora de programação gravada para emissoras de rádio de todo país. Essa segunda empresa tinha uma produção mais dinâmica, já que a locução era gravada e depois inserida durante, no começo ou no fim de três músicas seguidas, diferentemente da Transamérica, que gravava a locução no final de cada música, de forma que ficava perceptível que a programação não era ao vivo.

Detalhando a primeira fase da emissora, de 1981 a 1985, a produção dos programas era toda preparada pela Transamérica Produções e enviada por via aérea para Juazeiro. Os locutores gravavam até a hora certa. Alguns comerciais também eram gravados em São Paulo, outros pelo proprietário Osvaldo Benevides. Os programas gravados eram formatados para durarem 15 dias. “Se não chegasse outro programa após esses 15 dias, nós invertíamos os horários de reprodução das fitas para que ninguém notasse que a programação era repetida”, comentou Bráulio Pereira (2005, informação verbal).

Em 1997 a emissora se afiliou à rede Transamérica, com programação ao vivo via satélite e algumas horas de produção local também. Foi quando a Transrio mudou o nome para Transamérica Pop, com uma programação bastante diversificada.

Foto 13 – Fachada no período da Rádio Transamérica em 2005



Fonte: Foto de Juliana Amorim (2005).

Até então, a Transamérica só tocava música no estilo pop/rock, mas os ouvintes da cidade gostavam de músicas de outros gêneros, e a emissora inseriu horas locais mais populares. Aos poucos, a rádio foi aumentando as horas locais e, no começo de 1988, começou a transmitir uma programação ao vivo da cidade.

Em meados dos anos 1990, as rádios que faziam programação gravada passaram a ser ao vivo (com treinamento de locutores) pela necessidade de interagir com a cidade, algo que a concorrência já fazia. Isso motivou todas as emissoras afiliadas a fazerem o mesmo, cada uma transmitindo a sua própria programação local. No entanto, a Transrio FM já tinha começado desde 1988 a sua programação local ao vivo.

Por volta de 2005, entraram três opções da programação via satélite da Rede Transamérica, que diversificavam o estilo musical: o *hits* (música popular), o pop (pop-rock) e o *light* (músicas mais suaves). A primeira FM de Juazeiro optou por testar o formato de *hits*, por ser mais popular e ter mais horas locais.

Desde 1985, a Transrio/Transamérica já operava com um transmissor de 10 KW e alcançava um raio de 130 km em direção à Bahia e até 250-km em direção a Pernambuco, já que as antenas estavam voltadas para esse estado.

Por volta de 2014, a emissora saiu da Rede Transamérica por necessidade de veicular mais horas locais e voltou a se chamar Transrio.

TROPICAL FM, JORNALISMO EM FREQUÊNCIA MODULADA

A Tropical nasceu com o nome Vale FM em 1987. O comerciante Flávio Silva ganhou a concessão da segunda FM da região e resolveu criar a primeira emissora de frequência modulada com a programação totalmente local.

Foto 14 – Estúdio da Tropical FM em 2005



Fonte: Foto de Flávio Ciro (2005).

Foto 15 – Estúdio da Tropical FM em 2005



Fonte: Foto de Flávio Ciro (2005).

A rádio começou com uma programação popular e variada. Dez anos depois de sua fundação, em 1997, a emissora se filiou à Rede Somzoom Sat, sediada em Fortaleza. Essa inovação surgiu no Brasil nos anos 1970, com as agências de produção radiofônica, que vendiam gravações para emissoras de menor porte. Até 1999, a programação noturna da Vale FM, aos sábados à tarde e aos domingos, era transmitida via satélite da capital do Ceará.

A emissora mudou de nome quando se filiou à rede Tropical Sat e passou a transmitir doze horas de programação local. Foi quando se fez um grande investimento em equipamentos digitais, como um processador OMNIA, um dos três únicos da Bahia até então, responsável pelo tratamento do som e até da correção de erros em músicas; um *link* RVR italiano, para captar o sinal do transmissor; além de equipamentos reserva para todos os que estavam em funcionamento na rádio.

A rádio implantou ainda o Attendance, um sistema de atendimento ao ouvinte. A emissora funciona com 10 KW-Classe A e tem um raio de 100km de alcance.

A Tropical resolveu ousar ainda mais quando alternou a programação musical, característica da FM, com o jornalismo. O projeto começou com a produção de sete boletins diários e a intenção de melhorar o conteúdo informativo com a qualificação dos profissionais. Em 2018, a emissora tinha a participação do jornalismo de hora em hora, além de um radiojornal ao meio-dia (o *Tropical Notícias*) e uma revista radiofônica das 18h às 19h, o *Ligação Direta*.

A programação também ganhou dois novos programas, o *Gestão em Negócios*, de 12:20min às 13h, e o *Revista Tropical*, das 13h às 14h. Conectada com as possibilidades que a digitalização proporcionou, a emissora tem um aplicativo da rádio e toda sua programação está disponível ao vivo pelo seu site. Se não for possível ouvir ao vivo, há opção de conferir os *podcasts* dos programas jornalísticos.

A Tropical também foi a primeira da região a abrir espaço para as produções universitárias (em 2006) e exibiu por cerca de cinco anos o programa *Eufonia*, produzido por estudantes do curso de Jornalismo em Multimeios da Uneb.

RÁDIO GRANDE RIO FM, OUVIDA EM TODO O SERTÃO

A rádio Grande Rio FM é integrante do Sistema Grande Rio de Comunicação, ao lado da TV Grande Rio, de Petrolina, rádio Boa Vista FM, de Santa Maria da Boa Vista (PE), rádio Grande Serra, de Araripina (PE), e rádio Voluntários da Pátria FM, de Ouricuri (PE). A emissora foi inaugurada em 17 de fevereiro de 1989.

Foto 16 – Estúdio da rádio Grande Rio FM em 2005



Fonte: Acervo da emissora (2005).

Com 10 KW de potência, frequência 100,7MHz, prefixo ZYD-265 e uma programação musical eclética, a rádio, que tem uma grande cobertura, abrange a maior parte do sertão de Pernambuco, tendo ainda penetração em cidades de estados vizinhos, de acordo com Valéria de Souza, gerente da rádio em 2005.

Nesse mesmo período, a Grande Rio FM dispunha de um estúdio, de uma gravadora e de uma programação local, com a participação constante dos ouvintes. Em alguns programas, havia interação simultânea de dois ouvintes com o locutor, os quais ajudavam a elaborar a seleção musical.

A programação da emissora era dividida em vários estilos musicais, como música popular brasileira (MPB), temas românticos nacionais e internacionais e forró, tendo ainda um programa especial dedicado ao Rei Roberto Carlos, com músicas do cantor e compositor.

O jornalismo também faz parte da programação da rádio, que inaugurou esse tipo de produção em frequência modulada na cidade “[...] *com a proposta de se implantar um jornalismo de rádio FM sério, dinâmico e atuante, trazendo notícias locais e nacionais dos mais diversos assuntos e temas*”, afirma Daniel Campos (2005, informação verbal), então apresentador, produtor e editor geral da programação jornalística. Além das notícias nacionais, as pautas ligadas à comunidade local também são abordadas pela equipe da rádio.

Foto 17 – Estúdio da Grande Rio FM em 2018



Fonte: Acervo da Grande Rio FM (2018).

Em 2018, a Grande Rio FM completou 28 anos com uma programação 24 horas no ar. Entre os destaques estão o programa jornalístico premiado *Nossa Voz*, veiculado de 7h a 8:30min, e o programa esportivo *Nossa Voz Esporte*, de 13h a 14h, além de boletins de notícias de hora em hora. Alguns desses programas são transmitidos em cadeia via satélite para as outras três emissoras de rádio do sistema Grande Rio.

Na pesquisa mais recente encomendada pela própria emissora, a Grande Rio FM tinha mais de 50% de audiência na região, o que reflete a forte atuação da rádio na realização de promoções em datas festivas e de uma programação interativa, com a estreia de novos formatos, como o programa *Perfil*, que, entre outras coisas, promove entrevistas e divulgação de eventos.

De acordo com a diretora das rádios do Sistema Grande Rio, Ana Amélia Coelho Lemos (2018, informação verbal), a missão da emissora é proporcionar o crescimento regional:

[...] divulgar arte, cultura, fazer parte do dia a dia, informando, impulsionando a nossa economia, questionando e debatendo, alegrando nossos ouvintes, é um desafio diário, que requer pessoas comprometidas.

A emissora também está ao vivo na internet e no aplicativo da Grande Rio FM. Tem ainda perfil nas redes sociais *Twitter*, *Facebook* e *Instagram*.

COMUNITÁRIAS NO COMANDO DA NOTÍCIA

A rádio comunitária se insere no Brasil como meio de democratização das relações de comunicação, de forma restrita, pelas próprias características técnicas, mas com a vantagem de expressar a identidade de determinada comunidade e com a circulação de informações de forma menos vinculada a interesses escusos, hegemônicos na sociedade e, às vezes, prejudiciais às peculiaridades do indivíduo daquela área. De acordo com o estudioso em comunicação Costella (2002, p. 188),

[...] admite-se, hoje em dia, que o rádio poderá desdobrar-se ainda em novas formas de serviços, principalmente tendo em vista o interesse social. Com esse sentido foram imaginadas as rádios comunitárias, isto é, emissoras para prestar serviços de utilidade pública no âmbito de uma comunidade. Controladas por associações ou fundações sem fins lucrativos, dotadas de baixa potência (25w), para transmitir em FM (frequência modulada) e limitadas à área geográfica de um bairro, elas já são previstas no Brasil, por lei, desde 1998.

A facilidade de movimento propiciado pelo aparelho de rádio se alia à resposta imediata às necessidades do sujeito local, favorecida pelo rádio. A emissora comunitária, ainda mais, pois é feita por

pessoas da localidade, em uma área geográfica específica, geralmente integrantes de comunidades e engajadas em movimentos reivindicatórios, que trabalham os problemas e anseio locais.

Além disso, as rádios comunitárias se caracterizam tecnicamente por terem um alcance limitado, com potência de transmissão de até 25 *watts* a partir de sua antena transmissora e frequência modulada, e pela simplicidade da técnica. Conforme explicação de Harari (1997, p. 20),

[...] um dos fatores que mais caracterizam as transmissões em FM (frequência modulada) de baixa potência, vem a ser justamente a simplicidade técnica tanto para montagem quanto para a operação e manipulação dos equipamentos. O dial de FM é justamente a faixa de frequências onde encontra-se apta a operação em frequência modulada. Nos rádios analógicos é aquela faixa cheia de números que contém a marcação da emissora que vai de 88 a 108 MHz.

O rádio se tornou um meio de socialização da comunicação, não só de popularização da informação. Se o veículo, na sua forma comercial, consegue ser o meio de comunicação mais próximo à comunidade (já que a maioria das emissoras tende a focar na regionalização), quando ganha o aspecto comunitário, desvinculado da necessidade de gerar lucro, é que realmente se torna o meio de comunicação mais fiel à comunidade que retrata.

No Brasil, o fenômeno das rádios livres começou a ganhar impulso nos anos 1980, principalmente (de acordo com estudiosos) a partir da divulgação pela imprensa da proliferação de “rádios piratas” na cidade paulista de Sorocaba. Informações dão conta que lá

chegaram a existir, em operação, 42 emissoras clandestinas de FM durante o verão de 1982. Para Ortriwano (1985, p.34),

[...] o ponto mais importante para os animadores das rádios livres populares é aquele que permite ao conjunto dos meios técnicos e humanos estabelecer um verdadeiro sistema de feedback entre os ouvintes e a equipe que o realiza. E são diversos os tipos de problemas a serem enfrentados. De um lado existe a questão da liquidação do monopólio, como condição inicial para o desenvolvimento das rádios livres e do outro a questão muito mais ampla do controle da publicidade comercial.

No Vale do São Francisco, esse fenômeno também é observado e está em plena expansão. As rádios comunitárias chegaram para ampliar a participação da população na sociedade. Um espaço ainda mais democrático para as pessoas colocarem suas reivindicações e anseios, para se sentirem em casa e também para fazer comunicação.

LIBERDADE FM: O POVO DO CAMPO NO AR

Na localidade de Campos, antigo distrito de Itamotinga, atual distrito de Maniçoba, a 34 km de Juazeiro, nasceu a Associação Comunitária Liberdade FM. Foram quase cinco anos desde a fundação da associação, em 16 de novembro de 1997, até o licenciamento, em 27 de setembro de 2002, e o dia em que a rádio foi finalmente ao ar, em 22 de outubro de 2002.

Formada por pessoas da própria comunidade, toda a programação da emissora é elaborada e exibida por voluntários. São mais de vinte programas, todos ao vivo, que vão ao ar das seis da manhã às dez da noite. De acordo com Machado, Magri e Masagão (1986, p. 21),

[...] rádios e televisões livres constituem a melhor resposta de uma sociedade democrática aos conglomerados e monopólios, bem como ao seu poder de concentração e comando. Elas se dirigem a segmentos específicos da população, oferecendo transmissões diferenciadas, voltadas às aspirações de cada estrato social, de cada comunidade ou de cada grupo cultural. Sua programação tende a ser diversificada na mesma amplitude da diversidade do público, ao contrário das rádios e televisões comerciais que, por força de suas ambições hegemônicas, só podem se dirigir à média indiferenciada e amorfa dos cidadãos abstratos. A liberdade para as ondas pode ser a base de uma explosão informativa tão ampla e diversificada como foi o fenômeno das rádios e TV livres na Europa na segunda metade dos anos 70.

No caso da Liberdade FM, entre os programas, cinco são evangélicos, um é católico e outros são musicais, como o *Forró na roça*, que abre espaço para os cantores da região, além do *Arquivo da liberdade*, que relembra os sucessos do passado. A rádio tem ainda programas de variedades, como *A hora e a vez do campo*, com entrevistas, culinária, saúde, notícias da região e informações agrícolas. A Liberdade FM ousa ao sair do estúdio e fazer transmissões ao vivo de campeonatos locais e de outras comunidades de futebol amador. Já o programa *Momento dos Artistas* é apresentado semanalmente, de comunidades diferentes, com participações de artistas da terra, como aboiadores, poetas, repentistas, violeiros e sanfoneiros (dados de 2005).

A rádio tem um alcance médio de 20km, com ouvintes nos projetos de irrigação de Maniçoba e Curaçá, além de outras comunidades. Com prefixo 104.9, a Liberdade FM tem 25 *watts* de potência.

Em 2018, a emissora continuava enfrentando os mesmos problemas para conseguir apoio cultural e voluntários, por isso alguns horários ficaram livres, principalmente no período da tarde.

Mas a programação da Liberdade também ganhou novos programas com muita audiência na comunidade. Um deles é o *DIM rural*, que é transmitido às sextas-feiras, das 10h ao meio-dia. O programa é apresentado por técnicos agrícolas que abordam questões como plantio, colheita, previsão do tempo e até o preço de produtos agrícolas, sem perder de vista a questão ambiental e a sustentabilidade no distrito de irrigação de Maniçoba.

TABAJARA, A COMUNIDADE NAS ONDAS DO RÁDIO

A rádio Tabajara surgiu em abril de 2001 a partir de uma brincadeira de fim de semana. Luis Carlos de Sousa, seu diretor e idealizador, pretendia escutar e criar a sua própria programação musical. Foi quando teve a ideia de montar o transmissor e o equipamento para transmitir o sinal para outras pessoas em um raio de quatro a cinco quarteirões, no bairro Cohab Massangano, em Petrolina. Um dia, Luis Carlos resolveu dar um número de telefone no ar, quando várias pessoas começaram a ligar e pedir música. A partir daí a emissora começou a ter uma programação 24 horas no ar, mas funcionando como rádio livre. A grade de programação era direcionada para os ouvintes que gostavam de MPB, forró e música brega.

Foto 18 - Fachada da primeira sede em 2006



Fonte: Acervo da Tabajara FM (2006).

Foto 19 - Unidade avançada de transmissão da rádio Tabajara FM



Fonte: Acervo da Tabajara FM (2006).

A Tabajara passou por muitas dificuldades. O momento mais crítico foi no dia 11 de março de 2004, quando os equipamentos foram todos lacrados pela Polícia Federal. Esse fato aconteceu logo após a cobertura que a emissora fez durante a chuva na região e que foi noticiada em todo o país, devido ao estado de calamidade que atingiu a cidade de Petrolina. Nessa ocasião, a rádio ficou bastante conhecida e foi denunciada. Na mesma época, a emissora já tinha encaminhado para o Ministério das Comunicações o pedido de regularização do canal.

Em abril do mesmo ano, Luis Carlos resolveu colocar novamente a rádio no ar, operando como rádio livre. Dessa vez, porém, a Tabajara passou a funcionar só nos finais de semana, com uma programação musical. “Em vários países, a palavra escrita é relativamente livre, mas a liberdade de expressão da palavra falada e da imagem tem esbarrado sistematicamente no monopólio da radiodifusão”, afirma Ortriwano (1985, p. 34).

Foto 20 – Luis Carlos no novo estúdio da Tabajara FM, em 2018



Fonte: Acervo da Tabajara FM (2018).

No dia 22 de fevereiro de 2005 foi publicada no *Diário Oficial da União* a portaria nº 108, do Ministério das Comunicações, concedendo a legalização de funcionamento para a rádio da Associação dos Moradores da Cohab Massangano – Rádio Tabajara FM.

Em 2005, depois de quatro anos de espera, a rádio comunitária Tabajara FM contava com uma programação que era substituída e renovada a cada 60 dias, operando na frequência 104,9MHz, em um raio de 1km e com um equipamento de 25 *watts* de potência.

A Tabajara surpreendeu mais uma vez quando adquiriu, em 2014, a unidade avançada de transmissão, equipada para fazer coberturas ao vivo na cidade. A emissora também mudou de endereço e agora funciona no bairro Jardim Imperial. Em 2018, tinha oito locutores e uma programação 24 horas no ar. Entre os novos programas estão alguns evangélicos e o *Fala Petrolina*, de notícias, que é transmitido de segunda a sexta-feira, das 14h às 16h.

PETROLINA FM: ATUANDO NO DIA A DIA DA CIDADE

A Petrolina FM foi inaugurada no bairro Gercino Coelho, em Petrolina, no dia 20 de abril de 2005, com o prefixo 104,9. A emissora foi criada por meio da Fundação Assistencial, Educacional e Cultural de Petrolina (Faepe), instituída em 1989 sem fins lucrativos. A arrecadação com os patrocínios, sob a forma de apoio cultural, é revertida para o pagamento das despesas de custeio (como salários, encargos, água, luz e telefone) e de capital (equipamentos).

Foto 21– Fachada da primeira sede da Petrolina FM



Fonte: Foto de Luís Frota (2005).

O caminho até a regularização não foi curto. Em junho de 2003, atendendo aos requisitos da Lei Federal nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998, o deputado federal Gonzaga Patriota encaminhou o pedido ao Ministério das Comunicações. Em agosto de 2004, o órgão outorgou a permissão de funcionamento mediante portaria de autorização publicada no *Diário Oficial da União*. Posteriormente, o presidente da república, por meio de mensagem presidencial, encaminhou o projeto de lei ao Congresso Nacional para ratificação da outorga da emissora. A Câmara dos Deputados e o Senado Federal, por intermédio das Comissões de Ciência e Tecnologia e Constituição, Justiça e Educação, aprovaram, por unanimidade, o referido Projeto de Lei do Poder Executivo, concretizando assim o objetivo da Faepe.

Logo que a Petrolina FM entrou no ar, houve choque de frequência entre as rádios comunitárias, uma vez que todas operam no sinal 104,9. Um problema, de acordo com o coordenador de programação da emissora, Edenevaldo Alves, causado pela geografia da cidade, “que é muito plana e sem barreiras, o que faz com que a transmissão vá mais longe, interferindo em outras emissoras”.

Técnicos da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), estiveram na cidade e constataram o problema. Desde então, a Petrolina FM opera na frequência 98,3, de emissora educativa, embora ainda não tenha conseguido a transição oficial junto ao Ministério das Comunicações.

Foto 22 - Fachada da atual sede da Petrolina FM



Fonte: Foto de Luís Frota (2018).

Foto 23 - Recepção da Petrolina FM



Fonte: Foto de Luís Frota (2018).

A rádio tem uma programação variada, incluindo entretenimento, cultura, música, jornalismo, saúde, religião, notícias policiais, além de promover discussões e debates sobre diversos temas relacionados à comunidade. O objetivo, segundo seus dirigentes, é proporcionar um espaço democrático, variado e bem próximo da população. Profissionais já renomados na região fazem parte da emissora. Eles trocaram as rádios comerciais para apostar na emissora.

A Petrolina FM tem site e aplicativo e, há alguns anos, funciona em sede própria, na avenida Francisco Coelho Amorim, no bairro José e Maria, local em que também está sediada a Faepe.

Sejam comerciais ou comunitárias, as emissoras instaladas no Vale do São Francisco têm cumprido um papel fundamental em todos os contextos, do social ao histórico, passando pelo político até o cultural. Independentemente da sua natureza, das finalidades e de

como são geridas, todas essas emissoras têm a sua importância no processo contínuo e dinâmico de transformação dos territórios em que estão inseridas. Um poder que exige equilíbrio e consciência.

AS VOZES DO RIO: TESTEMUNHOS DE UMA HISTÓRIA

[...] É pela voz e pelos olhos que conhecemos a fundo uma pessoa, determinando os detalhes de sua personalidade e de seu comportamento.

Pela voz determinamos sua cultura, região de onde vem, comportamento, e pelos olhos, quando bem observados, penetramos no fundo de sua personalidade.

(CÊSAR, 1996)

O ser humano adaptou órgãos de outros sistemas, como o digestivo e respiratório, para constituir o aparelho fonador e poder falar. Foi dessa forma que saímos da comunicação gestual para a fonoarticulatória.

Mas a espécie foi mais longe, e a linguagem exteriorizada por meio da fala se transformou em muito mais do que a expressão do pensamento. Aperfeiçoamos o som que emitimos através das pregas vocais para tornar mais bela a comunicação, uma estética buscada sempre pelos profissionais, que usam a voz como instrumento de trabalho, seja na música, na televisão ou no rádio. São vozes que marcam gerações e servem de inspiração para famosos e anônimos.

Quando o rádio nasceu no Brasil, (não oficialmente) em Recife, no dia 6 de abril de 1919, era apenas uma experiência de amadores. A primeira transmissão considerada oficial, no entanto, só ocorreria em 7 de Setembro de 1922, no Rio de Janeiro. Mas o primeiro a entrar no ar não foi nenhum locutor profissional. Alguns poucos

ouvintes da sociedade carioca acompanharam o discurso do Presidente Epitácio Pessoa em comemoração ao Centenário da Independência.

Só nos anos 1930, com a instituição do rádio comercial no país, os primeiros profissionais foram contratados. Artistas e produtores passaram a preparar os programas com antecedência. Nessa época, o rádio também já veiculava propaganda política. A pesquisa de Gisela Ortriwano (1985) revelou um locutor que teve grande atuação na Revolução Constitucionalista, em 1932. César Ladeira ficou famoso como o locutor oficial da revolução, por meio da Rádio Record.

Outra voz anunciou a inauguração da emissora que marcaria mais adiante a Época de Ouro do rádio. Em 12 de setembro de 1936, um gongo soou três vezes e Celso Guimarães lançou a boa nova, “Alô, Brasil! Está no ar a Rádio Nacional do Rio de Janeiro”. A Rádio Nacional também foi responsável pelo lançamento do radiojornal mais famoso da história brasileira. Às 12:45min do dia 28 de Agosto de 41 entrava no ar o *Repórter Esso*, com o *slogan* “Testemunha Ocular da História”. A voz grave de Heron Domingues comandou 18 dos 27 anos em que o programa esteve no ar.

O futebol também contribuiu para eternizar algumas vozes. Nicolau Tuma, considerado o pioneiro entre os locutores esportivos, narrou a primeira partida de futebol transmitida pelo rádio, em 10 de fevereiro de 1932. Já a Copa do Mundo de 1938 foi transmitida da França por Gagliano Neto.

Assim como as vozes que marcaram época no Brasil, Juazeiro e Petrolina também fizeram e fazem história com locutores que testemunharam e participaram ativamente do desenvolvimento regional e das emissoras de rádio nas quais atuaram e/ou atuam. São profissionais que não conquistaram a notoriedade nacional, mas alcançaram respeito e credibilidade de seus ouvintes, realização que não tem preço para aqueles que fazem rádio, acima de tudo,

por amor. Uma parcela da história de alguns desses profissionais está registrada neste estudo. São testemunhos que servem de exemplo para quem quer seguir carreira no rádio, e também, para todos os cidadãos comuns que participam dessa jornada.

Além dos depoimentos desses profissionais, apresenta-se ainda, seus perfis vocais, em quem eles se inspiraram no início da carreira e como cuidam de seu instrumento mais valioso de trabalho: a voz. Aqui, está registrado, não só o estilo de narração por eles adotado, mas também as modificações de locução ao longo dos anos, acompanhando as transformações desse veículo, já que “a comunicação é um processo dinâmico, com características e necessidades de cada época. As características de fala herdadas do rádio antigo foram substituídas pela naturalidade”. (STIER, 2003, p. 20). Vamos mergulhar, portanto, na história das vozes do rio.

CARLOS AUGUSTO: O PORTA-VOZ DO HOMEM SERTANEJO

Carlos Augusto Amariz Gomes só estudou até o segundo grau (atual Ensino Médio), mas a experiência adquirida em mais de 52 anos ininterruptos no rádio deu-lhe a formação autodidata de radialista na função de radiorepórter. Tudo começou quando Carlos Augusto tinha 22 anos. A estreia foi em alto-falantes, por meio de um projetor de som da Brasil Publicidade instalado no bairro Alto Cheiroso, em Petrolina. Na pequena estação, que também tinha alcance no centro da cidade, ele participava de programas musicais e fazia publicidade. Foram cerca de três anos trabalhando assim.

Foto 24 – Carlos Augusto, uma voz para as coisas simples do sertão



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2005).

A carreira como profissional de rádio começou em seguida, quando Carlos Augusto não só ajudou a fundar a Emissora Rural, ao lado do padre, posteriormente deputado estadual e federal, além de senador, Mansueto de Lavor, como também quando sua voz foi a primeira a ser ouvida no dia em que a rádio entrou no ar. Doze anos depois, o radiorepórter, tendo sido convidado para montar a Grande Rio AM, foi, mais uma vez, o primeiro a entrar no ar quando a emissora ainda estava em fase experimental. A rádio estreou com a voz grave de Carlos Augusto, anunciando a música “A guerra dos meninos”, interpretada por Roberto Carlos.

Em todos esses anos de carreira, Carlos Augusto fez de tudo: produção, locução de programas musicais (principalmente de forró) e policiais, além de reportagens de rua. Sob o seu comando, programas como *No terreiro da fazenda* e *Repórter Somassa* ficaram famosos na região. Foi também ele quem criou o *slogan* que ficaria

marcado para sempre na história da cidade, “Petrolina, encruzilhada do progresso”. O jornalista chegou até a dirigir a rádio Grande Rio AM, mas foi por meio dos programas regionais que encontrou seu estilo e sua identidade.

Todos os dias, ele cumpria uma rotina que era parte da vida do homem do sertão. Às seis da manhã, Carlos Augusto já estava no ar com o programa *Forró do povo* no qual, entre uma música e outra, também discutia as questões sociais, numa linguagem simples e acessível, para o homem do campo. No quadro “Ponte da saudade”, nordestinos que foram em busca de uma vida melhor na cidade grande participavam ao vivo. De lugares como São Paulo, por exemplo, mandavam recados aos familiares que ficaram na região.

Mas foi o *Forró no Malhadão* que consagrou o jornalista como o porta-voz do homem sertanejo. No ar por mais de 20 anos, sempre aos sábados, o programa ficou pequeno demais para o estúdio. Eram quase três horas ao vivo, numa programação transmitida da frente da emissora e com a participação de até 500 pessoas, entre público e artistas. Passaram pelo *Malhadão* nomes como Hermeto Pascoal, Flávio José e Alcymar Monteiro. Às seis da manhã em ponto, Carlos Augusto fazia a abertura do programa sempre com a mesma frase: “A partir de agora, as coisas simples do sertão viram programa de rádio”. Um vaqueiro entoava seu canto e o programa seguia com muito forró, música sertaneja e a irreverência dos participantes.

Foto 25 – A fachada da rádio Grande Rio AM se transformava em um estúdio ao ar livre no programa *Forró no Malhadão*



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2005).

A voz marcante foi inspirada em nomes famosos da Rádio Globo, no tempo em que os comerciais eram narrados ao vivo. Carlos Augusto se espelhou em Cid Moreira e no locutor do histórico *Repórter Esso*, Heron Domingues, para criar seu estilo. O radialista não escondia que se descuidou da voz no começo da carreira, uma vez que fumou por 30 anos. Mas largou o vício e resolveu adotar uma vida saudável. Acordava todos os dias às 4h da manhã para fazer caminhada antes de ir para a rádio. O profissional tinha consciência de que a voz era seu instrumento de trabalho, por isso, evitava gelado e bebia muita água.

Foto 26 – O povo faz o programa ao lado de Carlos Augusto



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2005).

Quando foi entrevistado, aos 64 anos, Carlos Augusto estava mais na ativa do que nunca e não pensava em se aposentar, muito menos em tirar férias. Para continuar fazendo bem o que fazia, ele não teve dúvidas em sacrificar a vida social. Ouvia colegas de profissão, sempre procurando aprender com eles, e fazia uma avaliação pessoal diária. Mas admitiu: *“até hoje, ainda tremo no microfone”* e completou emocionado: *“o rádio é minha vida”*. (Carlos Augusto Amariz, [2005], informação verbal).

Foto 27 - “Até hoje ainda tremo no microfone”, declarou o radialista



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2005).

Com a experiência de uma vida dedicada ao rádio, Carlos Augusto aconselhou: “[...] *tem que ter responsabilidade para empunhar o microfone*” e concluiu,

[...] é diferente de escrever, que a gente rasga e joga fora. No rádio, o que a gente fala não tem volta. O ouvinte tem que saber o que estamos colocando. Por isso é importante ter equilíbrio, podemos mudar comportamentos e isso é sério. No microfone, o que você diz tem força e, em

rádio, eu sou o que eu digo. (Carlos Augusto Amariz , 2005, informação verbal).

O profissional seguia com sabedoria durante toda sua carreira o que o radialista Cyro César (1996, p.45) registrou, “[...] o poder de influenciar, transformar, sensibilizar, convencer e esclarecer provém da simplicidade e não da complexidade das palavras”.

Carlos Augusto faleceu em 2 de abril de 2015 sem nunca ter se afastado do rádio. Foi ainda organizador de eventos, como a corrida de jegues - Jecana e a Missa do Vaqueiro de Petrolina. Seu trabalho se mantém vivo com a filha, Maíra Amariz, que assumiu o lugar do pai na apresentação do *Forró no Malhadão*.

INAH TORRES: COMUNICADORA SOCIAL

O rádio entrou na vida de Inah Torres aos 15 anos, quando o seu irmão mais velho, Luiz Torres, foi convidado para ser o primeiro gerente da Rádio Difusora de Caruaru AM (atual Rádio Jornal), e a menina curiosa começou, então, a frequentar a emissora nas horas de folga. Logo Inah estava dando sugestões nas propagandas e aprendendo todas as funções em uma emissora de rádio. Eram os anos 1950. Um dia, um operador faltou ao trabalho e a menina o substituiu. Depois foi a vez de Inah participar dos programas de auditório e se tornar a primeira radioanimadora de Caruaru (PE).

Foto 28 – Inah “Em Sociedade”: há 36 anos no ar



Fonte: Foto de Luís Frota (2005).

Veio o casamento e com ele a mudança para uma nova cidade. O marido e comerciante, Manoel Nelson Moura, escolheu Petrolina para trabalhar e criar a família. Inah, que já havia concluído o segundo grau, dividia o tempo com o ofício de auditora fiscal da Secretaria da Fazenda de Pernambuco e os cuidados com os quatro filhos. Nem assim o rádio saiu de sua vida. Muito católica, Inah escolheu o veículo para evangelizar. Na Emissora Rural esteve no ar por quatro anos, produzindo e apresentando programas como *Palavras da Bíblia* e *Palavras da vida*. O trabalho não parava nem aos domingos, quando Inah estava no comando do *Encontro das comunidades*, programa de 30 minutos em que temas como a Teologia da Libertação eram abordados.

Em 1982, com a inauguração da Rádio Grande Rio AM, Inah recebeu o convite do jornalista Carlos Augusto para fazer um programa

de “orientação sociorreligiosa” na emissora. Em seguida, a colega Zizi Gomes foi transferida da cidade, e Inah assumiu o programa *Em sociedade*, até então comandado pela amiga.

No começo, era apenas uma participação semanal com entrevistas. Mas, em pouco tempo, o programa passou a ser diário, com 15 minutos de duração. *Em sociedade* está no ar há 36 anos (completados em 2018), inicialmente de segunda a sexta-feira, com 30 minutos de produção, entre o que Inah chama de jornalismo social, entrevistas e coluna social. Um tempo ainda pequeno, segundo a própria Inah, que não esconde: “*ainda sonho fazer um programa de uma hora*”. (Inah Torres, 2005, informação verbal). Porém, há alguns anos o *Em Sociedade* passou a ser exibido as segundas, quartas e sextas, das 11:30min às 12h.

Foto 29 – Jornalismo social toda semana. Na foto Inah Torres com o radialista Valdiney Passos e o odontólogo César Durando



Fonte: Foto de Luís Frota (2005).

À frente do microfone durante tantos anos, Inah Torres nunca deixou de ser ela mesma. E define seu estilo de locução como “*comunicar, testemunhando o que diz*”. (Inah Torres, 2005, comunicação verbal). Como afirma Cyro César (2005, p. 84),

[...] seria como se nossa voz atuasse como um verdadeiro túnel de ligação entre o nosso mundo interior e o exterior [...] o equilíbrio de quem se comunica vem lá de dentro, do que realmente somos e sentimos.

Os cuidados, no entanto, com o instrumento de trabalho, a sua voz, só vieram depois de um câncer de laringe. Foram três meses sem falar, lutando contra a doença em sessões de quimioterapia. Inah se recuperou e, com a ajuda da Fonoaudiologia, recebeu orientações de respiração, hidratação, higiene vocal e dicção, uma das variantes em que ela mais observou avanços. Para Santos e Ferreira (2001, p.10),

[...] o objetivo da dicção é dar sensibilidade ao canto, e também deve dar expressividade ao texto. O trabalho de dicção tem sido considerado como um fator primordial na carreira do profissional da voz. É essencial que esses profissionais tenham consciência de que a clareza da dicção depende da nitidez do desenho articulatório e de que eles próprios conheçam o mecanismo da fala.

De volta ao rádio, Inah se sente melhor do que nunca. Fala com conforto e ganhou um melhor desempenho na apresentação, um caso de sucesso na fonoterapia especializada em voz. Nas palavras de Sílvia Pinho (1998, p. 4),

[...] nós, fonoaudiólogos, devemos orientar o paciente na utilização da melhor voz possível,

com mínimo de esforço e rendimento máximo, dentro de suas possibilidades orgânicas e da estética (imagem corporal e imagem social).

Só depois de 29 anos na profissão de comunicadora, é que Inah conquistou o registro de jornalista. Foi delegada da Associação de Imprensa do Sertão e representante da Associação Brasileira de Jornalistas de Turismo (Abrajat). Mas é a possibilidade de se comunicar pelo rádio com pessoas, que não vê e não conhece, que fascina Inah.

A profissional dá a receita:

[...] o comunicador tem que ser agradável, carismático e, acima de tudo, comunicativo. Tem que saber ouvir, não interromper o entrevistado quando fizer uma pergunta e se preparar antes de se aventurar numa entrevista. (Inah Torres, 2005, comunicação verbal).

E reforça: *“um bom profissional não visa apenas o dinheiro, tem que buscar qualidade no seu trabalho”*. (Inah Torres, 2005, comunicação verbal).

Aos 85 anos e no ar há 36, Inah talvez seja a radialista mais idosa em plena atividade no Brasil. Com toda essa experiência e com o afeto de quem sempre fez comunicação de forma voluntária, Inah Torres ([2005], comunicação verbal) conclui: *“[...] gosto de fazer o bem, sem saber a quem”*.

HERBERT MOUZE: A VOZ DOS GRAMADOS

Era pelas ondas das rádios Nacional e Tupi que, ainda menino, Herbert Mouze acompanhava os jogos do time do coração, o Flamengo. Nessa época, ele descobriu duas paixões: o esporte e o rádio. Por uma coincidência do destino, o pai de Herbert era radio-técnico. Na oficina que funcionava na Praça da Misericórdia, centro

de Juazeiro, usava bateria de carro para consertar os aparelhos de rádio, já que a energia elétrica só chegava à noite.

Foto 30 – Herbert Mouze, o repórter dos gramados



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2005).

Um dia, o pai de Herbert suspendeu o conserto de um alto-falante e deixou o menino de 11 anos cuidando da oficina por alguns minutos. Tempo suficiente para Mouze ligar o alto-falante (com a saída estrategicamente virada para a rua) e começar a narrar um jogo. A partida fictícia tinha até oferecimento comercial da Casa Borborema, a loja de um tio, que ficava próxima dali. Estava começando a carreira de um dos narradores esportivos mais importantes da região.

Além do pai de Herbert, o tio, Eurípedes de Lima, também tinha ligações com o rádio. Seu Galo, como era conhecido, trabalhou na Rádio Juazeiro, no programa *Alvorada nordestina*. Antes disso,

comandava *O que o povo precisa saber*, programa muito ouvido e debatido do serviço de Alto-Falante Cultural, propriedade de Júlio Matutino. Foi lá que Mouze começou a dar os primeiros passos na profissão de radialista. Ele lia as cartas endereçadas ao programa e logo começou a colaborar no departamento de esporte de um outro serviço de alto-falante, o Paraíso. O ano era 1957 e tudo não passava de uma espécie de brincadeira que o garoto levava a sério. Queria ouvir a própria voz irradiando pelas ondas sonoras e que todos o ouvissem, inclusive a namorada.

Na reabertura da Rádio Juazeiro, depois de a emissora passar por alguns problemas de concessão, o radialista Clésio Athanásio montou um programa de esporte com a ajuda de outros quatro colegas. Ouvir a resenha esportiva das 18h se tornou uma rotina para Herbert. Era a sua hora preferida, quando o adolescente voltava da escola e sonhava com o dia em que seria chamado para compor a equipe. O grupo foi se desfazendo com o passar do tempo. No dia do aniversário de Herbert, em 8 de outubro de 1960, o programa era comandado apenas por Clésio. A emissora ainda funcionava na sua primeira sede, na Praça da Misericórdia. Antes da resenha terminar, Mouze resolveu entrar no estúdio e participar da apresentação. Nunca mais abandonou a função. Foi o melhor presente de aniversário que o radialista poderia ganhar.

De lá pra cá, com mais de 60 anos de carreira, são muitas histórias. Herbert narrou a primeira partida de futebol transmitida por uma rádio de Petrolina. Com a inauguração da Emissora Rural, na década de 1960, o diretor da rádio, Padre Mansueto de Lavor, resolveu transmitir o jogo Petrolina x Propriá. A ousadia foi mais longe. Como a rádio tinha onda curta e podia ser sintonizada em qualquer lugar, o jogo também foi transmitido para a cidade do time sergipano. E já que a emissora de Petrolina não tinha departamento esportivo, Mouze foi convidado para narrar a partida pela Rádio Juazeiro.

O sinal foi enviado pela emissora baiana à rádio pernambucana, que o reenviou para Petrolina e Propriá. Estava completo o *pool* da primeira transmissão interestadual do Vale do São Francisco. Nessa mesma partida, as equipes balançaram a rede e foi Herbert quem gritou o primeiro gol da radiofonia de Petrolina.

Quando o telefone chegou à região, o radialista fez a primeira transmissão esportiva ao vivo, realizada totalmente de Petrolina, dessa vez sem a ajuda da emissora da vizinha cidade de Juazeiro. De um telefone instalado fora do estádio da Associação Rural, a 800m da cabine, a equipe puxava a linha de transmissão. Pela manhã, o grupo montava postes, que levavam os fios para a cabine. Os cabos ficavam no alto para evitar que fossem cortados por vândalos, já que a equipe não podia pagar um vigia.

Era dessa mesma maneira que a Rádio Juazeiro levava o sinal do estúdio para o transmissor instalado no bairro Piranga (perto da antiga estação) e do equipamento para o estádio, nos domingos de futebol. Não raro, a poucos minutos do início da partida, um carro batia no poste e cortava os fios de transmissão. Nessas emergências, era o técnico Manoel Alves, o seu Santinho, quem corrigia o problema a tempo de salvar a transmissão do jogo.

Foto 31 – Foram incontáveis as transmissões de Herbert Mouze em mais de 60 anos de carreira



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2005).

Mouze também se considera o primeiro locutor FM da região, porque foi o mestre de cerimônia na inauguração transmitida ao vivo da Transrio que também se chamou Transamérica, do grupo da Rádio Juazeiro. A voz de Herbert foi a primeira a entrar no ar na FM pioneira do Vale.

Já na década de 1980, ele passou dez meses na Grande Rio AM. Transmitia os jogos do campeonato da Liga Desportiva Juazeirense do Estádio Adauto Moraes para a emissora de Petrolina.

Depois, foi convidado para fundar a Rádio Independência (atual Rádio São Francisco). Além de gerente da nova emissora, era responsável, entre outras coisas, por organizar a programação. O radialista também tinha um programa de esporte. Foram dois anos trabalhando na Independência.

Herbert resolveu voltar para a Rádio Juazeiro como *freelancer* já que, por quatro vezes, ocupou o cargo de Secretário Municipal. Até então, Mouze trabalhava voluntariamente. A primeira remuneração só chegou 25 anos depois que o narrador estava no rádio. Foi quando ele aceitou o desafio de gerenciar a Rádio Juazeiro e resolveu se profissionalizar. Com apenas o segundo grau, conquistou o registro de radialista. Ficou oito anos na função de gerente administrativo mas não deixou os microfones de lado. Foi redator de notícias, apresentava o radiojornal da emissora e auxiliava a chefe do departamento de jornalismo da época, Marta Luz, a redigir as notícias e reportagens.

Também foi *disc-jockey* e apresentador do programa infantil *Gincana estudantil*, exibido todos os dias pela manhã, e de programas de auditório. O radialista foi ainda o locutor de um dos primeiros programas polêmicos de Juazeiro. No *A Cidade Reclama*, Mouze levantava o cartão vermelho ou amarelo para a “dona préfa”, apelido que deu à prefeitura. O primeiro programa policial da Rádio Juazeiro foi feito por ele e Douglas Dourado. Na estreia do *Agente policial*, teve até um alto-falante na porta da rádio, na Praça da Misericórdia.

Em 2005, Herbert tinha terceirizado o departamento esportivo da Rádio Juazeiro. Ele não só coordenava a equipe de esporte como também narrava, era repórter de pista e ainda preparava a resenha da emissora, com dois comentários diários, das 7:30min às 7:55min e das 18h às 19h. O radialista respondia pela abertura do programa com cinco minutos de opinião ao vivo.

A inspiração para encontrar um estilo próprio de locução veio numa fase conturbada da sua vida. Em 1951, o juazeirense foi morar com a mãe em São Paulo e, aos 13 anos, começou a trabalhar para ajudar a família. Foi trocador de óleo, engraxate e até limpador de sanitário de posto de gasolina. Aos domingos, ia para o estádio do Pacaembu e ficava olhando para a cabine de transmissão. Os locutores chamavam

mais a atenção do menino do que a bola rolando. Um, em especial, fazia os olhos do garoto brilharem.

Fiori Guiliotti, um descendente de italiano que também atuou em um programa da Rede Vida com a mesma voz de quando era jovem, era o narrador preferido de Herbert.

Ele tinha um estilo rápido, sem prejudicar a dicção, a voz bonita e me colocava dentro do campo. Eu sabia onde o jogador estava. Até hoje admiro o locutor e ainda fico estremecido quando escuto a sua voz. (Herbert Mouze, 2005, informação verbal).

O radialista ainda aconselha,

[...] quem quer ser um bom narrador, não precisa ter um vozeirão, apenas uma voz forte, que aguente os 90 minutos. Um locutor de futebol não pode ser lento nem rápido demais. Deve encontrar o equilíbrio de uma transmissão dinâmica, com padrão definido e sem imitar ninguém. Eu gostava de Fiori, mas nunca quis imitá-lo. (Herbert Mouze, 2005, informação verbal).

A experiência de Mouze é comprovada por Maria Aparecida Stier (2003, p. 23):

[...] o ritmo não deve ser confundido apenas com emprego da velocidade acelerada, normal ou lenta. Reboul (2000) comparou o ritmo da frase à música do discurso, que torna a expressão harmoniosa e mais fácil de ser retida.

Stier (2003, p.20) completa:

[...] cada pessoa tem sua maneira própria de falar e de ler. Essa maneira vai sendo desenvolvida a partir de todas as experiências vividas pelo indivíduo somadas à sua percepção”.

E reforça: “[...] desenvolver o próprio estilo requer, muitas vezes, evitar seguir o modelo de outro profissional”. (STIER, 2003, p.20).

Foto 32 – Narração equilibrada nos gramados



Fonte: Fabíola Moura (2005).

Com a maturidade que alcançou, o radialista define seu estilo de locução:

A gente tem que marcar por alguma coisa, fazer uma transmissão alegre, mas sem cair no ridículo de ficar falando bobagens; lembrar sempre que não está fazendo a transmissão somente para homens tomando cerveja na mesa de um bar. Tem gente que está em casa ouvindo detalhe por detalhe. Temos que saber quem está nos ouvindo, a quem estamos

transmitindo aquela mensagem. Não é simplesmente pegar o microfone, abrir a boca e dizer o que quer. O que me caracterizou foi justamente tentar ser meio rápido, ter segurança e localizar a bola e o jogador para o torcedor que está em casa visualizar a partida. (Herbert Mouze, 2005, informação verbal).

Para cuidar da voz grave e forte, Mouze diz não ter segredos. Apenas faz caminhadas diárias, que o ajudam na respiração e a manter o peso. Mas não foi sempre assim. Quando começou no rádio, recebeu o conselho de que, para “engrossar” a voz fina de adolescente, deveria dar “duas tragadas de cigarro”. Foram dez anos acreditando nesse mito.

Generoso, Herbert orienta os que querem seguir a carreira de radialista, principalmente no esporte,

Primeiro tem que ter queda, vontade, gostar do negócio. Segundo, se a opção for pela narração, facilita muito ter passado pelos gramados, tem que ter jogado, saber como a bola corre, como é feito um cruzamento. Quando vou narrar e vejo o jogador cruzar a bola, já sei que o zagueiro vai se antecipar e cortar o lance. Nesse momento, estou narrando o que vai acontecer. (Herbert Mouze, 2005, informação verbal).

A dica do narrador é começar já, assistir aos jogos e treinos e gravar transmissões, reportagens, resenhas etc. Ouvir como se faz, como funciona o trabalho de um setorista de futebol. E, acima de tudo,

[...] manter o entusiasmo. Continuo vibrando a cada transmissão. Só Deus é que me vai fazer parar. Enquanto eu tiver voz, força e espírito jovem, vou continuar nos gramados. (Herbert Mouze, 2005, informação verbal).

Em 2018 Mouze completou 80 anos de idade, totalmente na ativa. Está no ar na Rádio Juazeiro de segunda a sexta, das 18h às 19h, com a

resenha do programa *No Mundo do Esporte*, além de participar todas as terças e quintas do *Sem Fronteiras*, na mesma emissora, das 9:10min às 11h, com muita informação. O radialista ainda escreve crônicas para o jornal *Diário da Região* até três vezes por semana, material que também é reproduzido pelo *blog* do radialista Geraldo José. Um profissional multimídia, como ele mesmo se intitula.

MARTA LUZ: UMA VOZ PARA PENSAR

Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco, em Direito pela Universidade Estadual do Piauí e pós-graduada em Linguística pela Universidade Federal do Piauí, Marta Luz começou a carreira alternando o magistério em várias escolas de Petrolina com o jornalismo radiofônico, em Juazeiro.

Foto 33– Marta Luz e Herbert Mouze durante um concurso cultural de conhecimentos gerais para crianças do Ensino Fundamental, em 1979



Fonte: Acervo de Marta Luz (1979).

O rádio entrou na vida de Marta Luz quase por acaso. Foi quando ela e o então marido resolveram comprar a Rádio Juazeiro – que, à época, pertencia ao comerciante e político da cidade Joca Oliveira. O primeiro passo foi elaborar uma programação atraente para competir com a única concorrente até então, a Emissora Rural, na vizinha cidade de Petrolina. Com muito trabalho, a Rádio Juazeiro foi conseguindo credibilidade e audiência. Entre os programas que Marta ajudou a criar e que foram responsáveis por essa nova etapa da emissora, está o *Reflexões para um dia feliz*, produzido diariamente pelo bispo diocesano da época, dom Tomás Guilherme Murphy.

Foto 34 – Marta Luz transmitindo uma sessão da Reunião da Bacia do São Francisco, em 1978



Fonte: Acervo de Marta Luz (1978).

Ainda falando de programação, Marta Luz destaca dois programas que tinham grande audiência em Juazeiro e Petrolina.

Na década de 1970, diariamente, às 13h, era transmitido *E nós, para onde vamos?*, com crônicas elaboradas por ela e por diversos autores da cidade, como Layse de Luna Brito, Nilda Ízaga, José Pereira, Luís Freire, Maria do Carmo Sá Nogueira, Edílson Monteiro, Joaquim Moniz Barreto, Antonila da França Cardoso, Joseph Bandeira, Gisélia Carvalho, Esmelinda Pergentino Nunes, Charles Alexandre, Giuseppe Muccini e Gentil Porto. Enquanto Marta interpretava a crônica, o *background* era feito com a “Bachianas Brasileiras nº 4”, de Villa Lobos.

Outro programa que marcou a trajetória da ex-radialista foi o *Pagão*, que ia ao ar todos os domingos, das 11:30min da manhã às 13:30min. Para Marta,

Fazê-lo era estar no paraíso profissional. Grupos e mais grupos formaram-se nas duas cidades para concorrer, por telefone, aos testes de conhecimentos gerais. Ah, é indizível como o Pagão despertou jovens e adultos para o estudo, para a leitura, para a leitura de poetas, para o gosto de ouvir os grandes mestres da música universal! (Marta Luz, 2005, informação verbal).

Marta se apaixonou pelo radiojornalismo à medida que foi aprendendo a profissão. Em 20 anos de atuação, sempre na Rádio Juazeiro, ela experimentou quase todas as funções: produção, redação, jornalismo interno e externo, locução e, até mesmo, um pouco de administração. Nas palavras da ex-radialista,

Até os comerciais que produzia, cuidava de fazê-los com arte e beleza. O ouvinte aprendeu a ouvir beleza na Rádio Juazeiro e aprendeu a gostar disso. Minha paixão, mesmo, era a comunicação. Estar direto com o povo. Ser voz. Ser o poder poderosíssimo da voz! Minha voz era bonita, tanto em timbre quanto em volume. Meu gosto era comunicação com o povo. Agradava-me entrar na casa do povo todo, um gesto que tratei de fazer sempre fraterno, com a poderosíssima arma chamada palavra. (Marta Luz, 2005, informação verbal).

Marta acabou criando o próprio estilo de locução sem se espelhar em ninguém. Um modo de narrar que ela atribui a um antigo aprendizado, a arte da declamação, em que se aperfeiçoou desde os seis anos de idade, quando já declamava poemas (razoavelmente grandes e difíceis) no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, onde estudava. Foi assim que ela aprendeu instintivamente a impostar e interpretar, uma vez que “o locutor faz das nuances de voz a ferramenta principal dentro dos recursos de interpretação. É dessas nuances que ele cria inflexões que valorizam a leitura de um texto, quando colocadas no momento e na dose certa”. (CÉSAR, 1996, p. 84).

A ex-radialista cita o artigo 221 da Constituição Brasileira para avaliar o trabalho das emissoras de rádio do país (BRASIL, 1988):

A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios:

I – preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;

II – promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação;

III – regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;

IV – respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família.

Foto 35 – Marta Luz: enveredando pelas leis



Fonte: Acervo de Marta Luz (2005).

E conclui deixando algumas reflexões:

Em que as rádios e televisões estão atendendo à Constituição? Onde está o ideal de educar, de disseminar a cultura, de promovê-la? Onde estão os valores éticos de algumas novelas? Onde está a valorização da família, base da sociedade – como dispõe a Constituição – que os meios de comunicação estão a cada dia ensinando a destruir? Vale o dinheiro, a imprensa marrom. Que valor tem o testemunho dos que ensinam com a palavra e provam o contrário com o exemplo, como a todo instante se vê? (Marta Luz, 2005, informação verbal).

Marta continua com a bela voz que encantou os ouvintes do Vale do São Francisco, mesmo não atuando mais nas ondas do rádio.

FRANCISCO FERNANDES: O ANIMADOR DE TODAS AS TARDES

Em 1973, Francisco Fernandes Bezerra começou a descobrir a magia das ondas do rádio. Tudo teve início como uma brincadeira. Aos 13 anos, na cidade de Taporanga/PB, o dono de uma rádio comunitária local, Crispim Pessoa, convidou Francisco Fernandes para ajudá-lo na emissora. Em troca, lhe daria ingressos para o parque de diversões e para o cinema. O garoto, então, aceitou a proposta, mais interessado nas entradas de cinema do que na experiência de trabalhar em uma rádio.

Foto 36 – Francisco Fernandes durante seu programa no estúdio da rádio Grande Rio AM



Fonte: Acervo de Francisco Fernandes (2005).

Crispim Pessoa era um radialista experiente. Na época tinha 70 anos e já havia passado pela Rádio Clube do Recife, pela Rádio Sociedade da Bahia e pela Rádio Globo, no Rio de Janeiro. Mas mudou-se para a Paraíba e resolveu montar uma rádio comunitária.

Aos 15 anos, Francisco Fernandes foi morar em Patos/PB, onde, sem sucesso, foi procurar estágio na área do rádio. Mas não desistiu. Seis meses depois, sua irmã o chamou para ir morar em Petrolina. *“Tomei gosto pelo rádio e fui batalhar um estágio, nessa época eu tinha 17 anos”*, destaca Francisco ([2005], informação verbal). Logo que chegou a Petrolina, tentou um estágio na Emissora Rural e conseguiu. *“Foi um ano em fase de aprendizagem”* (Francisco Fernandes, [2005], informação verbal). Um ano depois ele conseguiu o primeiro emprego como operador de áudio na Emissora Rural, em 1978.

Aos 23 anos, recebeu um convite, por meio de Geraldo Coelho, que estava interessado em um jovem que pudesse levar à frente a Rádio Grande Serra, em Araripina, no agreste pernambucano. *“No início, fiquei bastante assustado e inseguro, mas fui em frente com o apoio da minha família e da namorada, minha atual esposa”*, salienta Francisco Fernandes ([2005], informação verbal).

Francisco trabalhou dois anos como gerente da rádio Grande Serra, em Araripina. Como tudo deu certo por lá, logo a diretoria da emissora resolveu chamá-lo para gerenciar a rádio Grande Rio AM e supervisionar a Grande Serra de Araripina. Ele acompanhou ainda o processo de montagem de todas as rádios do Sistema Grande Rio de Comunicação.

Em um momento, eu estava admirando meus colegas de trabalho e, em outro, eu estava direcionando a equipe que eu tanto respeitava. Foi muito gratificante, uma grande experiência.

Nesse ritmo, o profissional foi ganhando experiência e espaço no rádio. A sua profissionalização, conseguiu no dia a dia. *“Não*

sou formado em jornalismo e nem em radialismo, sou formado pelo tempo” (Francisco Fernandes, [2005], informação verbal). Em 2005, ele entoava sua voz nas tardes de segunda a sábado, no *Forró pé-de-serra*, levando diversão e entretenimento para os ouvintes, das 17h às 18h. Um programa com muita música sertaneja e forró, além de “pegadinhas” com personalidades artísticas. Aos domingos, ele apresentava o *Especial de domingo*, das 8h às 10h.

WASHINGTON LUIZ: O REPÓRTER POLICIAL

Washington Luiz de Menezes estreou no rádio quando tinha apenas 14 anos. Tudo começou em 1974, por meio do serviço de alto-falante *A Voz do Povo*, instalado na rua Santo Antônio, em Juazeiro. Utilizando um projetor de som, Washington Luiz, também conhecido pelos amigos de trabalho como Luizinho, ecoava a sua voz com a leitura de cartas de ouvintes, avisos, notas de falecimento e outros recados das comunidades dos bairros Santo Antônio e Alagadiço. Apesar de só ter concluído o nível médio escolar, sua formação profissional foi adquirida no dia a dia.

Foto 37 – Washington Luiz apresentando o *Agente 680*



Fonte: Foto de Juliana Amorim (2005).

O gosto pelo rádio começou muito antes. Aos 9 anos, Washington já brincava com seus amigos narrando os jogos de futebol do bairro em que morava, o Quilômetro Dois, em Petrolina. *“Eu gostava muito de escutar o Repórter somassa, que era apresentado pelo radialista Carlos Augusto Amariz, que serviu de grande inspiração para minha profissão”*, afirmou Washington Luiz (2005, informação verbal), que também já foi menino de rua e até engraxou sapatos, mas cuja dedicação o fez ingressar por outros caminhos.

Em 1977, com seus 16 anos, Washington foi convidado por Bráulio Pereira, da Rádio Juazeiro, para fazer a sonoplastia dos

programas matinais. Essa experiência durou até o final de 1979. E é justamente dessa época que ele relembra um dos momentos mais marcantes da sua carreira:

Eu e Herbert Mouze, juntamente com Douglas Dourado e Altamiro Brasil, fizemos a primeira transmissão de um jogo internacional para a região. Nós estávamos no Estádio do Arruda, no Recife, para transmitir o jogo da Seleção Brasileira. Era a despedida de Nunes, atacante do Brasil. (Washington Luiz, [2005], informação verbal).

Em 1979, Luizinho saiu da Rádio Juazeiro e foi convidado a fazer parte do quadro de funcionários da Emissora Rural para apresentar o *No terreiro da fazenda*, um programa dedicado ao forró, transmitido de segunda a sábado, das 17h às 18h. Washington ficou nove anos à frente desse programa. Em 1986, começou a apresentar o *RP 730*, programa policial da Emissora Rural.

No início de 1989 foi trabalhar na Rádio Grande Rio AM como apresentador do *Agente 680*, programa que noticiava todos os fatos de natureza policial que acontecem em Petrolina e Juazeiro, ficando no posto até 1994. Passou seis meses longe do rádio e depois retornou para a Rádio Grande Rio AM. Mantendo um estilo característico da locução de programas policiais, uma narrativa pausada e enfática, Washington Luiz voltou a fazer o *Agente 680*, veiculado de segunda a sábado, das 12:40min às 14h, programa que lhe rendeu reconhecimento no meio em que trabalhava.

A sua rotina começava logo cedo. Pela manhã, às 6:30min, ligava para as delegacias de Petrolina e Juazeiro para apurar os acontecimentos. Havendo necessidade, ia ao local para pegar as entrevistas. “Normalmente, as entrevistas são feitas sempre às 7h da noite, de segunda a sexta. Aos domingos, vou às delegacias sempre às 7h da noite, quando é feito o balanço do final de semana”, salienta Luizinho ([2005], informação verbal). “Para fazer um programa policial é preciso ter

bastante jogo de cintura” (Washington Luiz, [2005], informação verbal), finalizou o radialista, que se afastou do rádio há alguns anos por motivo de saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar um levantamento histórico sobre as rádios de Juazeiro e Petrolina, as autoras se propuseram, antes de qualquer coisa, a fazer um registro jornalístico dos fatos relevantes que marcaram essas emissoras. Não tinham a pretensão de realizar o trabalho de um historiador, mas sim a intenção de contribuir para a bibliografia sobre o rádio, tão carente em registros regionais que abordem a prática das emissoras e dos profissionais da área.

Por isso, documentou-se aqui, por meio, principalmente, da memória oral de protagonistas da história do rádio no Vale do São Francisco, a trajetória das primeiras emissoras comerciais AM e FM da região, além das comunitárias pioneiras.

Também estão eternizadas nesta obra as vozes de medalhões do rádio regional, que contribuíram com seu trabalho para a consolidação desse suporte de comunicação tão presente na vida do povo ribeirinho. Mulheres e homens que, com profissionalismo e paixão pelo rádio, possibilitam o exercício da cidadania e o acesso à informação numa sociedade ainda desigual e carente de justiça social.

O desafio não foi fácil, principalmente pelo quase inexistente arquivo sobre a temática, o que não quer dizer que cada emissora e cada profissional não tivesse história suficiente para obras individuais. Por isso, a árdua tarefa de elencar apenas os fatos mais relevantes das rádios para trazer nesta obra uma visão geral dos primórdios da radiofonia sanfranciscana.

No entanto, este registro não se conclui aqui, até porque o fazer história não é estático e, em especial, no caso de emissoras regionais, está em constante desenvolvimento. Sendo assim, este trabalho abre o caminho para novos estudos e pesquisas na área, reafirmando a necessidade de aprofundar o olhar em aspectos importantes da comunicação regional.

Algumas questões relevantes podem ser abordadas em trabalhos futuros. Observar a diferença da linguagem regional no jornalismo das emissoras AM e FM e/ou mensurar o espaço dado aos assuntos de interesse local e nacional pode ser o começo de uma nova pesquisa, o que nos ajudaria a compreender mais a comunicação que se faz no Vale do São Francisco.

Conhecer o passado para saber quem somos agora. Resgatar – e registrar – a memória do rádio nas cidades de Juazeiro e Petrolina é compreender que caminho a comunicação e os comunicadores locais percorreram e sua contribuição para o Vale do São Francisco. Cada rádio e cada profissional tiveram (e alguns ainda têm) um papel fundamental em todas as transformações que essa região passou nas últimas décadas.

Ter o privilégio de contar essa história neste livro-reportagem é também cumprir o dever de multiplicar essas memórias para outros profissionais de comunicação, estudiosos ou simplesmente interessados no assunto. É contribuir para eternizar o trabalho de todas essas pessoas que ajudaram a construir a comunicação no coração do Semiárido. É também inspirar futuros jornalistas e radialistas, gente que deseja atuar no rádio e que deve conhecer a paixão que moveu tantas pessoas a levar cultura e informação para cada ouvinte, a razão de tudo isso.

Vozes do rio é uma homenagem a profissionais, estudantes de comunicação e ouvintes, amantes do rádio, esse veículo que faz a alma pulsar e desperta nossos sentidos e imaginação. Mas

esta pesquisa é igualmente uma provocação para que outras histórias sobre esse campo tão fértil sejam contadas. Outras duas emissoras passaram a funcionar em Petrolina quando esse estudo já havia sido concluído, a comercial Rádio Jornal (2006) e a comunitária Ponte FM (2010), além da comunitária Vitória FM (2010), em Juazeiro. As trajetórias dessas rádios, também precisam ser contadas. Outros profissionais de gerações posteriores aos pioneiros do rádio no Vale do São Francisco têm muito a compartilhar, são as novas vozes do rio que continuam levando as ondas sonoras para cada lar, transformando a sociedade e ajudando a construir uma nova história. Precisamos ouvir essas vozes, será uma nova aventura.

O rádio, esse veículo tão apaixonante para quem faz e para quem acompanha, também teve um papel fundamental no desenvolvimento da população ribeirinha, especialmente das cidades de Juazeiro e Petrolina. É inegável o impacto causado pela atuação das emissoras no fortalecimento cultural, econômico e social no contexto do rio São Francisco, desde que a primeira onda sonora ressoou no coração do Semiárido nordestino. Uma história que é construída dia a dia, com a vigilância incansável de comunicadores e técnicos que garantem que as mais variadas vozes tenham espaço na programação. Quem quer se fazer ouvir, basta entrar no ar. Sempre foi assim e sempre será no rádio.

Novos relatos sobre a radiofonia sanfranciscana poderão surgir e, se este trabalho conseguir levantar a curiosidade de estudar e observar mais de perto esse veículo tão fascinante que é o rádio, terá atingido o seu objetivo. O desafio está lançado.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Daniela; CAMARGO, Eduardo. *Algumas considerações sobre a história do Rádio no Brasil*. São Paulo. 2010. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/Daniela-Oliveira-Albertin-de-Amorim-e-Eduardo-Camargo.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

ASSOCIAÇÃO DAS EMPRESAS DE RADIODIFUSÃO DE PERNAMBUCO. *Rádiodifusão pernambucana*. Recife: Comunicarte, 1992.

BARBOSA, Silvio Henrique Vieira. *TV e cidadania*. São Paulo: All Print, 2010.

CAPARELLI, Sérgio. *Comunicação de massa sem massa*. São Paulo: Summus, 1986.

CÉSAR, Cyro. *Como falar no rádio: prática de locução AM e FM*. São Paulo: Ibrasa, 1990.

CÉSAR, Cyro. *Rádio: inspiração, transpiração e emoção*. São Paulo: Ibrasa, 1996.

CÉSAR, Cyro. *Rádio: a mídia da emoção*. São Paulo: Summus, 2005.

COSTELLA, Antônio F. *Comunicação: do grito ao satélite*. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2002.

CUNHA, João Fernandes da. *Memória histórica de Juazeiro*. Salvador: ABC, 1978.

DIAS, Wilson. *História da imprensa juazeirense*. Juazeiro: Santa Inês, 1982.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999.

HARARI, Cláudio Zamboni. *Montagem técnica de rádios comunitárias*. São Paulo: Secretaria de Comunicação, 1997. (Série Cartilhas de Formação em Rádios Comunitárias).

KLÖCKNER, Luciano. Linha do tempo do rádio no Brasil. Apêndice C. In: HAUSMAN, Carl; MESSERE, Fritz; O'DONNELL, Lewis e BENOIT, PHILIP. *Rádio: produção, programação e performance*. Tradução da 8. edição norte-americana. São Paulo: Editora Cengage Learning, 2010.

LEÓN, Osvaldo. Democratização das comunicações e da mídia. 2002. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/w3/fsmrn/fsm2002/leon1_midia.html>. Acesso em: 22 abr. 2018.

MACHADO, Arlindo; MAGRI, Caio; MASAGÃO, Marcelo. *Rádios livres: a reforma agrária no ar*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MENEGUEL, Y.P.; OLIVEIRA, O.de. *O rádio no Brasil: do surgimento à década de 1940 e a primeira emissora de rádio em Guarapuava*. [21--?]. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/713-4.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

MOREIRA, Elisabet Gonçalves. Recados do rádio: a fala da mediação. In: SÁ, Edna Maria Alencar; SOUZA, Geida Maria Cavalcanti; NASCIMENTO, Genivaldo do (Org.). *O professor pesquisador e a construção de novos discursos*. Recife: Edupe, 2004.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus, 1985.

PINHO, Sílvia M. Rebelo. *Fundamentos em fonoaudiologia: tratando os distúrbios da voz*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

SANTOS, Fabíola Moura Reis; FERREIRA, Vicente José Assencio. Técnicas fonoarticulatórias para o profissional da voz. *Revista CEFAC*, São Paulo, v. 3, p. 53-64, 2001.

STIER, Maria Aparecida; NETO, Benedito Costa. Oficina de narração. In: KYRILLOS, Leny Rodrigues (Org.). *Fonoaudiologia e telejornalismo: relatos de experiências na Rede Globo de Televisão*. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

ANEXO

CRONOLOGIA DO RÁDIO NO BRASIL²

1922 Primeira transmissão oficial. Realizada por ocasião da Exposição do Centenário da Independência no Rio de Janeiro (07/09), com o pronunciamento do presidente Epitácio Pessoa, seguida de audição de músicas, entre as quais, trechos da ópera O Guarani, de Carlos Gomes.

1923 Inaugurada a primeira emissora no Brasil: a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, por Edgard Roquette-Pinto e Henry Charles Morize, cuja missão primordial é difundir a educação e a cultura. Doadas ao Ministério de Educação e Cultura em 1936, passa a chamar-se Rádio MEC. Constitui o embrião do sistema de rádios educativas no país. Em homenagem a Roquette-Pinto, a data do nascimento dele, em 25 de setembro (de 1884), é instituída como o Dia Nacional da Radiodifusão.

² Informações extraídas de Klöckner (2010).

DÉCADA DE 30

Com o golpe de Getúlio Vargas o rádio foi utilizado como propaganda do governo. Neste período também surgiram diversas rádios de notícias.

(Continua)

1930 Primeiras coberturas jornalísticas pelo rádio, durante a Revolução de 30. Torna-se, nesta ocasião, conhecido o repórter e locutor César Ladeira, pela Rádio Record, de São Paulo. Posteriormente, é considerado a voz da Revolução Constitucionalista de 32, ao lado de Celso Guimarães da Rádio Cruzeiro do Sul. Coube a Ladeira introduzir um novo modelo para o rádio, com a contratação de um *cast* de profissionais com remuneração mensal.

1932 Criado o primeiro jingle no rádio brasileiro pelo cartunista e compositor Antônio Gabriel Nássara, com o refrão: “Oh, padreiro desta rua, tenha sempre na lembrança. Não me traga outro pão, que não seja o pão Bragança”. A padaria Bragança situava-se no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro.

Decreto-Lei 21.111 libera as emissoras para veicularem anúncios.

A Rádio Record de São Paulo realiza as primeiras propagandas políticas do rádio brasileiro.

1933 Rádio Escola do Municipal do Distrito Federal, obra do educador Anísio Teixeira, desenvolve aulas para o povo por intermédio do novo veículo.

1935 O Presidente Getúlio Vargas, através do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), do Governo Federal, cria o programa Hora do Brasil.

As rádios Kosmos e América, de São Paulo, são as primeiras a apresentarem programas de auditório.

(Conclusão)

1936	Entra no ar a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, emissora que por anos foi a mais ouvida em todo o Brasil.
1937	Programa Hora do Brasil (que alterou o nome em 1946 para Voz do Brasil) passa a ser transmitido em rede nacional obrigatória. Nos anos 90, algumas emissoras obtiveram liminares para alterar o programa para o horário da madrugada.
1938	Formação da primeira rede nacional de rádios, a Rede Verde e Amarela, liderada pelas Organizações Byngton, realiza cobertura esportiva pioneira de um Campeonato Mundial de Futebol na França.
1939	Começam as atividades do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão que tem, entre outras finalidades, exercer censura prévia sobre os programas radiofônicos.

DÉCADA DE 40

A partir da estadização radiofônica implantada por Getúlio Vargas no final da década de 30, o rádio sofreu mudanças radicais. Neste período também surgiram as primeiras redações jornalísticas voltadas para o rádio.

Resumo da década em Áudio produzido por Alunos de Radio
Adaptação da época: A vida de Carmem Miranda

1940	O governo do presidente Getúlio Vargas estatiza a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. (Continua)
	As primeiras agências de publicidade começam a atuar e os programas de rádio recebem patrocinadores como Coca-Cola, Gessy Lever, Colgate, Esso, Goodyear, etc.
1941	Lançado para os professores do ensino secundário o programa educativo Universidade no Ar pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro.
	O ano marca a primeira edição de <i>O Repórter Esso</i> , boletim de notícias de cinco minutos, irradiado pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro e emissoras de outras quatro capitais (São Paulo, Belo Horizonte, Recife e Porto Alegre). Também pela Nacional estréia <i>Em busca da felicidade</i> , radionovela cubana, pioneira no gênero, que permanece até 1943 no ar. No mesmo ano, é produzida <i>Fatalidade</i> , de Oduvaldo Viana, na Rádio São Paulo, primeira radionovela criada no Brasil.
1942	Rádio Nacional amplia a potência, inaugurando estação de ondas curtas com oito antenas voltadas para Estados Unidos, Europa e Ásia, transmitindo para o exterior em quatro idiomas.

(Conclusão)

1944	Criada a Associação Brasileira de Rádio (ABR). A entidade colabora para regulamentar a profissão de radialista e também com o texto-base do Código Brasileiro de Radiodifusão. Em 1962, já contemplando a televisão, foi instituído o Código Brasileiro de Telecomunicações.
1945	Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o modelo de rádio brasileiro, até então um mix europeu, passa a adotar o exemplo dos Estados Unidos.
1947	A Rádio Pan-americana de São Paulo é a primeira emissora a dedicar-se continuamente a transmissões esportivas.
1947/1948	Montadas as primeiras redações jornalísticas especialmente para o rádio. Em 1947, a Rádio Globo estrutura um departamento de notícias para o noticiário O Globo no Ar. Em 1948, a Rádio Nacional implanta a Seção de Jornais Falados e Reportagens. No final dos anos 40, início dos anos 50, ficam disponíveis os primeiros gravadores magnéticos de rolo, para consumo doméstico.

DÉCADA DE 50

O início da década é marcado pela chegada da televisão no Brasil. Através da iniciativa de Assis Chateaubriand, proprietário do grupo midiático Diários Associados, entra ao ar, no dia 19 de setembro, em São Paulo, a TV TUPI. A primeira emissora televisiva do Brasil. Para concorrer com o novo veículo, o rádio teve que se transformar.

(Continua)

	Inicia-se a concorrência com a Televisão e com a Era da Imagem. É inaugurada a PRF-3 TV Tupi-Difusora, de São Paulo (18/9). Os elencos e principais programas das rádios começam a se transferir para o novo veículo. Ao rádio cabe flexibilizar, inovar na programação.
1950	A notícia recebe tratamento destacado. Vários radiojornais e boletins noticiosos (sínteses) são elaborados pelas emissoras, buscando igualar-se à audiência da Rádio Nacional. A iniciativa de Carlos Palut, com a Rádio Continental, de criar unidades volantes (Comandos Continental) para que os repórteres falassem direto do local dos acontecimentos, promove uma revolução no rádio informativo. O rádio segmenta-se nos 30 anos seguintes e de uma programação mais eclética (estilo que predomina nas televisões abertas de hoje), especializa-se tanto nas emissoras de Amplitude Modulada (AM) quanto nas de Frequência Modulada (FM). Os estilos variam a partir dos mais populares, com esportes (predominantemente o futebol), polícia, até o jornalismo com prestação de serviço, informações e música.
1954	Rádio Bandeirantes tenta um modelo inédito: a cada 15 minutos, um é dedicado à transmissão de informações.

(Conclusão)

1955	Entra no ar a primeira rádio em FM, Rádio Imprensa, do Rio de Janeiro, que comercializava a programação em supermercados, em lojas e em escritórios.
1957	Inaugurada a Rádio Guaíba de Porto Alegre uma das primeiras emissoras a dedicar-se ao público classe AB, investindo no trinômio música-esporte-notícia. Um ano depois, em 1958, transmite a Copa do Mundo, da Suécia, sendo a primeira a contar com o retorno no estúdio Também entra no ar em Porto Alegre a Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, primeira emissora universitária AM do Brasil, por obra de Antônio Alberto Goetze e Elyzeu Paglioli (18/11).
1957/1958	Organização do Sistema de Rádio Educativo Nacional (SIRENA), pelo professor João Ribas da Costa, que contabilizou 47 emissoras na luta contra o analfabetismo. Em 1963, foi incorporado à Rádio Educadora de Brasília e extinguiu-se. São comercializados em nível internacional os primeiros rádios receptores transistorizados com funcionamento a pilha.
1959	Rádio Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, uma das primeiras emissoras a integrar a música e a notícia, inova ao lançar o Serviço de Utilidade Pública (achados e perdidos).

DÉCADA DE 60

Nos anos 60, o rádio adquiria novas dimensões. Algumas emissoras se dedicavam a ouvintes de classe A com músicas selecionadas, intercaladas com noticiários políticos nacionais e internacionais.

(Continua)

1961 A renúncia do presidente da República Jânio Quadros deflagra uma crise de governo. No Rio Grande do Sul, o governador Leonel Brizola utiliza a Cadeia Radiofônica da Legalidade, com mais de uma centena de emissoras liderada pela Rádio Guaíba, e garante a posse do vice João Goulart, o Jango, na Presidência.

Decreto presidencial regulamenta em 1961 o Movimento de Educação de Base (MEB), criado por Dom Eugênio Salles, com supervisão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), embora as ações da Igreja neste campo já existissem desde os anos 50.

1962 Fundada a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT) (27/11).

É instituída a propaganda política gratuita no rádio e na televisão.

1963 Estabelecido o Código Brasileiro de Radiodifusão

O golpe militar de 31 de março, que perdurou até os anos 80, institui diversos atos institucionais que recrudescem a censura sobre os veículos de comunicação até mesmo extinguindo alguns programas radiofônicos.

1964 No Rio Grande do Sul, é montada a Segunda Cadeia da Legalidade para resistir ao golpe militar. É coordenada pela Rádio Difusora de Porto Alegre, mas a tentativa não dá resultado.

Os gravadores cassetes, lançados pela Phillips no início dos anos 60, começam a chegar ao país.

1965 O Brasil é integrado ao INTELSAT, para transmissões de rádio e televisão via satélite.

(Conclusão)

1967

Criado o Ministério das Comunicações e com ele o Departamento Nacional de Telecomunicações (DENTEL), órgão encarregado de fiscalizar as programações das emissoras de rádio e de televisão.

1968

As ligações em FM, utilizadas como links para transporte do som dos estúdios aos transmissores, são proibidas. O governo decide distribuir estes canais, visando a expandir o número de emissoras, o que efetivamente ocorre em meados dos anos 70. A Rádio Difusora de São Paulo foi a primeira a transmitir regularmente em FM no Brasil (02/12/1970).

1969

Rádio Cultura AM de São Paulo é estatizada, passando a fazer parte da recém instituída Fundação Padre Anchieta.

DÉCADA DE 70

A ditadura militar assombrava os veículos de comunicação graças ao Ato Institucional nº 5. O rádio não seria o único veículo a se adaptar aos tempos militares. A década consolidaria o Brasil como país do futebol com o tricampeonato mundial. E no final da década, a população vê os resultados da luta pela democracia.

1970	Emissoras oficiais e privadas transmitem o Projeto Minerva. O programa é produzido pelo Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação e Cultura, e gerado pela Rádio MEC, do Rio de Janeiro. (04/10)
------	--

1973	Lançado pelo governo o Plano Básico de Canais em FM com incentivo à produção de radiorreceptores com faixa AM e FM. O número de emissoras em FM aumenta. O padrão seguido é o dos Estados Unidos com comunicadores de voz jovem, aplicando aos diálogos a informalidade, o humor, além de promover sorteios de brindes e rodar muita música.
------	--

1975	Governo cria a Radiobrás (Lei 6.301, de 15/12).
------	---

DÉCADA DE 80

As rádios FM se consolidam como o novo canal de rádio. Graças à automatização das emissoras, é possível escutar músicas 24 horas por dia.

	Inicia-se a automatização das emissoras de rádio. Até os ^(Continua) fins dos anos 90 o cartucho e a fita magnética são substituídos pelo MD (Mini disc), o disco de vinil pelo CD (Compact Disc), e o próprio rádio transmissor utilizado pelos repórteres é trocado pelo telefone celular, transformando cada profissional numa unidade móvel.
1980	Na área da informática, os computadores são, gradativamente, implantados nos estúdios e nas redações. Do mesmo modo, as redes nacionais de telefonia são supridas de fibras óticas, essenciais para elevar a velocidade e aumentar a qualidade das transmissões. A segmentação das rádios comerciais torna-se mais intensa a partir da metade dos anos 80.
1981	Começa em Sorocaba, interior de São Paulo, o movimento das rádios alternativas ou livres, que posteriormente se espalhou pelo país.
1982	Rádio Bandeirantes AM, de São Paulo, transmite o <i>radiojornal Primeira Hora</i> via satélite.
1983	Rádio Gaúcha, de Porto Alegre, é a primeira emissora AM a implantar o estilo para transmitir noticiário radiofônico 24 horas por dia, processo que se consolida nos anos seguintes. Tentativa semelhante foi desencadeada pela JB, do Rio de Janeiro, em 1980, mas algumas versões relatam que a programação era completada por música. A experiência durou seis anos e foi descartada por falta de investimentos em profissionais e equipamentos. Instituído oficialmente o Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa (SINRED), que funcionou até 1988. Em 1994, houve tentativa de reativá-lo, mas sem êxito.

(Conclusão)

1988 A Constituição Brasileira de 1988 prevê a regulamentação de vários itens que abrangem os meios de comunicação social. Entre eles: as permissões para as rádios comunitárias (regulamentadas em 1998), criação do Conselho de Comunicação Social (regulamentado em 2002).

1989 Desponta a primeira rede de rádio comercial via satélite: Band-Sat AM. A partir de 1990, outras emissoras passam a transmitir nesta modalidade, entre elas, a Jovem Pan e Transamérica.

DÉCADA DE 90

Marcada por grandes acontecimentos e tragédias, o rádio teve grande participação nas coberturas de grandes eventos como a Copa do Mundo de 1998.

1990	Sistema de rádio por cabo é lançado, mas não se firma. (Continua)
1991	No rádio AM, uma inovação: surge a primeira emissora <i>all news</i> do país, a Central Brasileira de Notícias (CBN). Em 1995, também seria pioneira neste estilo no rádio FM.
1993	Formada a Rede Conesul de Comunicação, agregando as rádios: Gaúcha (Porto Alegre/Brasil), Mitre (Buenos Aires/Argentina), Carve (Montevideu/Uruguai), Ñanduti (Assunção/Paraguai) e Cooperativa (Santiago/Chile).
1995	A <i>web</i> comercial brasileira começa oficialmente neste ano (31/05), embora a primeira conexão tenha acontecido em 1991 e em 1994 a Embratel tenha oferecido os primeiros contatos à rede mundial. Muitas emissoras convencionais começam a experimentar as transmissões <i>on-line</i> pela <i>world wide web</i> (www) que tornou possível acoplar som, imagem e vídeo, além dos textos. As pioneiras a transmitirem a programação ao vivo foram a Gaúcha, Jovem Pan, Eldorado e CBN.
1996	Rádio CBN, de São Paulo, passa a transmitir a mesma programação do AM no FM, ampliando a audiência. À <i>posteriori</i> , a mesma medida é aplicada no Rio de Janeiro. Experiência pioneira no gênero foi registrada pela Rádio Eldorado em 1958. Surge a Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (ABRAÇO).
1997	Congresso Nacional aprova a Lei Geral das Comunicações, criando a Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL). RadioFam da PUC do Rio Grande do Sul, <i>web</i> rádio universitária pioneira no país, entra na internet.

(Conclusão)

Realizada a primeira transmissão experimental em Digital Audio *Broadcasting* (DAB) no Brasil, em Foz do Iguaçu, no Paraná, durante Congresso da ABERT, pelo sistema europeu Eureka-147.

1998 Decreto 26.615 regulamenta as rádios comunitárias (Lei nº 9.612, de 19/02/1998).

Entra no ar a Rádio Totem, com sede em São Paulo, considerada a primeira emissora brasileira com existência apenas na internet.

SÉCULO XXI

Desde 1922, o rádio teve que se adaptar muito. Do transistor às plataformas móveis, o rádio completa noventa anos em 2012 e enfrenta um processo de reinvenção.

2000	A transmissão por rádio tem um aliado e um concorrente. O aliado é o telefone celular, cujos novos aparelhos oferecem o rádio em FM, mas eliminam a transmissão em AM. O concorrente é constituído pelos tocadores de música (<i>Ipod</i> , MP3, MP4, etc.). Este fato, aliás, já havia ocorrido com os gravadores de fita de rolo e cassetes nos anos 60 e 70 (Continua) <i>Ilkman</i> nos anos 80 e os <i>CDplays</i> nos anos 90.
2003	A Rádio Gaúcha de Porto Alegre é a primeira emissora comercial brasileira a realizar uma transmissão experimental de recepção digital do Brasil pelo padrão <i>In-Band-On-Channel</i> (IBOC), da empresa iBiquity Digital . Outro sistema testado pela Rádio Nacional de Brasília é o Digital Radio Mondiale (DRM) desenvolvido e adotado por países europeus.
2004	O <i>podcast</i> , serviço de transmissão de áudio, é incorporado como mais um atrativo das emissoras na <i>web</i> .
2005	Primeira rede em FM com 24 horas de notícias (BandNews).
2007	Carta dos Pesquisadores de Rádio e Mídia Sonora do Brasil, iniciativa da reunião do grupo da Intercom, em Santos/SP, é divulgada, questionando o Ministério das Comunicações sobre a tecnologia e os métodos na implantação do rádio digital no país. Criada a Empresa Brasil de Comunicação (EBC), congregando a TV Brasil, NBR (televisão a cabo), Agência Brasil e os Sistemas de Rádio (Rádio Nacional AM e FM/ DF, Rádio Nacional AM /RJ, Rádio MEC AM/RJ, Radio MEC AM/DF, Rádio MEC FM/RJ, Rádio Nacional do Alto Solimões AM, Rádio Nacional da Amazônia OC, Radioagência Nacional).
2008	Comissão da ABERT entrega ao Ministério das Comunicações relatório final dos testes com o sistema de rádio digital IBOC, realizados pelo Instituto Mackenzie, concluindo que o padrão é o único a atender às necessidades da radiodifusão sonora brasileira em OM (Ondas Médias) e FM.

(Conclusão)

Ministério das Comunicações divulga padrão do rádio digital brasileiro.

2010 Ministério das Comunicações caça a liminar que permitia veículos de comunicação transmitir a Voz do Brasil em horários alternativos.

SOBRE AS AUTORAS

Fabíola Moura Reis Santos

Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pela Universidade do Estado da Bahia (Uneb). Especialista em Ensino Superior, Contemporaneidade e Novas Tecnologias pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf); em Ensino da Comunicação Social pela Uneb; e, em Voz pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia (CFFa). Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco (Ufpe) e em fonoaudiologia pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Professora do curso de Jornalismo em Multimeios do Departamento de Ciências Humanas, campus III, da Uneb. Pesquisadora integrante dos grupos de pesquisa Laboratório de Estudos em Mídia e Espaço (Leme/Uneb) e Comunicação, Economia Política e Diversidade (Comum) da Universidade Federal do Piauí (Ufpi). Autora do livro *O sertão que a TV não vê: o jornalismo contextualizado com o Semiárido Brasileiro*. Coordenadora dos projetos de extensão da Rádio Universitária – Programa Eufonia e Programas Experimentais de Televisão da WebTV do campus III, da Uneb em Juazeiro, além do Projeto de pesquisa Jornalismo contextualizado com o Semiárido Brasileiro. Coordenadora de programação e jornalismo da TV e Rádio Caatinga da Univasf. Escreve o *blog* de viagem *Família que viaja junto*. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/6276475685102074>>. E-mail: fabiolamsantos@hotmail.com

Juliana Ribeiro de Amorim Galdino

Pós-graduada em Ensino de Comunicação Social pela Uneb, campus III Juazeiro/BA. Graduada em Comunicação com habilitação em Jornalismo pela Unicap. Possui larga experiência como assessora de imprensa e de comunicação de instituições e empresas como: Diocese de Juazeiro; Confederação Nacional das Cooperativas Médicas (Unimed) Vale do São Francisco; Serviço Autônomo de Água e Esgoto (Saae) de Juazeiro; e, Secretaria de Educação do Município de Juazeiro. Gerente de comunicação da Secretaria de Saúde do Município de Petrolina/PE. *E-mail:* jugaldino01@yahoo.com.br

Formato: 150 mm x 210 mm
Fonte: Minion Pro
Papel miolo: Pólen Soft, 80 g/m²
Papel capa: Cartão Supremo, 300 g/m²
Impressão: Setembro / 2018
Impressãobigraf Ltda

Quando a gente liga o rádio, começa uma viagem pelo imaginário de cada um. Estudar esse veículo de comunicação é uma experiência única, um incentivo a divulgar e conquistar cada vez mais adeptos ao “clube” dos amantes do rádio. Foi em busca desse objetivo que *Vozes do Rio* nasceu. A escassa bibliografia sobre essa temática, principalmente em contexto regional, também motivou esse estudo, contribuindo para o registro da história do rádio, antes que ela desapareça da memória dos moradores de Juazeiro-BA e Petrolina-PE, cidades unidas pelo rio São Francisco. O livro-reportagem é ainda uma tentativa de colaborar com a formação pedagógica de quem vive às margens do rio da Integração Nacional, em especial os estudantes de Comunicação Social, principal inspiração deste livro e a quem ele é dedicado. Apresentamos então a nossa contribuição para essa história, que continua dinâmica e merece sempre ser revista com o carinho atento dos apaixonados.



<http://eduneb.uneb.br>

ISBN 978 85 7887 352 3



9 788578 873523



Universidade do Estado da Bahia – UNEB

José Bites de Carvalho

Reitor

Marcelo Duarte Dantas de Avila

Vice-Reitor

Sandra Regina Soares

Diretora da Editora

Conselho Editorial

Danilo Gusmão de Quadros

Darcy Ribeiro de Castro

Hugo Saba Pereira Cardoso

Luiz Carlos dos Santos

Maria das Graças de Andrade Leal

Rudval Souza da Silva

Thiago Martins Caldas Prado

Suplentes

Aliger dos Santos Pereira

Gabriela Sousa Rêgo Pimentel

Maristela Casé Costa Cunha

Marluce Alves dos Santos

Mônica Beltrame

Reginaldo Conceição Cerqueira

Valquíria Claudete Machado Borba

Fabíola Moura Reis Santos
Juliana Ribeiro de Amorim Galdino

VOZES DO RIO

a história do rádio em Juazeiro e Petrolina

Salvador
EDUNEB
2018

© 2018 Autoras

Direitos para esta edição cedidos à Editora da Universidade do Estado da Bahia.
Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma
idêntica, resumida ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.
Depósito Legal na Biblioteca Nacional
Impresso no Brasil em 2018.

Coordenação Editorial

Fernanda de Jesus Cerqueira

Coordenação de Design

Sidney Silva

Revisão Textual e Normalização

Tikinet Edições Ltda

Diagramação e Capa

George Luís Cruz Silva

Revisão Textual de Prova

Maria Aparecida Porto

Revisão de Diagramação de Prova

George Luís Cruz Silva

Imagem da Capa

Arquivo particular das autoras e
[freeimages.com/John Hartley](http://freeimages.com/JohnHartley)

Ficha Catalográfica

Bibliotecária: Fernanda de Jesus Cerqueira – CRB 162-5

Santos, Fabíola Moura Reis

Vozes do rio: a história do rádio em Juazeiro e Petrolina/ Fabíola Moura Reis
Santos e Juliana Ribeiro de Amorim Galdino. – Salvador: EDUNEB, 2018.

132 p.: il.

ISBN: 978-85-7887-352-3

1. Rádio - Juazeiro. 2. Rádio - Petrolina. 3. Rádio – História em Petrolina e Juazeiro.
I. Galdino, Juliana Ribeiro de Amorim.

CDD: 384.5

Editora da Universidade do Estado da Bahia – EDUNEB

Rua Silveira Martins, 2555 – Cabula

41150-000 – Salvador – BA

editora@listas.uneb.br

portal.uneb.br



*O rádio começa de um sonho,
vira uma paixão, termina numa
eterna conquista.
(CÉSAR, 1996)*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser infalível e generoso em seus planos. Aos nossos filhos, Cecília, Miguel, Maria Eduarda e Maria Luísa, compreensivos e pacientes. Aos nossos maridos, Luís e Eduardo, sempre companheiros e atuantes nos nossos projetos. E aos nossos pais, sempre presentes nas nossas conquistas.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
O PAPEL DO RÁDIO NO FORTALECIMENTO DA CIDADANIA E DEMOCRACIA NO VALE DO SÃO FRANCISCO	15
UMA ONDA NO AR, DEMOCRÁTICA OU NÃO?	18
PERCURSO PARA O REGISTRO DA MEMÓRIA	24
RÁDIOS COMERCIAIS	29
RÁDIO JUAZEIRO, A PIONEIRA	32
EMISSORA RURAL: A VOZ DO SÃO FRANCISCO	37
RÁDIO GRANDE RIO AM, ONDAS MÉDIAS EM TODO O SERTÃO	44
RÁDIO CIDADE	46
RÁDIO SÃO FRANCISCO	49
RÁDIO FM: NOVAS ONDAS NO AR	50
RÁDIO TRANSRIO: A PRIMEIRA FM DA REGIÃO	52
TROPICAL FM, JORNALISMO EM FREQUÊNCIA MODULADA	56
RÁDIO GRANDE RIO FM, OUVIDA EM TODO O SERTÃO	59

COMUNITÁRIAS NO COMANDO DA NOTÍCIA	63
LIBERDADE FM: O POVO DO CAMPO NO AR	65
TABAJARA, A COMUNIDADE NAS ONDAS DO RÁDIO	67
PETROLINA FM: ATUANDO NO DIA A DIA DA CIDADE	70
AS VOZES DO RIO: TESTEMUNHOS DE UMA HISTÓRIA	75
CARLOS AUGUSTO: O PORTA-VOZ DO HOMEM SERTANEJO	77
INAH TORRES: COMUNICADORA SOCIAL	83
HERBERT MOUZE: A VOZ DOS GRAMADOS	87
MARTA LUZ: UMA VOZ PARA PENSAR	96
FRANCISCO FERNANDES: O ANIMADOR DE TODAS AS TARDES	101
WASHINGTON LUIZ: O REPÓRTER POLICIAL	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS	111
ANEXO	115
CRONOLOGIA DO RÁDIO	115
SOBRE AS AUTORAS	131

PREFÁCIO

Polifonia no ar: um trabalho além da sala de aula

Este trabalho, feito à quatro mãos, registra não somente uma parte da história das vizinhas cidades de Juazeiro e Petrolina, como a história das comunicações sociais, mais, especificamente do rádio, a mídia mais acessível de que dispomos, fundamental na formação e informação urbana. Sem dúvidas, nossas cidades, nossa região, ainda têm no rádio seu referencial mais forte como meio de comunicação.

Embora algumas vertentes de um trabalho desse tipo pudessem ser mais privilegiadas, *Vozes do Rio: a história do rádio em Juazeiro e Petrolina*, da autoria de Fabíola Moura R. Santos e Juliana R. A. Galdino, como livro-reportagem de um curso de especialização em Comunicação Social, escrito em 2005, apresenta, ao lado de informações históricas imprescindíveis sobre as rádios locais, saborosas entrevistas com algumas personalidades marcantes da locução san-franciscana. Acredito mesmo que essa seleção de entrevistados pudesse ser ampliada, pois, na história de cada um deles, temos a história de uma programação diversificada, de posicionamentos também diversificados frente à audiência e que refletem a sua ideologia, nessa interatividade possível entre audição e recepção pelo rádio.

O tratamento dado à linguagem, seja no programa sertanejo, seja no esportivo, seja na crônica social, ainda é um trabalho amador muitas vezes, mas, feito com prazer e dedicação. No entanto, é

preciso ter sempre em mente que há censuras nesses discursos e a democratização é relativa.

As autoras souberam entender esse aspecto, quando afirmam:

No Vale do São Francisco, essa situação se evidencia.

Na região, as emissoras de rádio comercial, em sua grande maioria, pertencem a políticos e empresários que utilizam suas concessões para promover interesses específicos. Assim, muitos conteúdos são manipulados, divulgando mensagens que beneficiam a linha partidária ou promovem os anunciantes da carteira da empresa.¹

Nesse sentido, é que a polifonia, tantas vozes em contraste, passado e presente em sua dinâmica, pode mostrar ao ouvinte como interagir e não ser um cidadão manipulável. Há opções que podem derrubar um discurso hegemônico, utilizado também em outras mídias. Sem falar especificamente das rádios comunitárias, de precário alcance, o ouvinte médio (haveria um alto e um baixo “ouvinte”?) pode encontrar nas ondas do rádio um fator de equilíbrio crítico e posicionamento que desafia a alienação.

Para os jovens profissionais que estão aí atuantes, como as autoras desse trabalho, fica a responsabilidade de compreensão desse processo e de suas opções. Para além do amadorismo, a consciência de que a linguagem radiofônica é um instrumento ideológico e que pode ser utilizado sob os mais diversos interesses e perspectivas.

Carlos Augusto, com sua experiência, na entrevista aqui apresentada, mostra isso claramente: “No rádio, o que a gente fala não

¹ Citação extraída desta obra, p. 18.

tem volta [...]. No microfone, o que você diz tem força e em rádio eu sou o que eu digo.”

Parabéns pelo trabalho e sigam em frente...continuamos à escuta...

Elisabet Gonçalves Moreira
Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP.
Professora aposentada da Universidade de Pernambuco(UPE) e
Instituto Federal do Sertão Pernambuco (IF Sertão).

O PAPEL DO RÁDIO NO FORTALECIMENTO DA CIDADANIA E DEMOCRACIA NO VALE DO SÃO FRANCISCO

Quando a gente liga o rádio, começa uma viagem pelo imaginário de cada um. É como sonhar acordado, conduzido pela voz que comanda o microfone. Uma espécie de “hipnose consciente” que nos faz construir imagens bem pessoais, fertilizadas pelo som do rádio.

A paixão proporcionada por esse veículo de comunicação de massa, considerado o mais popular e abrangente, contagia ouvintes e profissionais da área. Estudá-lo é também uma experiência única, um incentivo a divulgar e conquistar cada vez mais adeptos ao “clubê” dos amantes do rádio.

O veículo possibilita ao ouvinte se inteirar dos fatos no momento em que eles acontecem, tornando-se assim, um meio de comunicação de caráter imediato. O rádio pode ser levado a qualquer lugar e é de fácil acesso. Tem uma abordagem educativo-informativa, sendo seu principal objetivo comunicar para comunidades.

A relação de proximidade estabelecida com o ouvinte é sólida e duradoura, um vínculo que começou há muito tempo. Os historiadores do rádio têm entendimentos diferentes sobre o início do funcionamento desse meio de comunicação no Brasil. Alguns defendem que o marco inicial foi a transmissão oficial do discurso do presidente Epitácio Pessoa, no dia 7 de setembro de 1922, no Rio de

Janeiro, em comemoração ao centenário da Independência. Segundo Costella (2002), esse episódio foi um mero evento de uma feira de amostras. Terminada a exposição, encerraram-se as transmissões.

Todavia, as referências utilizadas nesse estudo provam que a Rádio Clube de Pernambuco, fundada em Recife por Oscar Moreira Pinto, foi a primeira a realizar uma transmissão radiofônica no país, no dia 6 de abril de 1919, com um transmissor importado da França.

Para outros, o surgimento do rádio se deu com a inauguração da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, primeira emissora brasileira, fundada em abril de 1923 por Edgard Roquette-Pinto e Henry Morize, com prefixo PRA-A (depois PRA-2), sediada na Academia Brasileira de Ciências.

A programação da Rádio Sociedade não obedecia a um organograma rígido, mas tinha sempre como grade inicial o *Jornal da Manhã*, apresentado pelo seu proprietário, Roquette-Pinto. As emissoras fundadas nessa década, tinham características semelhantes às da Sociedade.

As primeiras rádios, por serem financiadas por seus associados, eram sociedades ou clubs que tinham como objetivo difundir a cultura e promover a integração nacional. É por essa razão que a denominação das primeiras emissoras era sempre Rádio Sociedade: do Rio de Janeiro em 1923; de São Paulo em 1924; ou Rádio Clube: Pernambuco, Paraná, São Paulo [...]. Na década de 1920, o rádio era um meio de comunicação ligado às camadas altas da população devido ao estilo de sua programação: óperas, conferências e músicas clássicas que agradavam à elite, não atingindo as camadas populares. (MENEGUEL; OLIVEIRA, [21--?], p. 4-5).

Na década de 1930, quando surgiu o termo “radialista”, inventado por Nicolau Tuma, o Brasil possuía 29 emissoras, mas só no início dos anos 1950 surgiu a primeira emissora de rádio do Vale do São Francisco, a Rádio Juazeiro, transmitida em ondas médias.

Foi também na década de 1950 que o rádio vivenciou um momento difícil, uma vez que nascia um meio de comunicação até então revolucionário, transmitindo informações por meio de imagens e sons: a televisão.

Mas não era só por ser novidade na produção de informações e inovação tecnológica que a televisão incomodava, havia o preponderante fator econômico. Com o novo veículo veio a concorrência pelos recursos da publicidade, dos investimentos e da mão de obra especializada no que dizia respeito tanto à questão técnica quanto aos profissionais comunicadores.

A concorrência resultou no declínio do rádio nesse período, obrigando-o a uma reestruturação total.

Dentre os meios de comunicação, talvez o rádio seja o mais privilegiado em termos de potencialidades. Primeiro porque não necessita de que o ouvinte seja alfabetizado. Depois, por ser mais abrangente: a televisão não atinge áreas rurais por causa das deficiências de eletrificação [...] esta facilidade poderia fazer do rádio um instrumento de educação, o que até agora permanece como potencialidade. (CAPARELLI, 1986, p. 86-87).

Apesar do impacto, a televisão não substituiu todo o espaço conquistado pelo rádio nas décadas anteriores. Por suas características únicas e sua relação de interatividade com o ouvinte, o rádio sobreviveu e continua se reinventando.

UMA ONDA NO AR, DEMOCRÁTICA OU NÃO?

Nas palavras de León (2002), “[...] a democratização da comunicação é, antes de tudo, uma questão de cidadania e justiça social, que integra o direito humano à informação e à comunicação” mas no Brasil, ainda estamos longe de alcançar esse ideal, independentemente do tipo e do tamanho do veículo de comunicação. No Vale do São Francisco, essa situação se evidencia.

Na região, as emissoras de rádio comercial, em sua grande maioria, pertencem a políticos e empresários que utilizam suas concessões para promover interesses específicos. Assim, muitos conteúdos são manipulados, divulgando mensagens que beneficiam a linha partidária ou promovam os anunciantes da carteira da empresa.

Nessa mesma perspectiva, notícias que atinjam de forma negativa “os parceiros” da emissora são vedadas sumariamente, quando não são distorcidas de forma a minimizar seus efeitos. Mas é importante ressaltar que, mesmo em algumas rádios comerciais da região, esse quadro, aos poucos, vem sendo modificado.

Graças ao esclarecimento da população, motivado por meio de movimentos sociais e mídia alternativa, principalmente a internet, as emissoras de rádio não tiveram outra alternativa senão abrir mais espaço para a comunidade. Os programas jornalísticos ganharam mais tempo e a discussão dos problemas locais se tornou pauta diária. Nesses espaços, o morador do bairro da periferia reclama, por exemplo, da falta de saneamento e cobra providências da empresa responsável. A partir de discussões como essas, os comunicadores de rádio lançaram a proposta de uma comissão parlamentar de inquérito (CPI) para investigar os desvios de verba nas obras de saneamento da cidade de Juazeiro/BA, em julho de 2003. A CPI criada pela Câmara de Vereadores (a única realizada até a elaboração deste trabalho) não demorou a acontecer e movimentou a cidade durante vários meses.

As rádios comunitárias também vêm nadando contra a corrente da monopolização. Em alguns casos, são moradores das comunidades que fazem os programas e discutem temas de seu interesse. Essas emissoras sobrevivem com o apoio da própria população, se libertando da pressão comercial. O trabalho que elas desenvolvem é autodidata e quase artesanal, mas possibilitam resultados visíveis. As comunidades estão mais atentas e acompanham de perto os problemas locais. Conforme León (2002),

[...] cabe dizer que é consubstancial a vida democrática da mesma sociedade, cuja vitalidade depende de uma cidadania devidamente informada e deliberante para participar e responsabilizar-se na tomada de decisão dos assuntos públicos.

Com linguagem mais acessível, os comunicadores locais conseguem deixar a notícia compreensível, o que possibilita observar até uma mudança na autoestima da região. As rádios comunitárias talvez sejam as que mais contribuem para a democratização, considerando que o exercício democrático pressupõe que os cidadãos sejam bem-informados sobre as questões a serem decididas, seja diretamente ou por meio de seus representantes eleitos. Para García Canclini (1990, p. 50),

[...] os meios de comunicação substituíram partidos, sindicatos, intelectuais. A aparição súbita desses meios põe em evidência uma reestruturação geral das articulações entre o público e o privado que pode ser percebida também no novo ordenamento da vida urbana, no declínio das nações como entidades que comportam o social e na reorganização das funções dos atores políticos tradicionais.

Dessa forma, o rádio atua facilitando o exercício da democracia, por conseguinte, como fator de socialização e de formação do cidadão no exercício de sua cidadania, uma vez que funciona como espécie de plataforma na qual a população ouvinte encontra um canal direto de participação, expondo suas vontades e necessidades.

Marshall (1967 apud, Barbosa, 2010, p. 13) explica que o conceito de cidadania comporta dimensões civis, sociais e políticas de forma simultânea, um modelo também experimentado na rotina do rádio. O autor acrescenta,

[...] a Cidadania busca a inclusão dos excluídos e a reeducação dos já incluídos. Como parte de sua constante metamorfose, a Cidadania incorpora novas ideias e projetos de construção de uma sociedade melhor e mais humana. Hoje, no Brasil, ela ganha também a dimensão de sinônimo de comportamento social. O respeito às regras e às demais pessoas, às boas maneiras do indivíduo perante o corpo social, são considerados alicerces da cidadania. (BARBOSA, 2010, p. 77).

As características do rádio como meio de comunicação de massa o tornam especialmente adequado para a transmissão da informação, o que pode ser considerado como a sua função principal, uma vez que ele tem condições de transmiti-la com rapidez maior do que qualquer outro meio, até mesmo a internet.

Assim, torna-se parceiro na divulgação dos objetivos e na atuação dos movimentos populares, sejam eles de contestação estrutural ou mais específicos. Pela proximidade territorial com a realidade do cotidiano da comunidade, interage de forma quase que imediata com os acontecimentos e recebe o impacto direto das mudanças do

meio social em que está inserido. O contato é simultâneo entre a população, suas reivindicações e o meio radiofônico.

O rádio possui um caráter urgente, possibilitando que o ouvinte acompanhe os fatos no momento em que eles acontecem. Dispensa todo o aparato e a complexidade comuns nos demais meios, podendo ser levado a qualquer lugar. O acesso dos ouvintes é fácil e prático, sem a necessidade de grandes investimentos em aparelhos avançados. Segundo Ortriwano (1985, p. 81),

[...] o rádio livre dos fios e tomadas deixou de ser um meio de recepção coletiva e tornou-se individualizado. As pessoas podem receber suas mensagens sozinhas, em qualquer lugar que estejam.

Graças a essas características, o rádio possui uma importante função social, atua como agente de informação e formação do coletivo. Desde a sua criação, se firmou como um serviço de utilidade pública, exercendo uma comunicação que contribui com a história de diversas sociedades.

Entre os meios de comunicação de massa, o rádio é, sem dúvida, o mais popular e o de maior alcance público, não só no Brasil como em todo o mundo, constituindo-se muitas vezes no único a levar a informação e o entretenimento, para populações de vastas regiões que não têm acesso a outros meios, seja por motivos geográficos, econômicos ou culturais. (CÉSAR, 1990, p. 63).

É ainda uma plataforma atuante na prestação de serviços, com informações sobre empregos, produtos e utilidade pública, além de ajudar a desenvolver objetivos comuns e opções políticas, possibilitando

o debate social e expando temas e soluções práticas por meio do conteúdo jornalístico, por exemplo, sem esquecer de sua contribuição para a cultura e a produção intelectual.

Esse meio de comunicação é essencialmente popular, de fácil acesso e custo reduzido, que permite o contato do ouvinte com um mundo bem maior do que os impostos pelos limites físicos e econômicos. Nessa natureza democrática de acesso e na mobilidade que oferece, reside o potencial de um veículo de comunicação que, desde a sua invenção e disseminação, já teve dias de glória e de dificuldades, mas que se mantém atuante e continua tendo sua importância.

Nas cidades Petrolina/PE e Juazeiro/BA, o rádio se desenvolveu como fator de unidade em municípios com grandes áreas rurais e zonas urbanas de vida cultural, social e política intensa. Mas, mesmo com a sua importância, a produção radiofônica nessa região carece de trabalhos direcionados à sua história e às pessoas que o constroem, dia a dia, nas duas cidades. Por isso, esse veículo é o objeto principal deste livro-reportagem, que procura documentar a história das primeiras emissoras de rádio dessas cidades.

De acordo com levantamento feito pelas autoras desta obra em 2018, as cidades de Petrolina e Juazeiro têm, juntas, nove rádios comerciais e cinco comunitárias. Depois do jornal impresso, o rádio se estabeleceu como veículo de comunicação de maior alcance, com a missão de garantir que a informação chegasse à comunidade ribeirinha.

A Rádio Juazeiro AM, com 65 anos de fundação (em 2018) e até hoje no ar, foi a pioneira na região. Com uma potência que cativa ouvintes até em outros estados, foi a primeira a produzir uma programação totalmente local. Com programas de utilidade pública, variedades e esportivos, além de um jornalismo cada vez mais atuante, principalmente nos bairros periféricos, a Rádio Juazeiro abriu espaço para as associações de bairro, para movimentos de minoria,

ou seja, para que a população, de uma maneira geral, pudesse se manifestar.

Depois vieram as outras rádios de modulação em amplitude (AM do inglês *amplitude modulation*) com propostas semelhantes: informar e ser um canal aberto para a comunidade. A Emissora Rural, primeira AM de Petrolina, teve também participação importante nos movimentos sociais. Por ser uma rádio católica, acompanhou e divulgou, nas suas ondas, todo o desenvolvimento da Teologia da Libertação e dos Movimentos Eclesiais de Base, abrindo ainda espaço para a educação do homem do campo.

Mesmo com a chegada das rádios de modulação em frequência (FM, do inglês *frequency modulation*), apesar do seu perfil ainda mais comercial e segmentado, as rádios locais trouxeram um diferencial: incluíram na sua programação um espaço jornalístico regional, no qual a comunidade pode participar e expor suas demandas.

Recentemente, a região ganhou cinco rádios comunitárias que, apesar de estarem se adaptando ao mercado, representam uma grande conquista para a comunicação local. Nelas, a população pode participar de maneira efetiva na decisão do que será transmitido, do que interessa àquele grupo.

Na programação das rádios comunitárias, a universidade também tem espaço garantido. Um exemplo é a revista radiofônica *Eufonia*, um programa semanal produzido por estudantes do curso de Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), que está no ar há vários anos nas rádios comunitárias Liberdade e Vitória FM, em Juazeiro, e nas emissoras Curaçá FM, Orocó FM e Petrolina FM, localizadas nas cidades de mesmo nome, no Semiárido baiano e pernambucano. O programa também conquistou um horário em uma AM comercial, a Emissora Rural.

Difícilmente outro veículo de comunicação com o alcance e a força do rádio abriria tanto espaço para a produção local, para a

participação de pessoas de diferentes origens e perfis econômicos e para a divulgação do que acontece ao redor, o que fortalece ainda mais a contribuição desse poderoso veículo para o desenvolvimento dos contextos local, regional e nacional.

PERCURSO PARA O REGISTRO DA MEMÓRIA

Escrever sobre o rádio é fazer também o registro de um povo e conhecer sutilezas pela sua forma de se comunicar e enviar mensagens. Às vezes, com recados comuns, ou como diz Moreira (2004, p. 103), “[...] alguns bastante bizarros, quase caricaturais, mas expressivos do imaginário e de valores sociais e éticos preservados”. Registrar tudo isso é uma mistura de responsabilidade, prazer e aprendizado.

Foi em busca desse objetivo que *Vozes do rio* nasceu. Trata-se de um livro-reportagem elaborado a partir de entrevistas com profissionais do rádio, que gentilmente receberam as autoras e comparilharam suas memórias. Um trabalho jornalístico de investigação, apuração e escrita dessas histórias. Uma pesquisa que tem ainda a pretensão de ir além e inspirar novos estudos.

A escassa bibliografia sobre o veículo (principalmente no contexto regional) também motivou o estudo, que objetiva registrar a história do rádio em Juazeiro e Petrolina, cidades irmãs, unidas pelo rio São Francisco, antes que ela desapareça da memória dos ribeirinhos. Sendo assim, esta obra discorre sobre as emissoras pioneiras no Vale do São Francisco, visto que existe muito pouco registrado sobre essas rádios.

Ao mesmo tempo, o livro servirá de parâmetro e consulta para os estudantes do curso de Jornalismo em Multimeios da Uneb, em Juazeiro, e interessados que queiram aprofundar pesquisas no campo da radiofonia. Contribui também para demonstrar o estilo, o perfil e a atuação dos profissionais, além de registrar como o veículo vem evoluindo na região.

No decorrer da obra, será mostrado como este veículo de comunicação se desenvolveu na comunidade ribeirinha, partindo de uma abordagem geral, na qual se discute a relação mídia x sociedade, englobando sua importância para a democratização da informação até a questão regional, com a fundação das primeiras emissoras comerciais AM e FM, bem como o aparecimento das rádios comunitárias na região e os benefícios que essas trouxeram para os ouvintes, assuntos tratados na primeira parte do livro.

Personagens que ajudaram a construir essa história também estão nesta pesquisa. Locutores atuantes na evolução do rádio na região são figuras essenciais neste registro. Vozes das margens do rio São Francisco contando o dia a dia de um povo, por meio da comunicação nas ondas do rádio compõem a segunda parte deste livro.

Neste trabalho de pesquisa realizado em parceria, as autoras buscaram reconstruir não só a história das rádios, mas também a trajetória de locutores que ajudaram a percorrer esse caminho. Para tanto, investiram na memória dessas testemunhas e registraram relatos que não estão em nenhuma bibliografia até então.

Cada uma das autoras se responsabilizou por um número de rádios e locutores, diretores, gerentes e funcionários das emissoras. Os entrevistados foram ouvidos individualmente e questionados sobre a história das emissoras em que trabalharam, como começaram no rádio, em que profissionais se inspiraram, seu estilo de locução, que cuidados tinham com a voz, que é seu instrumento de trabalho, entre outras curiosidades. Além do registro baseado na memória oral, a pesquisa também foi elaborada com auxílio da bibliografia disponível e da internet.

Especificamente, a jornalista Fabíola Moura fez o levantamento das rádios Juazeiro, Tropical, Grande Rio FM, Petrolina FM e Liberdade FM, além de entrevistar os locutores Carlos Augusto, Inah Torres, Marta Luz e Herbert Mouze. Enquanto a outra autora jornalista, Juliana Amorim,

fez o levantamento das rádios Emissora Rural, Grande Rio AM, Rádio Cidade, Rádio São Francisco, Transrio e Rádio Comunitária Tabajara FM e as entrevistas com os locutores Francisco Fernandes e Washington Luís. Munidas dessas informações e com o complemento dos livros pesquisados, as autoras escreveram suas entrevistas, mas a dupla também elaborou o conteúdo que solidifica este trabalho: a importância do rádio como veículo de comunicação.

Também foram as jornalistas-pesquisadoras que registraram a maioria das fotos, acreditando que a imagem conta uma história. E, como se trata de um livro-reportagem de rádio, o registro de áudio não poderia faltar. As autoras solicitaram aos locutores entrevistados que escolhessem trechos de seus programas. Após edição, os arquivos foram gravados em CD-ROM, que ficou como registro sonoro extra do trabalho.

Dos esforços pioneiros de alguns profissionais na década de 1950 até o alto grau de competitividade e profissionalismo alcançados nos dias atuais, o rádio se firmou como fator de integração de uma região vocacionada, historicamente, para o progresso, seja econômico, político, cultural ou social. Isso permeia as páginas que se seguem.

Dessa forma, objetivou-se reconstruir a história das rádios de Juazeiro e Petrolina, assim como registrar o desenvolvimento da locução radiofônica na região por meio de alguns personagens dessa história, profissionais do rádio que contribuíram com a evolução do veículo desde a instalação da primeira emissora e que cresceram com ele. Também buscou-se analisar as características dos estilos de narração, situar o leitor no contexto histórico do rádio no âmbito mundial e apresentar os principais locutores e as características profissionais de cada um.

Vozes do rio é ainda uma tentativa de colaborar com a formação pedagógica de quem vive às margens do rio da integração nacional,

em especial os estudantes de Comunicação Social, principal inspiração e a quem este livro é dedicado.

Não é um texto difícil de ler. Ao contrário, pela natureza dinâmica e multifacetada do objeto abordado, pôde-se realizar um trabalho que busca pinçar, de forma direta e contextual, as características e peculiaridades da comunicação via rádio na referida região.

Espera-se que essa experiência possa contribuir para o enriquecimento pessoal e intelectual daqueles que se propuserem a “degustar” esta obra.

Cabe registrar que a concretização deste livro não seria possível sem os profissionais do rádio que ajudaram a contar essa história. Gratidão também à jornalista Sandra Mara de Oliveira Souza, guia das autoras nesse livro-reportagem, por sua contribuição imprescindível durante a pesquisa, que é resultado do trabalho de conclusão do curso de especialização em Ensino de Comunicação Social, realizado pela Uneb, *campus* III, em 2005.

Por fim, as autoras têm a imensa honra de apresentar a sua contribuição para essa história, que continua dinâmica e merece sempre ser revista com o carinho atento dos apaixonados.

RÁDIOS COMERCIAIS

Desde a primeira transmissão até a instituição do “reclame” pelo governo de Getúlio Vargas, o rádio brasileiro seguiu um percurso semelhante ao do veículo em outras partes do mundo. Começou com conteúdo educativo e virou comercial, inicialmente pelas ondas da AM e posteriormente também pelas FM.

Já no Vale do São Francisco, o rádio começou de forma comercial pelas AM Juazeiro, Emissora Rural, Grande Rio AM, Cidade e São Francisco, além das FM Transrio, Tropical e Grande Rio FM.

É justamente nas cidades de interior que as emissoras de rádio assumem um papel de destaque e ganham importância na rotina da população muito maior que em qualquer metrópole. No rádio, as pessoas se sentem à vontade para exercer a cidadania e exigir seus direitos. Quanto mais desassistida a comunidade, mais ela deposita no veículo toda a esperança em ter seus problemas resolvidos e direitos garantidos.

O rádio cumpre bem essa função, acaba sendo a ligação direta entre a população e o poder público, que mantém os ouvidos muito atentos para tudo que está sendo veiculado em cada estação. Na região do Vale do São Francisco, essa situação é verificada de forma marcante em Petrolina e Juazeiro. Com várias emissoras nos dois lados do rio, o veículo de comunicação tem forte presença na vida das duas cidades. Podemos ir além e afirmar que a atuação do rádio é determinante na vida desses municípios. Se um assunto foi discutido

no rádio, é certeza que será debatido nos gabinetes dos gestores e nas esquinas da cidade.

Foram as emissoras comerciais em amplitude modulada que chegaram primeiro para exercer esse papel na sociedade. Com a introdução do rádio à válvula (mais barato e acessível) e a autorização via legislação brasileira para que o veículo pudesse receber pagamento pela veiculação de publicidade, a partir de 1931, o rádio deixa de ser amador, com programação erudita e educativa, para se popularizar com programas voltados para lazer e diversão, oficialmente um produto que visa lucro. Logo

[...] os empresários começam a perceber que o rádio é muito mais eficiente para divulgar seus produtos do que os veículos impressos, inclusive devido ao grande número de analfabetos. (ORTRIWANO, 1985, p.16).

Era a época da Revolução de 1930, Getúlio Vargas estava à frente do país, e a indústria passava por um crescimento acelerado, de 200 estabelecimentos fabris em 1881 para 13.336 em 1920, 49.418 em 1940 e 89.086 em 1950 (COSTELLA, 2002). Nesse cenário, o rádio serviu para impulsionar o comércio e o consumo.

No Brasil, as emissoras tiveram de contribuir para a própria formação de mercado, pois aqui chegaram em um momento de transição. Passávamos do Brasil-rural para o Brasil-urbano. (COSTELLA, 2002, p.181).

Foi assim que o rádio se transformou e foi se profissionalizando cada vez mais, com programação no horário certo, investimentos estruturais e contratação de artistas e produtores de diversas áreas, como jornalistas, publicitários e dramaturgos.

Os programas de auditório, muito populares, eram o berço de novos ídolos, como Orlando Silva, Francisco Alves e Carmen Miranda. A linguagem radiofônica foi se estruturando de maneira cada vez mais coloquial, do programa de entretenimento ao noticiário jornalístico. (ORTRIWANO, 1985).

Essa proximidade com o público logo foi usada também politicamente. Getúlio Vargas, o presidente que autorizou os “reclames” no rádio, sentava na primeira fila dos programas de auditório e fazia questão de se aproximar dos artistas na tentativa de se beneficiar da popularidade do veículo enquanto centralizava fortemente o poder.

Por outro lado, as rádios paulistas serviam de porta-voz para exigir a deposição do presidente Vargas e a convocação de eleições para a formação de uma assembleia constituinte.

Durante a Revolução Constitucionalista, em 1932, a curiosidade pelas notícias de São Paulo elevou a audiência da Record em outros estados, inclusive no Rio de Janeiro, então capital federal. (COSTELLA, 2002, p.181).

A propaganda política, que começou nos anos 1930, foi sendo aprimorada. A Record,

[...] primeira líder em audiência, introduziu a programação política, ao trazer políticos aos seus microfones – para ‘palestras instrutivas’, como dizia o seu proprietário Paulo Machado de Carvalho. (ORTRIWANO, 1985, p. 17).

Já em 1940, o governo de Getúlio Vargas decidiu que a Rádio Nacional deveria ser um instrumento de afirmação e legitimação ideológica do Estado Novo tanto no âmbito cultural quanto no das relações sociais, econômicas e políticas.

O rádio atinge sua “Era de Ouro” na década de 1940, com as radionovelas, os radiojornais e a programação esportiva. Já em 1950, o veículo entra numa nova fase com a chegada da televisão ao Brasil. Foi nessa época que foi fundada a primeira emissora de rádio do Vale do São Francisco, a Rádio Juazeiro, que, ainda assim, reviveu todo o tempo áureo do veículo com seus programas de auditório e gincanas. As emissoras que surgiram a seguir em Petrolina também ignoraram o fim da era dourada e investiram em radiojornais de grande audiência, como o *Repórter somassa*.

Nessa região o rádio também foi utilizado como instrumento de educação e formação da população rural e, ainda hoje, é uma forte ferramenta de articulação política, tanto para promover a informação e a autonomia da população quanto para fortalecer grupos políticos de variadas legendas na disputa do poder. O sistema de concessão de canais de radiodifusão no Brasil favorece essa prática e ainda estamos longe de alcançar um modelo de comunicação democrático.

É nesse cenário que a radiofonia sanfranciscana surge, se consolida e continua mais forte do que nunca. E é essa história que contamos a seguir.

RÁDIO JUAZEIRO, A PIONEIRA

No ano do centenário da cidade de Juazeiro, em 1978, o historiador do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e do Instituto Genealógico da Bahia, João Fernandes da Cunha, lançou um dos primeiros livros que resgataram a memória do município. Na publicação *Memória histórica de Juazeiro*, o autor dedicou um capítulo à imprensa regional. A Rádio Juazeiro é a única emissora de rádio que aparece no estudo, confirmando o seu pioneirismo como a primeira da região.

Foto 1 - Fachada da Rádio Juazeiro em 2005



Fonte: Foto de Juliana Amorim (2005).

De acordo com Cunha (1978, p.144), a Rádio Juazeiro foi “[...] idealizada, construída e instalada por Joaquim Borges dos Santos e com o prefixo ZYN-21, potência de 250 *watts* - 1.250 quilociclos e ondas médias de 240 metros [...]”. O historiador registra, ainda, o dia 12 de julho de 1953 como a data de inauguração da rádio e faz uma referência à programação de então, com “[...] noticiários de qualidade, boa música e a palavra dos magníficos cronistas juazeirenses”. (CUNHA, 1978, p. 144).

Já Wilson Dias (1982) acrescenta o nome de Camerino Muniz como o comerciante que, ao lado de Joaquim Borges, adquiriu as cotas de aparelhagem da rádio de dois mercadores que possuíam um canal de radiodifusão. Adys Casalino e Floriano Pinto da França Ferreira tinham a outorga do Ministério dos Correios e Telégrafos, que funcionava no Rio de Janeiro, por meio da portaria nº 604, de 21 de junho de 1946, mas a autorização não foi repassada por eles aos

fundadores da rádio. Sem permissão para funcionar, a emissora foi desativada mais tarde e ficou fechada até 1959.

Em 1960, a aparelhagem da Rádio Juazeiro foi comprada pelo ex-prefeito da cidade, Américo Tanuri, e pelo jornalista Rômulo Athanásio, que logo depois revenderam os equipamentos a outro ex-prefeito: Joca de Souza Oliveira. A emissora funcionou algum tempo na rua da Apolo, no centro de Juazeiro, até ser vendida ao casal Osvaldo Benevides e Marta Luz, em 23 de março de 1970. Foi nesse período que a Rádio Juazeiro passou a funcionar na sua atual sede, na rua Aprígio Duarte Filho, sendo finalmente legalizada junto ao Ministério das Comunicações, mediante a portaria nº 1.309, de 26 de novembro de 1974, que renovava sua licença de funcionamento.

Vale salientar que a RÁDIO JUAZEIRO foi a primeira estação de rádio do Estado da Bahia a conseguir a renovação da licença. Em 3 de outubro de 1975, esta emissora ganha concorrência para a instalação de uma Estação em Onda Tropical de 5 KWs. Em 2 de fevereiro de 1977, ganha outra concorrência, agora para uma Estação de Frequência Modulada Stereo. Mais tarde ganha o Canal de VHF e FM para reportagens externas. Até então o único na região. E em 10 de junho de 1978, inaugurou seu Parque Irradiante com potente Transmissor de 10 KWs. (DIAS, 1982, p. 51).

Após a autorização para funcionar, a potência da emissora foi ampliada para 10 mil KW e seu alcance ultrapassou os limites do Vale do São Francisco, sendo ouvida desde Pirapora, em Minas Gerais, até a cidade alagoana de Penedo. A rádio recebia cartas até de ouvintes da África, que escutavam a emissora principalmente no período da noite, quando a potência do sinal se propaga bem mais fácil, sem a incidência de raios solares.

Em 1979 foi inaugurado o novo parque irradiante da emissora no bairro Alto da Aliança (onde ainda funciona) e seus novos transmissores, um de 10 KWZ e um reserva de 1 KWZ.

A Rádio Juazeiro começou a operar no fim da Época de Ouro do rádio e no surgimento de um novo veículo de comunicação no Brasil, a televisão. Uma época em que as emissoras nacionais tiveram que se adaptar a uma nova fase e buscar uma linguagem “mais econômica”. (ORTRIWANO, 1985, p. 21). As grandes e caras produções ao vivo e os famosos programas de auditório deram lugar a discos, fitas, noticiários e serviços de utilidade pública. As rádios se programaram para atender às “[...] necessidades regionais, principalmente ao nível de informação”. (ORTRIWANO, 1985, p. 21). É quando o radiojornalismo ganha um grande impulso.

Curioso observar que a primeira estação de rádio instalada na região começa a funcionar justamente no período em que o veículo passa pela sua pior crise no país. E, mesmo em tempos de adaptação nacional, a Rádio Juazeiro ignorou as mudanças e reviveu a fase áurea do veículo, com os programas de auditório realizados ao vivo na própria emissora.

Os calouros se apresentavam e concorriam a prêmios singelos, como caixas de chocolate. A professora aposentada da Uneb, Odomaria Bandeira não se contentou em ser apenas uma ouvinte, ela lembra dos tempos em que participava dos programas:

Eu me lembro da Rádio Juazeiro ali na Misericórdia, mais ou menos naquela parte próxima à Galeria Apolo. Cheguei a me apresentar lá, na cabine de locução, em um programa feito no Dia das Mães, como aluna do Ginásio Juazeiro. Os programas de auditório aconteceram anos antes, quando a rádio era em outro local. A rádio funcionou um tempo na rua d'Apolo e ali havia um auditório. Lembro de meus pais comentarem que, naquele auditório, João Gilberto cantara juntamente com Valter Souza e um outro cidadão daqui, formando um trio vocal e que

as pessoas não gostavam da voz do “Joãozinho”. (Odomaria Bandeira, 2005, informação verbal).

De acordo com relatos dos ouvintes daquele período “dourado” da Rádio Juazeiro, a audiência da emissora se explicava pela demora da chegada dos primeiros aparelhos de televisão à região. Além disso, a recepção do sinal de televisão (TV) se manteve precária durante duas décadas. O sinal era tão ruim que muitos moradores de Juazeiro fretaram vários veículos para assistir à Copa de 1970 na cidade de Senhor do Bonfim, privilegiada por sua localização geográfica e, por isso, com uma recepção melhor do sinal televisivo.

Foto 2 – Fachada da Rádio Juazeiro em 2018



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2018).

Como sua concessão não foi adquirida por influência política, a Rádio Juazeiro é “especial”, nas palavras da ex-gerente Margarida Benevides, que considera a emissora livre no exercício do radiojornalismo, um espaço democrático no qual todos têm liberdade para se expressar, desde que respeitem a Lei de Imprensa. Margarida compareceu à rádio a uma Câmara Municipal, já que ela “vai muito além de informar e tocar música; ela tem uma empatia especial por seu ouvinte”, conclui a ex-gerente da emissora, que em 2018 completou 36 anos de carreira como radialista e 35 à frente do programa *Quando nasce uma esperança*.

EMISSORA RURAL: A VOZ DO SÃO FRANCISCO

No final da década de 1950 e início dos anos 1960, o rádio estava passando por um momento crítico. O início da expansão de outros meios de comunicação, como a televisão, com sua linguagem totalmente diferente, provocou uma total reformulação na programação das emissoras. O antigo modelo de transmissão de programas de auditório foi, paulatinamente, substituído por uma programação mais eclética, que incluía esporte, jornalismo e uma variedade musical que melhor retratava as várias faces da sociedade.

Foto 3 – Fachada da Emissora Rural com estúdio panorâmico em 2005



Fonte: Foto de Juliana Amorim (2005).

Nesse contexto de transformação da comunicação via rádio, no dia 28 de outubro de 1962, foi inaugurada, pelo quarto bispo de Petrolina, dom Antônio Campelo de Aragão, a Fundação Emissora Rural, um veículo de comunicação da diocese do município, que nascia como instrumento de evangelização e de humanização. O primeiro programa veiculado foi o *Disk jockey rádio fã*, apresentado pelo radialista Carlos Augusto Amariz.

A emissora do Semiárido pernambucano passou por muitas dificuldades. Algumas delas aconteceram durante o período pós-Golpe Militar de 1964. Houve pressão por parte da nova ordem instalada

para que um programa implantado pela emissora, o Movimento de Educação de Base (MEB), que utilizava o método Paulo Freire de alfabetização, não tivesse continuidade.

O MEB foi fundado na região em 28 de outubro de 1962 por Dom Antônio Campelo de Aragão e por uma equipe de professores formada por Maria Dinalva Sá Medrado, Elenita Dias Ferreira, Anete Rolim, Zélia Marques de Souza, Raimunda Teixeira Coelho e João Rabelo. Professores e monitores espalhados por toda região ensinavam a população do interior a ler e escrever por meio das ondas médias do rádio.

Os professores passavam o conteúdo escolar pelas ondas da Emissora Rural. O programa era direcionado para o agricultor que, após um dia de trabalho, no horário das 18h às 19h, tinha a oportunidade de estudar pelo rádio. As salas de aula possuíam um quadro-negro e um aparelho de rádio, além de um monitor de cada localidade, que era treinado para acompanhar e tirar as dúvidas dos alunos. Os supervisores visitavam periodicamente as escolas para ver o desenvolvimento da classe.

Assim, a Emissora Rural serviu de “palco” para uma das escolas radiofônicas mais extensas do rádio. O programa atingia os municípios pernambucanos de Petrolina, Araripina, Serrita, Exu, Bodocó, Ouricuri, Ipubi, Afrânio, Santa Maria da Boa Vista, Casa Nova, Cabrobó e Orocó, com um alcance maior, comparativamente, ao estado de Sergipe.

O MEB era um movimento das dioceses e funcionava em quase todo o Brasil. Tinha sede nacional localizada no Rio de Janeiro e seu principal objetivo era alfabetizar pelas ondas do rádio. Em 1964, o MEB foi obrigado a encerrar as suas atividades por imposição das Forças Militares.

Foto 4 – Fachada da Emissora Rural antes da construção do estúdio panorâmico, posteriormente erguido no antigo estacionamento da rádio



Fonte: Acervo da Emissora Rural ([entre 1990 e 1992]).

Mas a Emissora Rural também teve seus dias de glória com os programas de auditório. A professora Odomaria Bandeira lembra do tempo em que participava das competições na rádio de Petrolina e na rádio Juazeiro:

Do auditório da Emissora Rural eu me lembro mais, porque até cheguei a participar de uns dois programas que aconteciam aos domingos pela manhã (por volta das dez horas). Eram apresentados por Franklin Delano. Eu cantei em um deles “Quem te viu, quem te vê”, de Chico Buarque, e ganhei, pelos aplausos da plateia presente, um prêmio: uma caixa de sidra e de biscoitos Somassa. Em outro dia participei do mesmo programa com uma outra música e ganhei de novo. Isto no final da década de sessenta, quando eu fazia na mesma emissora a apresentação de um programa “jovem” da diocese de Juazeiro, que

terminava no horário em que ia começar o programa de auditório. (Odomaria Bandeira, 2005, informação verbal).

A professora conta ainda que na mesma década chegou a concorrer para a função de locutora de um programa diário naquela rádio, da Companhia de Navegação do São Francisco (Franave). O concurso foi feito por meio de testes de locução com as pretendentes no ar, durante o próprio programa. O ouvinte motivado fez sua escolha por inúmeras cartas.

[...] as finalistas (eu e Genideth) disputaram frente a frente, perante uma plateia “seleta” (as torcidas) que lotou as dependências da rádio no dia marcado para o programa de auditório que definiria a vencedora, ao vivo e diretamente. Genideth ganhou e tornou-se a locutora, ficando na Emissora Rural muito além do período do programa para o qual concorrera comigo. (Odomaria Bandeira, 2005, informação verbal).

A Emissora Rural foi a única rádio de Pernambuco a transmitir em duas faixas: onda média e onda tropical. Também foi a única da região sanfranciscana a ter a concessão para transmissão em onda tropical, aquela que opera na faixa compreendida entre 2.300 e 5.600kHz.

Segundo a Associação das Empresas de Radiodifusão de Pernambuco (Asserpe) (1992), esse sistema não opera nos estados do Sul por ser destinado às regiões tropicais, pois com médias potências, é possível se obter grandes áreas de cobertura, somente utilizadas acima do trópico de Capricórnio e abaixo do trópico de Câncer.

Já as emissoras de onda média são as que estão compreendidas no *dial* entre as frequências de 535 e 1.605kHz. A Asserpe esclarece ainda que, durante o dia, as ondas se propagam por terra e, à noite, a propagação é feita tanto por terra quanto pela camada ionosférica, aumentando o seu alcance. É por isso que à noite a

maioria das emissoras baixa suas potências para evitar interferências em emissoras cocanais.

A Emissora Rural opera no prefixo ZYI 780, na onda média, com a frequência AM 730kHz e 10 mil *watts* de potência e no prefixo ZYG 525, na onda tropical, com a frequência AM 4.945kHz e mil *watts* de potência. Graças a essa característica, a rádio já recebeu correspondências da Europa Central, da América do Norte e da Ásia.

A emissora foi administrada durante oito anos por dom Campelo de Aragão e, em seguida, por dom Gerardo de Andrade Ponte. Logo depois, quem assumiu a direção foi o ex-bispo de Petrolina, dom Frei Paulo Cardoso, que criou o *slogan* “A rádio que anuncia Jesus – uma nova rádio para um novo milênio”. Na Foto aparecem o técnico Antônio Avelar na mesa de áudio e Isve Cavalcante e Franklin Delano na locução.

Foto 5 – Primeiro estúdio da Emissora Rural em 1974



Fonte: Acervo da Emissora Rural (1974).

Hoje, a Emissora Rural é totalmente informatizada. Opera com o sistema de áudio digital computadorizado e possui um estúdio panorâmico, do qual é gerada a programação ao vivo. Além disso, a emissora dispõe de um estúdio no qual são feitas as gravações comerciais, programas e produções artísticas. No momento desta pesquisa, o administrador era o padre Bianchi Xavier.

A grade de programação é bastante diversificada, com jornalismo, programas regionais, musicais, esportivos, além do plantão de notícias via satélite com a Rede Católica de Rádio de São Paulo. Mas, apesar dos avanços, a rádio preserva um acervo fotográfico e de objetos que relembram momentos históricos, como a homenagem da Emissora Rural a Luiz Gonzaga no Cine Massangano, em 1975, no dia em que o Rei do Baião ganhou o título de cidadão petrolinense.

Foto 6 - Homenagem da Emissora Rural a Luiz Gonzaga no Cine Massangano, em 1975



Fonte: Acervo da Emissora Rural (1975).

Em 2018, com 56 anos de fundação, a Emissora Rural se prepara para migrar para a FM, ação regulamentada pelo Governo Federal por meio do Decreto nº 8.139, de 7 de novembro de 2013, e criticada pela Federação dos Radialistas (Fitert), que defende a digitalização de todos os sistemas existentes no país: rádio AM, FM, ondas médias e ondas tropicais. A federação acredita que é por meio da AM que as informações chegam aos locais mais longínquos do Brasil.

Polêmica ou não, a Emissora Rural segue investindo na migração. Já realizou toda a troca dos equipamentos para estéreo e saiu dos anteriores 10 KW da AM para uma potência de 30 KW, inaugurando o que virá a ser uma nova fase na radiofonia sanfranciscana.

RÁDIO GRANDE RIO AM, ONDAS MÉDIAS EM TODO O SERTÃO

A rádio Grande Rio AM foi fundada em 14 de fevereiro de 1981, no auge da expansão do rádio na história do país.

Para o rádio brasileiro os anos 80 representaram uma etapa de sedimentação do modelo americano de música e promoções para os ouvintes, assumido pela grande maioria das FMs nacionais. (AMORIM; CAMARGO, 2010)

Nesse período, a Grande Rio era dirigida pelo empresário Geraldo de Souza Coelho e gerenciada pelo jornalista Carlos Augusto Amariz, primeiro radialista a entrar no ar quando a emissora ainda estava em fase experimental, seis meses antes da inauguração.

Foto 7 – Fachada da Grande Rio AM em 2005



Fonte: Foto de Juliana Amorim (2005).

A Grande Rio AM é um veículo de comunicação com grande audiência no sertão pernambucano. A programação é baseada em jornalismo e informação, além de programas direcionados para o sertanejo nordestino.

Com um transmissor de 12 mil *watts* de potência, a Grande Rio AM opera na frequência 680MHz e conta com audiência em diversas partes do Nordeste. Segundo Francisco Fernandes, seu atual gerente, ela é ouvida em vários municípios de Pernambuco, Piauí, Paraíba, Bahia, Ceará e Sergipe, audiência comprovada mediante a participação dos ouvintes na programação da emissora. No estado de Pernambuco, o alcance é para todo o Sertão do São Francisco, Sertão Central e Sertão do Araripe.

RÁDIO CIDADE

No dia 4 de dezembro de 1989, o empresário Flávio Silva conseguiu a concessão pública da Rádio Rio Vale AM, hoje conhecida como Rádio Cidade. A Rádio Rio Vale era a “irmã gêmea” da Vale FM. Surgiu após sete anos de fundação da Vale FM, com o intuito de criar uma emissora com uma programação própria de rádio AM. A rádio operou em fase experimental até outubro de 1990, quando então passou a funcionar como rádio comercial.

Foto 8 – Fachada da Rádio Cidade quando funcionava no centro de Juazeiro em 2005



Fonte: Foto de Juliana Amorim (2005).

Com a criação da Rio Vale AM, os profissionais da FM foram divididos entre a Vale FM e a nova rádio. O fato de serem parte de um mesmo grupo empresarial e utilizarem os profissionais da FM pela nova emissora, inicialmente, confundiu a grade de programação das duas rádios. Com o tempo, a Vale FM e a Rio Vale AM assumiram respectivamente as identidades de rádio FM e AM.

Logo que foi inaugurada, a emissora tinha sede na rua José Petitinga. Em 1996, se instalou na Praça da Bandeira com o nome Rádio da Cidade, local onde ficou até o ano de 2000, quando passou a funcionar na rua Floriano Peixoto, ocasião em que alterou sua denominação para Rádio Cidade. Segundo Nilson Ferreira, então gerente de programação, todas essas mudanças sempre buscaram dar à emissora uma identidade própria, que caracterizasse e fortalecesse a ligação com a comunidade sanfranciscana. O nome “Rádio Cidade” foi escolhido com o propósito de estabelecer um vínculo com os diversos grupos locais que recebem o sinal da rádio.

Foto 9 – Atual estúdio da Rádio Cidade



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2018).

Foto 10 – Transmissão ao vivo para a internet



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2018).

Jornalismo, música e entretenimento integram a linha básica adotada pela Rádio Cidade, tendo uma programação bastante diversificada para o público de todas as idades. A emissora opera na frequência AM 870kHz, prefixo ZYH-499 e começou com 5 KW de potência, mas atualmente está com 10 KW. A Cidade também opera no sistema de rede com a Boa Nova de Rádio de São Paulo, retransmitindo uma programação espírita das 20h às 6h da manhã. De segunda a sexta também era retransmitido o jornal *Nova era*, das 12h às 13h, mas esse horário agora é ocupado pelo *Jornal da cidade*, apresentado pelo radialista José Geraldo.

Desde 2001, a Rádio Cidade funciona 24 horas e os conteúdos também podem ser conferidos ao vivo pela internet. Em 2008, a emissora mudou a sede para o bairro Piranga e conta atualmente com dois estúdios, site e aplicativo próprios. A programação investe no jornalismo, com quatro programas diários e mais dois esportivos, o *Giro Esportivo* (13h às 14h) e o *Panorama esportivo* (17h às 18h). Em 2017, um novo programa estreou na emissora, o *Saber*

educar, que divulga projetos e iniciativas inovadoras das escolas da região. O programa é transmitido de segunda a sexta, das 6h às 7h.

RÁDIO SÃO FRANCISCO

No dia 15 de julho de 1986 entrava no ar mais uma rádio AM na região, era a Rádio Independência, que depois mudou de nome para Rádio São Francisco. A concessão da emissora foi dada a Etelvir Dantas, um empresário da região, que a vendeu para o também empresário John Khoury.

Foto 11 – Sede da Rádio São Francisco em 2005



Fonte: Foto de Juliana Amorim (2005).

Na fundação da emissora, o nome era Rádio Independência, depois foi modificado para Nova Ind por uma questão de fonética.

No dia 4 de outubro de 2001, a rádio foi rebatizada para Rádio São Francisco em homenagem aos 500 anos do rio São Francisco.

A primeira transmissão foi apresentada ao vivo em um estúdio que possuía apenas uma mesa de som e um transmissor de 5 KW. No entanto, só era utilizado meio KW de potência, o equivalente a um raio de 100 km. *“No início foram muitas dificuldades. O toca-discos era improvisado. Nós levamos uma radiola de casa e alguns discos”*, salientou o radialista Herbert Mouze (2005, informação verbal). Logo depois, foi adquirido um toca-discos profissional para resolver esse problema. Em 2005, a rádio possuía um quadro com 15 funcionários e tinha departamento de esporte, de jornalismo, técnico e comercial.

A emissora funcionou por algum tempo em Água Bela, bairro periférico de Juazeiro. A grade de programação era bastante popular, composta de notícias e músicas. Herbert Mouze apresentava um programa infantil ao ar livre com a comunicadora Sibelle Fonseca, nas proximidades da rádio. O programa era apresentado todos os domingos pela manhã, das 9h às 10:30min, e o público-alvo eram as crianças de bairros periféricos, que participavam de gincanas e brincadeiras.

A rádio já funcionou no Água Bela, na orla de Juazeiro, no Shopping Águas Center e, em 2005, se encontrava no Mercado Popular de Juazeiro. Atualmente, encontra-se fora do ar, pois está em processo de venda para outro proprietário.

RÁDIO FM: NOVAS ONDAS NO AR

As rádios com transmissão FM surgiram no país na década de 1960. Inicialmente, as transmissões eram direcionadas a determinados públicos, a ouvintes específicos. O sinal era transmitido no sistema denominado *broadcasting*, com programação musical sem intervalos comerciais e buscando atender, sua clientela da forma

mais personalizada possível. O grande diferencial desse formato era a recepção em som estéreo, com maior pureza e qualidade.

A partir da década de 1970, a recepção, que era feita por receptores estéreos, localizados em lojas, escritórios e, consultórios, entre outros, e por canais fechados, passou a ser disponibilizada em canais abertos. Foi quando as emissoras FM tiveram grande popularização.

A pioneira a operar somente em FM no Brasil foi a Rádio Difusora de São Paulo,

[...] mas há os que contestam a primazia da Difusora nesse setor, uma vez que a Rádio Eldorado de São Paulo, quando foi fundada, em 1958, transmitia em ondas médias e por questão de prestígio usava também a FM para transmitir só música, fora da faixa comercial. (ORTRIWANO, 1985, p. 23).

Ainda na década de 1970, a tendência à especialização da audiência era maior, “[...] as grandes emissoras tentam ganhar os diversos segmentos de público, mantendo programas que atinjam diferentes faixas, em diferentes horários”. (ORTRIWANO, 1985, p.24). As agências de produção radiofônica também surgiram nesse período, produzindo programas com artistas famosos e assuntos do momento para serem vendidos a pequenas emissoras.

A primeira FM da região foi a Rádio Transrio, em Juazeiro, que por um tempo usou a marca Transamérica FM. Já a Rede Transamérica foi a primeira rede nacional de rádio FM, que chegou a atingir os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Paraná, Bahia, Minas Gerais, Sergipe, Pará, Santa Catarina, Maranhão, Paraíba, Mato Grosso e Distrito Federal. A programação era dividida em produções nacionais em rede e programas locais, elaborados por cada emissora, como aconteceu com a Transrio.

Uma das dificuldades da programação em rede é a descontextualização com a realidade local, homogeneizando os conteúdos e deixando o ouvinte cada vez mais distante do que acontece ao seu redor. Uma das grandes vantagens do rádio é justamente a proximidade com o público e a possibilidade de produzir uma programação totalmente local, que perde espaço com a produção em rede.

Perdem também os profissionais do veículo, que vão encontrar um mercado cada vez mais restrito para atuar. Na região, a produção em rede é uma realidade em determinados horários de várias emissoras, que preferem comprar a programação pronta, empacotada de outros contextos, em vez de investir na produção de conteúdos locais, que atendam à necessidade da audiência e prestem serviço à sociedade.

Dando continuidade a este trabalho, registramos a seguir como foi a chegada das rádios de frequência modulada no Vale do São Francisco.

RÁDIO TRANSRIO: A PRIMEIRA FM DA REGIÃO

Há 37 anos, entrou no ar, com a frequência 99,9MHz, a primeira rádio FM de Juazeiro e do Vale do São Francisco, a Rádio Transrio, afiliada à Rede Transamérica de Rádio, de São Paulo. No dia 14 de março de 1981, a região passou a contar com uma emissora cuja programação era musical, sem comerciais e que tinha todos os equipamentos importados dos Estados Unidos.

Foto 12 – Fachada da Rádio Transrio em 2018



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2018).

No começo, a rádio fazia o uso de fitas e ficava no ar das seis da manhã à meia noite. Antes da inauguração, no período de setembro de 1980 a março de 1981, a emissora funcionou em fase experimental.

O sistema da rádio Transrio era todo automatizado, com quatro gravadores reprodutores de fitas de rolo da marca Scully, além de reprodutor de áudio operado por quatro funcionárias, que se encarregavam de trocar as fitas. “A rádio optou por contratar mulheres para operar o sistema, por achar que elas seriam mais atentas e cuidadosas”, salientou Bráulio Pereira Leite Filho (2005, informação verbal), técnico da rádio desde a sua inauguração.

Durante os primeiros sete anos de existência, a Rádio Transrio funcionou com a programação gravada vinda de São Paulo, inicialmente, da Transamérica Produções. Depois, de 1985 a 1988, optou-se pela *Broadcasting*, outra produtora de programação gravada para emissoras de rádio de todo país. Essa segunda empresa tinha uma produção mais dinâmica, já que a locução era gravada e depois inserida durante, no começo ou no fim de três músicas seguidas, diferentemente da Transamérica, que gravava a locução no final de cada música, de forma que ficava perceptível que a programação não era ao vivo.

Detalhando a primeira fase da emissora, de 1981 a 1985, a produção dos programas era toda preparada pela Transamérica Produções e enviada por via aérea para Juazeiro. Os locutores gravavam até a hora certa. Alguns comerciais também eram gravados em São Paulo, outros pelo proprietário Osvaldo Benevides. Os programas gravados eram formatados para durarem 15 dias. “Se não chegasse outro programa após esses 15 dias, nós invertíamos os horários de reprodução das fitas para que ninguém notasse que a programação era repetida”, comentou Bráulio Pereira (2005, informação verbal).

Em 1997 a emissora se afiliou à rede Transamérica, com programação ao vivo via satélite e algumas horas de produção local também. Foi quando a Transrio mudou o nome para Transamérica Pop, com uma programação bastante diversificada.

Foto 13 – Fachada no período da Rádio Transamérica em 2005



Fonte: Foto de Juliana Amorim (2005).

Até então, a Transamérica só tocava música no estilo pop/rock, mas os ouvintes da cidade gostavam de músicas de outros gêneros, e a emissora inseriu horas locais mais populares. Aos poucos, a rádio foi aumentando as horas locais e, no começo de 1988, começou a transmitir uma programação ao vivo da cidade.

Em meados dos anos 1990, as rádios que faziam programação gravada passaram a ser ao vivo (com treinamento de locutores) pela necessidade de interagir com a cidade, algo que a concorrência já fazia. Isso motivou todas as emissoras afiliadas a fazerem o mesmo, cada uma transmitindo a sua própria programação local. No entanto, a Transrio FM já tinha começado desde 1988 a sua programação local ao vivo.

Por volta de 2005, entraram três opções da programação via satélite da Rede Transamérica, que diversificavam o estilo musical: o *hits* (música popular), o pop (pop-rock) e o *light* (músicas mais suaves). A primeira FM de Juazeiro optou por testar o formato de *hits*, por ser mais popular e ter mais horas locais.

Desde 1985, a Transrio/Transamérica já operava com um transmissor de 10 KW e alcançava um raio de 130 km em direção à Bahia e até 250-km em direção a Pernambuco, já que as antenas estavam voltadas para esse estado.

Por volta de 2014, a emissora saiu da Rede Transamérica por necessidade de veicular mais horas locais e voltou a se chamar Transrio.

TROPICAL FM, JORNALISMO EM FREQUÊNCIA MODULADA

A Tropical nasceu com o nome Vale FM em 1987. O comerciante Flávio Silva ganhou a concessão da segunda FM da região e resolveu criar a primeira emissora de frequência modulada com a programação totalmente local.

Foto 14 – Estúdio da Tropical FM em 2005



Fonte: Foto de Flávio Ciro (2005).

Foto 15 – Estúdio da Tropical FM em 2005



Fonte: Foto de Flávio Ciro (2005).

A rádio começou com uma programação popular e variada. Dez anos depois de sua fundação, em 1997, a emissora se filiou à Rede Somzoom Sat, sediada em Fortaleza. Essa inovação surgiu no Brasil nos anos 1970, com as agências de produção radiofônica, que vendiam gravações para emissoras de menor porte. Até 1999, a programação noturna da Vale FM, aos sábados à tarde e aos domingos, era transmitida via satélite da capital do Ceará.

A emissora mudou de nome quando se filiou à rede Tropical Sat e passou a transmitir doze horas de programação local. Foi quando se fez um grande investimento em equipamentos digitais, como um processador OMNIA, um dos três únicos da Bahia até então, responsável pelo tratamento do som e até da correção de erros em músicas; um *link* RVR italiano, para captar o sinal do transmissor; além de equipamentos reserva para todos os que estavam em funcionamento na rádio.

A rádio implantou ainda o Attendance, um sistema de atendimento ao ouvinte. A emissora funciona com 10 KW-Classe A e tem um raio de 100km de alcance.

A Tropical resolveu ousar ainda mais quando alternou a programação musical, característica da FM, com o jornalismo. O projeto começou com a produção de sete boletins diários e a intenção de melhorar o conteúdo informativo com a qualificação dos profissionais. Em 2018, a emissora tinha a participação do jornalismo de hora em hora, além de um radiojornal ao meio-dia (o *Tropical Notícias*) e uma revista radiofônica das 18h às 19h, o *Ligação Direta*.

A programação também ganhou dois novos programas, o *Gestão em Negócios*, de 12:20min às 13h, e o *Revista Tropical*, das 13h às 14h. Conectada com as possibilidades que a digitalização proporcionou, a emissora tem um aplicativo da rádio e toda sua programação está disponível ao vivo pelo seu site. Se não for possível ouvir ao vivo, há opção de conferir os *podcasts* dos programas jornalísticos.

A Tropical também foi a primeira da região a abrir espaço para as produções universitárias (em 2006) e exibiu por cerca de cinco anos o programa *Eufonia*, produzido por estudantes do curso de Jornalismo em Multimeios da Uneb.

RÁDIO GRANDE RIO FM, OUVIDA EM TODO O SERTÃO

A rádio Grande Rio FM é integrante do Sistema Grande Rio de Comunicação, ao lado da TV Grande Rio, de Petrolina, rádio Boa Vista FM, de Santa Maria da Boa Vista (PE), rádio Grande Serra, de Araripina (PE), e rádio Voluntários da Pátria FM, de Ouricuri (PE). A emissora foi inaugurada em 17 de fevereiro de 1989.

Foto 16 – Estúdio da rádio Grande Rio FM em 2005



Fonte: Acervo da emissora (2005).

Com 10 KW de potência, frequência 100,7MHz, prefixo ZYD-265 e uma programação musical eclética, a rádio, que tem uma grande cobertura, abrange a maior parte do sertão de Pernambuco, tendo ainda penetração em cidades de estados vizinhos, de acordo com Valéria de Souza, gerente da rádio em 2005.

Nesse mesmo período, a Grande Rio FM dispunha de um estúdio, de uma gravadora e de uma programação local, com a participação constante dos ouvintes. Em alguns programas, havia interação simultânea de dois ouvintes com o locutor, os quais ajudavam a elaborar a seleção musical.

A programação da emissora era dividida em vários estilos musicais, como música popular brasileira (MPB), temas românticos nacionais e internacionais e forró, tendo ainda um programa especial dedicado ao Rei Roberto Carlos, com músicas do cantor e compositor.

O jornalismo também faz parte da programação da rádio, que inaugurou esse tipo de produção em frequência modulada na cidade “[...] *com a proposta de se implantar um jornalismo de rádio FM sério, dinâmico e atuante, trazendo notícias locais e nacionais dos mais diversos assuntos e temas*”, afirma Daniel Campos (2005, informação verbal), então apresentador, produtor e editor geral da programação jornalística. Além das notícias nacionais, as pautas ligadas à comunidade local também são abordadas pela equipe da rádio.

Foto 17 – Estúdio da Grande Rio FM em 2018



Fonte: Acervo da Grande Rio FM (2018).

Em 2018, a Grande Rio FM completou 28 anos com uma programação 24 horas no ar. Entre os destaques estão o programa jornalístico premiado *Nossa Voz*, veiculado de 7h a 8:30min, e o programa esportivo *Nossa Voz Esporte*, de 13h a 14h, além de boletins de notícias de hora em hora. Alguns desses programas são transmitidos em cadeia via satélite para as outras três emissoras de rádio do sistema Grande Rio.

Na pesquisa mais recente encomendada pela própria emissora, a Grande Rio FM tinha mais de 50% de audiência na região, o que reflete a forte atuação da rádio na realização de promoções em datas festivas e de uma programação interativa, com a estreia de novos formatos, como o programa *Perfil*, que, entre outras coisas, promove entrevistas e divulgação de eventos.

De acordo com a diretora das rádios do Sistema Grande Rio, Ana Amélia Coelho Lemos (2018, informação verbal), a missão da emissora é proporcionar o crescimento regional:

[...] divulgar arte, cultura, fazer parte do dia a dia, informando, impulsionando a nossa economia, questionando e debatendo, alegrando nossos ouvintes, é um desafio diário, que requer pessoas comprometidas.

A emissora também está ao vivo na internet e no aplicativo da Grande Rio FM. Tem ainda perfil nas redes sociais *Twitter*, *Facebook* e *Instagram*.

COMUNITÁRIAS NO COMANDO DA NOTÍCIA

A rádio comunitária se insere no Brasil como meio de democratização das relações de comunicação, de forma restrita, pelas próprias características técnicas, mas com a vantagem de expressar a identidade de determinada comunidade e com a circulação de informações de forma menos vinculada a interesses escusos, hegemônicos na sociedade e, às vezes, prejudiciais às peculiaridades do indivíduo daquela área. De acordo com o estudioso em comunicação Costella (2002, p. 188),

[...] admite-se, hoje em dia, que o rádio poderá desdobrar-se ainda em novas formas de serviços, principalmente tendo em vista o interesse social. Com esse sentido foram imaginadas as rádios comunitárias, isto é, emissoras para prestar serviços de utilidade pública no âmbito de uma comunidade. Controladas por associações ou fundações sem fins lucrativos, dotadas de baixa potência (25w), para transmitir em FM (frequência modulada) e limitadas à área geográfica de um bairro, elas já são previstas no Brasil, por lei, desde 1998.

A facilidade de movimento propiciado pelo aparelho de rádio se alia à resposta imediata às necessidades do sujeito local, favorecida pelo rádio. A emissora comunitária, ainda mais, pois é feita por

pessoas da localidade, em uma área geográfica específica, geralmente integrantes de comunidades e engajadas em movimentos reivindicatórios, que trabalham os problemas e anseio locais.

Além disso, as rádios comunitárias se caracterizam tecnicamente por terem um alcance limitado, com potência de transmissão de até 25 *watts* a partir de sua antena transmissora e frequência modulada, e pela simplicidade da técnica. Conforme explicação de Harari (1997, p. 20),

[...] um dos fatores que mais caracterizam as transmissões em FM (frequência modulada) de baixa potência, vem a ser justamente a simplicidade técnica tanto para montagem quanto para a operação e manipulação dos equipamentos. O dial de FM é justamente a faixa de frequências onde encontra-se apta a operação em frequência modulada. Nos rádios analógicos é aquela faixa cheia de números que contém a marcação da emissora que vai de 88 a 108 MHz.

O rádio se tornou um meio de socialização da comunicação, não só de popularização da informação. Se o veículo, na sua forma comercial, consegue ser o meio de comunicação mais próximo à comunidade (já que a maioria das emissoras tende a focar na regionalização), quando ganha o aspecto comunitário, desvinculado da necessidade de gerar lucro, é que realmente se torna o meio de comunicação mais fiel à comunidade que retrata.

No Brasil, o fenômeno das rádios livres começou a ganhar impulso nos anos 1980, principalmente (de acordo com estudiosos) a partir da divulgação pela imprensa da proliferação de “rádios piratas” na cidade paulista de Sorocaba. Informações dão conta que lá

chegaram a existir, em operação, 42 emissoras clandestinas de FM durante o verão de 1982. Para Ortriwano (1985, p.34),

[...] o ponto mais importante para os animadores das rádios livres populares é aquele que permite ao conjunto dos meios técnicos e humanos estabelecer um verdadeiro sistema de feedback entre os ouvintes e a equipe que o realiza. E são diversos os tipos de problemas a serem enfrentados. De um lado existe a questão da liquidação do monopólio, como condição inicial para o desenvolvimento das rádios livres e do outro a questão muito mais ampla do controle da publicidade comercial.

No Vale do São Francisco, esse fenômeno também é observado e está em plena expansão. As rádios comunitárias chegaram para ampliar a participação da população na sociedade. Um espaço ainda mais democrático para as pessoas colocarem suas reivindicações e anseios, para se sentirem em casa e também para fazer comunicação.

LIBERDADE FM: O POVO DO CAMPO NO AR

Na localidade de Campos, antigo distrito de Itamotinga, atual distrito de Maniçoba, a 34 km de Juazeiro, nasceu a Associação Comunitária Liberdade FM. Foram quase cinco anos desde a fundação da associação, em 16 de novembro de 1997, até o licenciamento, em 27 de setembro de 2002, e o dia em que a rádio foi finalmente ao ar, em 22 de outubro de 2002.

Formada por pessoas da própria comunidade, toda a programação da emissora é elaborada e exibida por voluntários. São mais de vinte programas, todos ao vivo, que vão ao ar das seis da manhã às dez da noite. De acordo com Machado, Magri e Masagão (1986, p. 21),

[...] rádios e televisões livres constituem a melhor resposta de uma sociedade democrática aos conglomerados e monopólios, bem como ao seu poder de concentração e comando. Elas se dirigem a segmentos específicos da população, oferecendo transmissões diferenciadas, voltadas às aspirações de cada estrato social, de cada comunidade ou de cada grupo cultural. Sua programação tende a ser diversificada na mesma amplitude da diversidade do público, ao contrário das rádios e televisões comerciais que, por força de suas ambições hegemônicas, só podem se dirigir à média indiferenciada e amorfa dos cidadãos abstratos. A liberdade para as ondas pode ser a base de uma explosão informativa tão ampla e diversificada como foi o fenômeno das rádios e TV livres na Europa na segunda metade dos anos 70.

No caso da Liberdade FM, entre os programas, cinco são evangélicos, um é católico e outros são musicais, como o *Forró na roça*, que abre espaço para os cantores da região, além do *Arquivo da liberdade*, que relembra os sucessos do passado. A rádio tem ainda programas de variedades, como *A hora e a vez do campo*, com entrevistas, culinária, saúde, notícias da região e informações agrícolas. A Liberdade FM ousa ao sair do estúdio e fazer transmissões ao vivo de campeonatos locais e de outras comunidades de futebol amador. Já o programa *Momento dos Artistas* é apresentado semanalmente, de comunidades diferentes, com participações de artistas da terra, como aboiadores, poetas, repentistas, violeiros e sanfoneiros (dados de 2005).

A rádio tem um alcance médio de 20km, com ouvintes nos projetos de irrigação de Maniçoba e Curaçá, além de outras comunidades. Com prefixo 104.9, a Liberdade FM tem 25 *watts* de potência.

Em 2018, a emissora continuava enfrentando os mesmos problemas para conseguir apoio cultural e voluntários, por isso alguns horários ficaram livres, principalmente no período da tarde.

Mas a programação da Liberdade também ganhou novos programas com muita audiência na comunidade. Um deles é o *DIM rural*, que é transmitido às sextas-feiras, das 10h ao meio-dia. O programa é apresentado por técnicos agrícolas que abordam questões como plantio, colheita, previsão do tempo e até o preço de produtos agrícolas, sem perder de vista a questão ambiental e a sustentabilidade no distrito de irrigação de Maniçoba.

TABAJARA, A COMUNIDADE NAS ONDAS DO RÁDIO

A rádio Tabajara surgiu em abril de 2001 a partir de uma brincadeira de fim de semana. Luis Carlos de Sousa, seu diretor e idealizador, pretendia escutar e criar a sua própria programação musical. Foi quando teve a ideia de montar o transmissor e o equipamento para transmitir o sinal para outras pessoas em um raio de quatro a cinco quarteirões, no bairro Cohab Massangano, em Petrolina. Um dia, Luis Carlos resolveu dar um número de telefone no ar, quando várias pessoas começaram a ligar e pedir música. A partir daí a emissora começou a ter uma programação 24 horas no ar, mas funcionando como rádio livre. A grade de programação era direcionada para os ouvintes que gostavam de MPB, forró e música brega.

Foto 18 - Fachada da primeira sede em 2006



Fonte: Acervo da Tabajara FM (2006).

Foto 19 - Unidade avançada de transmissão da rádio Tabajara FM



Fonte: Acervo da Tabajara FM (2006).

A Tabajara passou por muitas dificuldades. O momento mais crítico foi no dia 11 de março de 2004, quando os equipamentos foram todos lacrados pela Polícia Federal. Esse fato aconteceu logo após a cobertura que a emissora fez durante a chuva na região e que foi noticiada em todo o país, devido ao estado de calamidade que atingiu a cidade de Petrolina. Nessa ocasião, a rádio ficou bastante conhecida e foi denunciada. Na mesma época, a emissora já tinha encaminhado para o Ministério das Comunicações o pedido de regularização do canal.

Em abril do mesmo ano, Luis Carlos resolveu colocar novamente a rádio no ar, operando como rádio livre. Dessa vez, porém, a Tabajara passou a funcionar só nos finais de semana, com uma programação musical. “Em vários países, a palavra escrita é relativamente livre, mas a liberdade de expressão da palavra falada e da imagem tem esbarrado sistematicamente no monopólio da radiodifusão”, afirma Ortriwano (1985, p. 34).

Foto 20 – Luis Carlos no novo estúdio da Tabajara FM, em 2018



Fonte: Acervo da Tabajara FM (2018).

No dia 22 de fevereiro de 2005 foi publicada no *Diário Oficial da União* a portaria nº 108, do Ministério das Comunicações, concedendo a legalização de funcionamento para a rádio da Associação dos Moradores da Cohab Massangano – Rádio Tabajara FM.

Em 2005, depois de quatro anos de espera, a rádio comunitária Tabajara FM contava com uma programação que era substituída e renovada a cada 60 dias, operando na frequência 104,9MHz, em um raio de 1km e com um equipamento de 25 *watts* de potência.

A Tabajara surpreendeu mais uma vez quando adquiriu, em 2014, a unidade avançada de transmissão, equipada para fazer coberturas ao vivo na cidade. A emissora também mudou de endereço e agora funciona no bairro Jardim Imperial. Em 2018, tinha oito locutores e uma programação 24 horas no ar. Entre os novos programas estão alguns evangélicos e o *Fala Petrolina*, de notícias, que é transmitido de segunda a sexta-feira, das 14h às 16h.

PETROLINA FM: ATUANDO NO DIA A DIA DA CIDADE

A Petrolina FM foi inaugurada no bairro Gercino Coelho, em Petrolina, no dia 20 de abril de 2005, com o prefixo 104,9. A emissora foi criada por meio da Fundação Assistencial, Educacional e Cultural de Petrolina (Faepe), instituída em 1989 sem fins lucrativos. A arrecadação com os patrocínios, sob a forma de apoio cultural, é revertida para o pagamento das despesas de custeio (como salários, encargos, água, luz e telefone) e de capital (equipamentos).

Foto 21– Fachada da primeira sede da Petrolina FM



Fonte: Foto de Luís Frota (2005).

O caminho até a regularização não foi curto. Em junho de 2003, atendendo aos requisitos da Lei Federal nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998, o deputado federal Gonzaga Patriota encaminhou o pedido ao Ministério das Comunicações. Em agosto de 2004, o órgão outorgou a permissão de funcionamento mediante portaria de autorização publicada no *Diário Oficial da União*. Posteriormente, o presidente da república, por meio de mensagem presidencial, encaminhou o projeto de lei ao Congresso Nacional para ratificação da outorga da emissora. A Câmara dos Deputados e o Senado Federal, por intermédio das Comissões de Ciência e Tecnologia e Constituição, Justiça e Educação, aprovaram, por unanimidade, o referido Projeto de Lei do Poder Executivo, concretizando assim o objetivo da Faepe.

Logo que a Petrolina FM entrou no ar, houve choque de frequência entre as rádios comunitárias, uma vez que todas operam no sinal 104,9. Um problema, de acordo com o coordenador de programação da emissora, Edenevaldo Alves, causado pela geografia da cidade, “que é muito plana e sem barreiras, o que faz com que a transmissão vá mais longe, interferindo em outras emissoras”.

Técnicos da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), estiveram na cidade e constataram o problema. Desde então, a Petrolina FM opera na frequência 98,3, de emissora educativa, embora ainda não tenha conseguido a transição oficial junto ao Ministério das Comunicações.

Foto 22 - Fachada da atual sede da Petrolina FM



Fonte: Foto de Luís Frota (2018).

Foto 23 - Recepção da Petrolina FM



Fonte: Foto de Luís Frota (2018).

A rádio tem uma programação variada, incluindo entretenimento, cultura, música, jornalismo, saúde, religião, notícias policiais, além de promover discussões e debates sobre diversos temas relacionados à comunidade. O objetivo, segundo seus dirigentes, é proporcionar um espaço democrático, variado e bem próximo da população. Profissionais já renomados na região fazem parte da emissora. Eles trocaram as rádios comerciais para apostar na emissora.

A Petrolina FM tem site e aplicativo e, há alguns anos, funciona em sede própria, na avenida Francisco Coelho Amorim, no bairro José e Maria, local em que também está sediada a Faepe.

Sejam comerciais ou comunitárias, as emissoras instaladas no Vale do São Francisco têm cumprido um papel fundamental em todos os contextos, do social ao histórico, passando pelo político até o cultural. Independentemente da sua natureza, das finalidades e de

como são geridas, todas essas emissoras têm a sua importância no processo contínuo e dinâmico de transformação dos territórios em que estão inseridas. Um poder que exige equilíbrio e consciência.

AS VOZES DO RIO: TESTEMUNHOS DE UMA HISTÓRIA

[...] É pela voz e pelos olhos que conhecemos a fundo uma pessoa, determinando os detalhes de sua personalidade e de seu comportamento.

Pela voz determinamos sua cultura, região de onde vem, comportamento, e pelos olhos, quando bem observados, penetramos no fundo de sua personalidade.

(CÊSAR, 1996)

O ser humano adaptou órgãos de outros sistemas, como o digestivo e respiratório, para constituir o aparelho fonador e poder falar. Foi dessa forma que saímos da comunicação gestual para a fonoarticulatória.

Mas a espécie foi mais longe, e a linguagem exteriorizada por meio da fala se transformou em muito mais do que a expressão do pensamento. Aperfeiçoamos o som que emitimos através das pregas vocais para tornar mais bela a comunicação, uma estética buscada sempre pelos profissionais, que usam a voz como instrumento de trabalho, seja na música, na televisão ou no rádio. São vozes que marcam gerações e servem de inspiração para famosos e anônimos.

Quando o rádio nasceu no Brasil, (não oficialmente) em Recife, no dia 6 de abril de 1919, era apenas uma experiência de amadores. A primeira transmissão considerada oficial, no entanto, só ocorreria em 7 de Setembro de 1922, no Rio de Janeiro. Mas o primeiro a entrar no ar não foi nenhum locutor profissional. Alguns poucos

ouvintes da sociedade carioca acompanharam o discurso do Presidente Epitácio Pessoa em comemoração ao Centenário da Independência.

Só nos anos 1930, com a instituição do rádio comercial no país, os primeiros profissionais foram contratados. Artistas e produtores passaram a preparar os programas com antecedência. Nessa época, o rádio também já veiculava propaganda política. A pesquisa de Gisela Ortriwano (1985) revelou um locutor que teve grande atuação na Revolução Constitucionalista, em 1932. César Ladeira ficou famoso como o locutor oficial da revolução, por meio da Rádio Record.

Outra voz anunciou a inauguração da emissora que marcaria mais adiante a Época de Ouro do rádio. Em 12 de setembro de 1936, um gongo soou três vezes e Celso Guimarães lançou a boa nova, “Alô, Brasil! Está no ar a Rádio Nacional do Rio de Janeiro”. A Rádio Nacional também foi responsável pelo lançamento do radiojornal mais famoso da história brasileira. Às 12:45min do dia 28 de Agosto de 41 entrava no ar o *Repórter Esso*, com o *slogan* “Testemunha Ocular da História”. A voz grave de Heron Domingues comandou 18 dos 27 anos em que o programa esteve no ar.

O futebol também contribuiu para eternizar algumas vozes. Nicolau Tuma, considerado o pioneiro entre os locutores esportivos, narrou a primeira partida de futebol transmitida pelo rádio, em 10 de fevereiro de 1932. Já a Copa do Mundo de 1938 foi transmitida da França por Gagliano Neto.

Assim como as vozes que marcaram época no Brasil, Juazeiro e Petrolina também fizeram e fazem história com locutores que testemunharam e participaram ativamente do desenvolvimento regional e das emissoras de rádio nas quais atuaram e/ou atuam. São profissionais que não conquistaram a notoriedade nacional, mas alcançaram respeito e credibilidade de seus ouvintes, realização que não tem preço para aqueles que fazem rádio, acima de tudo,

por amor. Uma parcela da história de alguns desses profissionais está registrada neste estudo. São testemunhos que servem de exemplo para quem quer seguir carreira no rádio, e também, para todos os cidadãos comuns que participam dessa jornada.

Além dos depoimentos desses profissionais, apresenta-se ainda, seus perfis vocais, em quem eles se inspiraram no início da carreira e como cuidam de seu instrumento mais valioso de trabalho: a voz. Aqui, está registrado, não só o estilo de narração por eles adotado, mas também as modificações de locução ao longo dos anos, acompanhando as transformações desse veículo, já que “a comunicação é um processo dinâmico, com características e necessidades de cada época. As características de fala herdadas do rádio antigo foram substituídas pela naturalidade”. (STIER, 2003, p. 20). Vamos mergulhar, portanto, na história das vozes do rio.

CARLOS AUGUSTO: O PORTA-VOZ DO HOMEM SERTANEJO

Carlos Augusto Amariz Gomes só estudou até o segundo grau (atual Ensino Médio), mas a experiência adquirida em mais de 52 anos ininterruptos no rádio deu-lhe a formação autodidata de radialista na função de radiorepórter. Tudo começou quando Carlos Augusto tinha 22 anos. A estreia foi em alto-falantes, por meio de um projetor de som da Brasil Publicidade instalado no bairro Alto Cheiroso, em Petrolina. Na pequena estação, que também tinha alcance no centro da cidade, ele participava de programas musicais e fazia publicidade. Foram cerca de três anos trabalhando assim.

Foto 24 – Carlos Augusto, uma voz para as coisas simples do sertão



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2005).

A carreira como profissional de rádio começou em seguida, quando Carlos Augusto não só ajudou a fundar a Emissora Rural, ao lado do padre, posteriormente deputado estadual e federal, além de senador, Mansueto de Lavor, como também quando sua voz foi a primeira a ser ouvida no dia em que a rádio entrou no ar. Doze anos depois, o radiorepórter, tendo sido convidado para montar a Grande Rio AM, foi, mais uma vez, o primeiro a entrar no ar quando a emissora ainda estava em fase experimental. A rádio estreou com a voz grave de Carlos Augusto, anunciando a música “A guerra dos meninos”, interpretada por Roberto Carlos.

Em todos esses anos de carreira, Carlos Augusto fez de tudo: produção, locução de programas musicais (principalmente de forró) e policiais, além de reportagens de rua. Sob o seu comando, programas como *No terreiro da fazenda* e *Repórter Somassa* ficaram famosos na região. Foi também ele quem criou o *slogan* que ficaria

marcado para sempre na história da cidade, “Petrolina, encruzilhada do progresso”. O jornalista chegou até a dirigir a rádio Grande Rio AM, mas foi por meio dos programas regionais que encontrou seu estilo e sua identidade.

Todos os dias, ele cumpria uma rotina que era parte da vida do homem do sertão. Às seis da manhã, Carlos Augusto já estava no ar com o programa *Forró do povo* no qual, entre uma música e outra, também discutia as questões sociais, numa linguagem simples e acessível, para o homem do campo. No quadro “Ponte da saudade”, nordestinos que foram em busca de uma vida melhor na cidade grande participavam ao vivo. De lugares como São Paulo, por exemplo, mandavam recados aos familiares que ficaram na região.

Mas foi o *Forró no Malhadão* que consagrou o jornalista como o porta-voz do homem sertanejo. No ar por mais de 20 anos, sempre aos sábados, o programa ficou pequeno demais para o estúdio. Eram quase três horas ao vivo, numa programação transmitida da frente da emissora e com a participação de até 500 pessoas, entre público e artistas. Passaram pelo *Malhadão* nomes como Hermeto Pascoal, Flávio José e Alcymar Monteiro. Às seis da manhã em ponto, Carlos Augusto fazia a abertura do programa sempre com a mesma frase: “A partir de agora, as coisas simples do sertão viram programa de rádio”. Um vaqueiro entoava seu canto e o programa seguia com muito forró, música sertaneja e a irreverência dos participantes.

Foto 25 – A fachada da rádio Grande Rio AM se transformava em um estúdio ao ar livre no programa *Forró no Malhadão*



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2005).

A voz marcante foi inspirada em nomes famosos da Rádio Globo, no tempo em que os comerciais eram narrados ao vivo. Carlos Augusto se espelhou em Cid Moreira e no locutor do histórico *Repórter Esso*, Heron Domingues, para criar seu estilo. O radialista não escondia que se descuidou da voz no começo da carreira, uma vez que fumou por 30 anos. Mas largou o vício e resolveu adotar uma vida saudável. Acordava todos os dias às 4h da manhã para fazer caminhada antes de ir para a rádio. O profissional tinha consciência de que a voz era seu instrumento de trabalho, por isso, evitava gelado e bebia muita água.

Foto 26 – O povo faz o programa ao lado de Carlos Augusto



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2005).

Quando foi entrevistado, aos 64 anos, Carlos Augusto estava mais na ativa do que nunca e não pensava em se aposentar, muito menos em tirar férias. Para continuar fazendo bem o que fazia, ele não teve dúvidas em sacrificar a vida social. Ouvia colegas de profissão, sempre procurando aprender com eles, e fazia uma avaliação pessoal diária. Mas admitiu: *“até hoje, ainda tremo no microfone”* e completou emocionado: *“o rádio é minha vida”*. (Carlos Augusto Amariz, [2005], informação verbal).

Foto 27 - “Até hoje ainda tremo no microfone”, declarou o radialista



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2005).

Com a experiência de uma vida dedicada ao rádio, Carlos Augusto aconselhou: “[...] *tem que ter responsabilidade para empunhar o microfone*” e concluiu,

[...] é diferente de escrever, que a gente rasga e joga fora. No rádio, o que a gente fala não tem volta. O ouvinte tem que saber o que estamos colocando. Por isso é importante ter equilíbrio, podemos mudar comportamentos e isso é sério. No microfone, o que você diz tem força e, em

rádio, eu sou o que eu digo. (Carlos Augusto Amariz, 2005, informação verbal).

O profissional seguia com sabedoria durante toda sua carreira o que o radialista Cyro César (1996, p.45) registrou, “[...] o poder de influenciar, transformar, sensibilizar, convencer e esclarecer provém da simplicidade e não da complexidade das palavras”.

Carlos Augusto faleceu em 2 de abril de 2015 sem nunca ter se afastado do rádio. Foi ainda organizador de eventos, como a corrida de jegues - Jecana e a Missa do Vaqueiro de Petrolina. Seu trabalho se mantém vivo com a filha, Maíra Amariz, que assumiu o lugar do pai na apresentação do *Forró no Malhadão*.

INAH TORRES: COMUNICADORA SOCIAL

O rádio entrou na vida de Inah Torres aos 15 anos, quando o seu irmão mais velho, Luiz Torres, foi convidado para ser o primeiro gerente da Rádio Difusora de Caruaru AM (atual Rádio Jornal), e a menina curiosa começou, então, a frequentar a emissora nas horas de folga. Logo Inah estava dando sugestões nas propagandas e aprendendo todas as funções em uma emissora de rádio. Eram os anos 1950. Um dia, um operador faltou ao trabalho e a menina o substituiu. Depois foi a vez de Inah participar dos programas de auditório e se tornar a primeira radioanimadora de Caruaru (PE).

Foto 28 – Inah “Em Sociedade”: há 36 anos no ar



Fonte: Foto de Luís Frota (2005).

Veio o casamento e com ele a mudança para uma nova cidade. O marido e comerciante, Manoel Nelson Moura, escolheu Petrolina para trabalhar e criar a família. Inah, que já havia concluído o segundo grau, dividia o tempo com o ofício de auditora fiscal da Secretaria da Fazenda de Pernambuco e os cuidados com os quatro filhos. Nem assim o rádio saiu de sua vida. Muito católica, Inah escolheu o veículo para evangelizar. Na Emissora Rural esteve no ar por quatro anos, produzindo e apresentando programas como *Palavras da Bíblia* e *Palavras da vida*. O trabalho não parava nem aos domingos, quando Inah estava no comando do *Encontro das comunidades*, programa de 30 minutos em que temas como a Teologia da Libertação eram abordados.

Em 1982, com a inauguração da Rádio Grande Rio AM, Inah recebeu o convite do jornalista Carlos Augusto para fazer um programa

de “orientação sociorreligiosa” na emissora. Em seguida, a colega Zizi Gomes foi transferida da cidade, e Inah assumiu o programa *Em sociedade*, até então comandado pela amiga.

No começo, era apenas uma participação semanal com entrevistas. Mas, em pouco tempo, o programa passou a ser diário, com 15 minutos de duração. *Em sociedade* está no ar há 36 anos (completados em 2018), inicialmente de segunda a sexta-feira, com 30 minutos de produção, entre o que Inah chama de jornalismo social, entrevistas e coluna social. Um tempo ainda pequeno, segundo a própria Inah, que não esconde: “*ainda sonho fazer um programa de uma hora*”. (Inah Torres, 2005, informação verbal). Porém, há alguns anos o *Em Sociedade* passou a ser exibido as segundas, quartas e sextas, das 11:30min às 12h.

Foto 29 – Jornalismo social toda semana. Na foto Inah Torres com o radialista Valdiney Passos e o odontólogo César Durando



Fonte: Foto de Luís Frota (2005).

À frente do microfone durante tantos anos, Inah Torres nunca deixou de ser ela mesma. E define seu estilo de locução como “*comunicar, testemunhando o que diz*”. (Inah Torres, 2005, comunicação verbal). Como afirma Cyro César (2005, p. 84),

[...] seria como se nossa voz atuasse como um verdadeiro túnel de ligação entre o nosso mundo interior e o exterior [...] o equilíbrio de quem se comunica vem lá de dentro, do que realmente somos e sentimos.

Os cuidados, no entanto, com o instrumento de trabalho, a sua voz, só vieram depois de um câncer de laringe. Foram três meses sem falar, lutando contra a doença em sessões de quimioterapia. Inah se recuperou e, com a ajuda da Fonoaudiologia, recebeu orientações de respiração, hidratação, higiene vocal e dicção, uma das variantes em que ela mais observou avanços. Para Santos e Ferreira (2001, p.10),

[...] o objetivo da dicção é dar sensibilidade ao canto, e também deve dar expressividade ao texto. O trabalho de dicção tem sido considerado como um fator primordial na carreira do profissional da voz. É essencial que esses profissionais tenham consciência de que a clareza da dicção depende da nitidez do desenho articulatório e de que eles próprios conheçam o mecanismo da fala.

De volta ao rádio, Inah se sente melhor do que nunca. Fala com conforto e ganhou um melhor desempenho na apresentação, um caso de sucesso na fonoterapia especializada em voz. Nas palavras de Sílvia Pinho (1998, p. 4),

[...] nós, fonoaudiólogos, devemos orientar o paciente na utilização da melhor voz possível,

com mínimo de esforço e rendimento máximo, dentro de suas possibilidades orgânicas e da estética (imagem corporal e imagem social).

Só depois de 29 anos na profissão de comunicadora, é que Inah conquistou o registro de jornalista. Foi delegada da Associação de Imprensa do Sertão e representante da Associação Brasileira de Jornalistas de Turismo (Abrajat). Mas é a possibilidade de se comunicar pelo rádio com pessoas, que não vê e não conhece, que fascina Inah.

A profissional dá a receita:

[...] o comunicador tem que ser agradável, carismático e, acima de tudo, comunicativo. Tem que saber ouvir, não interromper o entrevistado quando fizer uma pergunta e se preparar antes de se aventurar numa entrevista. (Inah Torres, 2005, comunicação verbal).

E reforça: “*um bom profissional não visa apenas o dinheiro, tem que buscar qualidade no seu trabalho*”. (Inah Torres, 2005, comunicação verbal).

Aos 85 anos e no ar há 36, Inah talvez seja a radialista mais idosa em plena atividade no Brasil. Com toda essa experiência e com o afeto de quem sempre fez comunicação de forma voluntária, Inah Torres ([2005], comunicação verbal) conclui: “*[...] gosto de fazer o bem, sem saber a quem*”.

HERBERT MOUZE: A VOZ DOS GRAMADOS

Era pelas ondas das rádios Nacional e Tupi que, ainda menino, Herbert Mouze acompanhava os jogos do time do coração, o Flamengo. Nessa época, ele descobriu duas paixões: o esporte e o rádio. Por uma coincidência do destino, o pai de Herbert era radio-técnico. Na oficina que funcionava na Praça da Misericórdia, centro

de Juazeiro, usava bateria de carro para consertar os aparelhos de rádio, já que a energia elétrica só chegava à noite.

Foto 30 – Herbert Mouze, o repórter dos gramados



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2005).

Um dia, o pai de Herbert suspendeu o conserto de um alto-falante e deixou o menino de 11 anos cuidando da oficina por alguns minutos. Tempo suficiente para Mouze ligar o alto-falante (com a saída estrategicamente virada para a rua) e começar a narrar um jogo. A partida fictícia tinha até oferecimento comercial da Casa Borborema, a loja de um tio, que ficava próxima dali. Estava começando a carreira de um dos narradores esportivos mais importantes da região.

Além do pai de Herbert, o tio, Eurípedes de Lima, também tinha ligações com o rádio. Seu Galo, como era conhecido, trabalhou na Rádio Juazeiro, no programa *Alvorada nordestina*. Antes disso,

comandava *O que o povo precisa saber*, programa muito ouvido e debatido do serviço de Alto-Falante Cultural, propriedade de Júlio Matutino. Foi lá que Mouze começou a dar os primeiros passos na profissão de radialista. Ele lia as cartas endereçadas ao programa e logo começou a colaborar no departamento de esporte de um outro serviço de alto-falante, o Paraíso. O ano era 1957 e tudo não passava de uma espécie de brincadeira que o garoto levava a sério. Queria ouvir a própria voz irradiando pelas ondas sonoras e que todos o ouvissem, inclusive a namorada.

Na reabertura da Rádio Juazeiro, depois de a emissora passar por alguns problemas de concessão, o radialista Clésio Athanásio montou um programa de esporte com a ajuda de outros quatro colegas. Ouvir a resenha esportiva das 18h se tornou uma rotina para Herbert. Era a sua hora preferida, quando o adolescente voltava da escola e sonhava com o dia em que seria chamado para compor a equipe. O grupo foi se desfazendo com o passar do tempo. No dia do aniversário de Herbert, em 8 de outubro de 1960, o programa era comandado apenas por Clésio. A emissora ainda funcionava na sua primeira sede, na Praça da Misericórdia. Antes da resenha terminar, Mouze resolveu entrar no estúdio e participar da apresentação. Nunca mais abandonou a função. Foi o melhor presente de aniversário que o radialista poderia ganhar.

De lá pra cá, com mais de 60 anos de carreira, são muitas histórias. Herbert narrou a primeira partida de futebol transmitida por uma rádio de Petrolina. Com a inauguração da Emissora Rural, na década de 1960, o diretor da rádio, Padre Mansueto de Lavor, resolveu transmitir o jogo Petrolina x Propriá. A ousadia foi mais longe. Como a rádio tinha onda curta e podia ser sintonizada em qualquer lugar, o jogo também foi transmitido para a cidade do time sergipano. E já que a emissora de Petrolina não tinha departamento esportivo, Mouze foi convidado para narrar a partida pela Rádio Juazeiro.

O sinal foi enviado pela emissora baiana à rádio pernambucana, que o reenviou para Petrolina e Propriá. Estava completo o *pool* da primeira transmissão interestadual do Vale do São Francisco. Nessa mesma partida, as equipes balançaram a rede e foi Herbert quem gritou o primeiro gol da radiofonia de Petrolina.

Quando o telefone chegou à região, o radialista fez a primeira transmissão esportiva ao vivo, realizada totalmente de Petrolina, dessa vez sem a ajuda da emissora da vizinha cidade de Juazeiro. De um telefone instalado fora do estádio da Associação Rural, a 800m da cabine, a equipe puxava a linha de transmissão. Pela manhã, o grupo montava postes, que levavam os fios para a cabine. Os cabos ficavam no alto para evitar que fossem cortados por vândalos, já que a equipe não podia pagar um vigia.

Era dessa mesma maneira que a Rádio Juazeiro levava o sinal do estúdio para o transmissor instalado no bairro Piranga (perto da antiga estação) e do equipamento para o estádio, nos domingos de futebol. Não raro, a poucos minutos do início da partida, um carro batia no poste e cortava os fios de transmissão. Nessas emergências, era o técnico Manoel Alves, o seu Santinho, quem corrigia o problema a tempo de salvar a transmissão do jogo.

Foto 31 – Foram incontáveis as transmissões de Herbert Mouze em mais de 60 anos de carreira



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2005).

Mouze também se considera o primeiro locutor FM da região, porque foi o mestre de cerimônia na inauguração transmitida ao vivo da Transrio que também se chamou Transamérica, do grupo da Rádio Juazeiro. A voz de Herbert foi a primeira a entrar no ar na FM pioneira do Vale.

Já na década de 1980, ele passou dez meses na Grande Rio AM. Transmitia os jogos do campeonato da Liga Desportiva Juazeirense do Estádio Adauto Moraes para a emissora de Petrolina.

Depois, foi convidado para fundar a Rádio Independência (atual Rádio São Francisco). Além de gerente da nova emissora, era responsável, entre outras coisas, por organizar a programação. O radialista também tinha um programa de esporte. Foram dois anos trabalhando na Independência.

Herbert resolveu voltar para a Rádio Juazeiro como *freelancer* já que, por quatro vezes, ocupou o cargo de Secretário Municipal. Até então, Mouze trabalhava voluntariamente. A primeira remuneração só chegou 25 anos depois que o narrador estava no rádio. Foi quando ele aceitou o desafio de gerenciar a Rádio Juazeiro e resolveu se profissionalizar. Com apenas o segundo grau, conquistou o registro de radialista. Ficou oito anos na função de gerente administrativo mas não deixou os microfones de lado. Foi redator de notícias, apresentava o radiojornal da emissora e auxiliava a chefe do departamento de jornalismo da época, Marta Luz, a redigir as notícias e reportagens.

Também foi *disc-jockey* e apresentador do programa infantil *Gincana estudantil*, exibido todos os dias pela manhã, e de programas de auditório. O radialista foi ainda o locutor de um dos primeiros programas polêmicos de Juazeiro. No *A Cidade Reclama*, Mouze levantava o cartão vermelho ou amarelo para a “dona préfa”, apelido que deu à prefeitura. O primeiro programa policial da Rádio Juazeiro foi feito por ele e Douglas Dourado. Na estreia do *Agente policial*, teve até um alto-falante na porta da rádio, na Praça da Misericórdia.

Em 2005, Herbert tinha terceirizado o departamento esportivo da Rádio Juazeiro. Ele não só coordenava a equipe de esporte como também narrava, era repórter de pista e ainda preparava a resenha da emissora, com dois comentários diários, das 7:30min às 7:55min e das 18h às 19h. O radialista respondia pela abertura do programa com cinco minutos de opinião ao vivo.

A inspiração para encontrar um estilo próprio de locução veio numa fase conturbada da sua vida. Em 1951, o juazeirense foi morar com a mãe em São Paulo e, aos 13 anos, começou a trabalhar para ajudar a família. Foi trocador de óleo, engraxate e até limpador de sanitário de posto de gasolina. Aos domingos, ia para o estádio do Pacaembu e ficava olhando para a cabine de transmissão. Os locutores chamavam

mais a atenção do menino do que a bola rolando. Um, em especial, fazia os olhos do garoto brilharem.

Fiori Guiliotti, um descendente de italiano que também atuou em um programa da Rede Vida com a mesma voz de quando era jovem, era o narrador preferido de Herbert.

Ele tinha um estilo rápido, sem prejudicar a dicção, a voz bonita e me colocava dentro do campo. Eu sabia onde o jogador estava. Até hoje admiro o locutor e ainda fico estremecido quando escuto a sua voz. (Herbert Mouze, 2005, informação verbal).

O radialista ainda aconselha,

[...] quem quer ser um bom narrador, não precisa ter um vozeirão, apenas uma voz forte, que aguente os 90 minutos. Um locutor de futebol não pode ser lento nem rápido demais. Deve encontrar o equilíbrio de uma transmissão dinâmica, com padrão definido e sem imitar ninguém. Eu gostava de Fiori, mas nunca quis imitá-lo. (Herbert Mouze, 2005, informação verbal).

A experiência de Mouze é comprovada por Maria Aparecida Stier (2003, p. 23):

[...] o ritmo não deve ser confundido apenas com emprego da velocidade acelerada, normal ou lenta. Reboul (2000) comparou o ritmo da frase à música do discurso, que torna a expressão harmoniosa e mais fácil de ser retida.

Stier (2003, p.20) completa:

[...] cada pessoa tem sua maneira própria de falar e de ler. Essa maneira vai sendo desenvolvida a partir de todas as experiências vividas pelo indivíduo somadas à sua percepção”.

E reforça: “[...] desenvolver o próprio estilo requer, muitas vezes, evitar seguir o modelo de outro profissional”. (STIER, 2003, p.20).

Foto 32 – Narração equilibrada nos gramados



Fonte: Fabíola Moura (2005).

Com a maturidade que alcançou, o radialista define seu estilo de locução:

A gente tem que marcar por alguma coisa, fazer uma transmissão alegre, mas sem cair no ridículo de ficar falando bobagens; lembrar sempre que não está fazendo a transmissão somente para homens tomando cerveja na mesa de um bar. Tem gente que está em casa ouvindo detalhe por detalhe. Temos que saber quem está nos ouvindo, a quem estamos

transmitindo aquela mensagem. Não é simplesmente pegar o microfone, abrir a boca e dizer o que quer. O que me caracterizou foi justamente tentar ser meio rápido, ter segurança e localizar a bola e o jogador para o torcedor que está em casa visualizar a partida. (Herbert Mouze, 2005, informação verbal).

Para cuidar da voz grave e forte, Mouze diz não ter segredos. Apenas faz caminhadas diárias, que o ajudam na respiração e a manter o peso. Mas não foi sempre assim. Quando começou no rádio, recebeu o conselho de que, para “engrossar” a voz fina de adolescente, deveria dar “duas tragadas de cigarro”. Foram dez anos acreditando nesse mito.

Generoso, Herbert orienta os que querem seguir a carreira de radialista, principalmente no esporte,

Primeiro tem que ter queda, vontade, gostar do negócio. Segundo, se a opção for pela narração, facilita muito ter passado pelos gramados, tem que ter jogado, saber como a bola corre, como é feito um cruzamento. Quando vou narrar e vejo o jogador cruzar a bola, já sei que o zagueiro vai se antecipar e cortar o lance. Nesse momento, estou narrando o que vai acontecer. (Herbert Mouze, 2005, informação verbal).

A dica do narrador é começar já, assistir aos jogos e treinos e gravar transmissões, reportagens, resenhas etc. Ouvir como se faz, como funciona o trabalho de um setorista de futebol. E, acima de tudo,

[...] manter o entusiasmo. Continuo vibrando a cada transmissão. Só Deus é que me vai fazer parar. Enquanto eu tiver voz, força e espírito jovem, vou continuar nos gramados. (Herbert Mouze, 2005, informação verbal).

Em 2018 Mouze completou 80 anos de idade, totalmente na ativa. Está no ar na Rádio Juazeiro de segunda a sexta, das 18h às 19h, com a

resenha do programa *No Mundo do Esporte*, além de participar todas as terças e quintas do *Sem Fronteiras*, na mesma emissora, das 9:10min às 11h, com muita informação. O radialista ainda escreve crônicas para o jornal *Diário da Região* até três vezes por semana, material que também é reproduzido pelo *blog* do radialista Geraldo José. Um profissional multimídia, como ele mesmo se intitula.

MARTA LUZ: UMA VOZ PARA PENSAR

Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco, em Direito pela Universidade Estadual do Piauí e pós-graduada em Linguística pela Universidade Federal do Piauí, Marta Luz começou a carreira alternando o magistério em várias escolas de Petrolina com o jornalismo radiofônico, em Juazeiro.

Foto 33– Marta Luz e Herbert Mouze durante um concurso cultural de conhecimentos gerais para crianças do Ensino Fundamental, em 1979



Fonte: Acervo de Marta Luz (1979).

O rádio entrou na vida de Marta Luz quase por acaso. Foi quando ela e o então marido resolveram comprar a Rádio Juazeiro – que, à época, pertencia ao comerciante e político da cidade Joca Oliveira. O primeiro passo foi elaborar uma programação atraente para competir com a única concorrente até então, a Emissora Rural, na vizinha cidade de Petrolina. Com muito trabalho, a Rádio Juazeiro foi conseguindo credibilidade e audiência. Entre os programas que Marta ajudou a criar e que foram responsáveis por essa nova etapa da emissora, está o *Reflexões para um dia feliz*, produzido diariamente pelo bispo diocesano da época, dom Tomás Guilherme Murphy.

Foto 34 – Marta Luz transmitindo uma sessão da Reunião da Bacia do São Francisco, em 1978



Fonte: Acervo de Marta Luz (1978).

Ainda falando de programação, Marta Luz destaca dois programas que tinham grande audiência em Juazeiro e Petrolina.

Na década de 1970, diariamente, às 13h, era transmitido *E nós, para onde vamos?*, com crônicas elaboradas por ela e por diversos autores da cidade, como Layse de Luna Brito, Nilda Ízaga, José Pereira, Luís Freire, Maria do Carmo Sá Nogueira, Edílson Monteiro, Joaquim Moniz Barreto, Antonila da França Cardoso, Joseph Bandeira, Gisélia Carvalho, Esmelinda Pergentino Nunes, Charles Alexandre, Giuseppe Muccini e Gentil Porto. Enquanto Marta interpretava a crônica, o *background* era feito com a “Bachianas Brasileiras nº 4”, de Villa Lobos.

Outro programa que marcou a trajetória da ex-radialista foi o *Pagão*, que ia ao ar todos os domingos, das 11:30min da manhã às 13:30min. Para Marta,

Fazê-lo era estar no paraíso profissional. Grupos e mais grupos formaram-se nas duas cidades para concorrer, por telefone, aos testes de conhecimentos gerais. Ah, é indizível como o Pagão despertou jovens e adultos para o estudo, para a leitura, para a leitura de poetas, para o gosto de ouvir os grandes mestres da música universal! (Marta Luz, 2005, informação verbal).

Marta se apaixonou pelo radiojornalismo à medida que foi aprendendo a profissão. Em 20 anos de atuação, sempre na Rádio Juazeiro, ela experimentou quase todas as funções: produção, redação, jornalismo interno e externo, locução e, até mesmo, um pouco de administração. Nas palavras da ex-radialista,

Até os comerciais que produzia, cuidava de fazê-los com arte e beleza. O ouvinte aprendeu a ouvir beleza na Rádio Juazeiro e aprendeu a gostar disso. Minha paixão, mesmo, era a comunicação. Estar direto com o povo. Ser voz. Ser o poder poderosíssimo da voz! Minha voz era bonita, tanto em timbre quanto em volume. Meu gosto era comunicação com o povo. Agradava-me entrar na casa do povo todo, um gesto que tratei de fazer sempre fraterno, com a poderosíssima arma chamada palavra. (Marta Luz, 2005, informação verbal).

Marta acabou criando o próprio estilo de locução sem se espelhar em ninguém. Um modo de narrar que ela atribui a um antigo aprendizado, a arte da declamação, em que se aperfeiçoou desde os seis anos de idade, quando já declamava poemas (razoavelmente grandes e difíceis) no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, onde estudava. Foi assim que ela aprendeu instintivamente a impostar e interpretar, uma vez que “o locutor faz das nuances de voz a ferramenta principal dentro dos recursos de interpretação. É dessas nuances que ele cria inflexões que valorizam a leitura de um texto, quando colocadas no momento e na dose certa”. (CÉSAR, 1996, p. 84).

A ex-radialista cita o artigo 221 da Constituição Brasileira para avaliar o trabalho das emissoras de rádio do país (BRASIL, 1988):

A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios:

I – preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;

II – promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação;

III – regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;

IV – respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família.

Foto 35 – Marta Luz: enveredando pelas leis



Fonte: Acervo de Marta Luz (2005).

E conclui deixando algumas reflexões:

Em que as rádios e televisões estão atendendo à Constituição? Onde está o ideal de educar, de disseminar a cultura, de promovê-la? Onde estão os valores éticos de algumas novelas? Onde está a valorização da família, base da sociedade – como dispõe a Constituição – que os meios de comunicação estão a cada dia ensinando a destruir? Vale o dinheiro, a imprensa marrom. Que valor tem o testemunho dos que ensinam com a palavra e provam o contrário com o exemplo, como a todo instante se vê? (Marta Luz, 2005, informação verbal).

Marta continua com a bela voz que encantou os ouvintes do Vale do São Francisco, mesmo não atuando mais nas ondas do rádio.

FRANCISCO FERNANDES: O ANIMADOR DE TODAS AS TARDES

Em 1973, Francisco Fernandes Bezerra começou a descobrir a magia das ondas do rádio. Tudo teve início como uma brincadeira. Aos 13 anos, na cidade de Taporanga/PB, o dono de uma rádio comunitária local, Crispim Pessoa, convidou Francisco Fernandes para ajudá-lo na emissora. Em troca, lhe daria ingressos para o parque de diversões e para o cinema. O garoto, então, aceitou a proposta, mais interessado nas entradas de cinema do que na experiência de trabalhar em uma rádio.

Foto 36 – Francisco Fernandes durante seu programa no estúdio da rádio Grande Rio AM



Fonte: Acervo de Francisco Fernandes (2005).

Crispim Pessoa era um radialista experiente. Na época tinha 70 anos e já havia passado pela Rádio Clube do Recife, pela Rádio Sociedade da Bahia e pela Rádio Globo, no Rio de Janeiro. Mas mudou-se para a Paraíba e resolveu montar uma rádio comunitária.

Aos 15 anos, Francisco Fernandes foi morar em Patos/PB, onde, sem sucesso, foi procurar estágio na área do rádio. Mas não desistiu. Seis meses depois, sua irmã o chamou para ir morar em Petrolina. *“Tomei gosto pelo rádio e fui batalhar um estágio, nessa época eu tinha 17 anos”*, destaca Francisco ([2005], informação verbal). Logo que chegou a Petrolina, tentou um estágio na Emissora Rural e conseguiu. *“Foi um ano em fase de aprendizagem”* (Francisco Fernandes, [2005], informação verbal). Um ano depois ele conseguiu o primeiro emprego como operador de áudio na Emissora Rural, em 1978.

Aos 23 anos, recebeu um convite, por meio de Geraldo Coelho, que estava interessado em um jovem que pudesse levar à frente a Rádio Grande Serra, em Araripina, no agreste pernambucano. *“No início, fiquei bastante assustado e inseguro, mas fui em frente com o apoio da minha família e da namorada, minha atual esposa”*, salienta Francisco Fernandes ([2005], informação verbal).

Francisco trabalhou dois anos como gerente da rádio Grande Serra, em Araripina. Como tudo deu certo por lá, logo a diretoria da emissora resolveu chamá-lo para gerenciar a rádio Grande Rio AM e supervisionar a Grande Serra de Araripina. Ele acompanhou ainda o processo de montagem de todas as rádios do Sistema Grande Rio de Comunicação.

Em um momento, eu estava admirando meus colegas de trabalho e, em outro, eu estava direcionando a equipe que eu tanto respeitava. Foi muito gratificante, uma grande experiência.

Nesse ritmo, o profissional foi ganhando experiência e espaço no rádio. A sua profissionalização, conseguiu no dia a dia. *“Não*

sou formado em jornalismo e nem em radialismo, sou formado pelo tempo” (Francisco Fernandes, [2005], informação verbal). Em 2005, ele entoava sua voz nas tardes de segunda a sábado, no *Forró pé-de-serra*, levando diversão e entretenimento para os ouvintes, das 17h às 18h. Um programa com muita música sertaneja e forró, além de “pegadinhas” com personalidades artísticas. Aos domingos, ele apresentava o *Especial de domingo*, das 8h às 10h.

WASHINGTON LUIZ: O REPÓRTER POLICIAL

Washington Luiz de Menezes estreou no rádio quando tinha apenas 14 anos. Tudo começou em 1974, por meio do serviço de alto-falante *A Voz do Povo*, instalado na rua Santo Antônio, em Juazeiro. Utilizando um projetor de som, Washington Luiz, também conhecido pelos amigos de trabalho como Luizinho, ecoava a sua voz com a leitura de cartas de ouvintes, avisos, notas de falecimento e outros recados das comunidades dos bairros Santo Antônio e Alagadiço. Apesar de só ter concluído o nível médio escolar, sua formação profissional foi adquirida no dia a dia.

Foto 37 – Washington Luiz apresentando o *Agente 680*



Fonte: Foto de Juliana Amorim (2005).

O gosto pelo rádio começou muito antes. Aos 9 anos, Washington já brincava com seus amigos narrando os jogos de futebol do bairro em que morava, o Quilômetro Dois, em Petrolina. *“Eu gostava muito de escutar o Repórter somassa, que era apresentado pelo radialista Carlos Augusto Amariz, que serviu de grande inspiração para minha profissão”*, afirmou Washington Luiz (2005, informação verbal), que também já foi menino de rua e até engraxou sapatos, mas cuja dedicação o fez ingressar por outros caminhos.

Em 1977, com seus 16 anos, Washington foi convidado por Bráulio Pereira, da Rádio Juazeiro, para fazer a sonoplastia dos

programas matinais. Essa experiência durou até o final de 1979. E é justamente dessa época que ele relembra um dos momentos mais marcantes da sua carreira:

Eu e Herbert Mouze, juntamente com Douglas Dourado e Altamiro Brasil, fizemos a primeira transmissão de um jogo internacional para a região. Nós estávamos no Estádio do Arruda, no Recife, para transmitir o jogo da Seleção Brasileira. Era a despedida de Nunes, atacante do Brasil. (Washington Luiz, [2005], informação verbal).

Em 1979, Luizinho saiu da Rádio Juazeiro e foi convidado a fazer parte do quadro de funcionários da Emissora Rural para apresentar o *No terreiro da fazenda*, um programa dedicado ao forró, transmitido de segunda a sábado, das 17h às 18h. Washington ficou nove anos à frente desse programa. Em 1986, começou a apresentar o *RP 730*, programa policial da Emissora Rural.

No início de 1989 foi trabalhar na Rádio Grande Rio AM como apresentador do *Agente 680*, programa que noticia todos os fatos de natureza policial que acontecem em Petrolina e Juazeiro, ficando no posto até 1994. Passou seis meses longe do rádio e depois retornou para a Rádio Grande Rio AM. Mantendo um estilo característico da locução de programas policiais, uma narrativa pausada e enfática, Washington Luiz voltou a fazer o *Agente 680*, veiculado de segunda a sábado, das 12:40min às 14h, programa que lhe rendeu reconhecimento no meio em que trabalhava.

A sua rotina começava logo cedo. Pela manhã, às 6:30min, ligava para as delegacias de Petrolina e Juazeiro para apurar os acontecimentos. Havendo necessidade, ia ao local para pegar as entrevistas. “Normalmente, as entrevistas são feitas sempre às 7h da noite, de segunda a sexta. Aos domingos, vou às delegacias sempre às 7h da noite, quando é feito o balanço do final de semana”, salienta Luizinho ([2005], informação verbal). “Para fazer um programa policial é preciso ter

bastante jogo de cintura” (Washington Luiz, [2005], informação verbal), finalizou o radialista, que se afastou do rádio há alguns anos por motivo de saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar um levantamento histórico sobre as rádios de Juazeiro e Petrolina, as autoras se propuseram, antes de qualquer coisa, a fazer um registro jornalístico dos fatos relevantes que marcaram essas emissoras. Não tinham a pretensão de realizar o trabalho de um historiador, mas sim a intenção de contribuir para a bibliografia sobre o rádio, tão carente em registros regionais que abordem a prática das emissoras e dos profissionais da área.

Por isso, documentou-se aqui, por meio, principalmente, da memória oral de protagonistas da história do rádio no Vale do São Francisco, a trajetória das primeiras emissoras comerciais AM e FM da região, além das comunitárias pioneiras.

Também estão eternizadas nesta obra as vozes de medalhões do rádio regional, que contribuíram com seu trabalho para a consolidação desse suporte de comunicação tão presente na vida do povo ribeirinho. Mulheres e homens que, com profissionalismo e paixão pelo rádio, possibilitam o exercício da cidadania e o acesso à informação numa sociedade ainda desigual e carente de justiça social.

O desafio não foi fácil, principalmente pelo quase inexistente arquivo sobre a temática, o que não quer dizer que cada emissora e cada profissional não tivesse história suficiente para obras individuais. Por isso, a árdua tarefa de elencar apenas os fatos mais relevantes das rádios para trazer nesta obra uma visão geral dos primórdios da radiofonia sanfranciscana.

No entanto, este registro não se conclui aqui, até porque o fazer história não é estático e, em especial, no caso de emissoras regionais, está em constante desenvolvimento. Sendo assim, este trabalho abre o caminho para novos estudos e pesquisas na área, reafirmando a necessidade de aprofundar o olhar em aspectos importantes da comunicação regional.

Algumas questões relevantes podem ser abordadas em trabalhos futuros. Observar a diferença da linguagem regional no jornalismo das emissoras AM e FM e/ou mensurar o espaço dado aos assuntos de interesse local e nacional pode ser o começo de uma nova pesquisa, o que nos ajudaria a compreender mais a comunicação que se faz no Vale do São Francisco.

Conhecer o passado para saber quem somos agora. Resgatar – e registrar – a memória do rádio nas cidades de Juazeiro e Petrolina é compreender que caminho a comunicação e os comunicadores locais percorreram e sua contribuição para o Vale do São Francisco. Cada rádio e cada profissional tiveram (e alguns ainda têm) um papel fundamental em todas as transformações que essa região passou nas últimas décadas.

Ter o privilégio de contar essa história neste livro-reportagem é também cumprir o dever de multiplicar essas memórias para outros profissionais de comunicação, estudiosos ou simplesmente interessados no assunto. É contribuir para eternizar o trabalho de todas essas pessoas que ajudaram a construir a comunicação no coração do Semiárido. É também inspirar futuros jornalistas e radialistas, gente que deseja atuar no rádio e que deve conhecer a paixão que moveu tantas pessoas a levar cultura e informação para cada ouvinte, a razão de tudo isso.

Vozes do rio é uma homenagem a profissionais, estudantes de comunicação e ouvintes, amantes do rádio, esse veículo que faz a alma pulsar e desperta nossos sentidos e imaginação. Mas

esta pesquisa é igualmente uma provocação para que outras histórias sobre esse campo tão fértil sejam contadas. Outras duas emissoras passaram a funcionar em Petrolina quando esse estudo já havia sido concluído, a comercial Rádio Jornal (2006) e a comunitária Ponte FM (2010), além da comunitária Vitória FM (2010), em Juazeiro. As trajetórias dessas rádios, também precisam ser contadas. Outros profissionais de gerações posteriores aos pioneiros do rádio no Vale do São Francisco têm muito a compartilhar, são as novas vozes do rio que continuam levando as ondas sonoras para cada lar, transformando a sociedade e ajudando a construir uma nova história. Precisamos ouvir essas vozes, será uma nova aventura.

O rádio, esse veículo tão apaixonante para quem faz e para quem acompanha, também teve um papel fundamental no desenvolvimento da população ribeirinha, especialmente das cidades de Juazeiro e Petrolina. É inegável o impacto causado pela atuação das emissoras no fortalecimento cultural, econômico e social no contexto do rio São Francisco, desde que a primeira onda sonora ressoou no coração do Semiárido nordestino. Uma história que é construída dia a dia, com a vigilância incansável de comunicadores e técnicos que garantem que as mais variadas vozes tenham espaço na programação. Quem quer se fazer ouvir, basta entrar no ar. Sempre foi assim e sempre será no rádio.

Novos relatos sobre a radiofonia sanfranciscana poderão surgir e, se este trabalho conseguir levantar a curiosidade de estudar e observar mais de perto esse veículo tão fascinante que é o rádio, terá atingido o seu objetivo. O desafio está lançado.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Daniela; CAMARGO, Eduardo. *Algumas considerações sobre a história do Rádio no Brasil*. São Paulo. 2010. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/Daniela-Oliveira-Albertin-de-Amorim-e-Eduardo-Camargo.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

ASSOCIAÇÃO DAS EMPRESAS DE RADIODIFUSÃO DE PERNAMBUCO. *Rádiodifusão pernambucana*. Recife: Comunicarte, 1992.

BARBOSA, Silvio Henrique Vieira. *TV e cidadania*. São Paulo: All Print, 2010.

CAPARELLI, Sérgio. *Comunicação de massa sem massa*. São Paulo: Summus, 1986.

CÉSAR, Cyro. *Como falar no rádio: prática de locução AM e FM*. São Paulo: Ibrasa, 1990.

CÉSAR, Cyro. *Rádio: inspiração, transpiração e emoção*. São Paulo: Ibrasa, 1996.

CÉSAR, Cyro. *Rádio: a mídia da emoção*. São Paulo: Summus, 2005.

COSTELLA, Antônio F. *Comunicação: do grito ao satélite*. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2002.

CUNHA, João Fernandes da. *Memória histórica de Juazeiro*. Salvador: ABC, 1978.

DIAS, Wilson. *História da imprensa juazeirense*. Juazeiro: Santa Inês, 1982.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999.

HARARI, Cláudio Zamboni. *Montagem técnica de rádios comunitárias*. São Paulo: Secretaria de Comunicação, 1997. (Série Cartilhas de Formação em Rádios Comunitárias).

KLÖCKNER, Luciano. Linha do tempo do rádio no Brasil. Apêndice C. In: HAUSMAN, Carl; MESSERE, Fritz; O'DONNELL, Lewis e BENOIT, PHILIP. *Rádio: produção, programação e performance*. Tradução da 8. edição norte-americana. São Paulo: Editora Cengage Learning, 2010.

LEÓN, Osvaldo. Democratização das comunicações e da mídia. 2002. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/w3/fsmrn/fsm2002/leon1_midia.html>. Acesso em: 22 abr. 2018.

MACHADO, Arlindo; MAGRI, Caio; MASAGÃO, Marcelo. *Rádios livres: a reforma agrária no ar*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MENEGUEL, Y.P.; OLIVEIRA, O.de. *O rádio no Brasil: do surgimento à década de 1940 e a primeira emissora de rádio em Guarapuava*. [21--?]. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/713-4.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

MOREIRA, Elisabet Gonçalves. Recados do rádio: a fala da mediação. In: SÁ, Edna Maria Alencar; SOUZA, Geida Maria Cavalcanti; NASCIMENTO, Genivaldo do (Org.). *O professor pesquisador e a construção de novos discursos*. Recife: Edupe, 2004.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus, 1985.

PINHO, Sílvia M. Rebelo. *Fundamentos em fonoaudiologia: tratando os distúrbios da voz*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

SANTOS, Fabíola Moura Reis; FERREIRA, Vicente José Assencio. Técnicas fonoarticulatórias para o profissional da voz. *Revista CEFAC*, São Paulo, v. 3, p. 53-64, 2001.

STIER, Maria Aparecida; NETO, Benedito Costa. Oficina de narração. In: KYRILLOS, Leny Rodrigues (Org.). *Fonoaudiologia e telejornalismo: relatos de experiências na Rede Globo de Televisão*. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

ANEXO

CRONOLOGIA DO RÁDIO NO BRASIL²

1922 Primeira transmissão oficial. Realizada por ocasião da Exposição do Centenário da Independência no Rio de Janeiro (07/09), com o pronunciamento do presidente Epitácio Pessoa, seguida de audição de músicas, entre as quais, trechos da ópera O Guarani, de Carlos Gomes.

1923 Inaugurada a primeira emissora no Brasil: a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, por Edgard Roquette-Pinto e Henry Charles Morize, cuja missão primordial é difundir a educação e a cultura. Doadas ao Ministério de Educação e Cultura em 1936, passa a chamar-se Rádio MEC. Constitui o embrião do sistema de rádios educativas no país. Em homenagem a Roquette-Pinto, a data do nascimento dele, em 25 de setembro (de 1884), é instituída como o Dia Nacional da Radiodifusão.

² Informações extraídas de Klöckner (2010).

DÉCADA DE 30

Com o golpe de Getúlio Vargas o rádio foi utilizado como propaganda do governo. Neste período também surgiram diversas rádios de notícias.

(Continua)

1930 Primeiras coberturas jornalísticas pelo rádio, durante a Revolução de 30. Torna-se, nesta ocasião, conhecido o repórter e locutor César Ladeira, pela Rádio Record, de São Paulo. Posteriormente, é considerado a voz da Revolução Constitucionalista de 32, ao lado de Celso Guimarães da Rádio Cruzeiro do Sul. Coube a Ladeira introduzir um novo modelo para o rádio, com a contratação de um *cast* de profissionais com remuneração mensal.

1932 Criado o primeiro jingle no rádio brasileiro pelo cartunista e compositor Antônio Gabriel Nássara, com o refrão: “Oh, padreiro desta rua, tenha sempre na lembrança. Não me traga outro pão, que não seja o pão Bragança”. A padaria Bragança situava-se no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro.

Decreto-Lei 21.111 libera as emissoras para veicularem anúncios.

A Rádio Record de São Paulo realiza as primeiras propagandas políticas do rádio brasileiro.

1933 Rádio Escola do Municipal do Distrito Federal, obra do educador Anísio Teixeira, desenvolve aulas para o povo por intermédio do novo veículo.

1935 O Presidente Getúlio Vargas, através do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), do Governo Federal, cria o programa Hora do Brasil.

As rádios Kosmos e América, de São Paulo, são as primeiras a apresentarem programas de auditório.

(Conclusão)

1936	Entra no ar a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, emissora que por anos foi a mais ouvida em todo o Brasil.
1937	Programa Hora do Brasil (que alterou o nome em 1946 para Voz do Brasil) passa a ser transmitido em rede nacional obrigatória. Nos anos 90, algumas emissoras obtiveram liminares para alterar o programa para o horário da madrugada.
1938	Formação da primeira rede nacional de rádios, a Rede Verde e Amarela, liderada pelas Organizações Byngton, realiza cobertura esportiva pioneira de um Campeonato Mundial de Futebol na França.
1939	Começam as atividades do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão que tem, entre outras finalidades, exercer censura prévia sobre os programas radiofônicos.

DÉCADA DE 40

A partir da estadização radiofônica implantada por Getúlio Vargas no final da década de 30, o rádio sofreu mudanças radicais. Neste período também surgiram as primeiras redações jornalísticas voltadas para o rádio.

Resumo da década em Áudio produzido por Alunos de Radio
Adaptação da época: A vida de Carmem Miranda

1940	O governo do presidente Getúlio Vargas estatiza a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. (Continua)
	As primeiras agências de publicidade começam a atuar e os programas de rádio recebem patrocinadores como Coca-Cola, Gessy Lever, Colgate, Esso, Goodyear, etc.
1941	Lançado para os professores do ensino secundário o programa educativo Universidade no Ar pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro.
	O ano marca a primeira edição de <i>O Repórter Esso</i> , boletim de notícias de cinco minutos, irradiado pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro e emissoras de outras quatro capitais (São Paulo, Belo Horizonte, Recife e Porto Alegre). Também pela Nacional estréia <i>Em busca da felicidade</i> , radionovela cubana, pioneira no gênero, que permanece até 1943 no ar. No mesmo ano, é produzida <i>Fatalidade</i> , de Oduvaldo Viana, na Rádio São Paulo, primeira radionovela criada no Brasil.
1942	Rádio Nacional amplia a potência, inaugurando estação de ondas curtas com oito antenas voltadas para Estados Unidos, Europa e Ásia, transmitindo para o exterior em quatro idiomas.

(Conclusão)

1944	Criada a Associação Brasileira de Rádio (ABR). A entidade colabora para regulamentar a profissão de radialista e também com o texto-base do Código Brasileiro de Radiodifusão. Em 1962, já contemplando a televisão, foi instituído o Código Brasileiro de Telecomunicações.
1945	Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o modelo de rádio brasileiro, até então um mix europeu, passa a adotar o exemplo dos Estados Unidos.
1947	A Rádio Pan-americana de São Paulo é a primeira emissora a dedicar-se continuamente a transmissões esportivas.
1947/1948	Montadas as primeiras redações jornalísticas especialmente para o rádio. Em 1947, a Rádio Globo estrutura um departamento de notícias para o noticiário O Globo no Ar. Em 1948, a Rádio Nacional implanta a Seção de Jornais Falados e Reportagens. No final dos anos 40, início dos anos 50, ficam disponíveis os primeiros gravadores magnéticos de rolo, para consumo doméstico.

DÉCADA DE 50

O início da década é marcado pela chegada da televisão no Brasil. Através da iniciativa de Assis Chateaubriand, proprietário do grupo midiático Diários Associados, entra ao ar, no dia 19 de setembro, em São Paulo, a TV TUPI. A primeira emissora televisiva do Brasil. Para concorrer com o novo veículo, o rádio teve que se transformar.

(Continua)

	Inicia-se a concorrência com a Televisão e com a Era da Imagem. É inaugurada a PRF-3 TV Tupi-Difusora, de São Paulo (18/9). Os elencos e principais programas das rádios começam a se transferir para o novo veículo. Ao rádio cabe flexibilizar, inovar na programação.
1950	A notícia recebe tratamento destacado. Vários radiojornais e boletins noticiosos (sínteses) são elaborados pelas emissoras, buscando igualar-se à audiência da Rádio Nacional. A iniciativa de Carlos Palut, com a Rádio Continental, de criar unidades volantes (Comandos Continental) para que os repórteres falassem direto do local dos acontecimentos, promove uma revolução no rádio informativo. O rádio segmenta-se nos 30 anos seguintes e de uma programação mais eclética (estilo que predomina nas televisões abertas de hoje), especializa-se tanto nas emissoras de Amplitude Modulada (AM) quanto nas de Frequência Modulada (FM). Os estilos variam a partir dos mais populares, com esportes (predominantemente o futebol), polícia, até o jornalismo com prestação de serviço, informações e música.
1954	Rádio Bandeirantes tenta um modelo inédito: a cada 15 minutos, um é dedicado à transmissão de informações.

(Conclusão)

1955	Entra no ar a primeira rádio em FM, Rádio Imprensa, do Rio de Janeiro, que comercializava a programação em supermercados, em lojas e em escritórios.
1957	Inaugurada a Rádio Guaíba de Porto Alegre uma das primeiras emissoras a dedicar-se ao público classe AB, investindo no trinômio música-esporte-notícia. Um ano depois, em 1958, transmite a Copa do Mundo, da Suécia, sendo a primeira a contar com o retorno no estúdio Também entra no ar em Porto Alegre a Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, primeira emissora universitária AM do Brasil, por obra de Antônio Alberto Goetze e Elyzeu Paglioli (18/11).
1957/1958	Organização do Sistema de Rádio Educativo Nacional (SIRENA), pelo professor João Ribas da Costa, que contabilizou 47 emissoras na luta contra o analfabetismo. Em 1963, foi incorporado à Rádio Educadora de Brasília e extinguiu-se. São comercializados em nível internacional os primeiros rádios receptores transistorizados com funcionamento a pilha.
1959	Rádio Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, uma das primeiras emissoras a integrar a música e a notícia, inova ao lançar o Serviço de Utilidade Pública (achados e perdidos).

DÉCADA DE 60

Nos anos 60, o rádio adquiria novas dimensões. Algumas emissoras se dedicavam a ouvintes de classe A com músicas selecionadas, intercaladas com noticiários políticos nacionais e internacionais.

(Continua)

1961 A renúncia do presidente da República Jânio Quadros deflagra uma crise de governo. No Rio Grande do Sul, o governador Leonel Brizola utiliza a Cadeia Radiofônica da Legalidade, com mais de uma centena de emissoras liderada pela Rádio Guaíba, e garante a posse do vice João Goulart, o Jango, na Presidência.

Decreto presidencial regulamenta em 1961 o Movimento de Educação de Base (MEB), criado por Dom Eugênio Salles, com supervisão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), embora as ações da Igreja neste campo já existissem desde os anos 50.

1962 Fundada a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT) (27/11).

É instituída a propaganda política gratuita no rádio e na televisão.

1963 Estabelecido o Código Brasileiro de Radiodifusão

O golpe militar de 31 de março, que perdurou até os anos 80, institui diversos atos institucionais que recrudescem a censura sobre os veículos de comunicação até mesmo extinguindo alguns programas radiofônicos.

1964 No Rio Grande do Sul, é montada a Segunda Cadeia da Legalidade para resistir ao golpe militar. É coordenada pela Rádio Difusora de Porto Alegre, mas a tentativa não dá resultado.

Os gravadores cassetes, lançados pela Phillips no início dos anos 60, começam a chegar ao país.

1965 O Brasil é integrado ao INTELSAT, para transmissões de rádio e televisão via satélite.

(Conclusão)

1967

Criado o Ministério das Comunicações e com ele o Departamento Nacional de Telecomunicações (DENTEL), órgão encarregado de fiscalizar as programações das emissoras de rádio e de televisão.

1968

As ligações em FM, utilizadas como links para transporte do som dos estúdios aos transmissores, são proibidas. O governo decide distribuir estes canais, visando a expandir o número de emissoras, o que efetivamente ocorre em meados dos anos 70. A Rádio Difusora de São Paulo foi a primeira a transmitir regularmente em FM no Brasil (02/12/1970).

1969

Rádio Cultura AM de São Paulo é estatizada, passando a fazer parte da recém instituída Fundação Padre Anchieta.

DÉCADA DE 70

A ditadura militar assombrava os veículos de comunicação graças ao Ato Institucional nº 5. O rádio não seria o único veículo a se adaptar aos tempos militares. A década consolidaria o Brasil como país do futebol com o tricampeonato mundial. E no final da década, a população vê os resultados da luta pela democracia.

1970	Emissoras oficiais e privadas transmitem o Projeto Minerva. O programa é produzido pelo Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação e Cultura, e gerado pela Rádio MEC, do Rio de Janeiro. (04/10)
------	--

1973	Lançado pelo governo o Plano Básico de Canais em FM com incentivo à produção de radiorreceptores com faixa AM e FM. O número de emissoras em FM aumenta. O padrão seguido é o dos Estados Unidos com comunicadores de voz jovem, aplicando aos diálogos a informalidade, o humor, além de promover sorteios de brindes e rodar muita música.
------	--

1975	Governo cria a Radiobrás (Lei 6.301, de 15/12).
------	---

DÉCADA DE 80

As rádios FM se consolidam como o novo canal de rádio. Graças à automatização das emissoras, é possível escutar músicas 24 horas por dia.

	Inicia-se a automatização das emissoras de rádio. Até os ^(Continua) fins dos anos 90 o cartucho e a fita magnética são substituídos pelo MD (Mini disc), o disco de vinil pelo CD (Compact Disc), e o próprio rádio transmissor utilizado pelos repórteres é trocado pelo telefone celular, transformando cada profissional numa unidade móvel.
1980	Na área da informática, os computadores são, gradativamente, implantados nos estúdios e nas redações. Do mesmo modo, as redes nacionais de telefonia são supridas de fibras óticas, essenciais para elevar a velocidade e aumentar a qualidade das transmissões. A segmentação das rádios comerciais torna-se mais intensa a partir da metade dos anos 80.
1981	Começa em Sorocaba, interior de São Paulo, o movimento das rádios alternativas ou livres, que posteriormente se espalhou pelo país.
1982	Rádio Bandeirantes AM, de São Paulo, transmite o <i>radiojornal Primeira Hora</i> via satélite.
1983	Rádio Gaúcha, de Porto Alegre, é a primeira emissora AM a implantar o estilo para transmitir noticiário radiofônico 24 horas por dia, processo que se consolida nos anos seguintes. Tentativa semelhante foi desencadeada pela JB, do Rio de Janeiro, em 1980, mas algumas versões relatam que a programação era completada por música. A experiência durou seis anos e foi descartada por falta de investimentos em profissionais e equipamentos. Instituído oficialmente o Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa (SINRED), que funcionou até 1988. Em 1994, houve tentativa de reativá-lo, mas sem êxito.

(Conclusão)

1988 A Constituição Brasileira de 1988 prevê a regulamentação de vários itens que abrangem os meios de comunicação social. Entre eles: as permissões para as rádios comunitárias (regulamentadas em 1998), criação do Conselho de Comunicação Social (regulamentado em 2002).

1989 Desponta a primeira rede de rádio comercial via satélite: Band-Sat AM. A partir de 1990, outras emissoras passam a transmitir nesta modalidade, entre elas, a Jovem Pan e Transamérica.

DÉCADA DE 90

Marcada por grandes acontecimentos e tragédias, o rádio teve grande participação nas coberturas de grandes eventos como a Copa do Mundo de 1998.

1990	Sistema de rádio por cabo é lançado, mas não se firma. (Continua)
1991	No rádio AM, uma inovação: surge a primeira emissora <i>all news</i> do país, a Central Brasileira de Notícias (CBN). Em 1995, também seria pioneira neste estilo no rádio FM.
1993	Formada a Rede Conesul de Comunicação, agregando as rádios: Gaúcha (Porto Alegre/Brasil), Mitre (Buenos Aires/Argentina), Carve (Montevideu/Uruguai), Ñanduti (Assunção/Paraguai) e Cooperativa (Santiago/Chile).
1995	A <i>web</i> comercial brasileira começa oficialmente neste ano (31/05), embora a primeira conexão tenha acontecido em 1991 e em 1994 a Embratel tenha oferecido os primeiros contatos à rede mundial. Muitas emissoras convencionais começam a experimentar as transmissões <i>on-line</i> pela <i>world wide web</i> (www) que tornou possível acoplar som, imagem e vídeo, além dos textos. As pioneiras a transmitirem a programação ao vivo foram a Gaúcha, Jovem Pan, Eldorado e CBN.
1996	Rádio CBN, de São Paulo, passa a transmitir a mesma programação do AM no FM, ampliando a audiência. À <i>posteriori</i> , a mesma medida é aplicada no Rio de Janeiro. Experiência pioneira no gênero foi registrada pela Rádio Eldorado em 1958. Surge a Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (ABRACO).
1997	Congresso Nacional aprova a Lei Geral das Comunicações, criando a Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL). RadioFam da PUC do Rio Grande do Sul, <i>web</i> rádio universitária pioneira no país, entra na internet.

(Conclusão)

Realizada a primeira transmissão experimental em Digital Audio *Broadcasting* (DAB) no Brasil, em Foz do Iguaçu, no Paraná, durante Congresso da ABERT, pelo sistema europeu Eureka-147.

1998 Decreto 26.615 regulamenta as rádios comunitárias (Lei nº 9.612, de 19/02/1998).

Entra no ar a Rádio Totem, com sede em São Paulo, considerada a primeira emissora brasileira com existência apenas na internet.

SÉCULO XXI

Desde 1922, o rádio teve que se adaptar muito. Do transistor às plataformas móveis, o rádio completa noventa anos em 2012 e enfrenta um processo de reinvenção.

2000	A transmissão por rádio tem um aliado e um concorrente. O aliado é o telefone celular, cujos novos aparelhos oferecem o rádio em FM, mas eliminam a transmissão em AM. O concorrente é constituído pelos tocadores de música (<i>Ipod</i> , MP3, MP4, etc.). Este fato, aliás, já havia ocorrido com os gravadores de fita de rolo e cassetes nos anos 60 e 70 (Continua) <i>Ilkman</i> nos anos 80 e os <i>CDplays</i> nos anos 90.
2003	A Rádio Gaúcha de Porto Alegre é a primeira emissora comercial brasileira a realizar uma transmissão experimental de recepção digital do Brasil pelo padrão <i>In-Band-On-Channel</i> (IBOC), da empresa iBiquity Digital . Outro sistema testado pela Rádio Nacional de Brasília é o Digital Radio Mondiale (DRM) desenvolvido e adotado por países europeus.
2004	O <i>podcast</i> , serviço de transmissão de áudio, é incorporado como mais um atrativo das emissoras na <i>web</i> .
2005	Primeira rede em FM com 24 horas de notícias (BandNews).
2007	Carta dos Pesquisadores de Rádio e Mídia Sonora do Brasil, iniciativa da reunião do grupo da Intercom, em Santos/SP, é divulgada, questionando o Ministério das Comunicações sobre a tecnologia e os métodos na implantação do rádio digital no país. Criada a Empresa Brasil de Comunicação (EBC), congregando a TV Brasil, NBR (televisão a cabo), Agência Brasil e os Sistemas de Rádio (Rádio Nacional AM e FM/ DF, Rádio Nacional AM /RJ, Rádio MEC AM/RJ, Radio MEC AM/DF, Rádio MEC FM/RJ, Rádio Nacional do Alto Solimões AM, Rádio Nacional da Amazônia OC, Radioagência Nacional).
2008	Comissão da ABERT entrega ao Ministério das Comunicações relatório final dos testes com o sistema de rádio digital IBOC, realizados pelo Instituto Mackenzie, concluindo que o padrão é o único a atender às necessidades da radiodifusão sonora brasileira em OM (Ondas Médias) e FM.

(Conclusão)

Ministério das Comunicações divulga padrão do rádio digital brasileiro.

2010 Ministério das Comunicações caça a liminar que permitia veículos de comunicação transmitir a Voz do Brasil em horários alternativos.

SOBRE AS AUTORAS

Fabíola Moura Reis Santos

Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pela Universidade do Estado da Bahia (Uneb). Especialista em Ensino Superior, Contemporaneidade e Novas Tecnologias pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf); em Ensino da Comunicação Social pela Uneb; e, em Voz pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia (CFFa). Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco (Ufpe) e em fonoaudiologia pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Professora do curso de Jornalismo em Multimeios do Departamento de Ciências Humanas, campus III, da Uneb. Pesquisadora integrante dos grupos de pesquisa Laboratório de Estudos em Mídia e Espaço (Leme/Uneb) e Comunicação, Economia Política e Diversidade (Comum) da Universidade Federal do Piauí (Ufpi). Autora do livro *O sertão que a TV não vê: o jornalismo contextualizado com o Semiárido Brasileiro*. Coordenadora dos projetos de extensão da Rádio Universitária – Programa Eufonia e Programas Experimentais de Televisão da WebTV do campus III, da Uneb em Juazeiro, além do Projeto de pesquisa Jornalismo contextualizado com o Semiárido Brasileiro. Coordenadora de programação e jornalismo da TV e Rádio Caatinga da Univasf. Escreve o *blog* de viagem *Família que viaja junto*. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/6276475685102074>>. E-mail: fabiolamsantos@hotmail.com

Juliana Ribeiro de Amorim Galdino

Pós-graduada em Ensino de Comunicação Social pela Uneb, campus III Juazeiro/BA. Graduada em Comunicação com habilitação em Jornalismo pela Unicap. Possui larga experiência como assessora de imprensa e de comunicação de instituições e empresas como: Diocese de Juazeiro; Confederação Nacional das Cooperativas Médicas (Unimed) Vale do São Francisco; Serviço Autônomo de Água e Esgoto (Saae) de Juazeiro; e, Secretaria de Educação do Município de Juazeiro. Gerente de comunicação da Secretaria de Saúde do Município de Petrolina/PE. *E-mail:* jugaldino01@yahoo.com.br

Formato: 150 mm x 210 mm
Fonte: Minion Pro
Papel miolo: Pólen Soft, 80 g/m²
Papel capa: Cartão Supremo, 300 g/m²
Impressão: Setembro / 2018
Impressãobigraf Ltda

VOZES DO RIO



Universidade do Estado da Bahia – UNEB

José Bites de Carvalho

Reitor

Marcelo Duarte Dantas de Avila

Vice-Reitor

Sandra Regina Soares

Diretora da Editora

Conselho Editorial

Danilo Gusmão de Quadros

Darcy Ribeiro de Castro

Hugo Saba Pereira Cardoso

Luiz Carlos dos Santos

Maria das Graças de Andrade Leal

Rudval Souza da Silva

Thiago Martins Caldas Prado

Suplentes

Aliger dos Santos Pereira

Gabriela Sousa Rêgo Pimentel

Maristela Casé Costa Cunha

Marluce Alves dos Santos

Mônica Beltrame

Reginaldo Conceição Cerqueira

Valquíria Claudete Machado Borba

Fabíola Moura Reis Santos
Juliana Ribeiro de Amorim Galdino

VOZES DO RIO

a história do rádio em Juazeiro e Petrolina

Salvador
EDUNEB
2018

© 2018 Autoras

Direitos para esta edição cedidos à Editora da Universidade do Estado da Bahia.
Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma
idêntica, resumida ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.
Depósito Legal na Biblioteca Nacional
Impresso no Brasil em 2018.

Coordenação Editorial

Fernanda de Jesus Cerqueira

Coordenação de Design

Sidney Silva

Revisão Textual e Normalização

Tikinet Edições Ltda

Diagramação e Capa

George Luís Cruz Silva

Revisão Textual de Prova

Maria Aparecida Porto

Revisão de Diagramação de Prova

George Luís Cruz Silva

Imagem da Capa

Arquivo particular das autoras e
[freemages.com/John Hartley](https://www.freemages.com/JohnHartley)

Ficha Catalográfica

Bibliotecária: Fernanda de Jesus Cerqueira – CRB 162-5

Santos, Fabíola Moura Reis

Vozes do rio: a história do rádio em Juazeiro e Petrolina/ Fabíola Moura Reis
Santos e Juliana Ribeiro de Amorim Galdino. – Salvador: EDUNEB, 2018.

132 p.: il.

ISBN: 978-85-7887-352-3

1. Rádio - Juazeiro. 2. Rádio - Petrolina. 3. Rádio – História em Petrolina e Juazeiro.
I. Galdino, Juliana Ribeiro de Amorim.

CDD: 384.5

Editora da Universidade do Estado da Bahia – EDUNEB

Rua Silveira Martins, 2555 – Cabula

41150-000 – Salvador – BA

editora@listas.uneb.br

portal.uneb.br



*O rádio começa de um sonho,
vira uma paixão, termina numa
eterna conquista.*
(CÉSAR, 1996)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser infalível e generoso em seus planos. Aos nossos filhos, Cecília, Miguel, Maria Eduarda e Maria Luísa, compreensivos e pacientes. Aos nossos maridos, Luís e Eduardo, sempre companheiros e atuantes nos nossos projetos. E aos nossos pais, sempre presentes nas nossas conquistas.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
O PAPEL DO RÁDIO NO FORTALECIMENTO DA CIDADANIA E DEMOCRACIA NO VALE DO SÃO FRANCISCO	15
UMA ONDA NO AR, DEMOCRÁTICA OU NÃO?	18
PERCURSO PARA O REGISTRO DA MEMÓRIA	24
RÁDIOS COMERCIAIS	29
RÁDIO JUAZEIRO, A PIONEIRA	32
EMISSORA RURAL: A VOZ DO SÃO FRANCISCO	37
RÁDIO GRANDE RIO AM, ONDAS MÉDIAS EM TODO O SERTÃO	44
RÁDIO CIDADE	46
RÁDIO SÃO FRANCISCO	49
RÁDIO FM: NOVAS ONDAS NO AR	50
RÁDIO TRANSRIO: A PRIMEIRA FM DA REGIÃO	52
TROPICAL FM, JORNALISMO EM FREQUÊNCIA MODULADA	56
RÁDIO GRANDE RIO FM, OUVIDA EM TODO O SERTÃO	59

COMUNITÁRIAS NO COMANDO DA NOTÍCIA	63
LIBERDADE FM: O POVO DO CAMPO NO AR	65
TABAJARA, A COMUNIDADE NAS ONDAS DO RÁDIO	67
PETROLINA FM: ATUANDO NO DIA A DIA DA CIDADE	70
AS VOZES DO RIO: TESTEMUNHOS DE UMA HISTÓRIA	75
CARLOS AUGUSTO: O PORTA-VOZ DO HOMEM SERTANEJO	77
INAH TORRES: COMUNICADORA SOCIAL	83
HERBERT MOUZE: A VOZ DOS GRAMADOS	87
MARTA LUZ: UMA VOZ PARA PENSAR	96
FRANCISCO FERNANDES: O ANIMADOR DE TODAS AS TARDES	101
WASHINGTON LUIZ: O REPÓRTER POLICIAL	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS	111
ANEXO	115
CRONOLOGIA DO RÁDIO	115
SOBRE AS AUTORAS	131

PREFÁCIO

Polifonia no ar: um trabalho além da sala de aula

Este trabalho, feito à quatro mãos, registra não somente uma parte da história das vizinhas cidades de Juazeiro e Petrolina, como a história das comunicações sociais, mais, especificamente do rádio, a mídia mais acessível de que dispomos, fundamental na formação e informação urbana. Sem dúvidas, nossas cidades, nossa região, ainda têm no rádio seu referencial mais forte como meio de comunicação.

Embora algumas vertentes de um trabalho desse tipo pudessem ser mais privilegiadas, *Vozes do Rio: a história do rádio em Juazeiro e Petrolina*, da autoria de Fabíola Moura R. Santos e Juliana R. A. Galdino, como livro-reportagem de um curso de especialização em Comunicação Social, escrito em 2005, apresenta, ao lado de informações históricas imprescindíveis sobre as rádios locais, saborosas entrevistas com algumas personalidades marcantes da locução san-franciscana. Acredito mesmo que essa seleção de entrevistados pudesse ser ampliada, pois, na história de cada um deles, temos a história de uma programação diversificada, de posicionamentos também diversificados frente à audiência e que refletem a sua ideologia, nessa interatividade possível entre audição e recepção pelo rádio.

O tratamento dado à linguagem, seja no programa sertanejo, seja no esportivo, seja na crônica social, ainda é um trabalho amador muitas vezes, mas, feito com prazer e dedicação. No entanto, é

preciso ter sempre em mente que há censuras nesses discursos e a democratização é relativa.

As autoras souberam entender esse aspecto, quando afirmam:

No Vale do São Francisco, essa situação se evidencia.

Na região, as emissoras de rádio comercial, em sua grande maioria, pertencem a políticos e empresários que utilizam suas concessões para promover interesses específicos. Assim, muitos conteúdos são manipulados, divulgando mensagens que beneficiam a linha partidária ou promovem os anunciantes da carteira da empresa.¹

Nesse sentido, é que a polifonia, tantas vozes em contraste, passado e presente em sua dinâmica, pode mostrar ao ouvinte como interagir e não ser um cidadão manipulável. Há opções que podem derrubar um discurso hegemônico, utilizado também em outras mídias. Sem falar especificamente das rádios comunitárias, de precário alcance, o ouvinte médio (haveria um alto e um baixo “ouvinte”?) pode encontrar nas ondas do rádio um fator de equilíbrio crítico e posicionamento que desafia a alienação.

Para os jovens profissionais que estão aí atuantes, como as autoras desse trabalho, fica a responsabilidade de compreensão desse processo e de suas opções. Para além do amadorismo, a consciência de que a linguagem radiofônica é um instrumento ideológico e que pode ser utilizado sob os mais diversos interesses e perspectivas.

Carlos Augusto, com sua experiência, na entrevista aqui apresentada, mostra isso claramente: “No rádio, o que a gente fala não

¹ Citação extraída desta obra, p. 18.

tem volta [...]. No microfone, o que você diz tem força e em rádio eu sou o que eu digo.”

Parabéns pelo trabalho e sigam em frente...continuamos à escuta...

Elisabet Gonçalves Moreira
Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP.
Professora aposentada da Universidade de Pernambuco(UPE) e
Instituto Federal do Sertão Pernambuco (IF Sertão).

O PAPEL DO RÁDIO NO FORTALECIMENTO DA CIDADANIA E DEMOCRACIA NO VALE DO SÃO FRANCISCO

Quando a gente liga o rádio, começa uma viagem pelo imaginário de cada um. É como sonhar acordado, conduzido pela voz que comanda o microfone. Uma espécie de “hipnose consciente” que nos faz construir imagens bem pessoais, fertilizadas pelo som do rádio.

A paixão proporcionada por esse veículo de comunicação de massa, considerado o mais popular e abrangente, contagia ouvintes e profissionais da área. Estudá-lo é também uma experiência única, um incentivo a divulgar e conquistar cada vez mais adeptos ao “clubê” dos amantes do rádio.

O veículo possibilita ao ouvinte se inteirar dos fatos no momento em que eles acontecem, tornando-se assim, um meio de comunicação de caráter imediato. O rádio pode ser levado a qualquer lugar e é de fácil acesso. Tem uma abordagem educativo-informativa, sendo seu principal objetivo comunicar para comunidades.

A relação de proximidade estabelecida com o ouvinte é sólida e duradoura, um vínculo que começou há muito tempo. Os historiadores do rádio têm entendimentos diferentes sobre o início do funcionamento desse meio de comunicação no Brasil. Alguns defendem que o marco inicial foi a transmissão oficial do discurso do presidente Epitácio Pessoa, no dia 7 de setembro de 1922, no Rio de

Janeiro, em comemoração ao centenário da Independência. Segundo Costella (2002), esse episódio foi um mero evento de uma feira de amostras. Terminada a exposição, encerraram-se as transmissões.

Todavia, as referências utilizadas nesse estudo provam que a Rádio Clube de Pernambuco, fundada em Recife por Oscar Moreira Pinto, foi a primeira a realizar uma transmissão radiofônica no país, no dia 6 de abril de 1919, com um transmissor importado da França.

Para outros, o surgimento do rádio se deu com a inauguração da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, primeira emissora brasileira, fundada em abril de 1923 por Edgard Roquette-Pinto e Henry Morize, com prefixo PRA-A (depois PRA-2), sediada na Academia Brasileira de Ciências.

A programação da Rádio Sociedade não obedecia a um organograma rígido, mas tinha sempre como grade inicial o *Jornal da Manhã*, apresentado pelo seu proprietário, Roquette-Pinto. As emissoras fundadas nessa década, tinham características semelhantes às da Sociedade.

As primeiras rádios, por serem financiadas por seus associados, eram sociedades ou clubs que tinham como objetivo difundir a cultura e promover a integração nacional. É por essa razão que a denominação das primeiras emissoras era sempre Rádio Sociedade: do Rio de Janeiro em 1923; de São Paulo em 1924; ou Rádio Clube: Pernambuco, Paraná, São Paulo [...]. Na década de 1920, o rádio era um meio de comunicação ligado às camadas altas da população devido ao estilo de sua programação: óperas, conferências e músicas clássicas que agradavam à elite, não atingindo as camadas populares. (MENEGUEL; OLIVEIRA, [21--?], p. 4-5).

Na década de 1930, quando surgiu o termo “radialista”, inventado por Nicolau Tuma, o Brasil possuía 29 emissoras, mas só no início dos anos 1950 surgiu a primeira emissora de rádio do Vale do São Francisco, a Rádio Juazeiro, transmitida em ondas médias.

Foi também na década de 1950 que o rádio vivenciou um momento difícil, uma vez que nascia um meio de comunicação até então revolucionário, transmitindo informações por meio de imagens e sons: a televisão.

Mas não era só por ser novidade na produção de informações e inovação tecnológica que a televisão incomodava, havia o preponderante fator econômico. Com o novo veículo veio a concorrência pelos recursos da publicidade, dos investimentos e da mão de obra especializada no que dizia respeito tanto à questão técnica quanto aos profissionais comunicadores.

A concorrência resultou no declínio do rádio nesse período, obrigando-o a uma reestruturação total.

Dentre os meios de comunicação, talvez o rádio seja o mais privilegiado em termos de potencialidades. Primeiro porque não necessita de que o ouvinte seja alfabetizado. Depois, por ser mais abrangente: a televisão não atinge áreas rurais por causa das deficiências de eletrificação [...] esta facilidade poderia fazer do rádio um instrumento de educação, o que até agora permanece como potencialidade. (CAPARELLI, 1986, p. 86-87).

Apesar do impacto, a televisão não substituiu todo o espaço conquistado pelo rádio nas décadas anteriores. Por suas características únicas e sua relação de interatividade com o ouvinte, o rádio sobreviveu e continua se reinventando.

UMA ONDA NO AR, DEMOCRÁTICA OU NÃO?

Nas palavras de León (2002), “[...] a democratização da comunicação é, antes de tudo, uma questão de cidadania e justiça social, que integra o direito humano à informação e à comunicação” mas no Brasil, ainda estamos longe de alcançar esse ideal, independentemente do tipo e do tamanho do veículo de comunicação. No Vale do São Francisco, essa situação se evidencia.

Na região, as emissoras de rádio comercial, em sua grande maioria, pertencem a políticos e empresários que utilizam suas concessões para promover interesses específicos. Assim, muitos conteúdos são manipulados, divulgando mensagens que beneficiam a linha partidária ou promovam os anunciantes da carteira da empresa.

Nessa mesma perspectiva, notícias que atinjam de forma negativa “os parceiros” da emissora são vedadas sumariamente, quando não são distorcidas de forma a minimizar seus efeitos. Mas é importante ressaltar que, mesmo em algumas rádios comerciais da região, esse quadro, aos poucos, vem sendo modificado.

Graças ao esclarecimento da população, motivado por meio de movimentos sociais e mídia alternativa, principalmente a internet, as emissoras de rádio não tiveram outra alternativa senão abrir mais espaço para a comunidade. Os programas jornalísticos ganharam mais tempo e a discussão dos problemas locais se tornou pauta diária. Nesses espaços, o morador do bairro da periferia reclama, por exemplo, da falta de saneamento e cobra providências da empresa responsável. A partir de discussões como essas, os comunicadores de rádio lançaram a proposta de uma comissão parlamentar de inquérito (CPI) para investigar os desvios de verba nas obras de saneamento da cidade de Juazeiro/BA, em julho de 2003. A CPI criada pela Câmara de Vereadores (a única realizada até a elaboração deste trabalho) não demorou a acontecer e movimentou a cidade durante vários meses.

As rádios comunitárias também vêm nadando contra a corrente da monopolização. Em alguns casos, são moradores das comunidades que fazem os programas e discutem temas de seu interesse. Essas emissoras sobrevivem com o apoio da própria população, se libertando da pressão comercial. O trabalho que elas desenvolvem é autodidata e quase artesanal, mas possibilitam resultados visíveis. As comunidades estão mais atentas e acompanham de perto os problemas locais. Conforme León (2002),

[...] cabe dizer que é consubstancial a vida democrática da mesma sociedade, cuja vitalidade depende de uma cidadania devidamente informada e deliberante para participar e responsabilizar-se na tomada de decisão dos assuntos públicos.

Com linguagem mais acessível, os comunicadores locais conseguem deixar a notícia compreensível, o que possibilita observar até uma mudança na autoestima da região. As rádios comunitárias talvez sejam as que mais contribuem para a democratização, considerando que o exercício democrático pressupõe que os cidadãos sejam bem-informados sobre as questões a serem decididas, seja diretamente ou por meio de seus representantes eleitos. Para García Canclini (1990, p. 50),

[...] os meios de comunicação substituíram partidos, sindicatos, intelectuais. A aparição súbita desses meios põe em evidência uma reestruturação geral das articulações entre o público e o privado que pode ser percebida também no novo ordenamento da vida urbana, no declínio das nações como entidades que comportam o social e na reorganização das funções dos atores políticos tradicionais.

Dessa forma, o rádio atua facilitando o exercício da democracia, por conseguinte, como fator de socialização e de formação do cidadão no exercício de sua cidadania, uma vez que funciona como espécie de plataforma na qual a população ouvinte encontra um canal direto de participação, expondo suas vontades e necessidades.

Marshall (1967 apud, Barbosa, 2010, p. 13) explica que o conceito de cidadania comporta dimensões civis, sociais e políticas de forma simultânea, um modelo também experimentado na rotina do rádio. O autor acrescenta,

[...] a Cidadania busca a inclusão dos excluídos e a reeducação dos já incluídos. Como parte de sua constante metamorfose, a Cidadania incorpora novas ideias e projetos de construção de uma sociedade melhor e mais humana. Hoje, no Brasil, ela ganha também a dimensão de sinônimo de comportamento social. O respeito às regras e às demais pessoas, às boas maneiras do indivíduo perante o corpo social, são considerados alicerces da cidadania. (BARBOSA, 2010, p. 77).

As características do rádio como meio de comunicação de massa o tornam especialmente adequado para a transmissão da informação, o que pode ser considerado como a sua função principal, uma vez que ele tem condições de transmiti-la com rapidez maior do que qualquer outro meio, até mesmo a internet.

Assim, torna-se parceiro na divulgação dos objetivos e na atuação dos movimentos populares, sejam eles de contestação estrutural ou mais específicos. Pela proximidade territorial com a realidade do cotidiano da comunidade, interage de forma quase que imediata com os acontecimentos e recebe o impacto direto das mudanças do

meio social em que está inserido. O contato é simultâneo entre a população, suas reivindicações e o meio radiofônico.

O rádio possui um caráter urgente, possibilitando que o ouvinte acompanhe os fatos no momento em que eles acontecem. Dispensa todo o aparato e a complexidade comuns nos demais meios, podendo ser levado a qualquer lugar. O acesso dos ouvintes é fácil e prático, sem a necessidade de grandes investimentos em aparelhos avançados. Segundo Ortriwano (1985, p. 81),

[...] o rádio livre dos fios e tomadas deixou de ser um meio de recepção coletiva e tornou-se individualizado. As pessoas podem receber suas mensagens sozinhas, em qualquer lugar que estejam.

Graças a essas características, o rádio possui uma importante função social, atua como agente de informação e formação do coletivo. Desde a sua criação, se firmou como um serviço de utilidade pública, exercendo uma comunicação que contribui com a história de diversas sociedades.

Entre os meios de comunicação de massa, o rádio é, sem dúvida, o mais popular e o de maior alcance público, não só no Brasil como em todo o mundo, constituindo-se muitas vezes no único a levar a informação e o entretenimento, para populações de vastas regiões que não têm acesso a outros meios, seja por motivos geográficos, econômicos ou culturais. (CÉSAR, 1990, p. 63).

É ainda uma plataforma atuante na prestação de serviços, com informações sobre empregos, produtos e utilidade pública, além de ajudar a desenvolver objetivos comuns e opções políticas, possibilitando

o debate social e expando temas e soluções práticas por meio do conteúdo jornalístico, por exemplo, sem esquecer de sua contribuição para a cultura e a produção intelectual.

Esse meio de comunicação é essencialmente popular, de fácil acesso e custo reduzido, que permite o contato do ouvinte com um mundo bem maior do que os impostos pelos limites físicos e econômicos. Nessa natureza democrática de acesso e na mobilidade que oferece, reside o potencial de um veículo de comunicação que, desde a sua invenção e disseminação, já teve dias de glória e de dificuldades, mas que se mantém atuante e continua tendo sua importância.

Nas cidades Petrolina/PE e Juazeiro/BA, o rádio se desenvolveu como fator de unidade em municípios com grandes áreas rurais e zonas urbanas de vida cultural, social e política intensa. Mas, mesmo com a sua importância, a produção radiofônica nessa região carece de trabalhos direcionados à sua história e às pessoas que o constroem, dia a dia, nas duas cidades. Por isso, esse veículo é o objeto principal deste livro-reportagem, que procura documentar a história das primeiras emissoras de rádio dessas cidades.

De acordo com levantamento feito pelas autoras desta obra em 2018, as cidades de Petrolina e Juazeiro têm, juntas, nove rádios comerciais e cinco comunitárias. Depois do jornal impresso, o rádio se estabeleceu como veículo de comunicação de maior alcance, com a missão de garantir que a informação chegasse à comunidade ribeirinha.

A Rádio Juazeiro AM, com 65 anos de fundação (em 2018) e até hoje no ar, foi a pioneira na região. Com uma potência que cativa ouvintes até em outros estados, foi a primeira a produzir uma programação totalmente local. Com programas de utilidade pública, variedades e esportivos, além de um jornalismo cada vez mais atuante, principalmente nos bairros periféricos, a Rádio Juazeiro abriu espaço para as associações de bairro, para movimentos de minoria,

ou seja, para que a população, de uma maneira geral, pudesse se manifestar.

Depois vieram as outras rádios de modulação em amplitude (AM do inglês *amplitude modulation*) com propostas semelhantes: informar e ser um canal aberto para a comunidade. A Emissora Rural, primeira AM de Petrolina, teve também participação importante nos movimentos sociais. Por ser uma rádio católica, acompanhou e divulgou, nas suas ondas, todo o desenvolvimento da Teologia da Libertação e dos Movimentos Eclesiais de Base, abrindo ainda espaço para a educação do homem do campo.

Mesmo com a chegada das rádios de modulação em frequência (FM, do inglês *frequency modulation*), apesar do seu perfil ainda mais comercial e segmentado, as rádios locais trouxeram um diferencial: incluíram na sua programação um espaço jornalístico regional, no qual a comunidade pode participar e expor suas demandas.

Recentemente, a região ganhou cinco rádios comunitárias que, apesar de estarem se adaptando ao mercado, representam uma grande conquista para a comunicação local. Nelas, a população pode participar de maneira efetiva na decisão do que será transmitido, do que interessa àquele grupo.

Na programação das rádios comunitárias, a universidade também tem espaço garantido. Um exemplo é a revista radiofônica *Eufonia*, um programa semanal produzido por estudantes do curso de Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), que está no ar há vários anos nas rádios comunitárias Liberdade e Vitória FM, em Juazeiro, e nas emissoras Curaçá FM, Orocó FM e Petrolina FM, localizadas nas cidades de mesmo nome, no Semiárido baiano e pernambucano. O programa também conquistou um horário em uma AM comercial, a Emissora Rural.

Difícilmente outro veículo de comunicação com o alcance e a força do rádio abriria tanto espaço para a produção local, para a

participação de pessoas de diferentes origens e perfis econômicos e para a divulgação do que acontece ao redor, o que fortalece ainda mais a contribuição desse poderoso veículo para o desenvolvimento dos contextos local, regional e nacional.

PERCURSO PARA O REGISTRO DA MEMÓRIA

Escrever sobre o rádio é fazer também o registro de um povo e conhecer sutilezas pela sua forma de se comunicar e enviar mensagens. Às vezes, com recados comuns, ou como diz Moreira (2004, p. 103), “[...] alguns bastante bizarros, quase caricaturais, mas expressivos do imaginário e de valores sociais e éticos preservados”. Registrar tudo isso é uma mistura de responsabilidade, prazer e aprendizado.

Foi em busca desse objetivo que *Vozes do rio* nasceu. Trata-se de um livro-reportagem elaborado a partir de entrevistas com profissionais do rádio, que gentilmente receberam as autoras e comparilharam suas memórias. Um trabalho jornalístico de investigação, apuração e escrita dessas histórias. Uma pesquisa que tem ainda a pretensão de ir além e inspirar novos estudos.

A escassa bibliografia sobre o veículo (principalmente no contexto regional) também motivou o estudo, que objetiva registrar a história do rádio em Juazeiro e Petrolina, cidades irmãs, unidas pelo rio São Francisco, antes que ela desapareça da memória dos ribeirinhos. Sendo assim, esta obra discorre sobre as emissoras pioneiras no Vale do São Francisco, visto que existe muito pouco registrado sobre essas rádios.

Ao mesmo tempo, o livro servirá de parâmetro e consulta para os estudantes do curso de Jornalismo em Multimeios da Uneb, em Juazeiro, e interessados que queiram aprofundar pesquisas no campo da radiofonia. Contribui também para demonstrar o estilo, o perfil e a atuação dos profissionais, além de registrar como o veículo vem evoluindo na região.

No decorrer da obra, será mostrado como este veículo de comunicação se desenvolveu na comunidade ribeirinha, partindo de uma abordagem geral, na qual se discute a relação mídia x sociedade, englobando sua importância para a democratização da informação até a questão regional, com a fundação das primeiras emissoras comerciais AM e FM, bem como o aparecimento das rádios comunitárias na região e os benefícios que essas trouxeram para os ouvintes, assuntos tratados na primeira parte do livro.

Personagens que ajudaram a construir essa história também estão nesta pesquisa. Locutores atuantes na evolução do rádio na região são figuras essenciais neste registro. Vozes das margens do rio São Francisco contando o dia a dia de um povo, por meio da comunicação nas ondas do rádio compõem a segunda parte deste livro.

Neste trabalho de pesquisa realizado em parceria, as autoras buscaram reconstruir não só a história das rádios, mas também a trajetória de locutores que ajudaram a percorrer esse caminho. Para tanto, investiram na memória dessas testemunhas e registraram relatos que não estão em nenhuma bibliografia até então.

Cada uma das autoras se responsabilizou por um número de rádios e locutores, diretores, gerentes e funcionários das emissoras. Os entrevistados foram ouvidos individualmente e questionados sobre a história das emissoras em que trabalharam, como começaram no rádio, em que profissionais se inspiraram, seu estilo de locução, que cuidados tinham com a voz, que é seu instrumento de trabalho, entre outras curiosidades. Além do registro baseado na memória oral, a pesquisa também foi elaborada com auxílio da bibliografia disponível e da internet.

Especificamente, a jornalista Fabíola Moura fez o levantamento das rádios Juazeiro, Tropical, Grande Rio FM, Petrolina FM e Liberdade FM, além de entrevistar os locutores Carlos Augusto, Inah Torres, Marta Luz e Herbert Mouze. Enquanto a outra autora jornalista, Juliana Amorim,

fez o levantamento das rádios Emissora Rural, Grande Rio AM, Rádio Cidade, Rádio São Francisco, Transrio e Rádio Comunitária Tabajara FM e as entrevistas com os locutores Francisco Fernandes e Washington Luís. Munidas dessas informações e com o complemento dos livros pesquisados, as autoras escreveram suas entrevistas, mas a dupla também elaborou o conteúdo que solidifica este trabalho: a importância do rádio como veículo de comunicação.

Também foram as jornalistas-pesquisadoras que registraram a maioria das fotos, acreditando que a imagem conta uma história. E, como se trata de um livro-reportagem de rádio, o registro de áudio não poderia faltar. As autoras solicitaram aos locutores entrevistados que escolhessem trechos de seus programas. Após edição, os arquivos foram gravados em CD-ROM, que ficou como registro sonoro extra do trabalho.

Dos esforços pioneiros de alguns profissionais na década de 1950 até o alto grau de competitividade e profissionalismo alcançados nos dias atuais, o rádio se firmou como fator de integração de uma região vocacionada, historicamente, para o progresso, seja econômico, político, cultural ou social. Isso permeia as páginas que se seguem.

Dessa forma, objetivou-se reconstruir a história das rádios de Juazeiro e Petrolina, assim como registrar o desenvolvimento da locução radiofônica na região por meio de alguns personagens dessa história, profissionais do rádio que contribuíram com a evolução do veículo desde a instalação da primeira emissora e que cresceram com ele. Também buscou-se analisar as características dos estilos de narração, situar o leitor no contexto histórico do rádio no âmbito mundial e apresentar os principais locutores e as características profissionais de cada um.

Vozes do rio é ainda uma tentativa de colaborar com a formação pedagógica de quem vive às margens do rio da integração nacional,

em especial os estudantes de Comunicação Social, principal inspiração e a quem este livro é dedicado.

Não é um texto difícil de ler. Ao contrário, pela natureza dinâmica e multifacetada do objeto abordado, pôde-se realizar um trabalho que busca pinçar, de forma direta e contextual, as características e peculiaridades da comunicação via rádio na referida região.

Espera-se que essa experiência possa contribuir para o enriquecimento pessoal e intelectual daqueles que se propuserem a “degustar” esta obra.

Cabe registrar que a concretização deste livro não seria possível sem os profissionais do rádio que ajudaram a contar essa história. Gratidão também à jornalista Sandra Mara de Oliveira Souza, guia das autoras nesse livro-reportagem, por sua contribuição imprescindível durante a pesquisa, que é resultado do trabalho de conclusão do curso de especialização em Ensino de Comunicação Social, realizado pela Uneb, *campus* III, em 2005.

Por fim, as autoras têm a imensa honra de apresentar a sua contribuição para essa história, que continua dinâmica e merece sempre ser revista com o carinho atento dos apaixonados.

RÁDIOS COMERCIAIS

Desde a primeira transmissão até a instituição do “reclame” pelo governo de Getúlio Vargas, o rádio brasileiro seguiu um percurso semelhante ao do veículo em outras partes do mundo. Começou com conteúdo educativo e virou comercial, inicialmente pelas ondas da AM e posteriormente também pelas FM.

Já no Vale do São Francisco, o rádio começou de forma comercial pelas AM Juazeiro, Emissora Rural, Grande Rio AM, Cidade e São Francisco, além das FM Transrio, Tropical e Grande Rio FM.

É justamente nas cidades de interior que as emissoras de rádio assumem um papel de destaque e ganham importância na rotina da população muito maior que em qualquer metrópole. No rádio, as pessoas se sentem à vontade para exercer a cidadania e exigir seus direitos. Quanto mais desassistida a comunidade, mais ela deposita no veículo toda a esperança em ter seus problemas resolvidos e direitos garantidos.

O rádio cumpre bem essa função, acaba sendo a ligação direta entre a população e o poder público, que mantém os ouvidos muito atentos para tudo que está sendo veiculado em cada estação. Na região do Vale do São Francisco, essa situação é verificada de forma marcante em Petrolina e Juazeiro. Com várias emissoras nos dois lados do rio, o veículo de comunicação tem forte presença na vida das duas cidades. Podemos ir além e afirmar que a atuação do rádio é determinante na vida desses municípios. Se um assunto foi discutido

no rádio, é certeza que será debatido nos gabinetes dos gestores e nas esquinas da cidade.

Foram as emissoras comerciais em amplitude modulada que chegaram primeiro para exercer esse papel na sociedade. Com a introdução do rádio à válvula (mais barato e acessível) e a autorização via legislação brasileira para que o veículo pudesse receber pagamento pela veiculação de publicidade, a partir de 1931, o rádio deixa de ser amador, com programação erudita e educativa, para se popularizar com programas voltados para lazer e diversão, oficialmente um produto que visa lucro. Logo

[...] os empresários começam a perceber que o rádio é muito mais eficiente para divulgar seus produtos do que os veículos impressos, inclusive devido ao grande número de analfabetos. (ORTRIWANO, 1985, p.16).

Era a época da Revolução de 1930, Getúlio Vargas estava à frente do país, e a indústria passava por um crescimento acelerado, de 200 estabelecimentos fabris em 1881 para 13.336 em 1920, 49.418 em 1940 e 89.086 em 1950 (COSTELLA, 2002). Nesse cenário, o rádio serviu para impulsionar o comércio e o consumo.

No Brasil, as emissoras tiveram de contribuir para a própria formação de mercado, pois aqui chegaram em um momento de transição. Passávamos do Brasil-rural para o Brasil-urbano. (COSTELLA, 2002, p.181).

Foi assim que o rádio se transformou e foi se profissionalizando cada vez mais, com programação no horário certo, investimentos estruturais e contratação de artistas e produtores de diversas áreas, como jornalistas, publicitários e dramaturgos.

Os programas de auditório, muito populares, eram o berço de novos ídolos, como Orlando Silva, Francisco Alves e Carmen Miranda. A linguagem radiofônica foi se estruturando de maneira cada vez mais coloquial, do programa de entretenimento ao noticiário jornalístico. (ORTRIWANO, 1985).

Essa proximidade com o público logo foi usada também politicamente. Getúlio Vargas, o presidente que autorizou os “reclames” no rádio, sentava na primeira fila dos programas de auditório e fazia questão de se aproximar dos artistas na tentativa de se beneficiar da popularidade do veículo enquanto centralizava fortemente o poder.

Por outro lado, as rádios paulistas serviam de porta-voz para exigir a deposição do presidente Vargas e a convocação de eleições para a formação de uma assembleia constituinte.

Durante a Revolução Constitucionalista, em 1932, a curiosidade pelas notícias de São Paulo elevou a audiência da Record em outros estados, inclusive no Rio de Janeiro, então capital federal. (COSTELLA, 2002, p.181).

A propaganda política, que começou nos anos 1930, foi sendo aprimorada. A Record,

[...] primeira líder em audiência, introduziu a programação política, ao trazer políticos aos seus microfones – para ‘palestras instrutivas’, como dizia o seu proprietário Paulo Machado de Carvalho. (ORTRIWANO, 1985, p. 17).

Já em 1940, o governo de Getúlio Vargas decidiu que a Rádio Nacional deveria ser um instrumento de afirmação e legitimação ideológica do Estado Novo tanto no âmbito cultural quanto no das relações sociais, econômicas e políticas.

O rádio atinge sua “Era de Ouro” na década de 1940, com as radionovelas, os radiojornais e a programação esportiva. Já em 1950, o veículo entra numa nova fase com a chegada da televisão ao Brasil. Foi nessa época que foi fundada a primeira emissora de rádio do Vale do São Francisco, a Rádio Juazeiro, que, ainda assim, reviveu todo o tempo áureo do veículo com seus programas de auditório e gincanas. As emissoras que surgiram a seguir em Petrolina também ignoraram o fim da era dourada e investiram em radiojornais de grande audiência, como o *Repórter somassa*.

Nessa região o rádio também foi utilizado como instrumento de educação e formação da população rural e, ainda hoje, é uma forte ferramenta de articulação política, tanto para promover a informação e a autonomia da população quanto para fortalecer grupos políticos de variadas legendas na disputa do poder. O sistema de concessão de canais de radiodifusão no Brasil favorece essa prática e ainda estamos longe de alcançar um modelo de comunicação democrático.

É nesse cenário que a radiofonia sanfranciscana surge, se consolida e continua mais forte do que nunca. E é essa história que contamos a seguir.

RÁDIO JUAZEIRO, A PIONEIRA

No ano do centenário da cidade de Juazeiro, em 1978, o historiador do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e do Instituto Genealógico da Bahia, João Fernandes da Cunha, lançou um dos primeiros livros que resgataram a memória do município. Na publicação *Memória histórica de Juazeiro*, o autor dedicou um capítulo à imprensa regional. A Rádio Juazeiro é a única emissora de rádio que aparece no estudo, confirmando o seu pioneirismo como a primeira da região.

Foto 1 - Fachada da Rádio Juazeiro em 2005



Fonte: Foto de Juliana Amorim (2005).

De acordo com Cunha (1978, p.144), a Rádio Juazeiro foi “[...] idealizada, construída e instalada por Joaquim Borges dos Santos e com o prefixo ZYN-21, potência de 250 *watts* - 1.250 quilociclos e ondas médias de 240 metros [...]”. O historiador registra, ainda, o dia 12 de julho de 1953 como a data de inauguração da rádio e faz uma referência à programação de então, com “[...] noticiários de qualidade, boa música e a palavra dos magníficos cronistas juazeirenses”. (CUNHA, 1978, p. 144).

Já Wilson Dias (1982) acrescenta o nome de Camerino Muniz como o comerciante que, ao lado de Joaquim Borges, adquiriu as cotas de aparelhagem da rádio de dois mercadores que possuíam um canal de radiodifusão. Adys Casalino e Floriano Pinto da França Ferreira tinham a outorga do Ministério dos Correios e Telégrafos, que funcionava no Rio de Janeiro, por meio da portaria nº 604, de 21 de junho de 1946, mas a autorização não foi repassada por eles aos

fundadores da rádio. Sem permissão para funcionar, a emissora foi desativada mais tarde e ficou fechada até 1959.

Em 1960, a aparelhagem da Rádio Juazeiro foi comprada pelo ex-prefeito da cidade, Américo Tanuri, e pelo jornalista Rômulo Athanásio, que logo depois revenderam os equipamentos a outro ex-prefeito: Joca de Souza Oliveira. A emissora funcionou algum tempo na rua da Apolo, no centro de Juazeiro, até ser vendida ao casal Osvaldo Benevides e Marta Luz, em 23 de março de 1970. Foi nesse período que a Rádio Juazeiro passou a funcionar na sua atual sede, na rua Aprígio Duarte Filho, sendo finalmente legalizada junto ao Ministério das Comunicações, mediante a portaria nº 1.309, de 26 de novembro de 1974, que renovava sua licença de funcionamento.

Vale salientar que a RÁDIO JUAZEIRO foi a primeira estação de rádio do Estado da Bahia a conseguir a renovação da licença. Em 3 de outubro de 1975, esta emissora ganha concorrência para a instalação de uma Estação em Onda Tropical de 5 KWs. Em 2 de fevereiro de 1977, ganha outra concorrência, agora para uma Estação de Frequência Modulada Stereo. Mais tarde ganha o Canal de VHF e FM para reportagens externas. Até então o único na região. E em 10 de junho de 1978, inaugurou seu Parque Irradiante com potente Transmissor de 10 KWs. (DIAS, 1982, p. 51).

Após a autorização para funcionar, a potência da emissora foi ampliada para 10 mil KW e seu alcance ultrapassou os limites do Vale do São Francisco, sendo ouvida desde Pirapora, em Minas Gerais, até a cidade alagoana de Penedo. A rádio recebia cartas até de ouvintes da África, que escutavam a emissora principalmente no período da noite, quando a potência do sinal se propaga bem mais fácil, sem a incidência de raios solares.

Em 1979 foi inaugurado o novo parque irradiante da emissora no bairro Alto da Aliança (onde ainda funciona) e seus novos transmissores, um de 10 KWZ e um reserva de 1 KWZ.

A Rádio Juazeiro começou a operar no fim da Época de Ouro do rádio e no surgimento de um novo veículo de comunicação no Brasil, a televisão. Uma época em que as emissoras nacionais tiveram que se adaptar a uma nova fase e buscar uma linguagem “mais econômica”. (ORTRIWANO, 1985, p. 21). As grandes e caras produções ao vivo e os famosos programas de auditório deram lugar a discos, fitas, noticiários e serviços de utilidade pública. As rádios se programaram para atender às “[...] necessidades regionais, principalmente ao nível de informação”. (ORTRIWANO, 1985, p. 21). É quando o radiojornalismo ganha um grande impulso.

Curioso observar que a primeira estação de rádio instalada na região começa a funcionar justamente no período em que o veículo passa pela sua pior crise no país. E, mesmo em tempos de adaptação nacional, a Rádio Juazeiro ignorou as mudanças e reviveu a fase áurea do veículo, com os programas de auditório realizados ao vivo na própria emissora.

Os calouros se apresentavam e concorriam a prêmios singelos, como caixas de chocolate. A professora aposentada da Uneb, Odomaria Bandeira não se contentou em ser apenas uma ouvinte, ela lembra dos tempos em que participava dos programas:

Eu me lembro da Rádio Juazeiro ali na Misericórdia, mais ou menos naquela parte próxima à Galeria Apolo. Cheguei a me apresentar lá, na cabine de locução, em um programa feito no Dia das Mães, como aluna do Ginásio Juazeiro. Os programas de auditório aconteceram anos antes, quando a rádio era em outro local. A rádio funcionou um tempo na rua d'Apolo e ali havia um auditório. Lembro de meus pais comentarem que, naquele auditório, João Gilberto cantara juntamente com Valter Souza e um outro cidadão daqui, formando um trio vocal e que

as pessoas não gostavam da voz do “Joãozinho”. (Odomaria Bandeira, 2005, informação verbal).

De acordo com relatos dos ouvintes daquele período “dourado” da Rádio Juazeiro, a audiência da emissora se explicava pela demora da chegada dos primeiros aparelhos de televisão à região. Além disso, a recepção do sinal de televisão (TV) se manteve precária durante duas décadas. O sinal era tão ruim que muitos moradores de Juazeiro fretaram vários veículos para assistir à Copa de 1970 na cidade de Senhor do Bonfim, privilegiada por sua localização geográfica e, por isso, com uma recepção melhor do sinal televisivo.

Foto 2 – Fachada da Rádio Juazeiro em 2018



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2018).

Como sua concessão não foi adquirida por influência política, a Rádio Juazeiro é “especial”, nas palavras da ex-gerente Margarida Benevides, que considera a emissora livre no exercício do radiojornalismo, um espaço democrático no qual todos têm liberdade para se expressar, desde que respeitem a Lei de Imprensa. Margarida compareceu à rádio a uma Câmara Municipal, já que ela “vai muito além de informar e tocar música; ela tem uma empatia especial por seu ouvinte”, conclui a ex-gerente da emissora, que em 2018 completou 36 anos de carreira como radialista e 35 à frente do programa *Quando nasce uma esperança*.

EMISSORA RURAL: A VOZ DO SÃO FRANCISCO

No final da década de 1950 e início dos anos 1960, o rádio estava passando por um momento crítico. O início da expansão de outros meios de comunicação, como a televisão, com sua linguagem totalmente diferente, provocou uma total reformulação na programação das emissoras. O antigo modelo de transmissão de programas de auditório foi, paulatinamente, substituído por uma programação mais eclética, que incluía esporte, jornalismo e uma variedade musical que melhor retratava as várias faces da sociedade.

Foto 3 – Fachada da Emissora Rural com estúdio panorâmico em 2005



Fonte: Foto de Juliana Amorim (2005).

Nesse contexto de transformação da comunicação via rádio, no dia 28 de outubro de 1962, foi inaugurada, pelo quarto bispo de Petrolina, dom Antônio Campelo de Aragão, a Fundação Emissora Rural, um veículo de comunicação da diocese do município, que nascia como instrumento de evangelização e de humanização. O primeiro programa veiculado foi o *Disk jockey rádio fã*, apresentado pelo radialista Carlos Augusto Amariz.

A emissora do Semiárido pernambucano passou por muitas dificuldades. Algumas delas aconteceram durante o período pós-Golpe Militar de 1964. Houve pressão por parte da nova ordem instalada

para que um programa implantado pela emissora, o Movimento de Educação de Base (MEB), que utilizava o método Paulo Freire de alfabetização, não tivesse continuidade.

O MEB foi fundado na região em 28 de outubro de 1962 por Dom Antônio Campelo de Aragão e por uma equipe de professores formada por Maria Dinalva Sá Medrado, Elenita Dias Ferreira, Anete Rolim, Zélia Marques de Souza, Raimunda Teixeira Coelho e João Rabelo. Professores e monitores espalhados por toda região ensinavam a população do interior a ler e escrever por meio das ondas médias do rádio.

Os professores passavam o conteúdo escolar pelas ondas da Emissora Rural. O programa era direcionado para o agricultor que, após um dia de trabalho, no horário das 18h às 19h, tinha a oportunidade de estudar pelo rádio. As salas de aula possuíam um quadro-negro e um aparelho de rádio, além de um monitor de cada localidade, que era treinado para acompanhar e tirar as dúvidas dos alunos. Os supervisores visitavam periodicamente as escolas para ver o desenvolvimento da classe.

Assim, a Emissora Rural serviu de “palco” para uma das escolas radiofônicas mais extensas do rádio. O programa atingia os municípios pernambucanos de Petrolina, Araripina, Serrita, Exu, Bodocó, Ouricuri, Ipubi, Afrânio, Santa Maria da Boa Vista, Casa Nova, Cabrobó e Orocó, com um alcance maior, comparativamente, ao estado de Sergipe.

O MEB era um movimento das dioceses e funcionava em quase todo o Brasil. Tinha sede nacional localizada no Rio de Janeiro e seu principal objetivo era alfabetizar pelas ondas do rádio. Em 1964, o MEB foi obrigado a encerrar as suas atividades por imposição das Forças Militares.

Foto 4 – Fachada da Emissora Rural antes da construção do estúdio panorâmico, posteriormente erguido no antigo estacionamento da rádio



Fonte: Acervo da Emissora Rural ([entre 1990 e 1992]).

Mas a Emissora Rural também teve seus dias de glória com os programas de auditório. A professora Odomaria Bandeira lembra do tempo em que participava das competições na rádio de Petrolina e na rádio Juazeiro:

Do auditório da Emissora Rural eu me lembro mais, porque até cheguei a participar de uns dois programas que aconteciam aos domingos pela manhã (por volta das dez horas). Eram apresentados por Franklin Delano. Eu cantei em um deles “Quem te viu, quem te vê”, de Chico Buarque, e ganhei, pelos aplausos da plateia presente, um prêmio: uma caixa de sidra e de biscoitos Somassa. Em outro dia participei do mesmo programa com uma outra música e ganhei de novo. Isto no final da década de sessenta, quando eu fazia na mesma emissora a apresentação de um programa “jovem” da diocese de Juazeiro, que

terminava no horário em que ia começar o programa de auditório. (Odomaria Bandeira, 2005, informação verbal).

A professora conta ainda que na mesma década chegou a concorrer para a função de locutora de um programa diário naquela rádio, da Companhia de Navegação do São Francisco (Franave). O concurso foi feito por meio de testes de locução com as pretendentes no ar, durante o próprio programa. O ouvinte motivado fez sua escolha por inúmeras cartas.

[...] as finalistas (eu e Genideth) disputaram frente a frente, perante uma plateia “seleta” (as torcidas) que lotou as dependências da rádio no dia marcado para o programa de auditório que definiria a vencedora, ao vivo e diretamente. Genideth ganhou e tornou-se a locutora, ficando na Emissora Rural muito além do período do programa para o qual concorrera comigo. (Odomaria Bandeira, 2005, informação verbal).

A Emissora Rural foi a única rádio de Pernambuco a transmitir em duas faixas: onda média e onda tropical. Também foi a única da região sanfranciscana a ter a concessão para transmissão em onda tropical, aquela que opera na faixa compreendida entre 2.300 e 5.600kHz.

Segundo a Associação das Empresas de Radiodifusão de Pernambuco (Asserpe) (1992), esse sistema não opera nos estados do Sul por ser destinado às regiões tropicais, pois com médias potências, é possível se obter grandes áreas de cobertura, somente utilizadas acima do trópico de Capricórnio e abaixo do trópico de Câncer.

Já as emissoras de onda média são as que estão compreendidas no *dial* entre as frequências de 535 e 1.605kHz. A Asserpe esclarece ainda que, durante o dia, as ondas se propagam por terra e, à noite, a propagação é feita tanto por terra quanto pela camada ionosférica, aumentando o seu alcance. É por isso que à noite a

maioria das emissoras baixa suas potências para evitar interferências em emissoras cocanais.

A Emissora Rural opera no prefixo ZYI 780, na onda média, com a frequência AM 730kHz e 10 mil *watts* de potência e no prefixo ZYG 525, na onda tropical, com a frequência AM 4.945kHz e mil *watts* de potência. Graças a essa característica, a rádio já recebeu correspondências da Europa Central, da América do Norte e da Ásia.

A emissora foi administrada durante oito anos por dom Campelo de Aragão e, em seguida, por dom Gerardo de Andrade Ponte. Logo depois, quem assumiu a direção foi o ex-bispo de Petrolina, dom Frei Paulo Cardoso, que criou o *slogan* “A rádio que anuncia Jesus – uma nova rádio para um novo milênio”. Na Foto aparecem o técnico Antônio Avelar na mesa de áudio e Isve Cavalcante e Franklin Delano na locução.

Foto 5 – Primeiro estúdio da Emissora Rural em 1974



Fonte: Acervo da Emissora Rural (1974).

Hoje, a Emissora Rural é totalmente informatizada. Opera com o sistema de áudio digital computadorizado e possui um estúdio panorâmico, do qual é gerada a programação ao vivo. Além disso, a emissora dispõe de um estúdio no qual são feitas as gravações comerciais, programas e produções artísticas. No momento desta pesquisa, o administrador era o padre Bianchi Xavier.

A grade de programação é bastante diversificada, com jornalismo, programas regionais, musicais, esportivos, além do plantão de notícias via satélite com a Rede Católica de Rádio de São Paulo. Mas, apesar dos avanços, a rádio preserva um acervo fotográfico e de objetos que relembram momentos históricos, como a homenagem da Emissora Rural a Luiz Gonzaga no Cine Massangano, em 1975, no dia em que o Rei do Baião ganhou o título de cidadão petrolinense.

Foto 6 - Homenagem da Emissora Rural a Luiz Gonzaga no Cine Massangano, em 1975



Fonte: Acervo da Emissora Rural (1975).

Em 2018, com 56 anos de fundação, a Emissora Rural se prepara para migrar para a FM, ação regulamentada pelo Governo Federal por meio do Decreto nº 8.139, de 7 de novembro de 2013, e criticada pela Federação dos Radialistas (Fitert), que defende a digitalização de todos os sistemas existentes no país: rádio AM, FM, ondas médias e ondas tropicais. A federação acredita que é por meio da AM que as informações chegam aos locais mais longínquos do Brasil.

Polêmica ou não, a Emissora Rural segue investindo na migração. Já realizou toda a troca dos equipamentos para estéreo e saiu dos anteriores 10 KW da AM para uma potência de 30 KW, inaugurando o que virá a ser uma nova fase na radiofonia sanfranciscana.

RÁDIO GRANDE RIO AM, ONDAS MÉDIAS EM TODO O SERTÃO

A rádio Grande Rio AM foi fundada em 14 de fevereiro de 1981, no auge da expansão do rádio na história do país.

Para o rádio brasileiro os anos 80 representaram uma etapa de sedimentação do modelo americano de música e promoções para os ouvintes, assumido pela grande maioria das FMs nacionais. (AMORIM; CAMARGO, 2010)

Nesse período, a Grande Rio era dirigida pelo empresário Geraldo de Souza Coelho e gerenciada pelo jornalista Carlos Augusto Amariz, primeiro radialista a entrar no ar quando a emissora ainda estava em fase experimental, seis meses antes da inauguração.

Foto 7 – Fachada da Grande Rio AM em 2005



Fonte: Foto de Juliana Amorim (2005).

A Grande Rio AM é um veículo de comunicação com grande audiência no sertão pernambucano. A programação é baseada em jornalismo e informação, além de programas direcionados para o sertanejo nordestino.

Com um transmissor de 12 mil *watts* de potência, a Grande Rio AM opera na frequência 680MHz e conta com audiência em diversas partes do Nordeste. Segundo Francisco Fernandes, seu atual gerente, ela é ouvida em vários municípios de Pernambuco, Piauí, Paraíba, Bahia, Ceará e Sergipe, audiência comprovada mediante a participação dos ouvintes na programação da emissora. No estado de Pernambuco, o alcance é para todo o Sertão do São Francisco, Sertão Central e Sertão do Araripe.

RÁDIO CIDADE

No dia 4 de dezembro de 1989, o empresário Flávio Silva conseguiu a concessão pública da Rádio Rio Vale AM, hoje conhecida como Rádio Cidade. A Rádio Rio Vale era a “irmã gêmea” da Vale FM. Surgiu após sete anos de fundação da Vale FM, com o intuito de criar uma emissora com uma programação própria de rádio AM. A rádio operou em fase experimental até outubro de 1990, quando então passou a funcionar como rádio comercial.

Foto 8 – Fachada da Rádio Cidade quando funcionava no centro de Juazeiro em 2005



Fonte: Foto de Juliana Amorim (2005).

Com a criação da Rio Vale AM, os profissionais da FM foram divididos entre a Vale FM e a nova rádio. O fato de serem parte de um mesmo grupo empresarial e utilizarem os profissionais da FM pela nova emissora, inicialmente, confundiu a grade de programação das duas rádios. Com o tempo, a Vale FM e a Rio Vale AM assumiram respectivamente as identidades de rádio FM e AM.

Logo que foi inaugurada, a emissora tinha sede na rua José Petitinga. Em 1996, se instalou na Praça da Bandeira com o nome Rádio da Cidade, local onde ficou até o ano de 2000, quando passou a funcionar na rua Floriano Peixoto, ocasião em que alterou sua denominação para Rádio Cidade. Segundo Nilson Ferreira, então gerente de programação, todas essas mudanças sempre buscaram dar à emissora uma identidade própria, que caracterizasse e fortalecesse a ligação com a comunidade sanfranciscana. O nome “Rádio Cidade” foi escolhido com o propósito de estabelecer um vínculo com os diversos grupos locais que recebem o sinal da rádio.

Foto 9 – Atual estúdio da Rádio Cidade



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2018).

Foto 10 – Transmissão ao vivo para a internet



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2018).

Jornalismo, música e entretenimento integram a linha básica adotada pela Rádio Cidade, tendo uma programação bastante diversificada para o público de todas as idades. A emissora opera na frequência AM 870kHz, prefixo ZYH-499 e começou com 5 KW de potência, mas atualmente está com 10 KW. A Cidade também opera no sistema de rede com a Boa Nova de Rádio de São Paulo, retransmitindo uma programação espírita das 20h às 6h da manhã. De segunda a sexta também era retransmitido o jornal *Nova era*, das 12h às 13h, mas esse horário agora é ocupado pelo *Jornal da cidade*, apresentado pelo radialista José Geraldo.

Desde 2001, a Rádio Cidade funciona 24 horas e os conteúdos também podem ser conferidos ao vivo pela internet. Em 2008, a emissora mudou a sede para o bairro Piranga e conta atualmente com dois estúdios, site e aplicativo próprios. A programação investe no jornalismo, com quatro programas diários e mais dois esportivos, o *Giro Esportivo* (13h às 14h) e o *Panorama esportivo* (17h às 18h). Em 2017, um novo programa estreou na emissora, o *Saber*

educar, que divulga projetos e iniciativas inovadoras das escolas da região. O programa é transmitido de segunda a sexta, das 6h às 7h.

RÁDIO SÃO FRANCISCO

No dia 15 de julho de 1986 entrava no ar mais uma rádio AM na região, era a Rádio Independência, que depois mudou de nome para Rádio São Francisco. A concessão da emissora foi dada a Etelvir Dantas, um empresário da região, que a vendeu para o também empresário John Khoury.

Foto 11 – Sede da Rádio São Francisco em 2005



Fonte: Foto de Juliana Amorim (2005).

Na fundação da emissora, o nome era Rádio Independência, depois foi modificado para Nova Ind por uma questão de fonética.

No dia 4 de outubro de 2001, a rádio foi rebatizada para Rádio São Francisco em homenagem aos 500 anos do rio São Francisco.

A primeira transmissão foi apresentada ao vivo em um estúdio que possuía apenas uma mesa de som e um transmissor de 5 KW. No entanto, só era utilizado meio KW de potência, o equivalente a um raio de 100 km. *“No início foram muitas dificuldades. O toca-discos era improvisado. Nós levamos uma radiola de casa e alguns discos”*, salientou o radialista Herbert Mouze (2005, informação verbal). Logo depois, foi adquirido um toca-discos profissional para resolver esse problema. Em 2005, a rádio possuía um quadro com 15 funcionários e tinha departamento de esporte, de jornalismo, técnico e comercial.

A emissora funcionou por algum tempo em Água Bela, bairro periférico de Juazeiro. A grade de programação era bastante popular, composta de notícias e músicas. Herbert Mouze apresentava um programa infantil ao ar livre com a comunicadora Sibelle Fonseca, nas proximidades da rádio. O programa era apresentado todos os domingos pela manhã, das 9h às 10:30min, e o público-alvo eram as crianças de bairros periféricos, que participavam de gincanas e brincadeiras.

A rádio já funcionou no Água Bela, na orla de Juazeiro, no Shopping Águas Center e, em 2005, se encontrava no Mercado Popular de Juazeiro. Atualmente, encontra-se fora do ar, pois está em processo de venda para outro proprietário.

RÁDIO FM: NOVAS ONDAS NO AR

As rádios com transmissão FM surgiram no país na década de 1960. Inicialmente, as transmissões eram direcionadas a determinados públicos, a ouvintes específicos. O sinal era transmitido no sistema denominado *broadcasting*, com programação musical sem intervalos comerciais e buscando atender, sua clientela da forma

mais personalizada possível. O grande diferencial desse formato era a recepção em som estéreo, com maior pureza e qualidade.

A partir da década de 1970, a recepção, que era feita por receptores estéreos, localizados em lojas, escritórios e, consultórios, entre outros, e por canais fechados, passou a ser disponibilizada em canais abertos. Foi quando as emissoras FM tiveram grande popularização.

A pioneira a operar somente em FM no Brasil foi a Rádio Difusora de São Paulo,

[...] mas há os que contestam a primazia da Difusora nesse setor, uma vez que a Rádio Eldorado de São Paulo, quando foi fundada, em 1958, transmitia em ondas médias e por questão de prestígio usava também a FM para transmitir só música, fora da faixa comercial. (ORTRIWANO, 1985, p. 23).

Ainda na década de 1970, a tendência à especialização da audiência era maior, “[...] as grandes emissoras tentam ganhar os diversos segmentos de público, mantendo programas que atinjam diferentes faixas, em diferentes horários”. (ORTRIWANO, 1985, p.24). As agências de produção radiofônica também surgiram nesse período, produzindo programas com artistas famosos e assuntos do momento para serem vendidos a pequenas emissoras.

A primeira FM da região foi a Rádio Transrio, em Juazeiro, que por um tempo usou a marca Transamérica FM. Já a Rede Transamérica foi a primeira rede nacional de rádio FM, que chegou a atingir os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Paraná, Bahia, Minas Gerais, Sergipe, Pará, Santa Catarina, Maranhão, Paraíba, Mato Grosso e Distrito Federal. A programação era dividida em produções nacionais em rede e programas locais, elaborados por cada emissora, como aconteceu com a Transrio.

Uma das dificuldades da programação em rede é a descontextualização com a realidade local, homogeneizando os conteúdos e deixando o ouvinte cada vez mais distante do que acontece ao seu redor. Uma das grandes vantagens do rádio é justamente a proximidade com o público e a possibilidade de produzir uma programação totalmente local, que perde espaço com a produção em rede.

Perdem também os profissionais do veículo, que vão encontrar um mercado cada vez mais restrito para atuar. Na região, a produção em rede é uma realidade em determinados horários de várias emissoras, que preferem comprar a programação pronta, empacotada de outros contextos, em vez de investir na produção de conteúdos locais, que atendam à necessidade da audiência e prestem serviço à sociedade.

Dando continuidade a este trabalho, registramos a seguir como foi a chegada das rádios de frequência modulada no Vale do São Francisco.

RÁDIO TRANSRIO: A PRIMEIRA FM DA REGIÃO

Há 37 anos, entrou no ar, com a frequência 99,9MHz, a primeira rádio FM de Juazeiro e do Vale do São Francisco, a Rádio Transrio, afiliada à Rede Transamérica de Rádio, de São Paulo. No dia 14 de março de 1981, a região passou a contar com uma emissora cuja programação era musical, sem comerciais e que tinha todos os equipamentos importados dos Estados Unidos.

Foto 12 – Fachada da Rádio Transrio em 2018



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2018).

No começo, a rádio fazia o uso de fitas e ficava no ar das seis da manhã à meia noite. Antes da inauguração, no período de setembro de 1980 a março de 1981, a emissora funcionou em fase experimental.

O sistema da rádio Transrio era todo automatizado, com quatro gravadores reprodutores de fitas de rolo da marca Scully, além de reprodutor de áudio operado por quatro funcionárias, que se encarregavam de trocar as fitas. “A rádio optou por contratar mulheres para operar o sistema, por achar que elas seriam mais atentas e cuidadosas”, salientou Bráulio Pereira Leite Filho (2005, informação verbal), técnico da rádio desde a sua inauguração.

Durante os primeiros sete anos de existência, a Rádio Transrio funcionou com a programação gravada vinda de São Paulo, inicialmente, da Transamérica Produções. Depois, de 1985 a 1988, optou-se pela *Broadcasting*, outra produtora de programação gravada para emissoras de rádio de todo país. Essa segunda empresa tinha uma produção mais dinâmica, já que a locução era gravada e depois inserida durante, no começo ou no fim de três músicas seguidas, diferentemente da Transamérica, que gravava a locução no final de cada música, de forma que ficava perceptível que a programação não era ao vivo.

Detalhando a primeira fase da emissora, de 1981 a 1985, a produção dos programas era toda preparada pela Transamérica Produções e enviada por via aérea para Juazeiro. Os locutores gravavam até a hora certa. Alguns comerciais também eram gravados em São Paulo, outros pelo proprietário Osvaldo Benevides. Os programas gravados eram formatados para durarem 15 dias. “Se não chegasse outro programa após esses 15 dias, nós invertíamos os horários de reprodução das fitas para que ninguém notasse que a programação era repetida”, comentou Bráulio Pereira (2005, informação verbal).

Em 1997 a emissora se afiliou à rede Transamérica, com programação ao vivo via satélite e algumas horas de produção local também. Foi quando a Transrio mudou o nome para Transamérica Pop, com uma programação bastante diversificada.

Foto 13 – Fachada no período da Rádio Transamérica em 2005



Fonte: Foto de Juliana Amorim (2005).

Até então, a Transamérica só tocava música no estilo pop/rock, mas os ouvintes da cidade gostavam de músicas de outros gêneros, e a emissora inseriu horas locais mais populares. Aos poucos, a rádio foi aumentando as horas locais e, no começo de 1988, começou a transmitir uma programação ao vivo da cidade.

Em meados dos anos 1990, as rádios que faziam programação gravada passaram a ser ao vivo (com treinamento de locutores) pela necessidade de interagir com a cidade, algo que a concorrência já fazia. Isso motivou todas as emissoras afiliadas a fazerem o mesmo, cada uma transmitindo a sua própria programação local. No entanto, a Transrio FM já tinha começado desde 1988 a sua programação local ao vivo.

Por volta de 2005, entraram três opções da programação via satélite da Rede Transamérica, que diversificavam o estilo musical: o *hits* (música popular), o pop (pop-rock) e o *light* (músicas mais suaves). A primeira FM de Juazeiro optou por testar o formato de *hits*, por ser mais popular e ter mais horas locais.

Desde 1985, a Transrio/Transamérica já operava com um transmissor de 10 KW e alcançava um raio de 130 km em direção à Bahia e até 250-km em direção a Pernambuco, já que as antenas estavam voltadas para esse estado.

Por volta de 2014, a emissora saiu da Rede Transamérica por necessidade de veicular mais horas locais e voltou a se chamar Transrio.

TROPICAL FM, JORNALISMO EM FREQUÊNCIA MODULADA

A Tropical nasceu com o nome Vale FM em 1987. O comerciante Flávio Silva ganhou a concessão da segunda FM da região e resolveu criar a primeira emissora de frequência modulada com a programação totalmente local.

Foto 14 – Estúdio da Tropical FM em 2005



Fonte: Foto de Flávio Ciro (2005).

Foto 15 – Estúdio da Tropical FM em 2005



Fonte: Foto de Flávio Ciro (2005).

A rádio começou com uma programação popular e variada. Dez anos depois de sua fundação, em 1997, a emissora se filiou à Rede Somzoom Sat, sediada em Fortaleza. Essa inovação surgiu no Brasil nos anos 1970, com as agências de produção radiofônica, que vendiam gravações para emissoras de menor porte. Até 1999, a programação noturna da Vale FM, aos sábados à tarde e aos domingos, era transmitida via satélite da capital do Ceará.

A emissora mudou de nome quando se filiou à rede Tropical Sat e passou a transmitir doze horas de programação local. Foi quando se fez um grande investimento em equipamentos digitais, como um processador OMNIA, um dos três únicos da Bahia até então, responsável pelo tratamento do som e até da correção de erros em músicas; um *link* RVR italiano, para captar o sinal do transmissor; além de equipamentos reserva para todos os que estavam em funcionamento na rádio.

A rádio implantou ainda o Attendance, um sistema de atendimento ao ouvinte. A emissora funciona com 10 KW-Classe A e tem um raio de 100km de alcance.

A Tropical resolveu ousar ainda mais quando alternou a programação musical, característica da FM, com o jornalismo. O projeto começou com a produção de sete boletins diários e a intenção de melhorar o conteúdo informativo com a qualificação dos profissionais. Em 2018, a emissora tinha a participação do jornalismo de hora em hora, além de um radiojornal ao meio-dia (o *Tropical Notícias*) e uma revista radiofônica das 18h às 19h, o *Ligação Direta*.

A programação também ganhou dois novos programas, o *Gestão em Negócios*, de 12:20min às 13h, e o *Revista Tropical*, das 13h às 14h. Conectada com as possibilidades que a digitalização proporcionou, a emissora tem um aplicativo da rádio e toda sua programação está disponível ao vivo pelo seu site. Se não for possível ouvir ao vivo, há opção de conferir os *podcasts* dos programas jornalísticos.

A Tropical também foi a primeira da região a abrir espaço para as produções universitárias (em 2006) e exibiu por cerca de cinco anos o programa *Eufonia*, produzido por estudantes do curso de Jornalismo em Multimeios da Uneb.

RÁDIO GRANDE RIO FM, OUVIDA EM TODO O SERTÃO

A rádio Grande Rio FM é integrante do Sistema Grande Rio de Comunicação, ao lado da TV Grande Rio, de Petrolina, rádio Boa Vista FM, de Santa Maria da Boa Vista (PE), rádio Grande Serra, de Araripina (PE), e rádio Voluntários da Pátria FM, de Ouricuri (PE). A emissora foi inaugurada em 17 de fevereiro de 1989.

Foto 16 – Estúdio da rádio Grande Rio FM em 2005



Fonte: Acervo da emissora (2005).

Com 10 KW de potência, frequência 100,7MHz, prefixo ZYD-265 e uma programação musical eclética, a rádio, que tem uma grande cobertura, abrange a maior parte do sertão de Pernambuco, tendo ainda penetração em cidades de estados vizinhos, de acordo com Valéria de Souza, gerente da rádio em 2005.

Nesse mesmo período, a Grande Rio FM dispunha de um estúdio, de uma gravadora e de uma programação local, com a participação constante dos ouvintes. Em alguns programas, havia interação simultânea de dois ouvintes com o locutor, os quais ajudavam a elaborar a seleção musical.

A programação da emissora era dividida em vários estilos musicais, como música popular brasileira (MPB), temas românticos nacionais e internacionais e forró, tendo ainda um programa especial dedicado ao Rei Roberto Carlos, com músicas do cantor e compositor.

O jornalismo também faz parte da programação da rádio, que inaugurou esse tipo de produção em frequência modulada na cidade “[...] *com a proposta de se implantar um jornalismo de rádio FM sério, dinâmico e atuante, trazendo notícias locais e nacionais dos mais diversos assuntos e temas*”, afirma Daniel Campos (2005, informação verbal), então apresentador, produtor e editor geral da programação jornalística. Além das notícias nacionais, as pautas ligadas à comunidade local também são abordadas pela equipe da rádio.

Foto 17 – Estúdio da Grande Rio FM em 2018



Fonte: Acervo da Grande Rio FM (2018).

Em 2018, a Grande Rio FM completou 28 anos com uma programação 24 horas no ar. Entre os destaques estão o programa jornalístico premiado *Nossa Voz*, veiculado de 7h a 8:30min, e o programa esportivo *Nossa Voz Esporte*, de 13h a 14h, além de boletins de notícias de hora em hora. Alguns desses programas são transmitidos em cadeia via satélite para as outras três emissoras de rádio do sistema Grande Rio.

Na pesquisa mais recente encomendada pela própria emissora, a Grande Rio FM tinha mais de 50% de audiência na região, o que reflete a forte atuação da rádio na realização de promoções em datas festivas e de uma programação interativa, com a estreia de novos formatos, como o programa *Perfil*, que, entre outras coisas, promove entrevistas e divulgação de eventos.

De acordo com a diretora das rádios do Sistema Grande Rio, Ana Amélia Coelho Lemos (2018, informação verbal), a missão da emissora é proporcionar o crescimento regional:

[...] divulgar arte, cultura, fazer parte do dia a dia, informando, impulsionando a nossa economia, questionando e debatendo, alegrando nossos ouvintes, é um desafio diário, que requer pessoas comprometidas.

A emissora também está ao vivo na internet e no aplicativo da Grande Rio FM. Tem ainda perfil nas redes sociais *Twitter*, *Facebook* e *Instagram*.

COMUNITÁRIAS NO COMANDO DA NOTÍCIA

A rádio comunitária se insere no Brasil como meio de democratização das relações de comunicação, de forma restrita, pelas próprias características técnicas, mas com a vantagem de expressar a identidade de determinada comunidade e com a circulação de informações de forma menos vinculada a interesses escusos, hegemônicos na sociedade e, às vezes, prejudiciais às peculiaridades do indivíduo daquela área. De acordo com o estudioso em comunicação Costella (2002, p. 188),

[...] admite-se, hoje em dia, que o rádio poderá desdobrar-se ainda em novas formas de serviços, principalmente tendo em vista o interesse social. Com esse sentido foram imaginadas as rádios comunitárias, isto é, emissoras para prestar serviços de utilidade pública no âmbito de uma comunidade. Controladas por associações ou fundações sem fins lucrativos, dotadas de baixa potência (25w), para transmitir em FM (frequência modulada) e limitadas à área geográfica de um bairro, elas já são previstas no Brasil, por lei, desde 1998.

A facilidade de movimento propiciado pelo aparelho de rádio se alia à resposta imediata às necessidades do sujeito local, favorecida pelo rádio. A emissora comunitária, ainda mais, pois é feita por

pessoas da localidade, em uma área geográfica específica, geralmente integrantes de comunidades e engajadas em movimentos reivindicatórios, que trabalham os problemas e anseio locais.

Além disso, as rádios comunitárias se caracterizam tecnicamente por terem um alcance limitado, com potência de transmissão de até 25 *watts* a partir de sua antena transmissora e frequência modulada, e pela simplicidade da técnica. Conforme explicação de Harari (1997, p. 20),

[...] um dos fatores que mais caracterizam as transmissões em FM (frequência modulada) de baixa potência, vem a ser justamente a simplicidade técnica tanto para montagem quanto para a operação e manipulação dos equipamentos. O dial de FM é justamente a faixa de frequências onde encontra-se apta a operação em frequência modulada. Nos rádios analógicos é aquela faixa cheia de números que contém a marcação da emissora que vai de 88 a 108 MHz.

O rádio se tornou um meio de socialização da comunicação, não só de popularização da informação. Se o veículo, na sua forma comercial, consegue ser o meio de comunicação mais próximo à comunidade (já que a maioria das emissoras tende a focar na regionalização), quando ganha o aspecto comunitário, desvinculado da necessidade de gerar lucro, é que realmente se torna o meio de comunicação mais fiel à comunidade que retrata.

No Brasil, o fenômeno das rádios livres começou a ganhar impulso nos anos 1980, principalmente (de acordo com estudiosos) a partir da divulgação pela imprensa da proliferação de “rádios piratas” na cidade paulista de Sorocaba. Informações dão conta que lá

chegaram a existir, em operação, 42 emissoras clandestinas de FM durante o verão de 1982. Para Ortriwano (1985, p.34),

[...] o ponto mais importante para os animadores das rádios livres populares é aquele que permite ao conjunto dos meios técnicos e humanos estabelecer um verdadeiro sistema de feedback entre os ouvintes e a equipe que o realiza. E são diversos os tipos de problemas a serem enfrentados. De um lado existe a questão da liquidação do monopólio, como condição inicial para o desenvolvimento das rádios livres e do outro a questão muito mais ampla do controle da publicidade comercial.

No Vale do São Francisco, esse fenômeno também é observado e está em plena expansão. As rádios comunitárias chegaram para ampliar a participação da população na sociedade. Um espaço ainda mais democrático para as pessoas colocarem suas reivindicações e anseios, para se sentirem em casa e também para fazer comunicação.

LIBERDADE FM: O POVO DO CAMPO NO AR

Na localidade de Campos, antigo distrito de Itamotinga, atual distrito de Maniçoba, a 34 km de Juazeiro, nasceu a Associação Comunitária Liberdade FM. Foram quase cinco anos desde a fundação da associação, em 16 de novembro de 1997, até o licenciamento, em 27 de setembro de 2002, e o dia em que a rádio foi finalmente ao ar, em 22 de outubro de 2002.

Formada por pessoas da própria comunidade, toda a programação da emissora é elaborada e exibida por voluntários. São mais de vinte programas, todos ao vivo, que vão ao ar das seis da manhã às dez da noite. De acordo com Machado, Magri e Masagão (1986, p. 21),

[...] rádios e televisões livres constituem a melhor resposta de uma sociedade democrática aos conglomerados e monopólios, bem como ao seu poder de concentração e comando. Elas se dirigem a segmentos específicos da população, oferecendo transmissões diferenciadas, voltadas às aspirações de cada estrato social, de cada comunidade ou de cada grupo cultural. Sua programação tende a ser diversificada na mesma amplitude da diversidade do público, ao contrário das rádios e televisões comerciais que, por força de suas ambições hegemônicas, só podem se dirigir à média indiferenciada e amorfa dos cidadãos abstratos. A liberdade para as ondas pode ser a base de uma explosão informativa tão ampla e diversificada como foi o fenômeno das rádios e TV livres na Europa na segunda metade dos anos 70.

No caso da Liberdade FM, entre os programas, cinco são evangélicos, um é católico e outros são musicais, como o *Forró na roça*, que abre espaço para os cantores da região, além do *Arquivo da liberdade*, que relembra os sucessos do passado. A rádio tem ainda programas de variedades, como *A hora e a vez do campo*, com entrevistas, culinária, saúde, notícias da região e informações agrícolas. A Liberdade FM ousa ao sair do estúdio e fazer transmissões ao vivo de campeonatos locais e de outras comunidades de futebol amador. Já o programa *Momento dos Artistas* é apresentado semanalmente, de comunidades diferentes, com participações de artistas da terra, como aboiadores, poetas, repentistas, violeiros e sanfoneiros (dados de 2005).

A rádio tem um alcance médio de 20km, com ouvintes nos projetos de irrigação de Maniçoba e Curaçá, além de outras comunidades. Com prefixo 104.9, a Liberdade FM tem 25 *watts* de potência.

Em 2018, a emissora continuava enfrentando os mesmos problemas para conseguir apoio cultural e voluntários, por isso alguns horários ficaram livres, principalmente no período da tarde.

Mas a programação da Liberdade também ganhou novos programas com muita audiência na comunidade. Um deles é o *DIM rural*, que é transmitido às sextas-feiras, das 10h ao meio-dia. O programa é apresentado por técnicos agrícolas que abordam questões como plantio, colheita, previsão do tempo e até o preço de produtos agrícolas, sem perder de vista a questão ambiental e a sustentabilidade no distrito de irrigação de Maniçoba.

TABAJARA, A COMUNIDADE NAS ONDAS DO RÁDIO

A rádio Tabajara surgiu em abril de 2001 a partir de uma brincadeira de fim de semana. Luis Carlos de Sousa, seu diretor e idealizador, pretendia escutar e criar a sua própria programação musical. Foi quando teve a ideia de montar o transmissor e o equipamento para transmitir o sinal para outras pessoas em um raio de quatro a cinco quarteirões, no bairro Cohab Massangano, em Petrolina. Um dia, Luis Carlos resolveu dar um número de telefone no ar, quando várias pessoas começaram a ligar e pedir música. A partir daí a emissora começou a ter uma programação 24 horas no ar, mas funcionando como rádio livre. A grade de programação era direcionada para os ouvintes que gostavam de MPB, forró e música brega.

Foto 18 - Fachada da primeira sede em 2006



Fonte: Acervo da Tabajara FM (2006).

Foto 19 - Unidade avançada de transmissão da rádio Tabajara FM



Fonte: Acervo da Tabajara FM (2006).

A Tabajara passou por muitas dificuldades. O momento mais crítico foi no dia 11 de março de 2004, quando os equipamentos foram todos lacrados pela Polícia Federal. Esse fato aconteceu logo após a cobertura que a emissora fez durante a chuva na região e que foi noticiada em todo o país, devido ao estado de calamidade que atingiu a cidade de Petrolina. Nessa ocasião, a rádio ficou bastante conhecida e foi denunciada. Na mesma época, a emissora já tinha encaminhado para o Ministério das Comunicações o pedido de regularização do canal.

Em abril do mesmo ano, Luis Carlos resolveu colocar novamente a rádio no ar, operando como rádio livre. Dessa vez, porém, a Tabajara passou a funcionar só nos finais de semana, com uma programação musical. “Em vários países, a palavra escrita é relativamente livre, mas a liberdade de expressão da palavra falada e da imagem tem esbarrado sistematicamente no monopólio da radiodifusão”, afirma Ortriwano (1985, p. 34).

Foto 20 – Luis Carlos no novo estúdio da Tabajara FM, em 2018



Fonte: Acervo da Tabajara FM (2018).

No dia 22 de fevereiro de 2005 foi publicada no *Diário Oficial da União* a portaria nº 108, do Ministério das Comunicações, concedendo a legalização de funcionamento para a rádio da Associação dos Moradores da Cohab Massangano – Rádio Tabajara FM.

Em 2005, depois de quatro anos de espera, a rádio comunitária Tabajara FM contava com uma programação que era substituída e renovada a cada 60 dias, operando na frequência 104,9MHz, em um raio de 1km e com um equipamento de 25 *watts* de potência.

A Tabajara surpreendeu mais uma vez quando adquiriu, em 2014, a unidade avançada de transmissão, equipada para fazer coberturas ao vivo na cidade. A emissora também mudou de endereço e agora funciona no bairro Jardim Imperial. Em 2018, tinha oito locutores e uma programação 24 horas no ar. Entre os novos programas estão alguns evangélicos e o *Fala Petrolina*, de notícias, que é transmitido de segunda a sexta-feira, das 14h às 16h.

PETROLINA FM: ATUANDO NO DIA A DIA DA CIDADE

A Petrolina FM foi inaugurada no bairro Gercino Coelho, em Petrolina, no dia 20 de abril de 2005, com o prefixo 104,9. A emissora foi criada por meio da Fundação Assistencial, Educacional e Cultural de Petrolina (Faepe), instituída em 1989 sem fins lucrativos. A arrecadação com os patrocínios, sob a forma de apoio cultural, é revertida para o pagamento das despesas de custeio (como salários, encargos, água, luz e telefone) e de capital (equipamentos).

Foto 21– Fachada da primeira sede da Petrolina FM



Fonte: Foto de Luís Frota (2005).

O caminho até a regularização não foi curto. Em junho de 2003, atendendo aos requisitos da Lei Federal nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998, o deputado federal Gonzaga Patriota encaminhou o pedido ao Ministério das Comunicações. Em agosto de 2004, o órgão outorgou a permissão de funcionamento mediante portaria de autorização publicada no *Diário Oficial da União*. Posteriormente, o presidente da república, por meio de mensagem presidencial, encaminhou o projeto de lei ao Congresso Nacional para ratificação da outorga da emissora. A Câmara dos Deputados e o Senado Federal, por intermédio das Comissões de Ciência e Tecnologia e Constituição, Justiça e Educação, aprovaram, por unanimidade, o referido Projeto de Lei do Poder Executivo, concretizando assim o objetivo da Faepe.

Logo que a Petrolina FM entrou no ar, houve choque de frequência entre as rádios comunitárias, uma vez que todas operam no sinal 104,9. Um problema, de acordo com o coordenador de programação da emissora, Edenevaldo Alves, causado pela geografia da cidade, “que é muito plana e sem barreiras, o que faz com que a transmissão vá mais longe, interferindo em outras emissoras”.

Técnicos da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), estiveram na cidade e constataram o problema. Desde então, a Petrolina FM opera na frequência 98,3, de emissora educativa, embora ainda não tenha conseguido a transição oficial junto ao Ministério das Comunicações.

Foto 22 - Fachada da atual sede da Petrolina FM



Fonte: Foto de Luís Frota (2018).

Foto 23 - Recepção da Petrolina FM



Fonte: Foto de Luís Frota (2018).

A rádio tem uma programação variada, incluindo entretenimento, cultura, música, jornalismo, saúde, religião, notícias policiais, além de promover discussões e debates sobre diversos temas relacionados à comunidade. O objetivo, segundo seus dirigentes, é proporcionar um espaço democrático, variado e bem próximo da população. Profissionais já renomados na região fazem parte da emissora. Eles trocaram as rádios comerciais para apostar na emissora.

A Petrolina FM tem site e aplicativo e, há alguns anos, funciona em sede própria, na avenida Francisco Coelho Amorim, no bairro José e Maria, local em que também está sediada a Faepe.

Sejam comerciais ou comunitárias, as emissoras instaladas no Vale do São Francisco têm cumprido um papel fundamental em todos os contextos, do social ao histórico, passando pelo político até o cultural. Independentemente da sua natureza, das finalidades e de

como são geridas, todas essas emissoras têm a sua importância no processo contínuo e dinâmico de transformação dos territórios em que estão inseridas. Um poder que exige equilíbrio e consciência.

AS VOZES DO RIO: TESTEMUNHOS DE UMA HISTÓRIA

[...] É pela voz e pelos olhos que conhecemos a fundo uma pessoa, determinando os detalhes de sua personalidade e de seu comportamento.

Pela voz determinamos sua cultura, região de onde vem, comportamento, e pelos olhos, quando bem observados, penetramos no fundo de sua personalidade.

(CÊSAR, 1996)

O ser humano adaptou órgãos de outros sistemas, como o digestivo e respiratório, para constituir o aparelho fonador e poder falar. Foi dessa forma que saímos da comunicação gestual para a fonoarticulatória.

Mas a espécie foi mais longe, e a linguagem exteriorizada por meio da fala se transformou em muito mais do que a expressão do pensamento. Aperfeiçoamos o som que emitimos através das pregas vocais para tornar mais bela a comunicação, uma estética buscada sempre pelos profissionais, que usam a voz como instrumento de trabalho, seja na música, na televisão ou no rádio. São vozes que marcam gerações e servem de inspiração para famosos e anônimos.

Quando o rádio nasceu no Brasil, (não oficialmente) em Recife, no dia 6 de abril de 1919, era apenas uma experiência de amadores. A primeira transmissão considerada oficial, no entanto, só ocorreria em 7 de Setembro de 1922, no Rio de Janeiro. Mas o primeiro a entrar no ar não foi nenhum locutor profissional. Alguns poucos

ouvintes da sociedade carioca acompanharam o discurso do Presidente Epitácio Pessoa em comemoração ao Centenário da Independência.

Só nos anos 1930, com a instituição do rádio comercial no país, os primeiros profissionais foram contratados. Artistas e produtores passaram a preparar os programas com antecedência. Nessa época, o rádio também já veiculava propaganda política. A pesquisa de Gisela Ortriwano (1985) revelou um locutor que teve grande atuação na Revolução Constitucionalista, em 1932. César Ladeira ficou famoso como o locutor oficial da revolução, por meio da Rádio Record.

Outra voz anunciou a inauguração da emissora que marcaria mais adiante a Época de Ouro do rádio. Em 12 de setembro de 1936, um gongo soou três vezes e Celso Guimarães lançou a boa nova, “Alô, Brasil! Está no ar a Rádio Nacional do Rio de Janeiro”. A Rádio Nacional também foi responsável pelo lançamento do radiojornal mais famoso da história brasileira. Às 12:45min do dia 28 de Agosto de 41 entrava no ar o *Repórter Esso*, com o *slogan* “Testemunha Ocular da História”. A voz grave de Heron Domingues comandou 18 dos 27 anos em que o programa esteve no ar.

O futebol também contribuiu para eternizar algumas vozes. Nicolau Tuma, considerado o pioneiro entre os locutores esportivos, narrou a primeira partida de futebol transmitida pelo rádio, em 10 de fevereiro de 1932. Já a Copa do Mundo de 1938 foi transmitida da França por Gagliano Neto.

Assim como as vozes que marcaram época no Brasil, Juazeiro e Petrolina também fizeram e fazem história com locutores que testemunharam e participaram ativamente do desenvolvimento regional e das emissoras de rádio nas quais atuaram e/ou atuam. São profissionais que não conquistaram a notoriedade nacional, mas alcançaram respeito e credibilidade de seus ouvintes, realização que não tem preço para aqueles que fazem rádio, acima de tudo,

por amor. Uma parcela da história de alguns desses profissionais está registrada neste estudo. São testemunhos que servem de exemplo para quem quer seguir carreira no rádio, e também, para todos os cidadãos comuns que participam dessa jornada.

Além dos depoimentos desses profissionais, apresenta-se ainda, seus perfis vocais, em quem eles se inspiraram no início da carreira e como cuidam de seu instrumento mais valioso de trabalho: a voz. Aqui, está registrado, não só o estilo de narração por eles adotado, mas também as modificações de locução ao longo dos anos, acompanhando as transformações desse veículo, já que “a comunicação é um processo dinâmico, com características e necessidades de cada época. As características de fala herdadas do rádio antigo foram substituídas pela naturalidade”. (STIER, 2003, p. 20). Vamos mergulhar, portanto, na história das vozes do rio.

CARLOS AUGUSTO: O PORTA-VOZ DO HOMEM SERTANEJO

Carlos Augusto Amariz Gomes só estudou até o segundo grau (atual Ensino Médio), mas a experiência adquirida em mais de 52 anos ininterruptos no rádio deu-lhe a formação autodidata de radialista na função de radiorepórter. Tudo começou quando Carlos Augusto tinha 22 anos. A estreia foi em alto-falantes, por meio de um projetor de som da Brasil Publicidade instalado no bairro Alto Cheiroso, em Petrolina. Na pequena estação, que também tinha alcance no centro da cidade, ele participava de programas musicais e fazia publicidade. Foram cerca de três anos trabalhando assim.

Foto 24 – Carlos Augusto, uma voz para as coisas simples do sertão



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2005).

A carreira como profissional de rádio começou em seguida, quando Carlos Augusto não só ajudou a fundar a Emissora Rural, ao lado do padre, posteriormente deputado estadual e federal, além de senador, Mansueto de Lavor, como também quando sua voz foi a primeira a ser ouvida no dia em que a rádio entrou no ar. Doze anos depois, o radiorepórter, tendo sido convidado para montar a Grande Rio AM, foi, mais uma vez, o primeiro a entrar no ar quando a emissora ainda estava em fase experimental. A rádio estreou com a voz grave de Carlos Augusto, anunciando a música “A guerra dos meninos”, interpretada por Roberto Carlos.

Em todos esses anos de carreira, Carlos Augusto fez de tudo: produção, locução de programas musicais (principalmente de forró) e policiais, além de reportagens de rua. Sob o seu comando, programas como *No terreiro da fazenda* e *Repórter Somassa* ficaram famosos na região. Foi também ele quem criou o *slogan* que ficaria

marcado para sempre na história da cidade, “Petrolina, encruzilhada do progresso”. O jornalista chegou até a dirigir a rádio Grande Rio AM, mas foi por meio dos programas regionais que encontrou seu estilo e sua identidade.

Todos os dias, ele cumpria uma rotina que era parte da vida do homem do sertão. Às seis da manhã, Carlos Augusto já estava no ar com o programa *Forró do povo* no qual, entre uma música e outra, também discutia as questões sociais, numa linguagem simples e acessível, para o homem do campo. No quadro “Ponte da saudade”, nordestinos que foram em busca de uma vida melhor na cidade grande participavam ao vivo. De lugares como São Paulo, por exemplo, mandavam recados aos familiares que ficaram na região.

Mas foi o *Forró no Malhadão* que consagrou o jornalista como o porta-voz do homem sertanejo. No ar por mais de 20 anos, sempre aos sábados, o programa ficou pequeno demais para o estúdio. Eram quase três horas ao vivo, numa programação transmitida da frente da emissora e com a participação de até 500 pessoas, entre público e artistas. Passaram pelo *Malhadão* nomes como Hermeto Pascoal, Flávio José e Alcymar Monteiro. Às seis da manhã em ponto, Carlos Augusto fazia a abertura do programa sempre com a mesma frase: “A partir de agora, as coisas simples do sertão viram programa de rádio”. Um vaqueiro entoava seu canto e o programa seguia com muito forró, música sertaneja e a irreverência dos participantes.

Foto 25 – A fachada da rádio Grande Rio AM se transformava em um estúdio ao ar livre no programa *Forró no Malhadão*



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2005).

A voz marcante foi inspirada em nomes famosos da Rádio Globo, no tempo em que os comerciais eram narrados ao vivo. Carlos Augusto se espelhou em Cid Moreira e no locutor do histórico *Repórter Esso*, Heron Domingues, para criar seu estilo. O radialista não escondia que se descuidou da voz no começo da carreira, uma vez que fumou por 30 anos. Mas largou o vício e resolveu adotar uma vida saudável. Acordava todos os dias às 4h da manhã para fazer caminhada antes de ir para a rádio. O profissional tinha consciência de que a voz era seu instrumento de trabalho, por isso, evitava gelado e bebia muita água.

Foto 26 – O povo faz o programa ao lado de Carlos Augusto



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2005).

Quando foi entrevistado, aos 64 anos, Carlos Augusto estava mais na ativa do que nunca e não pensava em se aposentar, muito menos em tirar férias. Para continuar fazendo bem o que fazia, ele não teve dúvidas em sacrificar a vida social. Ouvia colegas de profissão, sempre procurando aprender com eles, e fazia uma avaliação pessoal diária. Mas admitiu: *“até hoje, ainda tremo no microfone”* e completou emocionado: *“o rádio é minha vida”*. (Carlos Augusto Amariz, [2005], informação verbal).

Foto 27 - “Até hoje ainda tremo no microfone”, declarou o radialista



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2005).

Com a experiência de uma vida dedicada ao rádio, Carlos Augusto aconselhou: “[...] *tem que ter responsabilidade para empunhar o microfone*” e concluiu,

[...] é diferente de escrever, que a gente rasga e joga fora. No rádio, o que a gente fala não tem volta. O ouvinte tem que saber o que estamos colocando. Por isso é importante ter equilíbrio, podemos mudar comportamentos e isso é sério. No microfone, o que você diz tem força e, em

rádio, eu sou o que eu digo. (Carlos Augusto Amariz , 2005, informação verbal).

O profissional seguia com sabedoria durante toda sua carreira o que o radialista Cyro César (1996, p.45) registrou, “[...] o poder de influenciar, transformar, sensibilizar, convencer e esclarecer provém da simplicidade e não da complexidade das palavras”.

Carlos Augusto faleceu em 2 de abril de 2015 sem nunca ter se afastado do rádio. Foi ainda organizador de eventos, como a corrida de jegues - Jecana e a Missa do Vaqueiro de Petrolina. Seu trabalho se mantém vivo com a filha, Maíra Amariz, que assumiu o lugar do pai na apresentação do *Forró no Malhadão*.

INAH TORRES: COMUNICADORA SOCIAL

O rádio entrou na vida de Inah Torres aos 15 anos, quando o seu irmão mais velho, Luiz Torres, foi convidado para ser o primeiro gerente da Rádio Difusora de Caruaru AM (atual Rádio Jornal), e a menina curiosa começou, então, a frequentar a emissora nas horas de folga. Logo Inah estava dando sugestões nas propagandas e aprendendo todas as funções em uma emissora de rádio. Eram os anos 1950. Um dia, um operador faltou ao trabalho e a menina o substituiu. Depois foi a vez de Inah participar dos programas de auditório e se tornar a primeira radioanimadora de Caruaru (PE).

Foto 28 – Inah “Em Sociedade”: há 36 anos no ar



Fonte: Foto de Luís Frota (2005).

Veio o casamento e com ele a mudança para uma nova cidade. O marido e comerciante, Manoel Nelson Moura, escolheu Petrolina para trabalhar e criar a família. Inah, que já havia concluído o segundo grau, dividia o tempo com o ofício de auditora fiscal da Secretaria da Fazenda de Pernambuco e os cuidados com os quatro filhos. Nem assim o rádio saiu de sua vida. Muito católica, Inah escolheu o veículo para evangelizar. Na Emissora Rural esteve no ar por quatro anos, produzindo e apresentando programas como *Palavras da Bíblia* e *Palavras da vida*. O trabalho não parava nem aos domingos, quando Inah estava no comando do *Encontro das comunidades*, programa de 30 minutos em que temas como a Teologia da Libertação eram abordados.

Em 1982, com a inauguração da Rádio Grande Rio AM, Inah recebeu o convite do jornalista Carlos Augusto para fazer um programa

de “orientação sociorreligiosa” na emissora. Em seguida, a colega Zizi Gomes foi transferida da cidade, e Inah assumiu o programa *Em sociedade*, até então comandado pela amiga.

No começo, era apenas uma participação semanal com entrevistas. Mas, em pouco tempo, o programa passou a ser diário, com 15 minutos de duração. *Em sociedade* está no ar há 36 anos (completados em 2018), inicialmente de segunda a sexta-feira, com 30 minutos de produção, entre o que Inah chama de jornalismo social, entrevistas e coluna social. Um tempo ainda pequeno, segundo a própria Inah, que não esconde: “*ainda sonho fazer um programa de uma hora*”. (Inah Torres, 2005, informação verbal). Porém, há alguns anos o *Em Sociedade* passou a ser exibido as segundas, quartas e sextas, das 11:30min às 12h.

Foto 29 – Jornalismo social toda semana. Na foto Inah Torres com o radialista Valdiney Passos e o odontólogo César Durando



Fonte: Foto de Luís Frota (2005).

À frente do microfone durante tantos anos, Inah Torres nunca deixou de ser ela mesma. E define seu estilo de locução como “*comunicar, testemunhando o que diz*”. (Inah Torres, 2005, comunicação verbal). Como afirma Cyro César (2005, p. 84),

[...] seria como se nossa voz atuasse como um verdadeiro túnel de ligação entre o nosso mundo interior e o exterior [...] o equilíbrio de quem se comunica vem lá de dentro, do que realmente somos e sentimos.

Os cuidados, no entanto, com o instrumento de trabalho, a sua voz, só vieram depois de um câncer de laringe. Foram três meses sem falar, lutando contra a doença em sessões de quimioterapia. Inah se recuperou e, com a ajuda da Fonoaudiologia, recebeu orientações de respiração, hidratação, higiene vocal e dicção, uma das variantes em que ela mais observou avanços. Para Santos e Ferreira (2001, p.10),

[...] o objetivo da dicção é dar sensibilidade ao canto, e também deve dar expressividade ao texto. O trabalho de dicção tem sido considerado como um fator primordial na carreira do profissional da voz. É essencial que esses profissionais tenham consciência de que a clareza da dicção depende da nitidez do desenho articulatório e de que eles próprios conheçam o mecanismo da fala.

De volta ao rádio, Inah se sente melhor do que nunca. Fala com conforto e ganhou um melhor desempenho na apresentação, um caso de sucesso na fonoterapia especializada em voz. Nas palavras de Sílvia Pinho (1998, p. 4),

[...] nós, fonoaudiólogos, devemos orientar o paciente na utilização da melhor voz possível,

com mínimo de esforço e rendimento máximo, dentro de suas possibilidades orgânicas e da estética (imagem corporal e imagem social).

Só depois de 29 anos na profissão de comunicadora, é que Inah conquistou o registro de jornalista. Foi delegada da Associação de Imprensa do Sertão e representante da Associação Brasileira de Jornalistas de Turismo (Abrajat). Mas é a possibilidade de se comunicar pelo rádio com pessoas, que não vê e não conhece, que fascina Inah.

A profissional dá a receita:

[...] o comunicador tem que ser agradável, carismático e, acima de tudo, comunicativo. Tem que saber ouvir, não interromper o entrevistado quando fizer uma pergunta e se preparar antes de se aventurar numa entrevista. (Inah Torres, 2005, comunicação verbal).

E reforça: *“um bom profissional não visa apenas o dinheiro, tem que buscar qualidade no seu trabalho”*. (Inah Torres, 2005, comunicação verbal).

Aos 85 anos e no ar há 36, Inah talvez seja a radialista mais idosa em plena atividade no Brasil. Com toda essa experiência e com o afeto de quem sempre fez comunicação de forma voluntária, Inah Torres ([2005], comunicação verbal) conclui: *“[...] gosto de fazer o bem, sem saber a quem”*.

HERBERT MOUZE: A VOZ DOS GRAMADOS

Era pelas ondas das rádios Nacional e Tupi que, ainda menino, Herbert Mouze acompanhava os jogos do time do coração, o Flamengo. Nessa época, ele descobriu duas paixões: o esporte e o rádio. Por uma coincidência do destino, o pai de Herbert era radio-técnico. Na oficina que funcionava na Praça da Misericórdia, centro

de Juazeiro, usava bateria de carro para consertar os aparelhos de rádio, já que a energia elétrica só chegava à noite.

Foto 30 – Herbert Mouze, o repórter dos gramados



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2005).

Um dia, o pai de Herbert suspendeu o conserto de um alto-falante e deixou o menino de 11 anos cuidando da oficina por alguns minutos. Tempo suficiente para Mouze ligar o alto-falante (com a saída estrategicamente virada para a rua) e começar a narrar um jogo. A partida fictícia tinha até oferecimento comercial da Casa Borborema, a loja de um tio, que ficava próxima dali. Estava começando a carreira de um dos narradores esportivos mais importantes da região.

Além do pai de Herbert, o tio, Eurípedes de Lima, também tinha ligações com o rádio. Seu Galo, como era conhecido, trabalhou na Rádio Juazeiro, no programa *Alvorada nordestina*. Antes disso,

comandava *O que o povo precisa saber*, programa muito ouvido e debatido do serviço de Alto-Falante Cultural, propriedade de Júlio Matutino. Foi lá que Mouze começou a dar os primeiros passos na profissão de radialista. Ele lia as cartas endereçadas ao programa e logo começou a colaborar no departamento de esporte de um outro serviço de alto-falante, o Paraíso. O ano era 1957 e tudo não passava de uma espécie de brincadeira que o garoto levava a sério. Queria ouvir a própria voz irradiando pelas ondas sonoras e que todos o ouvissem, inclusive a namorada.

Na reabertura da Rádio Juazeiro, depois de a emissora passar por alguns problemas de concessão, o radialista Clésio Athanásio montou um programa de esporte com a ajuda de outros quatro colegas. Ouvir a resenha esportiva das 18h se tornou uma rotina para Herbert. Era a sua hora preferida, quando o adolescente voltava da escola e sonhava com o dia em que seria chamado para compor a equipe. O grupo foi se desfazendo com o passar do tempo. No dia do aniversário de Herbert, em 8 de outubro de 1960, o programa era comandado apenas por Clésio. A emissora ainda funcionava na sua primeira sede, na Praça da Misericórdia. Antes da resenha terminar, Mouze resolveu entrar no estúdio e participar da apresentação. Nunca mais abandonou a função. Foi o melhor presente de aniversário que o radialista poderia ganhar.

De lá pra cá, com mais de 60 anos de carreira, são muitas histórias. Herbert narrou a primeira partida de futebol transmitida por uma rádio de Petrolina. Com a inauguração da Emissora Rural, na década de 1960, o diretor da rádio, Padre Mansueto de Lavor, resolveu transmitir o jogo Petrolina x Propriá. A ousadia foi mais longe. Como a rádio tinha onda curta e podia ser sintonizada em qualquer lugar, o jogo também foi transmitido para a cidade do time sergipano. E já que a emissora de Petrolina não tinha departamento esportivo, Mouze foi convidado para narrar a partida pela Rádio Juazeiro.

O sinal foi enviado pela emissora baiana à rádio pernambucana, que o reenviou para Petrolina e Propriá. Estava completo o *pool* da primeira transmissão interestadual do Vale do São Francisco. Nessa mesma partida, as equipes balançaram a rede e foi Herbert quem gritou o primeiro gol da radiofonia de Petrolina.

Quando o telefone chegou à região, o radialista fez a primeira transmissão esportiva ao vivo, realizada totalmente de Petrolina, dessa vez sem a ajuda da emissora da vizinha cidade de Juazeiro. De um telefone instalado fora do estádio da Associação Rural, a 800m da cabine, a equipe puxava a linha de transmissão. Pela manhã, o grupo montava postes, que levavam os fios para a cabine. Os cabos ficavam no alto para evitar que fossem cortados por vândalos, já que a equipe não podia pagar um vigia.

Era dessa mesma maneira que a Rádio Juazeiro levava o sinal do estúdio para o transmissor instalado no bairro Piranga (perto da antiga estação) e do equipamento para o estádio, nos domingos de futebol. Não raro, a poucos minutos do início da partida, um carro batia no poste e cortava os fios de transmissão. Nessas emergências, era o técnico Manoel Alves, o seu Santinho, quem corrigia o problema a tempo de salvar a transmissão do jogo.

Foto 31 – Foram incontáveis as transmissões de Herbert Mouze em mais de 60 anos de carreira



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2005).

Mouze também se considera o primeiro locutor FM da região, porque foi o mestre de cerimônia na inauguração transmitida ao vivo da Transrio que também se chamou Transamérica, do grupo da Rádio Juazeiro. A voz de Herbert foi a primeira a entrar no ar na FM pioneira do Vale.

Já na década de 1980, ele passou dez meses na Grande Rio AM. Transmitia os jogos do campeonato da Liga Desportiva Juazeirense do Estádio Adauto Moraes para a emissora de Petrolina.

Depois, foi convidado para fundar a Rádio Independência (atual Rádio São Francisco). Além de gerente da nova emissora, era responsável, entre outras coisas, por organizar a programação. O radialista também tinha um programa de esporte. Foram dois anos trabalhando na Independência.

Herbert resolveu voltar para a Rádio Juazeiro como *freelancer* já que, por quatro vezes, ocupou o cargo de Secretário Municipal. Até então, Mouze trabalhava voluntariamente. A primeira remuneração só chegou 25 anos depois que o narrador estava no rádio. Foi quando ele aceitou o desafio de gerenciar a Rádio Juazeiro e resolveu se profissionalizar. Com apenas o segundo grau, conquistou o registro de radialista. Ficou oito anos na função de gerente administrativo mas não deixou os microfones de lado. Foi redator de notícias, apresentava o radiojornal da emissora e auxiliava a chefe do departamento de jornalismo da época, Marta Luz, a redigir as notícias e reportagens.

Também foi *disc-jockey* e apresentador do programa infantil *Gincana estudantil*, exibido todos os dias pela manhã, e de programas de auditório. O radialista foi ainda o locutor de um dos primeiros programas polêmicos de Juazeiro. No *A Cidade Reclama*, Mouze levantava o cartão vermelho ou amarelo para a “dona préfa”, apelido que deu à prefeitura. O primeiro programa policial da Rádio Juazeiro foi feito por ele e Douglas Dourado. Na estreia do *Agente policial*, teve até um alto-falante na porta da rádio, na Praça da Misericórdia.

Em 2005, Herbert tinha terceirizado o departamento esportivo da Rádio Juazeiro. Ele não só coordenava a equipe de esporte como também narrava, era repórter de pista e ainda preparava a resenha da emissora, com dois comentários diários, das 7:30min às 7:55min e das 18h às 19h. O radialista respondia pela abertura do programa com cinco minutos de opinião ao vivo.

A inspiração para encontrar um estilo próprio de locução veio numa fase conturbada da sua vida. Em 1951, o juazeirense foi morar com a mãe em São Paulo e, aos 13 anos, começou a trabalhar para ajudar a família. Foi trocador de óleo, engraxate e até limpador de sanitário de posto de gasolina. Aos domingos, ia para o estádio do Pacaembu e ficava olhando para a cabine de transmissão. Os locutores chamavam

mais a atenção do menino do que a bola rolando. Um, em especial, fazia os olhos do garoto brilharem.

Fiori Guiliotti, um descendente de italiano que também atuou em um programa da Rede Vida com a mesma voz de quando era jovem, era o narrador preferido de Herbert.

Ele tinha um estilo rápido, sem prejudicar a dicção, a voz bonita e me colocava dentro do campo. Eu sabia onde o jogador estava. Até hoje admiro o locutor e ainda fico estremecido quando escuto a sua voz. (Herbert Mouze, 2005, informação verbal).

O radialista ainda aconselha,

[...] quem quer ser um bom narrador, não precisa ter um vozeirão, apenas uma voz forte, que aguente os 90 minutos. Um locutor de futebol não pode ser lento nem rápido demais. Deve encontrar o equilíbrio de uma transmissão dinâmica, com padrão definido e sem imitar ninguém. Eu gostava de Fiori, mas nunca quis imitá-lo. (Herbert Mouze, 2005, informação verbal).

A experiência de Mouze é comprovada por Maria Aparecida Stier (2003, p. 23):

[...] o ritmo não deve ser confundido apenas com emprego da velocidade acelerada, normal ou lenta. Reboul (2000) comparou o ritmo da frase à música do discurso, que torna a expressão harmoniosa e mais fácil de ser retida.

Stier (2003, p.20) completa:

[...] cada pessoa tem sua maneira própria de falar e de ler. Essa maneira vai sendo desenvolvida a partir de todas as experiências vividas pelo indivíduo somadas à sua percepção”.

E reforça: “[...] desenvolver o próprio estilo requer, muitas vezes, evitar seguir o modelo de outro profissional”. (STIER, 2003, p.20).

Foto 32 – Narração equilibrada nos gramados



Fonte: Fabíola Moura (2005).

Com a maturidade que alcançou, o radialista define seu estilo de locução:

A gente tem que marcar por alguma coisa, fazer uma transmissão alegre, mas sem cair no ridículo de ficar falando bobagens; lembrar sempre que não está fazendo a transmissão somente para homens tomando cerveja na mesa de um bar. Tem gente que está em casa ouvindo detalhe por detalhe. Temos que saber quem está nos ouvindo, a quem estamos

transmitindo aquela mensagem. Não é simplesmente pegar o microfone, abrir a boca e dizer o que quer. O que me caracterizou foi justamente tentar ser meio rápido, ter segurança e localizar a bola e o jogador para o torcedor que está em casa visualizar a partida. (Herbert Mouze, 2005, informação verbal).

Para cuidar da voz grave e forte, Mouze diz não ter segredos. Apenas faz caminhadas diárias, que o ajudam na respiração e a manter o peso. Mas não foi sempre assim. Quando começou no rádio, recebeu o conselho de que, para “engrossar” a voz fina de adolescente, deveria dar “duas tragadas de cigarro”. Foram dez anos acreditando nesse mito.

Generoso, Herbert orienta os que querem seguir a carreira de radialista, principalmente no esporte,

Primeiro tem que ter queda, vontade, gostar do negócio. Segundo, se a opção for pela narração, facilita muito ter passado pelos gramados, tem que ter jogado, saber como a bola corre, como é feito um cruzamento. Quando vou narrar e vejo o jogador cruzar a bola, já sei que o zagueiro vai se antecipar e cortar o lance. Nesse momento, estou narrando o que vai acontecer. (Herbert Mouze, 2005, informação verbal).

A dica do narrador é começar já, assistir aos jogos e treinos e gravar transmissões, reportagens, resenhas etc. Ouvir como se faz, como funciona o trabalho de um setorista de futebol. E, acima de tudo,

[...] manter o entusiasmo. Continuo vibrando a cada transmissão. Só Deus é que me vai fazer parar. Enquanto eu tiver voz, força e espírito jovem, vou continuar nos gramados. (Herbert Mouze, 2005, informação verbal).

Em 2018 Mouze completou 80 anos de idade, totalmente na ativa. Está no ar na Rádio Juazeiro de segunda a sexta, das 18h às 19h, com a

resenha do programa *No Mundo do Esporte*, além de participar todas as terças e quintas do *Sem Fronteiras*, na mesma emissora, das 9:10min às 11h, com muita informação. O radialista ainda escreve crônicas para o jornal *Diário da Região* até três vezes por semana, material que também é reproduzido pelo *blog* do radialista Geraldo José. Um profissional multimídia, como ele mesmo se intitula.

MARTA LUZ: UMA VOZ PARA PENSAR

Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco, em Direito pela Universidade Estadual do Piauí e pós-graduada em Linguística pela Universidade Federal do Piauí, Marta Luz começou a carreira alternando o magistério em várias escolas de Petrolina com o jornalismo radiofônico, em Juazeiro.

Foto 33– Marta Luz e Herbert Mouze durante um concurso cultural de conhecimentos gerais para crianças do Ensino Fundamental, em 1979



Fonte: Acervo de Marta Luz (1979).

O rádio entrou na vida de Marta Luz quase por acaso. Foi quando ela e o então marido resolveram comprar a Rádio Juazeiro – que, à época, pertencia ao comerciante e político da cidade Joca Oliveira. O primeiro passo foi elaborar uma programação atraente para competir com a única concorrente até então, a Emissora Rural, na vizinha cidade de Petrolina. Com muito trabalho, a Rádio Juazeiro foi conseguindo credibilidade e audiência. Entre os programas que Marta ajudou a criar e que foram responsáveis por essa nova etapa da emissora, está o *Reflexões para um dia feliz*, produzido diariamente pelo bispo diocesano da época, dom Tomás Guilherme Murphy.

Foto 34 – Marta Luz transmitindo uma sessão da Reunião da Bacia do São Francisco, em 1978



Fonte: Acervo de Marta Luz (1978).

Ainda falando de programação, Marta Luz destaca dois programas que tinham grande audiência em Juazeiro e Petrolina.

Na década de 1970, diariamente, às 13h, era transmitido *E nós, para onde vamos?*, com crônicas elaboradas por ela e por diversos autores da cidade, como Layse de Luna Brito, Nilda Ízaga, José Pereira, Luís Freire, Maria do Carmo Sá Nogueira, Edílson Monteiro, Joaquim Moniz Barreto, Antonila da França Cardoso, Joseph Bandeira, Gisélia Carvalho, Esmelinda Pergentino Nunes, Charles Alexandre, Giuseppe Muccini e Gentil Porto. Enquanto Marta interpretava a crônica, o *background* era feito com a “Bachianas Brasileiras nº 4”, de Villa Lobos.

Outro programa que marcou a trajetória da ex-radialista foi o *Pagão*, que ia ao ar todos os domingos, das 11:30min da manhã às 13:30min. Para Marta,

Fazê-lo era estar no paraíso profissional. Grupos e mais grupos formaram-se nas duas cidades para concorrer, por telefone, aos testes de conhecimentos gerais. Ah, é indizível como o Pagão despertou jovens e adultos para o estudo, para a leitura, para a leitura de poetas, para o gosto de ouvir os grandes mestres da música universal! (Marta Luz, 2005, informação verbal).

Marta se apaixonou pelo radiojornalismo à medida que foi aprendendo a profissão. Em 20 anos de atuação, sempre na Rádio Juazeiro, ela experimentou quase todas as funções: produção, redação, jornalismo interno e externo, locução e, até mesmo, um pouco de administração. Nas palavras da ex-radialista,

Até os comerciais que produzia, cuidava de fazê-los com arte e beleza. O ouvinte aprendeu a ouvir beleza na Rádio Juazeiro e aprendeu a gostar disso. Minha paixão, mesmo, era a comunicação. Estar direto com o povo. Ser voz. Ser o poder poderosíssimo da voz! Minha voz era bonita, tanto em timbre quanto em volume. Meu gosto era comunicação com o povo. Agradava-me entrar na casa do povo todo, um gesto que tratei de fazer sempre fraterno, com a poderosíssima arma chamada palavra. (Marta Luz, 2005, informação verbal).

Marta acabou criando o próprio estilo de locução sem se espelhar em ninguém. Um modo de narrar que ela atribui a um antigo aprendizado, a arte da declamação, em que se aperfeiçoou desde os seis anos de idade, quando já declamava poemas (razoavelmente grandes e difíceis) no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, onde estudava. Foi assim que ela aprendeu instintivamente a impostar e interpretar, uma vez que “o locutor faz das nuances de voz a ferramenta principal dentro dos recursos de interpretação. É dessas nuances que ele cria inflexões que valorizam a leitura de um texto, quando colocadas no momento e na dose certa”. (CÉSAR, 1996, p. 84).

A ex-radialista cita o artigo 221 da Constituição Brasileira para avaliar o trabalho das emissoras de rádio do país (BRASIL, 1988):

A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios:

I – preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;

II – promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação;

III – regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;

IV – respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família.

Foto 35 – Marta Luz: enveredando pelas leis



Fonte: Acervo de Marta Luz (2005).

E conclui deixando algumas reflexões:

Em que as rádios e televisões estão atendendo à Constituição? Onde está o ideal de educar, de disseminar a cultura, de promovê-la? Onde estão os valores éticos de algumas novelas? Onde está a valorização da família, base da sociedade – como dispõe a Constituição – que os meios de comunicação estão a cada dia ensinando a destruir? Vale o dinheiro, a imprensa marrom. Que valor tem o testemunho dos que ensinam com a palavra e provam o contrário com o exemplo, como a todo instante se vê? (Marta Luz, 2005, informação verbal).

Marta continua com a bela voz que encantou os ouvintes do Vale do São Francisco, mesmo não atuando mais nas ondas do rádio.

FRANCISCO FERNANDES: O ANIMADOR DE TODAS AS TARDES

Em 1973, Francisco Fernandes Bezerra começou a descobrir a magia das ondas do rádio. Tudo teve início como uma brincadeira. Aos 13 anos, na cidade de Taporanga/PB, o dono de uma rádio comunitária local, Crispim Pessoa, convidou Francisco Fernandes para ajudá-lo na emissora. Em troca, lhe daria ingressos para o parque de diversões e para o cinema. O garoto, então, aceitou a proposta, mais interessado nas entradas de cinema do que na experiência de trabalhar em uma rádio.

Foto 36 – Francisco Fernandes durante seu programa no estúdio da rádio Grande Rio AM



Fonte: Acervo de Francisco Fernandes (2005).

Crispim Pessoa era um radialista experiente. Na época tinha 70 anos e já havia passado pela Rádio Clube do Recife, pela Rádio Sociedade da Bahia e pela Rádio Globo, no Rio de Janeiro. Mas mudou-se para a Paraíba e resolveu montar uma rádio comunitária.

Aos 15 anos, Francisco Fernandes foi morar em Patos/PB, onde, sem sucesso, foi procurar estágio na área do rádio. Mas não desistiu. Seis meses depois, sua irmã o chamou para ir morar em Petrolina. *“Tomei gosto pelo rádio e fui batalhar um estágio, nessa época eu tinha 17 anos”*, destaca Francisco ([2005], informação verbal). Logo que chegou a Petrolina, tentou um estágio na Emissora Rural e conseguiu. *“Foi um ano em fase de aprendizagem”* (Francisco Fernandes, [2005], informação verbal). Um ano depois ele conseguiu o primeiro emprego como operador de áudio na Emissora Rural, em 1978.

Aos 23 anos, recebeu um convite, por meio de Geraldo Coelho, que estava interessado em um jovem que pudesse levar à frente a Rádio Grande Serra, em Araripina, no agreste pernambucano. *“No início, fiquei bastante assustado e inseguro, mas fui em frente com o apoio da minha família e da namorada, minha atual esposa”*, salienta Francisco Fernandes ([2005], informação verbal).

Francisco trabalhou dois anos como gerente da rádio Grande Serra, em Araripina. Como tudo deu certo por lá, logo a diretoria da emissora resolveu chamá-lo para gerenciar a rádio Grande Rio AM e supervisionar a Grande Serra de Araripina. Ele acompanhou ainda o processo de montagem de todas as rádios do Sistema Grande Rio de Comunicação.

Em um momento, eu estava admirando meus colegas de trabalho e, em outro, eu estava direcionando a equipe que eu tanto respeitava. Foi muito gratificante, uma grande experiência.

Nesse ritmo, o profissional foi ganhando experiência e espaço no rádio. A sua profissionalização, conseguiu no dia a dia. *“Não*

sou formado em jornalismo e nem em radialismo, sou formado pelo tempo” (Francisco Fernandes, [2005], informação verbal). Em 2005, ele entoava sua voz nas tardes de segunda a sábado, no *Forró pé-de-serra*, levando diversão e entretenimento para os ouvintes, das 17h às 18h. Um programa com muita música sertaneja e forró, além de “pegadinhas” com personalidades artísticas. Aos domingos, ele apresentava o *Especial de domingo*, das 8h às 10h.

WASHINGTON LUIZ: O REPÓRTER POLICIAL

Washington Luiz de Menezes estreou no rádio quando tinha apenas 14 anos. Tudo começou em 1974, por meio do serviço de alto-falante *A Voz do Povo*, instalado na rua Santo Antônio, em Juazeiro. Utilizando um projetor de som, Washington Luiz, também conhecido pelos amigos de trabalho como Luizinho, ecoava a sua voz com a leitura de cartas de ouvintes, avisos, notas de falecimento e outros recados das comunidades dos bairros Santo Antônio e Alagadiço. Apesar de só ter concluído o nível médio escolar, sua formação profissional foi adquirida no dia a dia.

Foto 37 – Washington Luiz apresentando o *Agente 680*



Fonte: Foto de Juliana Amorim (2005).

O gosto pelo rádio começou muito antes. Aos 9 anos, Washington já brincava com seus amigos narrando os jogos de futebol do bairro em que morava, o Quilômetro Dois, em Petrolina. *“Eu gostava muito de escutar o Repórter somassa, que era apresentado pelo radialista Carlos Augusto Amariz, que serviu de grande inspiração para minha profissão”*, afirmou Washington Luiz (2005, informação verbal), que também já foi menino de rua e até engraxou sapatos, mas cuja dedicação o fez ingressar por outros caminhos.

Em 1977, com seus 16 anos, Washington foi convidado por Bráulio Pereira, da Rádio Juazeiro, para fazer a sonoplastia dos

programas matinais. Essa experiência durou até o final de 1979. E é justamente dessa época que ele relembra um dos momentos mais marcantes da sua carreira:

Eu e Herbert Mouze, juntamente com Douglas Dourado e Altamiro Brasil, fizemos a primeira transmissão de um jogo internacional para a região. Nós estávamos no Estádio do Arruda, no Recife, para transmitir o jogo da Seleção Brasileira. Era a despedida de Nunes, atacante do Brasil. (Washington Luiz, [2005], informação verbal).

Em 1979, Luizinho saiu da Rádio Juazeiro e foi convidado a fazer parte do quadro de funcionários da Emissora Rural para apresentar o *No terreiro da fazenda*, um programa dedicado ao forró, transmitido de segunda a sábado, das 17h às 18h. Washington ficou nove anos à frente desse programa. Em 1986, começou a apresentar o *RP 730*, programa policial da Emissora Rural.

No início de 1989 foi trabalhar na Rádio Grande Rio AM como apresentador do *Agente 680*, programa que noticiava todos os fatos de natureza policial que acontecem em Petrolina e Juazeiro, ficando no posto até 1994. Passou seis meses longe do rádio e depois retornou para a Rádio Grande Rio AM. Mantendo um estilo característico da locução de programas policiais, uma narrativa pausada e enfática, Washington Luiz voltou a fazer o *Agente 680*, veiculado de segunda a sábado, das 12:40min às 14h, programa que lhe rendeu reconhecimento no meio em que trabalhava.

A sua rotina começava logo cedo. Pela manhã, às 6:30min, ligava para as delegacias de Petrolina e Juazeiro para apurar os acontecimentos. Havendo necessidade, ia ao local para pegar as entrevistas. “Normalmente, as entrevistas são feitas sempre às 7h da noite, de segunda a sexta. Aos domingos, vou às delegacias sempre às 7h da noite, quando é feito o balanço do final de semana”, salienta Luizinho ([2005], informação verbal). “Para fazer um programa policial é preciso ter

bastante jogo de cintura” (Washington Luiz, [2005], informação verbal), finalizou o radialista, que se afastou do rádio há alguns anos por motivo de saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar um levantamento histórico sobre as rádios de Juazeiro e Petrolina, as autoras se propuseram, antes de qualquer coisa, a fazer um registro jornalístico dos fatos relevantes que marcaram essas emissoras. Não tinham a pretensão de realizar o trabalho de um historiador, mas sim a intenção de contribuir para a bibliografia sobre o rádio, tão carente em registros regionais que abordem a prática das emissoras e dos profissionais da área.

Por isso, documentou-se aqui, por meio, principalmente, da memória oral de protagonistas da história do rádio no Vale do São Francisco, a trajetória das primeiras emissoras comerciais AM e FM da região, além das comunitárias pioneiras.

Também estão eternizadas nesta obra as vozes de medalhões do rádio regional, que contribuíram com seu trabalho para a consolidação desse suporte de comunicação tão presente na vida do povo ribeirinho. Mulheres e homens que, com profissionalismo e paixão pelo rádio, possibilitam o exercício da cidadania e o acesso à informação numa sociedade ainda desigual e carente de justiça social.

O desafio não foi fácil, principalmente pelo quase inexistente arquivo sobre a temática, o que não quer dizer que cada emissora e cada profissional não tivesse história suficiente para obras individuais. Por isso, a árdua tarefa de elencar apenas os fatos mais relevantes das rádios para trazer nesta obra uma visão geral dos primórdios da radiofonia sanfranciscana.

No entanto, este registro não se conclui aqui, até porque o fazer história não é estático e, em especial, no caso de emissoras regionais, está em constante desenvolvimento. Sendo assim, este trabalho abre o caminho para novos estudos e pesquisas na área, reafirmando a necessidade de aprofundar o olhar em aspectos importantes da comunicação regional.

Algumas questões relevantes podem ser abordadas em trabalhos futuros. Observar a diferença da linguagem regional no jornalismo das emissoras AM e FM e/ou mensurar o espaço dado aos assuntos de interesse local e nacional pode ser o começo de uma nova pesquisa, o que nos ajudaria a compreender mais a comunicação que se faz no Vale do São Francisco.

Conhecer o passado para saber quem somos agora. Resgatar – e registrar – a memória do rádio nas cidades de Juazeiro e Petrolina é compreender que caminho a comunicação e os comunicadores locais percorreram e sua contribuição para o Vale do São Francisco. Cada rádio e cada profissional tiveram (e alguns ainda têm) um papel fundamental em todas as transformações que essa região passou nas últimas décadas.

Ter o privilégio de contar essa história neste livro-reportagem é também cumprir o dever de multiplicar essas memórias para outros profissionais de comunicação, estudiosos ou simplesmente interessados no assunto. É contribuir para eternizar o trabalho de todas essas pessoas que ajudaram a construir a comunicação no coração do Semiárido. É também inspirar futuros jornalistas e radialistas, gente que deseja atuar no rádio e que deve conhecer a paixão que moveu tantas pessoas a levar cultura e informação para cada ouvinte, a razão de tudo isso.

Vozes do rio é uma homenagem a profissionais, estudantes de comunicação e ouvintes, amantes do rádio, esse veículo que faz a alma pulsar e desperta nossos sentidos e imaginação. Mas

esta pesquisa é igualmente uma provocação para que outras histórias sobre esse campo tão fértil sejam contadas. Outras duas emissoras passaram a funcionar em Petrolina quando esse estudo já havia sido concluído, a comercial Rádio Jornal (2006) e a comunitária Ponte FM (2010), além da comunitária Vitória FM (2010), em Juazeiro. As trajetórias dessas rádios, também precisam ser contadas. Outros profissionais de gerações posteriores aos pioneiros do rádio no Vale do São Francisco têm muito a compartilhar, são as novas vozes do rio que continuam levando as ondas sonoras para cada lar, transformando a sociedade e ajudando a construir uma nova história. Precisamos ouvir essas vozes, será uma nova aventura.

O rádio, esse veículo tão apaixonante para quem faz e para quem acompanha, também teve um papel fundamental no desenvolvimento da população ribeirinha, especialmente das cidades de Juazeiro e Petrolina. É inegável o impacto causado pela atuação das emissoras no fortalecimento cultural, econômico e social no contexto do rio São Francisco, desde que a primeira onda sonora ressoou no coração do Semiárido nordestino. Uma história que é construída dia a dia, com a vigilância incansável de comunicadores e técnicos que garantem que as mais variadas vozes tenham espaço na programação. Quem quer se fazer ouvir, basta entrar no ar. Sempre foi assim e sempre será no rádio.

Novos relatos sobre a radiofonia sanfranciscana poderão surgir e, se este trabalho conseguir levantar a curiosidade de estudar e observar mais de perto esse veículo tão fascinante que é o rádio, terá atingido o seu objetivo. O desafio está lançado.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Daniela; CAMARGO, Eduardo. *Algumas considerações sobre a história do Rádio no Brasil*. São Paulo. 2010. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/Daniela-Oliveira-Albertin-de-Amorim-e-Eduardo-Camargo.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

ASSOCIAÇÃO DAS EMPRESAS DE RADIODIFUSÃO DE PERNAMBUCO. *Rádiodifusão pernambucana*. Recife: Comunicarte, 1992.

BARBOSA, Silvio Henrique Vieira. *TV e cidadania*. São Paulo: All Print, 2010.

CAPARELLI, Sérgio. *Comunicação de massa sem massa*. São Paulo: Summus, 1986.

CÉSAR, Cyro. *Como falar no rádio: prática de locução AM e FM*. São Paulo: Ibrasa, 1990.

CÉSAR, Cyro. *Rádio: inspiração, transpiração e emoção*. São Paulo: Ibrasa, 1996.

CÉSAR, Cyro. *Rádio: a mídia da emoção*. São Paulo: Summus, 2005.

COSTELLA, Antônio F. *Comunicação: do grito ao satélite*. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2002.

CUNHA, João Fernandes da. *Memória histórica de Juazeiro*. Salvador: ABC, 1978.

DIAS, Wilson. *História da imprensa juazeirense*. Juazeiro: Santa Inês, 1982.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999.

HARARI, Cláudio Zamboni. *Montagem técnica de rádios comunitárias*. São Paulo: Secretaria de Comunicação, 1997. (Série Cartilhas de Formação em Rádios Comunitárias).

KLÖCKNER, Luciano. Linha do tempo do rádio no Brasil. Apêndice C. In: HAUSMAN, Carl; MESSERE, Fritz; O'DONNELL, Lewis e BENOIT, PHILIP. *Rádio: produção, programação e performance*. Tradução da 8. edição norte-americana. São Paulo: Editora Cengage Learning, 2010.

LEÓN, Osvaldo. Democratização das comunicações e da mídia. 2002. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/w3/fsmrn/fsm2002/leon1_midia.html>. Acesso em: 22 abr. 2018.

MACHADO, Arlindo; MAGRI, Caio; MASAGÃO, Marcelo. *Rádios livres: a reforma agrária no ar*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MENEGUEL, Y.P.; OLIVEIRA, O.de. *O rádio no Brasil: do surgimento à década de 1940 e a primeira emissora de rádio em Guarapuava*. [21--?]. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/713-4.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

MOREIRA, Elisabet Gonçalves. Recados do rádio: a fala da mediação. In: SÁ, Edna Maria Alencar; SOUZA, Geida Maria Cavalcanti; NASCIMENTO, Genivaldo do (Org.). *O professor pesquisador e a construção de novos discursos*. Recife: Edupe, 2004.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus, 1985.

PINHO, Sílvia M. Rebelo. *Fundamentos em fonoaudiologia: tratando os distúrbios da voz*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

SANTOS, Fabíola Moura Reis; FERREIRA, Vicente José Assencio. Técnicas fonoarticulatórias para o profissional da voz. *Revista CEFAC*, São Paulo, v. 3, p. 53-64, 2001.

STIER, Maria Aparecida; NETO, Benedito Costa. Oficina de narração. In: KYRILLOS, Leny Rodrigues (Org.). *Fonoaudiologia e telejornalismo: relatos de experiências na Rede Globo de Televisão*. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

ANEXO

CRONOLOGIA DO RÁDIO NO BRASIL²

1922 Primeira transmissão oficial. Realizada por ocasião da Exposição do Centenário da Independência no Rio de Janeiro (07/09), com o pronunciamento do presidente Epitácio Pessoa, seguida de audição de músicas, entre as quais, trechos da ópera O Guarani, de Carlos Gomes.

1923 Inaugurada a primeira emissora no Brasil: a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, por Edgard Roquette-Pinto e Henry Charles Morize, cuja missão primordial é difundir a educação e a cultura. Doadada ao Ministério de Educação e Cultura em 1936, passa a chamar-se Rádio MEC. Constitui o embrião do sistema de rádios educativas no país. Em homenagem a Roquette-Pinto, a data do nascimento dele, em 25 de setembro (de 1884), é instituída como o Dia Nacional da Radiodifusão.

² Informações extraídas de Klöckner (2010).

DÉCADA DE 30

Com o golpe de Getúlio Vargas o rádio foi utilizado como propaganda do governo. Neste período também surgiram diversas rádios de notícias.

(Continua)

1930 Primeiras coberturas jornalísticas pelo rádio, durante a Revolução de 30. Torna-se, nesta ocasião, conhecido o repórter e locutor César Ladeira, pela Rádio Record, de São Paulo. Posteriormente, é considerado a voz da Revolução Constitucionalista de 32, ao lado de Celso Guimarães da Rádio Cruzeiro do Sul. Coube a Ladeira introduzir um novo modelo para o rádio, com a contratação de um *cast* de profissionais com remuneração mensal.

1932 Criado o primeiro jingle no rádio brasileiro pelo cartunista e compositor Antônio Gabriel Nássara, com o refrão: “Oh, padreiro desta rua, tenha sempre na lembrança. Não me traga outro pão, que não seja o pão Bragança”. A padaria Bragança situava-se no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro.

Decreto-Lei 21.111 libera as emissoras para veicularem anúncios.

A Rádio Record de São Paulo realiza as primeiras propagandas políticas do rádio brasileiro.

1933 Rádio Escola do Municipal do Distrito Federal, obra do educador Anísio Teixeira, desenvolve aulas para o povo por intermédio do novo veículo.

1935 O Presidente Getúlio Vargas, através do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), do Governo Federal, cria o programa Hora do Brasil.

As rádios Kosmos e América, de São Paulo, são as primeiras a apresentarem programas de auditório.

(Conclusão)

1936	Entra no ar a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, emissora que por anos foi a mais ouvida em todo o Brasil.
1937	Programa Hora do Brasil (que alterou o nome em 1946 para Voz do Brasil) passa a ser transmitido em rede nacional obrigatória. Nos anos 90, algumas emissoras obtiveram liminares para alterar o programa para o horário da madrugada.
1938	Formação da primeira rede nacional de rádios, a Rede Verde e Amarela, liderada pelas Organizações Byngton, realiza cobertura esportiva pioneira de um Campeonato Mundial de Futebol na França.
1939	Começam as atividades do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão que tem, entre outras finalidades, exercer censura prévia sobre os programas radiofônicos.

DÉCADA DE 40

A partir da estadização radiofônica implantada por Getúlio Vargas no final da década de 30, o rádio sofreu mudanças radicais. Neste período também surgiram as primeiras redações jornalísticas voltadas para o rádio.

Resumo da década em Áudio produzido por Alunos de Radio
Adaptação da época: A vida de Carmem Miranda

1940	O governo do presidente Getúlio Vargas estatiza a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. (Continua)
	As primeiras agências de publicidade começam a atuar e os programas de rádio recebem patrocinadores como Coca-Cola, Gessy Lever, Colgate, Esso, Goodyear, etc.
1941	Lançado para os professores do ensino secundário o programa educativo Universidade no Ar pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro.
	O ano marca a primeira edição de <i>O Repórter Esso</i> , boletim de notícias de cinco minutos, irradiado pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro e emissoras de outras quatro capitais (São Paulo, Belo Horizonte, Recife e Porto Alegre). Também pela Nacional estréia <i>Em busca da felicidade</i> , radionovela cubana, pioneira no gênero, que permanece até 1943 no ar. No mesmo ano, é produzida <i>Fatalidade</i> , de Oduvaldo Viana, na Rádio São Paulo, primeira radionovela criada no Brasil.
1942	Rádio Nacional amplia a potência, inaugurando estação de ondas curtas com oito antenas voltadas para Estados Unidos, Europa e Ásia, transmitindo para o exterior em quatro idiomas.

(Conclusão)

1944	Criada a Associação Brasileira de Rádio (ABR). A entidade colabora para regulamentar a profissão de radialista e também com o texto-base do Código Brasileiro de Radiodifusão. Em 1962, já contemplando a televisão, foi instituído o Código Brasileiro de Telecomunicações.
1945	Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o modelo de rádio brasileiro, até então um mix europeu, passa a adotar o exemplo dos Estados Unidos.
1947	A Rádio Pan-americana de São Paulo é a primeira emissora a dedicar-se continuamente a transmissões esportivas.
1947/1948	Montadas as primeiras redações jornalísticas especialmente para o rádio. Em 1947, a Rádio Globo estrutura um departamento de notícias para o noticiário O Globo no Ar. Em 1948, a Rádio Nacional implanta a Seção de Jornais Falados e Reportagens. No final dos anos 40, início dos anos 50, ficam disponíveis os primeiros gravadores magnéticos de rolo, para consumo doméstico.

DÉCADA DE 50

O início da década é marcado pela chegada da televisão no Brasil. Através da iniciativa de Assis Chateaubriand, proprietário do grupo midiático Diários Associados, entra ao ar, no dia 19 de setembro, em São Paulo, a TV TUPI. A primeira emissora televisiva do Brasil. Para concorrer com o novo veículo, o rádio teve que se transformar.

(Continua)

	Inicia-se a concorrência com a Televisão e com a Era da Imagem. É inaugurada a PRF-3 TV Tupi-Difusora, de São Paulo (18/9). Os elencos e principais programas das rádios começam a se transferir para o novo veículo. Ao rádio cabe flexibilizar, inovar na programação.
1950	A notícia recebe tratamento destacado. Vários radiojornais e boletins noticiosos (sínteses) são elaborados pelas emissoras, buscando igualar-se à audiência da Rádio Nacional. A iniciativa de Carlos Palut, com a Rádio Continental, de criar unidades volantes (Comandos Continental) para que os repórteres falassem direto do local dos acontecimentos, promove uma revolução no rádio informativo. O rádio segmenta-se nos 30 anos seguintes e de uma programação mais eclética (estilo que predomina nas televisões abertas de hoje), especializa-se tanto nas emissoras de Amplitude Modulada (AM) quanto nas de Frequência Modulada (FM). Os estilos variam a partir dos mais populares, com esportes (predominantemente o futebol), polícia, até o jornalismo com prestação de serviço, informações e música.
1954	Rádio Bandeirantes tenta um modelo inédito: a cada 15 minutos, um é dedicado à transmissão de informações.

(Conclusão)

1955	Entra no ar a primeira rádio em FM, Rádio Imprensa, do Rio de Janeiro, que comercializava a programação em supermercados, em lojas e em escritórios.
1957	Inaugurada a Rádio Guaíba de Porto Alegre uma das primeiras emissoras a dedicar-se ao público classe AB, investindo no trinômio música-esporte-notícia. Um ano depois, em 1958, transmite a Copa do Mundo, da Suécia, sendo a primeira a contar com o retorno no estúdio Também entra no ar em Porto Alegre a Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, primeira emissora universitária AM do Brasil, por obra de Antônio Alberto Goetze e Elyzeu Paglioli (18/11).
1957/1958	Organização do Sistema de Rádio Educativo Nacional (SIRENA), pelo professor João Ribas da Costa, que contabilizou 47 emissoras na luta contra o analfabetismo. Em 1963, foi incorporado à Rádio Educadora de Brasília e extinguiu-se. São comercializados em nível internacional os primeiros rádios receptores transistorizados com funcionamento a pilha.
1959	Rádio Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, uma das primeiras emissoras a integrar a música e a notícia, inova ao lançar o Serviço de Utilidade Pública (achados e perdidos).

DÉCADA DE 60

Nos anos 60, o rádio adquiria novas dimensões. Algumas emissoras se dedicavam a ouvintes de classe A com músicas selecionadas, intercaladas com noticiários políticos nacionais e internacionais.

(Continua)

1961 A renúncia do presidente da República Jânio Quadros deflagra uma crise de governo. No Rio Grande do Sul, o governador Leonel Brizola utiliza a Cadeia Radiofônica da Legalidade, com mais de uma centena de emissoras liderada pela Rádio Guaíba, e garante a posse do vice João Goulart, o Jango, na Presidência.

Decreto presidencial regulamenta em 1961 o Movimento de Educação de Base (MEB), criado por Dom Eugênio Salles, com supervisão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), embora as ações da Igreja neste campo já existissem desde os anos 50.

1962 Fundada a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT) (27/11).

É instituída a propaganda política gratuita no rádio e na televisão.

1963 Estabelecido o Código Brasileiro de Radiodifusão

O golpe militar de 31 de março, que perdurou até os anos 80, institui diversos atos institucionais que recrudescem a censura sobre os veículos de comunicação até mesmo extinguindo alguns programas radiofônicos.

1964 No Rio Grande do Sul, é montada a Segunda Cadeia da Legalidade para resistir ao golpe militar. É coordenada pela Rádio Difusora de Porto Alegre, mas a tentativa não dá resultado.

Os gravadores cassetes, lançados pela Phillips no início dos anos 60, começam a chegar ao país.

1965 O Brasil é integrado ao INTELSAT, para transmissões de rádio e televisão via satélite.

(Conclusão)

1967

Criado o Ministério das Comunicações e com ele o Departamento Nacional de Telecomunicações (DENTEL), órgão encarregado de fiscalizar as programações das emissoras de rádio e de televisão.

1968

As ligações em FM, utilizadas como links para transporte do som dos estúdios aos transmissores, são proibidas. O governo decide distribuir estes canais, visando a expandir o número de emissoras, o que efetivamente ocorre em meados dos anos 70. A Rádio Difusora de São Paulo foi a primeira a transmitir regularmente em FM no Brasil (02/12/1970).

1969

Rádio Cultura AM de São Paulo é estatizada, passando a fazer parte da recém instituída Fundação Padre Anchieta.

DÉCADA DE 70

A ditadura militar assombrava os veículos de comunicação graças ao Ato Institucional nº 5. O rádio não seria o único veículo a se adaptar aos tempos militares. A década consolidaria o Brasil como país do futebol com o tricampeonato mundial. E no final da década, a população vê os resultados da luta pela democracia.

1970	Emissoras oficiais e privadas transmitem o Projeto Minerva. O programa é produzido pelo Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação e Cultura, e gerado pela Rádio MEC, do Rio de Janeiro. (04/10)
------	--

1973	Lançado pelo governo o Plano Básico de Canais em FM com incentivo à produção de radiorreceptores com faixa AM e FM. O número de emissoras em FM aumenta. O padrão seguido é o dos Estados Unidos com comunicadores de voz jovem, aplicando aos diálogos a informalidade, o humor, além de promover sorteios de brindes e rodar muita música.
------	--

1975	Governo cria a Radiobrás (Lei 6.301, de 15/12).
------	---

DÉCADA DE 80

As rádios FM se consolidam como o novo canal de rádio. Graças à automatização das emissoras, é possível escutar músicas 24 horas por dia.

	Inicia-se a automatização das emissoras de rádio. Até ^(Continua) fins dos anos 90 o cartucho e a fita magnética são substituídos pelo MD (Mini disc), o disco de vinil pelo CD (Compact Disc), e o próprio rádio transmissor utilizado pelos repórteres é trocado pelo telefone celular, transformando cada profissional numa unidade móvel.
1980	Na área da informática, os computadores são, gradativamente, implantados nos estúdios e nas redações. Do mesmo modo, as redes nacionais de telefonia são supridas de fibras óticas, essenciais para elevar a velocidade e aumentar a qualidade das transmissões. A segmentação das rádios comerciais torna-se mais intensa a partir da metade dos anos 80.
1981	Começa em Sorocaba, interior de São Paulo, o movimento das rádios alternativas ou livres, que posteriormente se espalhou pelo país.
1982	Rádio Bandeirantes AM, de São Paulo, transmite o <i>radiojornal Primeira Hora</i> via satélite.
1983	Rádio Gaúcha, de Porto Alegre, é a primeira emissora AM a implantar o estilo para transmitir noticiário radiofônico 24 horas por dia, processo que se consolida nos anos seguintes. Tentativa semelhante foi desencadeada pela JB, do Rio de Janeiro, em 1980, mas algumas versões relatam que a programação era completada por música. A experiência durou seis anos e foi descartada por falta de investimentos em profissionais e equipamentos. Instituído oficialmente o Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa (SINRED), que funcionou até 1988. Em 1994, houve tentativa de reativá-lo, mas sem êxito.

(Conclusão)

1988 A Constituição Brasileira de 1988 prevê a regulamentação de vários itens que abrangem os meios de comunicação social. Entre eles: as permissões para as rádios comunitárias (regulamentadas em 1998), criação do Conselho de Comunicação Social (regulamentado em 2002).

1989 Desponta a primeira rede de rádio comercial via satélite: Band-Sat AM. A partir de 1990, outras emissoras passam a transmitir nesta modalidade, entre elas, a Jovem Pan e Transamérica.

DÉCADA DE 90

Marcada por grandes acontecimentos e tragédias, o rádio teve grande participação nas coberturas de grandes eventos como a Copa do Mundo de 1998.

1990	Sistema de rádio por cabo é lançado, mas não se firma. (Continua)
1991	No rádio AM, uma inovação: surge a primeira emissora <i>all news</i> do país, a Central Brasileira de Notícias (CBN). Em 1995, também seria pioneira neste estilo no rádio FM.
1993	Formada a Rede Conesul de Comunicação, agregando as rádios: Gaúcha (Porto Alegre/Brasil), Mitre (Buenos Aires/Argentina), Carve (Montevideu/Uruguai), Ñanduti (Assunção/Paraguai) e Cooperativa (Santiago/Chile).
1995	A <i>web</i> comercial brasileira começa oficialmente neste ano (31/05), embora a primeira conexão tenha acontecido em 1991 e em 1994 a Embratel tenha oferecido os primeiros contatos à rede mundial. Muitas emissoras convencionais começam a experimentar as transmissões <i>on-line</i> pela <i>world wide web</i> (www) que tornou possível acoplar som, imagem e vídeo, além dos textos. As pioneiras a transmitirem a programação ao vivo foram a Gaúcha, Jovem Pan, Eldorado e CBN.
1996	Rádio CBN, de São Paulo, passa a transmitir a mesma programação do AM no FM, ampliando a audiência. À <i>posteriori</i> , a mesma medida é aplicada no Rio de Janeiro. Experiência pioneira no gênero foi registrada pela Rádio Eldorado em 1958. Surge a Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (ABRACO).
1997	Congresso Nacional aprova a Lei Geral das Comunicações, criando a Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL). RadioFam da PUC do Rio Grande do Sul, <i>web</i> rádio universitária pioneira no país, entra na internet.

(Conclusão)

Realizada a primeira transmissão experimental em Digital Audio *Broadcasting* (DAB) no Brasil, em Foz do Iguaçu, no Paraná, durante Congresso da ABERT, pelo sistema europeu Eureka-147.

1998 Decreto 26.615 regulamenta as rádios comunitárias (Lei nº 9.612, de 19/02/1998).

Entra no ar a Rádio Totem, com sede em São Paulo, considerada a primeira emissora brasileira com existência apenas na internet.

SÉCULO XXI

Desde 1922, o rádio teve que se adaptar muito. Do transistor às plataformas móveis, o rádio completa noventa anos em 2012 e enfrenta um processo de reinvenção.

2000	A transmissão por rádio tem um aliado e um concorrente. O aliado é o telefone celular, cujos novos aparelhos oferecem o rádio em FM, mas eliminam a transmissão em AM. O concorrente é constituído pelos tocadores de música (<i>Ipod</i> , MP3, MP4, etc.). Este fato, aliás, já havia ocorrido com os gravadores de fita de rolo e cassetes nos anos 60 e 70 (Continua) <i>Ilkman</i> nos anos 80 e os <i>CDplays</i> nos anos 90.
2003	A Rádio Gaúcha de Porto Alegre é a primeira emissora comercial brasileira a realizar uma transmissão experimental de recepção digital do Brasil pelo padrão <i>In-Band-On-Channel</i> (IBOC), da empresa iBiquity Digital . Outro sistema testado pela Rádio Nacional de Brasília é o Digital Radio Mondiale (DRM) desenvolvido e adotado por países europeus.
2004	O <i>podcast</i> , serviço de transmissão de áudio, é incorporado como mais um atrativo das emissoras na <i>web</i> .
2005	Primeira rede em FM com 24 horas de notícias (BandNews).
2007	Carta dos Pesquisadores de Rádio e Mídia Sonora do Brasil, iniciativa da reunião do grupo da Intercom, em Santos/SP, é divulgada, questionando o Ministério das Comunicações sobre a tecnologia e os métodos na implantação do rádio digital no país. Criada a Empresa Brasil de Comunicação (EBC), congregando a TV Brasil, NBR (televisão a cabo), Agência Brasil e os Sistemas de Rádio (Rádio Nacional AM e FM/ DF, Rádio Nacional AM /RJ, Rádio MEC AM/RJ, Radio MEC AM/DF, Rádio MEC FM/RJ, Rádio Nacional do Alto Solimões AM, Rádio Nacional da Amazônia OC, Radioagência Nacional).
2008	Comissão da ABERT entrega ao Ministério das Comunicações relatório final dos testes com o sistema de rádio digital IBOC, realizados pelo Instituto Mackenzie, concluindo que o padrão é o único a atender às necessidades da radiodifusão sonora brasileira em OM (Ondas Médias) e FM.

(Conclusão)

Ministério das Comunicações divulga padrão do rádio digital brasileiro.

2010 Ministério das Comunicações caça a liminar que permitia veículos de comunicação transmitir a Voz do Brasil em horários alternativos.

SOBRE AS AUTORAS

Fabíola Moura Reis Santos

Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pela Universidade do Estado da Bahia (Uneb). Especialista em Ensino Superior, Contemporaneidade e Novas Tecnologias pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf); em Ensino da Comunicação Social pela Uneb; e, em Voz pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia (CFFa). Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco (Ufpe) e em fonoaudiologia pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Professora do curso de Jornalismo em Multimeios do Departamento de Ciências Humanas, campus III, da Uneb. Pesquisadora integrante dos grupos de pesquisa Laboratório de Estudos em Mídia e Espaço (Leme/Uneb) e Comunicação, Economia Política e Diversidade (Comum) da Universidade Federal do Piauí (Ufpi). Autora do livro *O sertão que a TV não vê: o jornalismo contextualizado com o Semiárido Brasileiro*. Coordenadora dos projetos de extensão da Rádio Universitária – Programa Eufonia e Programas Experimentais de Televisão da WebTV do campus III, da Uneb em Juazeiro, além do Projeto de pesquisa Jornalismo contextualizado com o Semiárido Brasileiro. Coordenadora de programação e jornalismo da TV e Rádio Caatinga da Univasf. Escreve o *blog* de viagem *Família que viaja junto*. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/6276475685102074>>. E-mail: fabiolamsantos@hotmail.com

Juliana Ribeiro de Amorim Galdino

Pós-graduada em Ensino de Comunicação Social pela Uneb, campus III Juazeiro/BA. Graduada em Comunicação com habilitação em Jornalismo pela Unicap. Possui larga experiência como assessora de imprensa e de comunicação de instituições e empresas como: Diocese de Juazeiro; Confederação Nacional das Cooperativas Médicas (Unimed) Vale do São Francisco; Serviço Autônomo de Água e Esgoto (Saae) de Juazeiro; e, Secretaria de Educação do Município de Juazeiro. Gerente de comunicação da Secretaria de Saúde do Município de Petrolina/PE. *E-mail:* jugaldino01@yahoo.com.br

Formato: 150 mm x 210 mm
Fonte: Minion Pro
Papel miolo: Pólen Soft, 80 g/m²
Papel capa: Cartão Supremo, 300 g/m²
Impressão: Setembro / 2018
Impressãobigraf Ltda



Universidade do Estado da Bahia – UNEB

José Bites de Carvalho

Reitor

Marcelo Duarte Dantas de Avila

Vice-Reitor

Sandra Regina Soares

Diretora da Editora

Conselho Editorial

Danilo Gusmão de Quadros

Darcy Ribeiro de Castro

Hugo Saba Pereira Cardoso

Luiz Carlos dos Santos

Maria das Graças de Andrade Leal

Rudval Souza da Silva

Thiago Martins Caldas Prado

Suplentes

Aliger dos Santos Pereira

Gabriela Sousa Rêgo Pimentel

Maristela Casé Costa Cunha

Marluce Alves dos Santos

Mônica Beltrame

Reginaldo Conceição Cerqueira

Valquíria Claudete Machado Borba

Fabíola Moura Reis Santos
Juliana Ribeiro de Amorim Galdino

VOZES DO RIO

a história do rádio em Juazeiro e Petrolina

Salvador
EDUNEB
2018

© 2018 Autoras

Direitos para esta edição cedidos à Editora da Universidade do Estado da Bahia.
Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma
idêntica, resumida ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.
Depósito Legal na Biblioteca Nacional
Impresso no Brasil em 2018.

Coordenação Editorial

Fernanda de Jesus Cerqueira

Coordenação de Design

Sidney Silva

Revisão Textual e Normalização

Tikinet Edições Ltda

Diagramação e Capa

George Luís Cruz Silva

Revisão Textual de Prova

Maria Aparecida Porto

Revisão de Diagramação de Prova

George Luís Cruz Silva

Imagem da Capa

Arquivo particular das autoras e
[freemages.com/John Hartley](https://www.freemages.com/JohnHartley)

Ficha Catalográfica

Bibliotecária: Fernanda de Jesus Cerqueira – CRB 162-5

Santos, Fabíola Moura Reis

Vozes do rio: a história do rádio em Juazeiro e Petrolina/ Fabíola Moura Reis
Santos e Juliana Ribeiro de Amorim Galdino. – Salvador: EDUNEB, 2018.

132 p.: il.

ISBN: 978-85-7887-352-3

1. Rádio - Juazeiro. 2. Rádio - Petrolina. 3. Rádio – História em Petrolina e Juazeiro.
I. Galdino, Juliana Ribeiro de Amorim.

CDD: 384.5

Editora da Universidade do Estado da Bahia – EDUNEB

Rua Silveira Martins, 2555 – Cabula

41150-000 – Salvador – BA

editora@listas.uneb.br

portal.uneb.br



*O rádio começa de um sonho,
vira uma paixão, termina numa
eterna conquista.
(CÉSAR, 1996)*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser infalível e generoso em seus planos. Aos nossos filhos, Cecília, Miguel, Maria Eduarda e Maria Luísa, compreensivos e pacientes. Aos nossos maridos, Luís e Eduardo, sempre companheiros e atuantes nos nossos projetos. E aos nossos pais, sempre presentes nas nossas conquistas.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
O PAPEL DO RÁDIO NO FORTALECIMENTO DA CIDADANIA E DEMOCRACIA NO VALE DO SÃO FRANCISCO	15
UMA ONDA NO AR, DEMOCRÁTICA OU NÃO?	18
PERCURSO PARA O REGISTRO DA MEMÓRIA	24
RÁDIOS COMERCIAIS	29
RÁDIO JUAZEIRO, A PIONEIRA	32
EMISSORA RURAL: A VOZ DO SÃO FRANCISCO	37
RÁDIO GRANDE RIO AM, ONDAS MÉDIAS EM TODO O SERTÃO	44
RÁDIO CIDADE	46
RÁDIO SÃO FRANCISCO	49
RÁDIO FM: NOVAS ONDAS NO AR	50
RÁDIO TRANSRIO: A PRIMEIRA FM DA REGIÃO	52
TROPICAL FM, JORNALISMO EM FREQUÊNCIA MODULADA	56
RÁDIO GRANDE RIO FM, OUVIDA EM TODO O SERTÃO	59

COMUNITÁRIAS NO COMANDO DA NOTÍCIA	63
LIBERDADE FM: O POVO DO CAMPO NO AR	65
TABAJARA, A COMUNIDADE NAS ONDAS DO RÁDIO	67
PETROLINA FM: ATUANDO NO DIA A DIA DA CIDADE	70
AS VOZES DO RIO: TESTEMUNHOS DE UMA HISTÓRIA	75
CARLOS AUGUSTO: O PORTA-VOZ DO HOMEM SERTANEJO	77
INAH TORRES: COMUNICADORA SOCIAL	83
HERBERT MOUZE: A VOZ DOS GRAMADOS	87
MARTA LUZ: UMA VOZ PARA PENSAR	96
FRANCISCO FERNANDES: O ANIMADOR DE TODAS AS TARDES	101
WASHINGTON LUIZ: O REPÓRTER POLICIAL	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS	111
ANEXO	115
CRONOLOGIA DO RÁDIO	115
SOBRE AS AUTORAS	131

PREFÁCIO

Polifonia no ar: um trabalho além da sala de aula

Este trabalho, feito à quatro mãos, registra não somente uma parte da história das vizinhas cidades de Juazeiro e Petrolina, como a história das comunicações sociais, mais, especificamente do rádio, a mídia mais acessível de que dispomos, fundamental na formação e informação urbana. Sem dúvidas, nossas cidades, nossa região, ainda têm no rádio seu referencial mais forte como meio de comunicação.

Embora algumas vertentes de um trabalho desse tipo pudessem ser mais privilegiadas, *Vozes do Rio: a história do rádio em Juazeiro e Petrolina*, da autoria de Fabíola Moura R. Santos e Juliana R. A. Galdino, como livro-reportagem de um curso de especialização em Comunicação Social, escrito em 2005, apresenta, ao lado de informações históricas imprescindíveis sobre as rádios locais, saborosas entrevistas com algumas personalidades marcantes da locução san-franciscana. Acredito mesmo que essa seleção de entrevistados pudesse ser ampliada, pois, na história de cada um deles, temos a história de uma programação diversificada, de posicionamentos também diversificados frente à audiência e que refletem a sua ideologia, nessa interatividade possível entre audição e recepção pelo rádio.

O tratamento dado à linguagem, seja no programa sertanejo, seja no esportivo, seja na crônica social, ainda é um trabalho amador muitas vezes, mas, feito com prazer e dedicação. No entanto, é

preciso ter sempre em mente que há censuras nesses discursos e a democratização é relativa.

As autoras souberam entender esse aspecto, quando afirmam:

No Vale do São Francisco, essa situação se evidencia.

Na região, as emissoras de rádio comercial, em sua grande maioria, pertencem a políticos e empresários que utilizam suas concessões para promover interesses específicos. Assim, muitos conteúdos são manipulados, divulgando mensagens que beneficiam a linha partidária ou promovem os anunciantes da carteira da empresa.¹

Nesse sentido, é que a polifonia, tantas vozes em contraste, passado e presente em sua dinâmica, pode mostrar ao ouvinte como interagir e não ser um cidadão manipulável. Há opções que podem derrubar um discurso hegemônico, utilizado também em outras mídias. Sem falar especificamente das rádios comunitárias, de precário alcance, o ouvinte médio (haveria um alto e um baixo “ouvinte”?) pode encontrar nas ondas do rádio um fator de equilíbrio crítico e posicionamento que desafia a alienação.

Para os jovens profissionais que estão aí atuantes, como as autoras desse trabalho, fica a responsabilidade de compreensão desse processo e de suas opções. Para além do amadorismo, a consciência de que a linguagem radiofônica é um instrumento ideológico e que pode ser utilizado sob os mais diversos interesses e perspectivas.

Carlos Augusto, com sua experiência, na entrevista aqui apresentada, mostra isso claramente: “No rádio, o que a gente fala não

¹ Citação extraída desta obra, p. 18.

tem volta [...]. No microfone, o que você diz tem força e em rádio eu sou o que eu digo.”

Parabéns pelo trabalho e sigam em frente...continuamos à escuta...

Elisabet Gonçalves Moreira
Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP.
Professora aposentada da Universidade de Pernambuco(UPE) e
Instituto Federal do Sertão Pernambuco (IF Sertão).

O PAPEL DO RÁDIO NO FORTALECIMENTO DA CIDADANIA E DEMOCRACIA NO VALE DO SÃO FRANCISCO

Quando a gente liga o rádio, começa uma viagem pelo imaginário de cada um. É como sonhar acordado, conduzido pela voz que comanda o microfone. Uma espécie de “hipnose consciente” que nos faz construir imagens bem pessoais, fertilizadas pelo som do rádio.

A paixão proporcionada por esse veículo de comunicação de massa, considerado o mais popular e abrangente, contagia ouvintes e profissionais da área. Estudá-lo é também uma experiência única, um incentivo a divulgar e conquistar cada vez mais adeptos ao “clubê” dos amantes do rádio.

O veículo possibilita ao ouvinte se inteirar dos fatos no momento em que eles acontecem, tornando-se assim, um meio de comunicação de caráter imediato. O rádio pode ser levado a qualquer lugar e é de fácil acesso. Tem uma abordagem educativo-informativa, sendo seu principal objetivo comunicar para comunidades.

A relação de proximidade estabelecida com o ouvinte é sólida e duradoura, um vínculo que começou há muito tempo. Os historiadores do rádio têm entendimentos diferentes sobre o início do funcionamento desse meio de comunicação no Brasil. Alguns defendem que o marco inicial foi a transmissão oficial do discurso do presidente Epitácio Pessoa, no dia 7 de setembro de 1922, no Rio de

Janeiro, em comemoração ao centenário da Independência. Segundo Costella (2002), esse episódio foi um mero evento de uma feira de amostras. Terminada a exposição, encerraram-se as transmissões.

Todavia, as referências utilizadas nesse estudo provam que a Rádio Clube de Pernambuco, fundada em Recife por Oscar Moreira Pinto, foi a primeira a realizar uma transmissão radiofônica no país, no dia 6 de abril de 1919, com um transmissor importado da França.

Para outros, o surgimento do rádio se deu com a inauguração da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, primeira emissora brasileira, fundada em abril de 1923 por Edgard Roquette-Pinto e Henry Morize, com prefixo PRA-A (depois PRA-2), sediada na Academia Brasileira de Ciências.

A programação da Rádio Sociedade não obedecia a um organograma rígido, mas tinha sempre como grade inicial o *Jornal da Manhã*, apresentado pelo seu proprietário, Roquette-Pinto. As emissoras fundadas nessa década, tinham características semelhantes às da Sociedade.

As primeiras rádios, por serem financiadas por seus associados, eram sociedades ou clubs que tinham como objetivo difundir a cultura e promover a integração nacional. É por essa razão que a denominação das primeiras emissoras era sempre Rádio Sociedade: do Rio de Janeiro em 1923; de São Paulo em 1924; ou Rádio Clube: Pernambuco, Paraná, São Paulo [...]. Na década de 1920, o rádio era um meio de comunicação ligado às camadas altas da população devido ao estilo de sua programação: óperas, conferências e músicas clássicas que agradavam à elite, não atingindo as camadas populares. (MENEGUEL; OLIVEIRA, [21--?], p. 4-5).

Na década de 1930, quando surgiu o termo “radialista”, inventado por Nicolau Tuma, o Brasil possuía 29 emissoras, mas só no início dos anos 1950 surgiu a primeira emissora de rádio do Vale do São Francisco, a Rádio Juazeiro, transmitida em ondas médias.

Foi também na década de 1950 que o rádio vivenciou um momento difícil, uma vez que nascia um meio de comunicação até então revolucionário, transmitindo informações por meio de imagens e sons: a televisão.

Mas não era só por ser novidade na produção de informações e inovação tecnológica que a televisão incomodava, havia o preponderante fator econômico. Com o novo veículo veio a concorrência pelos recursos da publicidade, dos investimentos e da mão de obra especializada no que dizia respeito tanto à questão técnica quanto aos profissionais comunicadores.

A concorrência resultou no declínio do rádio nesse período, obrigando-o a uma reestruturação total.

Dentre os meios de comunicação, talvez o rádio seja o mais privilegiado em termos de potencialidades. Primeiro porque não necessita de que o ouvinte seja alfabetizado. Depois, por ser mais abrangente: a televisão não atinge áreas rurais por causa das deficiências de eletrificação [...] esta facilidade poderia fazer do rádio um instrumento de educação, o que até agora permanece como potencialidade. (CAPARELLI, 1986, p. 86-87).

Apesar do impacto, a televisão não substituiu todo o espaço conquistado pelo rádio nas décadas anteriores. Por suas características únicas e sua relação de interatividade com o ouvinte, o rádio sobreviveu e continua se reinventando.

UMA ONDA NO AR, DEMOCRÁTICA OU NÃO?

Nas palavras de León (2002), “[...] a democratização da comunicação é, antes de tudo, uma questão de cidadania e justiça social, que integra o direito humano à informação e à comunicação” mas no Brasil, ainda estamos longe de alcançar esse ideal, independentemente do tipo e do tamanho do veículo de comunicação. No Vale do São Francisco, essa situação se evidencia.

Na região, as emissoras de rádio comercial, em sua grande maioria, pertencem a políticos e empresários que utilizam suas concessões para promover interesses específicos. Assim, muitos conteúdos são manipulados, divulgando mensagens que beneficiam a linha partidária ou promovam os anunciantes da carteira da empresa.

Nessa mesma perspectiva, notícias que atinjam de forma negativa “os parceiros” da emissora são vedadas sumariamente, quando não são distorcidas de forma a minimizar seus efeitos. Mas é importante ressaltar que, mesmo em algumas rádios comerciais da região, esse quadro, aos poucos, vem sendo modificado.

Graças ao esclarecimento da população, motivado por meio de movimentos sociais e mídia alternativa, principalmente a internet, as emissoras de rádio não tiveram outra alternativa senão abrir mais espaço para a comunidade. Os programas jornalísticos ganharam mais tempo e a discussão dos problemas locais se tornou pauta diária. Nesses espaços, o morador do bairro da periferia reclama, por exemplo, da falta de saneamento e cobra providências da empresa responsável. A partir de discussões como essas, os comunicadores de rádio lançaram a proposta de uma comissão parlamentar de inquérito (CPI) para investigar os desvios de verba nas obras de saneamento da cidade de Juazeiro/BA, em julho de 2003. A CPI criada pela Câmara de Vereadores (a única realizada até a elaboração deste trabalho) não demorou a acontecer e movimentou a cidade durante vários meses.

As rádios comunitárias também vêm nadando contra a corrente da monopolização. Em alguns casos, são moradores das comunidades que fazem os programas e discutem temas de seu interesse. Essas emissoras sobrevivem com o apoio da própria população, se libertando da pressão comercial. O trabalho que elas desenvolvem é autodidata e quase artesanal, mas possibilitam resultados visíveis. As comunidades estão mais atentas e acompanham de perto os problemas locais. Conforme León (2002),

[...] cabe dizer que é consubstancial a vida democrática da mesma sociedade, cuja vitalidade depende de uma cidadania devidamente informada e deliberante para participar e responsabilizar-se na tomada de decisão dos assuntos públicos.

Com linguagem mais acessível, os comunicadores locais conseguem deixar a notícia compreensível, o que possibilita observar até uma mudança na autoestima da região. As rádios comunitárias talvez sejam as que mais contribuem para a democratização, considerando que o exercício democrático pressupõe que os cidadãos sejam bem-informados sobre as questões a serem decididas, seja diretamente ou por meio de seus representantes eleitos. Para García Canclini (1990, p. 50),

[...] os meios de comunicação substituíram partidos, sindicatos, intelectuais. A aparição súbita desses meios põe em evidência uma reestruturação geral das articulações entre o público e o privado que pode ser percebida também no novo ordenamento da vida urbana, no declínio das nações como entidades que comportam o social e na reorganização das funções dos atores políticos tradicionais.

Dessa forma, o rádio atua facilitando o exercício da democracia, por conseguinte, como fator de socialização e de formação do cidadão no exercício de sua cidadania, uma vez que funciona como espécie de plataforma na qual a população ouvinte encontra um canal direto de participação, expondo suas vontades e necessidades.

Marshall (1967 apud, Barbosa, 2010, p. 13) explica que o conceito de cidadania comporta dimensões civis, sociais e políticas de forma simultânea, um modelo também experimentado na rotina do rádio. O autor acrescenta,

[...] a Cidadania busca a inclusão dos excluídos e a reeducação dos já incluídos. Como parte de sua constante metamorfose, a Cidadania incorpora novas ideias e projetos de construção de uma sociedade melhor e mais humana. Hoje, no Brasil, ela ganha também a dimensão de sinônimo de comportamento social. O respeito às regras e às demais pessoas, às boas maneiras do indivíduo perante o corpo social, são considerados alicerces da cidadania. (BARBOSA, 2010, p. 77).

As características do rádio como meio de comunicação de massa o tornam especialmente adequado para a transmissão da informação, o que pode ser considerado como a sua função principal, uma vez que ele tem condições de transmiti-la com rapidez maior do que qualquer outro meio, até mesmo a internet.

Assim, torna-se parceiro na divulgação dos objetivos e na atuação dos movimentos populares, sejam eles de contestação estrutural ou mais específicos. Pela proximidade territorial com a realidade do cotidiano da comunidade, interage de forma quase que imediata com os acontecimentos e recebe o impacto direto das mudanças do

meio social em que está inserido. O contato é simultâneo entre a população, suas reivindicações e o meio radiofônico.

O rádio possui um caráter urgente, possibilitando que o ouvinte acompanhe os fatos no momento em que eles acontecem. Dispensa todo o aparato e a complexidade comuns nos demais meios, podendo ser levado a qualquer lugar. O acesso dos ouvintes é fácil e prático, sem a necessidade de grandes investimentos em aparelhos avançados. Segundo Ortriwano (1985, p. 81),

[...] o rádio livre dos fios e tomadas deixou de ser um meio de recepção coletiva e tornou-se individualizado. As pessoas podem receber suas mensagens sozinhas, em qualquer lugar que estejam.

Graças a essas características, o rádio possui uma importante função social, atua como agente de informação e formação do coletivo. Desde a sua criação, se firmou como um serviço de utilidade pública, exercendo uma comunicação que contribui com a história de diversas sociedades.

Entre os meios de comunicação de massa, o rádio é, sem dúvida, o mais popular e o de maior alcance público, não só no Brasil como em todo o mundo, constituindo-se muitas vezes no único a levar a informação e o entretenimento, para populações de vastas regiões que não têm acesso a outros meios, seja por motivos geográficos, econômicos ou culturais. (CÉSAR, 1990, p. 63).

É ainda uma plataforma atuante na prestação de serviços, com informações sobre empregos, produtos e utilidade pública, além de ajudar a desenvolver objetivos comuns e opções políticas, possibilitando

o debate social e expando temas e soluções práticas por meio do conteúdo jornalístico, por exemplo, sem esquecer de sua contribuição para a cultura e a produção intelectual.

Esse meio de comunicação é essencialmente popular, de fácil acesso e custo reduzido, que permite o contato do ouvinte com um mundo bem maior do que os impostos pelos limites físicos e econômicos. Nessa natureza democrática de acesso e na mobilidade que oferece, reside o potencial de um veículo de comunicação que, desde a sua invenção e disseminação, já teve dias de glória e de dificuldades, mas que se mantém atuante e continua tendo sua importância.

Nas cidades Petrolina/PE e Juazeiro/BA, o rádio se desenvolveu como fator de unidade em municípios com grandes áreas rurais e zonas urbanas de vida cultural, social e política intensa. Mas, mesmo com a sua importância, a produção radiofônica nessa região carece de trabalhos direcionados à sua história e às pessoas que o constroem, dia a dia, nas duas cidades. Por isso, esse veículo é o objeto principal deste livro-reportagem, que procura documentar a história das primeiras emissoras de rádio dessas cidades.

De acordo com levantamento feito pelas autoras desta obra em 2018, as cidades de Petrolina e Juazeiro têm, juntas, nove rádios comerciais e cinco comunitárias. Depois do jornal impresso, o rádio se estabeleceu como veículo de comunicação de maior alcance, com a missão de garantir que a informação chegasse à comunidade ribeirinha.

A Rádio Juazeiro AM, com 65 anos de fundação (em 2018) e até hoje no ar, foi a pioneira na região. Com uma potência que cativa ouvintes até em outros estados, foi a primeira a produzir uma programação totalmente local. Com programas de utilidade pública, variedades e esportivos, além de um jornalismo cada vez mais atuante, principalmente nos bairros periféricos, a Rádio Juazeiro abriu espaço para as associações de bairro, para movimentos de minoria,

ou seja, para que a população, de uma maneira geral, pudesse se manifestar.

Depois vieram as outras rádios de modulação em amplitude (AM do inglês *amplitude modulation*) com propostas semelhantes: informar e ser um canal aberto para a comunidade. A Emissora Rural, primeira AM de Petrolina, teve também participação importante nos movimentos sociais. Por ser uma rádio católica, acompanhou e divulgou, nas suas ondas, todo o desenvolvimento da Teologia da Libertação e dos Movimentos Eclesiais de Base, abrindo ainda espaço para a educação do homem do campo.

Mesmo com a chegada das rádios de modulação em frequência (FM, do inglês *frequency modulation*), apesar do seu perfil ainda mais comercial e segmentado, as rádios locais trouxeram um diferencial: incluíram na sua programação um espaço jornalístico regional, no qual a comunidade pode participar e expor suas demandas.

Recentemente, a região ganhou cinco rádios comunitárias que, apesar de estarem se adaptando ao mercado, representam uma grande conquista para a comunicação local. Nelas, a população pode participar de maneira efetiva na decisão do que será transmitido, do que interessa àquele grupo.

Na programação das rádios comunitárias, a universidade também tem espaço garantido. Um exemplo é a revista radiofônica *Eufonia*, um programa semanal produzido por estudantes do curso de Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), que está no ar há vários anos nas rádios comunitárias Liberdade e Vitória FM, em Juazeiro, e nas emissoras Curaçá FM, Orocó FM e Petrolina FM, localizadas nas cidades de mesmo nome, no Semiárido baiano e pernambucano. O programa também conquistou um horário em uma AM comercial, a Emissora Rural.

Difícilmente outro veículo de comunicação com o alcance e a força do rádio abriria tanto espaço para a produção local, para a

participação de pessoas de diferentes origens e perfis econômicos e para a divulgação do que acontece ao redor, o que fortalece ainda mais a contribuição desse poderoso veículo para o desenvolvimento dos contextos local, regional e nacional.

PERCURSO PARA O REGISTRO DA MEMÓRIA

Escrever sobre o rádio é fazer também o registro de um povo e conhecer sutilezas pela sua forma de se comunicar e enviar mensagens. Às vezes, com recados comuns, ou como diz Moreira (2004, p. 103), “[...] alguns bastante bizarros, quase caricaturais, mas expressivos do imaginário e de valores sociais e éticos preservados”. Registrar tudo isso é uma mistura de responsabilidade, prazer e aprendizado.

Foi em busca desse objetivo que *Vozes do rio* nasceu. Trata-se de um livro-reportagem elaborado a partir de entrevistas com profissionais do rádio, que gentilmente receberam as autoras e comparilharam suas memórias. Um trabalho jornalístico de investigação, apuração e escrita dessas histórias. Uma pesquisa que tem ainda a pretensão de ir além e inspirar novos estudos.

A escassa bibliografia sobre o veículo (principalmente no contexto regional) também motivou o estudo, que objetiva registrar a história do rádio em Juazeiro e Petrolina, cidades irmãs, unidas pelo rio São Francisco, antes que ela desapareça da memória dos ribeirinhos. Sendo assim, esta obra discorre sobre as emissoras pioneiras no Vale do São Francisco, visto que existe muito pouco registrado sobre essas rádios.

Ao mesmo tempo, o livro servirá de parâmetro e consulta para os estudantes do curso de Jornalismo em Multimeios da Uneb, em Juazeiro, e interessados que queiram aprofundar pesquisas no campo da radiofonia. Contribui também para demonstrar o estilo, o perfil e a atuação dos profissionais, além de registrar como o veículo vem evoluindo na região.

No decorrer da obra, será mostrado como este veículo de comunicação se desenvolveu na comunidade ribeirinha, partindo de uma abordagem geral, na qual se discute a relação mídia x sociedade, englobando sua importância para a democratização da informação até a questão regional, com a fundação das primeiras emissoras comerciais AM e FM, bem como o aparecimento das rádios comunitárias na região e os benefícios que essas trouxeram para os ouvintes, assuntos tratados na primeira parte do livro.

Personagens que ajudaram a construir essa história também estão nesta pesquisa. Locutores atuantes na evolução do rádio na região são figuras essenciais neste registro. Vozes das margens do rio São Francisco contando o dia a dia de um povo, por meio da comunicação nas ondas do rádio compõem a segunda parte deste livro.

Neste trabalho de pesquisa realizado em parceria, as autoras buscaram reconstruir não só a história das rádios, mas também a trajetória de locutores que ajudaram a percorrer esse caminho. Para tanto, investiram na memória dessas testemunhas e registraram relatos que não estão em nenhuma bibliografia até então.

Cada uma das autoras se responsabilizou por um número de rádios e locutores, diretores, gerentes e funcionários das emissoras. Os entrevistados foram ouvidos individualmente e questionados sobre a história das emissoras em que trabalharam, como começaram no rádio, em que profissionais se inspiraram, seu estilo de locução, que cuidados tinham com a voz, que é seu instrumento de trabalho, entre outras curiosidades. Além do registro baseado na memória oral, a pesquisa também foi elaborada com auxílio da bibliografia disponível e da internet.

Especificamente, a jornalista Fabíola Moura fez o levantamento das rádios Juazeiro, Tropical, Grande Rio FM, Petrolina FM e Liberdade FM, além de entrevistar os locutores Carlos Augusto, Inah Torres, Marta Luz e Herbert Mouze. Enquanto a outra autora jornalista, Juliana Amorim,

fez o levantamento das rádios Emissora Rural, Grande Rio AM, Rádio Cidade, Rádio São Francisco, Transrio e Rádio Comunitária Tabajara FM e as entrevistas com os locutores Francisco Fernandes e Washington Luís. Munidas dessas informações e com o complemento dos livros pesquisados, as autoras escreveram suas entrevistas, mas a dupla também elaborou o conteúdo que solidifica este trabalho: a importância do rádio como veículo de comunicação.

Também foram as jornalistas-pesquisadoras que registraram a maioria das fotos, acreditando que a imagem conta uma história. E, como se trata de um livro-reportagem de rádio, o registro de áudio não poderia faltar. As autoras solicitaram aos locutores entrevistados que escolhessem trechos de seus programas. Após edição, os arquivos foram gravados em CD-ROM, que ficou como registro sonoro extra do trabalho.

Dos esforços pioneiros de alguns profissionais na década de 1950 até o alto grau de competitividade e profissionalismo alcançados nos dias atuais, o rádio se firmou como fator de integração de uma região vocacionada, historicamente, para o progresso, seja econômico, político, cultural ou social. Isso permeia as páginas que se seguem.

Dessa forma, objetivou-se reconstruir a história das rádios de Juazeiro e Petrolina, assim como registrar o desenvolvimento da locução radiofônica na região por meio de alguns personagens dessa história, profissionais do rádio que contribuíram com a evolução do veículo desde a instalação da primeira emissora e que cresceram com ele. Também buscou-se analisar as características dos estilos de narração, situar o leitor no contexto histórico do rádio no âmbito mundial e apresentar os principais locutores e as características profissionais de cada um.

Vozes do rio é ainda uma tentativa de colaborar com a formação pedagógica de quem vive às margens do rio da integração nacional,

em especial os estudantes de Comunicação Social, principal inspiração e a quem este livro é dedicado.

Não é um texto difícil de ler. Ao contrário, pela natureza dinâmica e multifacetada do objeto abordado, pôde-se realizar um trabalho que busca pinçar, de forma direta e contextual, as características e peculiaridades da comunicação via rádio na referida região.

Espera-se que essa experiência possa contribuir para o enriquecimento pessoal e intelectual daqueles que se propuserem a “degustar” esta obra.

Cabe registrar que a concretização deste livro não seria possível sem os profissionais do rádio que ajudaram a contar essa história. Gratidão também à jornalista Sandra Mara de Oliveira Souza, guia das autoras nesse livro-reportagem, por sua contribuição imprescindível durante a pesquisa, que é resultado do trabalho de conclusão do curso de especialização em Ensino de Comunicação Social, realizado pela Uneb, *campus* III, em 2005.

Por fim, as autoras têm a imensa honra de apresentar a sua contribuição para essa história, que continua dinâmica e merece sempre ser revista com o carinho atento dos apaixonados.

RÁDIOS COMERCIAIS

Desde a primeira transmissão até a instituição do “reclame” pelo governo de Getúlio Vargas, o rádio brasileiro seguiu um percurso semelhante ao do veículo em outras partes do mundo. Começou com conteúdo educativo e virou comercial, inicialmente pelas ondas da AM e posteriormente também pelas FM.

Já no Vale do São Francisco, o rádio começou de forma comercial pelas AM Juazeiro, Emissora Rural, Grande Rio AM, Cidade e São Francisco, além das FM Transrio, Tropical e Grande Rio FM.

É justamente nas cidades de interior que as emissoras de rádio assumem um papel de destaque e ganham importância na rotina da população muito maior que em qualquer metrópole. No rádio, as pessoas se sentem à vontade para exercer a cidadania e exigir seus direitos. Quanto mais desassistida a comunidade, mais ela deposita no veículo toda a esperança em ter seus problemas resolvidos e direitos garantidos.

O rádio cumpre bem essa função, acaba sendo a ligação direta entre a população e o poder público, que mantém os ouvidos muito atentos para tudo que está sendo veiculado em cada estação. Na região do Vale do São Francisco, essa situação é verificada de forma marcante em Petrolina e Juazeiro. Com várias emissoras nos dois lados do rio, o veículo de comunicação tem forte presença na vida das duas cidades. Podemos ir além e afirmar que a atuação do rádio é determinante na vida desses municípios. Se um assunto foi discutido

no rádio, é certeza que será debatido nos gabinetes dos gestores e nas esquinas da cidade.

Foram as emissoras comerciais em amplitude modulada que chegaram primeiro para exercer esse papel na sociedade. Com a introdução do rádio à válvula (mais barato e acessível) e a autorização via legislação brasileira para que o veículo pudesse receber pagamento pela veiculação de publicidade, a partir de 1931, o rádio deixa de ser amador, com programação erudita e educativa, para se popularizar com programas voltados para lazer e diversão, oficialmente um produto que visa lucro. Logo

[...] os empresários começam a perceber que o rádio é muito mais eficiente para divulgar seus produtos do que os veículos impressos, inclusive devido ao grande número de analfabetos. (ORTRIWANO, 1985, p.16).

Era a época da Revolução de 1930, Getúlio Vargas estava à frente do país, e a indústria passava por um crescimento acelerado, de 200 estabelecimentos fabris em 1881 para 13.336 em 1920, 49.418 em 1940 e 89.086 em 1950 (COSTELLA, 2002). Nesse cenário, o rádio serviu para impulsionar o comércio e o consumo.

No Brasil, as emissoras tiveram de contribuir para a própria formação de mercado, pois aqui chegaram em um momento de transição. Passávamos do Brasil-rural para o Brasil-urbano. (COSTELLA, 2002, p.181).

Foi assim que o rádio se transformou e foi se profissionalizando cada vez mais, com programação no horário certo, investimentos estruturais e contratação de artistas e produtores de diversas áreas, como jornalistas, publicitários e dramaturgos.

Os programas de auditório, muito populares, eram o berço de novos ídolos, como Orlando Silva, Francisco Alves e Carmen Miranda. A linguagem radiofônica foi se estruturando de maneira cada vez mais coloquial, do programa de entretenimento ao noticiário jornalístico. (ORTRIWANO, 1985).

Essa proximidade com o público logo foi usada também politicamente. Getúlio Vargas, o presidente que autorizou os “reclames” no rádio, sentava na primeira fila dos programas de auditório e fazia questão de se aproximar dos artistas na tentativa de se beneficiar da popularidade do veículo enquanto centralizava fortemente o poder.

Por outro lado, as rádios paulistas serviam de porta-voz para exigir a deposição do presidente Vargas e a convocação de eleições para a formação de uma assembleia constituinte.

Durante a Revolução Constitucionalista, em 1932, a curiosidade pelas notícias de São Paulo elevou a audiência da Record em outros estados, inclusive no Rio de Janeiro, então capital federal. (COSTELLA, 2002, p.181).

A propaganda política, que começou nos anos 1930, foi sendo aprimorada. A Record,

[...] primeira líder em audiência, introduziu a programação política, ao trazer políticos aos seus microfones – para ‘palestras instrutivas’, como dizia o seu proprietário Paulo Machado de Carvalho. (ORTRIWANO, 1985, p. 17).

Já em 1940, o governo de Getúlio Vargas decidiu que a Rádio Nacional deveria ser um instrumento de afirmação e legitimação ideológica do Estado Novo tanto no âmbito cultural quanto no das relações sociais, econômicas e políticas.

O rádio atinge sua “Era de Ouro” na década de 1940, com as radionovelas, os radiojornais e a programação esportiva. Já em 1950, o veículo entra numa nova fase com a chegada da televisão ao Brasil. Foi nessa época que foi fundada a primeira emissora de rádio do Vale do São Francisco, a Rádio Juazeiro, que, ainda assim, reviveu todo o tempo áureo do veículo com seus programas de auditório e gincanas. As emissoras que surgiram a seguir em Petrolina também ignoraram o fim da era dourada e investiram em radiojornais de grande audiência, como o *Repórter somassa*.

Nessa região o rádio também foi utilizado como instrumento de educação e formação da população rural e, ainda hoje, é uma forte ferramenta de articulação política, tanto para promover a informação e a autonomia da população quanto para fortalecer grupos políticos de variadas legendas na disputa do poder. O sistema de concessão de canais de radiodifusão no Brasil favorece essa prática e ainda estamos longe de alcançar um modelo de comunicação democrático.

É nesse cenário que a radiofonia sanfranciscana surge, se consolida e continua mais forte do que nunca. E é essa história que contamos a seguir.

RÁDIO JUAZEIRO, A PIONEIRA

No ano do centenário da cidade de Juazeiro, em 1978, o historiador do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e do Instituto Genealógico da Bahia, João Fernandes da Cunha, lançou um dos primeiros livros que resgataram a memória do município. Na publicação *Memória histórica de Juazeiro*, o autor dedicou um capítulo à imprensa regional. A Rádio Juazeiro é a única emissora de rádio que aparece no estudo, confirmando o seu pioneirismo como a primeira da região.

Foto 1 - Fachada da Rádio Juazeiro em 2005



Fonte: Foto de Juliana Amorim (2005).

De acordo com Cunha (1978, p.144), a Rádio Juazeiro foi “[...] idealizada, construída e instalada por Joaquim Borges dos Santos e com o prefixo ZYN-21, potência de 250 *watts* - 1.250 quilociclos e ondas médias de 240 metros [...]”. O historiador registra, ainda, o dia 12 de julho de 1953 como a data de inauguração da rádio e faz uma referência à programação de então, com “[...] noticiários de qualidade, boa música e a palavra dos magníficos cronistas juazeirenses”. (CUNHA, 1978, p. 144).

Já Wilson Dias (1982) acrescenta o nome de Camerino Muniz como o comerciante que, ao lado de Joaquim Borges, adquiriu as cotas de aparelhagem da rádio de dois mercadores que possuíam um canal de radiodifusão. Adys Casalino e Floriano Pinto da França Ferreira tinham a outorga do Ministério dos Correios e Telégrafos, que funcionava no Rio de Janeiro, por meio da portaria nº 604, de 21 de junho de 1946, mas a autorização não foi repassada por eles aos

fundadores da rádio. Sem permissão para funcionar, a emissora foi desativada mais tarde e ficou fechada até 1959.

Em 1960, a aparelhagem da Rádio Juazeiro foi comprada pelo ex-prefeito da cidade, Américo Tanuri, e pelo jornalista Rômulo Athanásio, que logo depois revenderam os equipamentos a outro ex-prefeito: Joca de Souza Oliveira. A emissora funcionou algum tempo na rua da Apolo, no centro de Juazeiro, até ser vendida ao casal Osvaldo Benevides e Marta Luz, em 23 de março de 1970. Foi nesse período que a Rádio Juazeiro passou a funcionar na sua atual sede, na rua Aprígio Duarte Filho, sendo finalmente legalizada junto ao Ministério das Comunicações, mediante a portaria nº 1.309, de 26 de novembro de 1974, que renovava sua licença de funcionamento.

Vale salientar que a RÁDIO JUAZEIRO foi a primeira estação de rádio do Estado da Bahia a conseguir a renovação da licença. Em 3 de outubro de 1975, esta emissora ganha concorrência para a instalação de uma Estação em Onda Tropical de 5 KWs. Em 2 de fevereiro de 1977, ganha outra concorrência, agora para uma Estação de Frequência Modulada Stereo. Mais tarde ganha o Canal de VHF e FM para reportagens externas. Até então o único na região. E em 10 de junho de 1978, inaugurou seu Parque Irradiante com potente Transmissor de 10 KWs. (DIAS, 1982, p. 51).

Após a autorização para funcionar, a potência da emissora foi ampliada para 10 mil KW e seu alcance ultrapassou os limites do Vale do São Francisco, sendo ouvida desde Pirapora, em Minas Gerais, até a cidade alagoana de Penedo. A rádio recebia cartas até de ouvintes da África, que escutavam a emissora principalmente no período da noite, quando a potência do sinal se propaga bem mais fácil, sem a incidência de raios solares.

Em 1979 foi inaugurado o novo parque irradiante da emissora no bairro Alto da Aliança (onde ainda funciona) e seus novos transmissores, um de 10 KWZ e um reserva de 1 KWZ.

A Rádio Juazeiro começou a operar no fim da Época de Ouro do rádio e no surgimento de um novo veículo de comunicação no Brasil, a televisão. Uma época em que as emissoras nacionais tiveram que se adaptar a uma nova fase e buscar uma linguagem “mais econômica”. (ORTRIWANO, 1985, p. 21). As grandes e caras produções ao vivo e os famosos programas de auditório deram lugar a discos, fitas, noticiários e serviços de utilidade pública. As rádios se programaram para atender às “[...] necessidades regionais, principalmente ao nível de informação”. (ORTRIWANO, 1985, p. 21). É quando o radiojornalismo ganha um grande impulso.

Curioso observar que a primeira estação de rádio instalada na região começa a funcionar justamente no período em que o veículo passa pela sua pior crise no país. E, mesmo em tempos de adaptação nacional, a Rádio Juazeiro ignorou as mudanças e reviveu a fase áurea do veículo, com os programas de auditório realizados ao vivo na própria emissora.

Os calouros se apresentavam e concorriam a prêmios singelos, como caixas de chocolate. A professora aposentada da Uneb, Odomaria Bandeira não se contentou em ser apenas uma ouvinte, ela lembra dos tempos em que participava dos programas:

Eu me lembro da Rádio Juazeiro ali na Misericórdia, mais ou menos naquela parte próxima à Galeria Apolo. Cheguei a me apresentar lá, na cabine de locução, em um programa feito no Dia das Mães, como aluna do Ginásio Juazeiro. Os programas de auditório aconteceram anos antes, quando a rádio era em outro local. A rádio funcionou um tempo na rua d'Apolo e ali havia um auditório. Lembro de meus pais comentarem que, naquele auditório, João Gilberto cantara juntamente com Valter Souza e um outro cidadão daqui, formando um trio vocal e que

as pessoas não gostavam da voz do “Joãozinho”. (Odomaria Bandeira, 2005, informação verbal).

De acordo com relatos dos ouvintes daquele período “dourado” da Rádio Juazeiro, a audiência da emissora se explicava pela demora da chegada dos primeiros aparelhos de televisão à região. Além disso, a recepção do sinal de televisão (TV) se manteve precária durante duas décadas. O sinal era tão ruim que muitos moradores de Juazeiro fretaram vários veículos para assistir à Copa de 1970 na cidade de Senhor do Bonfim, privilegiada por sua localização geográfica e, por isso, com uma recepção melhor do sinal televisivo.

Foto 2 – Fachada da Rádio Juazeiro em 2018



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2018).

Como sua concessão não foi adquirida por influência política, a Rádio Juazeiro é “especial”, nas palavras da ex-gerente Margarida Benevides, que considera a emissora livre no exercício do radiojornalismo, um espaço democrático no qual todos têm liberdade para se expressar, desde que respeitem a Lei de Imprensa. Margarida compareceu à rádio a uma Câmara Municipal, já que ela “vai muito além de informar e tocar música; ela tem uma empatia especial por seu ouvinte”, conclui a ex-gerente da emissora, que em 2018 completou 36 anos de carreira como radialista e 35 à frente do programa *Quando nasce uma esperança*.

EMISSORA RURAL: A VOZ DO SÃO FRANCISCO

No final da década de 1950 e início dos anos 1960, o rádio estava passando por um momento crítico. O início da expansão de outros meios de comunicação, como a televisão, com sua linguagem totalmente diferente, provocou uma total reformulação na programação das emissoras. O antigo modelo de transmissão de programas de auditório foi, paulatinamente, substituído por uma programação mais eclética, que incluía esporte, jornalismo e uma variedade musical que melhor retratava as várias faces da sociedade.

Foto 3 – Fachada da Emissora Rural com estúdio panorâmico em 2005



Fonte: Foto de Juliana Amorim (2005).

Nesse contexto de transformação da comunicação via rádio, no dia 28 de outubro de 1962, foi inaugurada, pelo quarto bispo de Petrolina, dom Antônio Campelo de Aragão, a Fundação Emissora Rural, um veículo de comunicação da diocese do município, que nascia como instrumento de evangelização e de humanização. O primeiro programa veiculado foi o *Disk jockey rádio fã*, apresentado pelo radialista Carlos Augusto Amariz.

A emissora do Semiárido pernambucano passou por muitas dificuldades. Algumas delas aconteceram durante o período pós-Golpe Militar de 1964. Houve pressão por parte da nova ordem instalada

para que um programa implantado pela emissora, o Movimento de Educação de Base (MEB), que utilizava o método Paulo Freire de alfabetização, não tivesse continuidade.

O MEB foi fundado na região em 28 de outubro de 1962 por Dom Antônio Campelo de Aragão e por uma equipe de professores formada por Maria Dinalva Sá Medrado, Elenita Dias Ferreira, Anete Rolim, Zélia Marques de Souza, Raimunda Teixeira Coelho e João Rabelo. Professores e monitores espalhados por toda região ensinavam a população do interior a ler e escrever por meio das ondas médias do rádio.

Os professores passavam o conteúdo escolar pelas ondas da Emissora Rural. O programa era direcionado para o agricultor que, após um dia de trabalho, no horário das 18h às 19h, tinha a oportunidade de estudar pelo rádio. As salas de aula possuíam um quadro-negro e um aparelho de rádio, além de um monitor de cada localidade, que era treinado para acompanhar e tirar as dúvidas dos alunos. Os supervisores visitavam periodicamente as escolas para ver o desenvolvimento da classe.

Assim, a Emissora Rural serviu de “palco” para uma das escolas radiofônicas mais extensas do rádio. O programa atingia os municípios pernambucanos de Petrolina, Araripina, Serrita, Exu, Bodocó, Ouricuri, Ipubi, Afrânio, Santa Maria da Boa Vista, Casa Nova, Cabrobó e Orocó, com um alcance maior, comparativamente, ao estado de Sergipe.

O MEB era um movimento das dioceses e funcionava em quase todo o Brasil. Tinha sede nacional localizada no Rio de Janeiro e seu principal objetivo era alfabetizar pelas ondas do rádio. Em 1964, o MEB foi obrigado a encerrar as suas atividades por imposição das Forças Militares.

Foto 4 – Fachada da Emissora Rural antes da construção do estúdio panorâmico, posteriormente erguido no antigo estacionamento da rádio



Fonte: Acervo da Emissora Rural ([entre 1990 e 1992]).

Mas a Emissora Rural também teve seus dias de glória com os programas de auditório. A professora Odomaria Bandeira lembra do tempo em que participava das competições na rádio de Petrolina e na rádio Juazeiro:

Do auditório da Emissora Rural eu me lembro mais, porque até cheguei a participar de uns dois programas que aconteciam aos domingos pela manhã (por volta das dez horas). Eram apresentados por Franklin Delano. Eu cantei em um deles “Quem te viu, quem te vê”, de Chico Buarque, e ganhei, pelos aplausos da plateia presente, um prêmio: uma caixa de sidra e de biscoitos Somassa. Em outro dia participei do mesmo programa com uma outra música e ganhei de novo. Isto no final da década de sessenta, quando eu fazia na mesma emissora a apresentação de um programa “jovem” da diocese de Juazeiro, que

terminava no horário em que ia começar o programa de auditório. (Odomaria Bandeira, 2005, informação verbal).

A professora conta ainda que na mesma década chegou a concorrer para a função de locutora de um programa diário naquela rádio, da Companhia de Navegação do São Francisco (Franave). O concurso foi feito por meio de testes de locução com as pretendentes no ar, durante o próprio programa. O ouvinte motivado fez sua escolha por inúmeras cartas.

[...] as finalistas (eu e Genideth) disputaram frente a frente, perante uma plateia “seleta” (as torcidas) que lotou as dependências da rádio no dia marcado para o programa de auditório que definiria a vencedora, ao vivo e diretamente. Genideth ganhou e tornou-se a locutora, ficando na Emissora Rural muito além do período do programa para o qual concorrera comigo. (Odomaria Bandeira, 2005, informação verbal).

A Emissora Rural foi a única rádio de Pernambuco a transmitir em duas faixas: onda média e onda tropical. Também foi a única da região sanfranciscana a ter a concessão para transmissão em onda tropical, aquela que opera na faixa compreendida entre 2.300 e 5.600kHz.

Segundo a Associação das Empresas de Radiodifusão de Pernambuco (Asserpe) (1992), esse sistema não opera nos estados do Sul por ser destinado às regiões tropicais, pois com médias potências, é possível se obter grandes áreas de cobertura, somente utilizadas acima do trópico de Capricórnio e abaixo do trópico de Câncer.

Já as emissoras de onda média são as que estão compreendidas no *dial* entre as frequências de 535 e 1.605kHz. A Asserpe esclarece ainda que, durante o dia, as ondas se propagam por terra e, à noite, a propagação é feita tanto por terra quanto pela camada ionosférica, aumentando o seu alcance. É por isso que à noite a

maioria das emissoras baixa suas potências para evitar interferências em emissoras cocanaís.

A Emissora Rural opera no prefixo ZYI 780, na onda média, com a frequência AM 730kHz e 10 mil *watts* de potência e no prefixo ZYG 525, na onda tropical, com a frequência AM 4.945kHz e mil *watts* de potência. Graças a essa característica, a rádio já recebeu correspondências da Europa Central, da América do Norte e da Ásia.

A emissora foi administrada durante oito anos por dom Campelo de Aragão e, em seguida, por dom Gerardo de Andrade Ponte. Logo depois, quem assumiu a direção foi o ex-bispo de Petrolina, dom Frei Paulo Cardoso, que criou o *slogan* “A rádio que anuncia Jesus – uma nova rádio para um novo milênio”. Na Foto aparecem o técnico Antônio Avelar na mesa de áudio e Isve Cavalcante e Franklin Delano na locução.

Foto 5 – Primeiro estúdio da Emissora Rural em 1974



Fonte: Acervo da Emissora Rural (1974).

Hoje, a Emissora Rural é totalmente informatizada. Opera com o sistema de áudio digital computadorizado e possui um estúdio panorâmico, do qual é gerada a programação ao vivo. Além disso, a emissora dispõe de um estúdio no qual são feitas as gravações comerciais, programas e produções artísticas. No momento desta pesquisa, o administrador era o padre Bianchi Xavier.

A grade de programação é bastante diversificada, com jornalismo, programas regionais, musicais, esportivos, além do plantão de notícias via satélite com a Rede Católica de Rádio de São Paulo. Mas, apesar dos avanços, a rádio preserva um acervo fotográfico e de objetos que relembram momentos históricos, como a homenagem da Emissora Rural a Luiz Gonzaga no Cine Massangano, em 1975, no dia em que o Rei do Baião ganhou o título de cidadão petrolinense.

Foto 6 - Homenagem da Emissora Rural a Luiz Gonzaga no Cine Massangano, em 1975



Fonte: Acervo da Emissora Rural (1975).

Em 2018, com 56 anos de fundação, a Emissora Rural se prepara para migrar para a FM, ação regulamentada pelo Governo Federal por meio do Decreto nº 8.139, de 7 de novembro de 2013, e criticada pela Federação dos Radialistas (Fitert), que defende a digitalização de todos os sistemas existentes no país: rádio AM, FM, ondas médias e ondas tropicais. A federação acredita que é por meio da AM que as informações chegam aos locais mais longínquos do Brasil.

Polêmica ou não, a Emissora Rural segue investindo na migração. Já realizou toda a troca dos equipamentos para estéreo e saiu dos anteriores 10 KW da AM para uma potência de 30 KW, inaugurando o que virá a ser uma nova fase na radiofonia sanfranciscana.

RÁDIO GRANDE RIO AM, ONDAS MÉDIAS EM TODO O SERTÃO

A rádio Grande Rio AM foi fundada em 14 de fevereiro de 1981, no auge da expansão do rádio na história do país.

Para o rádio brasileiro os anos 80 representaram uma etapa de sedimentação do modelo americano de música e promoções para os ouvintes, assumido pela grande maioria das FMs nacionais. (AMORIM; CAMARGO, 2010)

Nesse período, a Grande Rio era dirigida pelo empresário Geraldo de Souza Coelho e gerenciada pelo jornalista Carlos Augusto Amariz, primeiro radialista a entrar no ar quando a emissora ainda estava em fase experimental, seis meses antes da inauguração.

Foto 7 – Fachada da Grande Rio AM em 2005



Fonte: Foto de Juliana Amorim (2005).

A Grande Rio AM é um veículo de comunicação com grande audiência no sertão pernambucano. A programação é baseada em jornalismo e informação, além de programas direcionados para o sertanejo nordestino.

Com um transmissor de 12 mil *watts* de potência, a Grande Rio AM opera na frequência 680MHz e conta com audiência em diversas partes do Nordeste. Segundo Francisco Fernandes, seu atual gerente, ela é ouvida em vários municípios de Pernambuco, Piauí, Paraíba, Bahia, Ceará e Sergipe, audiência comprovada mediante a participação dos ouvintes na programação da emissora. No estado de Pernambuco, o alcance é para todo o Sertão do São Francisco, Sertão Central e Sertão do Araripe.

RÁDIO CIDADE

No dia 4 de dezembro de 1989, o empresário Flávio Silva conseguiu a concessão pública da Rádio Rio Vale AM, hoje conhecida como Rádio Cidade. A Rádio Rio Vale era a “irmã gêmea” da Vale FM. Surgiu após sete anos de fundação da Vale FM, com o intuito de criar uma emissora com uma programação própria de rádio AM. A rádio operou em fase experimental até outubro de 1990, quando então passou a funcionar como rádio comercial.

Foto 8 – Fachada da Rádio Cidade quando funcionava no centro de Juazeiro em 2005



Fonte: Foto de Juliana Amorim (2005).

Com a criação da Rio Vale AM, os profissionais da FM foram divididos entre a Vale FM e a nova rádio. O fato de serem parte de um mesmo grupo empresarial e utilizarem os profissionais da FM pela nova emissora, inicialmente, confundiu a grade de programação das duas rádios. Com o tempo, a Vale FM e a Rio Vale AM assumiram respectivamente as identidades de rádio FM e AM.

Logo que foi inaugurada, a emissora tinha sede na rua José Petitinga. Em 1996, se instalou na Praça da Bandeira com o nome Rádio da Cidade, local onde ficou até o ano de 2000, quando passou a funcionar na rua Floriano Peixoto, ocasião em que alterou sua denominação para Rádio Cidade. Segundo Nilson Ferreira, então gerente de programação, todas essas mudanças sempre buscaram dar à emissora uma identidade própria, que caracterizasse e fortalecesse a ligação com a comunidade sanfranciscana. O nome “Rádio Cidade” foi escolhido com o propósito de estabelecer um vínculo com os diversos grupos locais que recebem o sinal da rádio.

Foto 9 – Atual estúdio da Rádio Cidade



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2018).

Foto 10 – Transmissão ao vivo para a internet



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2018).

Jornalismo, música e entretenimento integram a linha básica adotada pela Rádio Cidade, tendo uma programação bastante diversificada para o público de todas as idades. A emissora opera na frequência AM 870kHz, prefixo ZYH-499 e começou com 5 KW de potência, mas atualmente está com 10 KW. A Cidade também opera no sistema de rede com a Boa Nova de Rádio de São Paulo, retransmitindo uma programação espírita das 20h às 6h da manhã. De segunda a sexta também era retransmitido o jornal *Nova era*, das 12h às 13h, mas esse horário agora é ocupado pelo *Jornal da cidade*, apresentado pelo radialista José Geraldo.

Desde 2001, a Rádio Cidade funciona 24 horas e os conteúdos também podem ser conferidos ao vivo pela internet. Em 2008, a emissora mudou a sede para o bairro Piranga e conta atualmente com dois estúdios, site e aplicativo próprios. A programação investe no jornalismo, com quatro programas diários e mais dois esportivos, o *Giro Esportivo* (13h às 14h) e o *Panorama esportivo* (17h às 18h). Em 2017, um novo programa estreou na emissora, o *Saber*

educar, que divulga projetos e iniciativas inovadoras das escolas da região. O programa é transmitido de segunda a sexta, das 6h às 7h.

RÁDIO SÃO FRANCISCO

No dia 15 de julho de 1986 entrava no ar mais uma rádio AM na região, era a Rádio Independência, que depois mudou de nome para Rádio São Francisco. A concessão da emissora foi dada a Etelvir Dantas, um empresário da região, que a vendeu para o também empresário John Khoury.

Foto 11 – Sede da Rádio São Francisco em 2005



Fonte: Foto de Juliana Amorim (2005).

Na fundação da emissora, o nome era Rádio Independência, depois foi modificado para Nova Ind por uma questão de fonética.

No dia 4 de outubro de 2001, a rádio foi rebatizada para Rádio São Francisco em homenagem aos 500 anos do rio São Francisco.

A primeira transmissão foi apresentada ao vivo em um estúdio que possuía apenas uma mesa de som e um transmissor de 5 KW. No entanto, só era utilizado meio KW de potência, o equivalente a um raio de 100 km. *“No início foram muitas dificuldades. O toca-discos era improvisado. Nós levamos uma radiola de casa e alguns discos”*, salientou o radialista Herbert Mouze (2005, informação verbal). Logo depois, foi adquirido um toca-discos profissional para resolver esse problema. Em 2005, a rádio possuía um quadro com 15 funcionários e tinha departamento de esporte, de jornalismo, técnico e comercial.

A emissora funcionou por algum tempo em Água Bela, bairro periférico de Juazeiro. A grade de programação era bastante popular, composta de notícias e músicas. Herbert Mouze apresentava um programa infantil ao ar livre com a comunicadora Sibelle Fonseca, nas proximidades da rádio. O programa era apresentado todos os domingos pela manhã, das 9h às 10:30min, e o público-alvo eram as crianças de bairros periféricos, que participavam de gincanas e brincadeiras.

A rádio já funcionou no Água Bela, na orla de Juazeiro, no Shopping Águas Center e, em 2005, se encontrava no Mercado Popular de Juazeiro. Atualmente, encontra-se fora do ar, pois está em processo de venda para outro proprietário.

RÁDIO FM: NOVAS ONDAS NO AR

As rádios com transmissão FM surgiram no país na década de 1960. Inicialmente, as transmissões eram direcionadas a determinados públicos, a ouvintes específicos. O sinal era transmitido no sistema denominado *broadcasting*, com programação musical sem intervalos comerciais e buscando atender, sua clientela da forma

mais personalizada possível. O grande diferencial desse formato era a recepção em som estéreo, com maior pureza e qualidade.

A partir da década de 1970, a recepção, que era feita por receptores estéreos, localizados em lojas, escritórios e, consultórios, entre outros, e por canais fechados, passou a ser disponibilizada em canais abertos. Foi quando as emissoras FM tiveram grande popularização.

A pioneira a operar somente em FM no Brasil foi a Rádio Difusora de São Paulo,

[...] mas há os que contestam a primazia da Difusora nesse setor, uma vez que a Rádio Eldorado de São Paulo, quando foi fundada, em 1958, transmitia em ondas médias e por questão de prestígio usava também a FM para transmitir só música, fora da faixa comercial. (ORTRIWANO, 1985, p. 23).

Ainda na década de 1970, a tendência à especialização da audiência era maior, “[...] as grandes emissoras tentam ganhar os diversos segmentos de público, mantendo programas que atinjam diferentes faixas, em diferentes horários”. (ORTRIWANO, 1985, p.24). As agências de produção radiofônica também surgiram nesse período, produzindo programas com artistas famosos e assuntos do momento para serem vendidos a pequenas emissoras.

A primeira FM da região foi a Rádio Transrio, em Juazeiro, que por um tempo usou a marca Transamérica FM. Já a Rede Transamérica foi a primeira rede nacional de rádio FM, que chegou a atingir os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Paraná, Bahia, Minas Gerais, Sergipe, Pará, Santa Catarina, Maranhão, Paraíba, Mato Grosso e Distrito Federal. A programação era dividida em produções nacionais em rede e programas locais, elaborados por cada emissora, como aconteceu com a Transrio.

Uma das dificuldades da programação em rede é a descontextualização com a realidade local, homogeneizando os conteúdos e deixando o ouvinte cada vez mais distante do que acontece ao seu redor. Uma das grandes vantagens do rádio é justamente a proximidade com o público e a possibilidade de produzir uma programação totalmente local, que perde espaço com a produção em rede.

Perdem também os profissionais do veículo, que vão encontrar um mercado cada vez mais restrito para atuar. Na região, a produção em rede é uma realidade em determinados horários de várias emissoras, que preferem comprar a programação pronta, empacotada de outros contextos, em vez de investir na produção de conteúdos locais, que atendam à necessidade da audiência e prestem serviço à sociedade.

Dando continuidade a este trabalho, registramos a seguir como foi a chegada das rádios de frequência modulada no Vale do São Francisco.

RÁDIO TRANSRIO: A PRIMEIRA FM DA REGIÃO

Há 37 anos, entrou no ar, com a frequência 99,9MHz, a primeira rádio FM de Juazeiro e do Vale do São Francisco, a Rádio Transrio, afiliada à Rede Transamérica de Rádio, de São Paulo. No dia 14 de março de 1981, a região passou a contar com uma emissora cuja programação era musical, sem comerciais e que tinha todos os equipamentos importados dos Estados Unidos.

Foto 12 – Fachada da Rádio Transrio em 2018



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2018).

No começo, a rádio fazia o uso de fitas e ficava no ar das seis da manhã à meia noite. Antes da inauguração, no período de setembro de 1980 a março de 1981, a emissora funcionou em fase experimental.

O sistema da rádio Transrio era todo automatizado, com quatro gravadores reprodutores de fitas de rolo da marca Scully, além de reprodutor de áudio operado por quatro funcionárias, que se encarregavam de trocar as fitas. “A rádio optou por contratar mulheres para operar o sistema, por achar que elas seriam mais atentas e cuidadosas”, salientou Bráulio Pereira Leite Filho (2005, informação verbal), técnico da rádio desde a sua inauguração.

Durante os primeiros sete anos de existência, a Rádio Transrio funcionou com a programação gravada vinda de São Paulo, inicialmente, da Transamérica Produções. Depois, de 1985 a 1988, optou-se pela *Broadcasting*, outra produtora de programação gravada para emissoras de rádio de todo país. Essa segunda empresa tinha uma produção mais dinâmica, já que a locução era gravada e depois inserida durante, no começo ou no fim de três músicas seguidas, diferentemente da Transamérica, que gravava a locução no final de cada música, de forma que ficava perceptível que a programação não era ao vivo.

Detalhando a primeira fase da emissora, de 1981 a 1985, a produção dos programas era toda preparada pela Transamérica Produções e enviada por via aérea para Juazeiro. Os locutores gravavam até a hora certa. Alguns comerciais também eram gravados em São Paulo, outros pelo proprietário Osvaldo Benevides. Os programas gravados eram formatados para durarem 15 dias. “Se não chegasse outro programa após esses 15 dias, nós invertíamos os horários de reprodução das fitas para que ninguém notasse que a programação era repetida”, comentou Bráulio Pereira (2005, informação verbal).

Em 1997 a emissora se afiliou à rede Transamérica, com programação ao vivo via satélite e algumas horas de produção local também. Foi quando a Transrio mudou o nome para Transamérica Pop, com uma programação bastante diversificada.

Foto 13 – Fachada no período da Rádio Transamérica em 2005



Fonte: Foto de Juliana Amorim (2005).

Até então, a Transamérica só tocava música no estilo pop/rock, mas os ouvintes da cidade gostavam de músicas de outros gêneros, e a emissora inseriu horas locais mais populares. Aos poucos, a rádio foi aumentando as horas locais e, no começo de 1988, começou a transmitir uma programação ao vivo da cidade.

Em meados dos anos 1990, as rádios que faziam programação gravada passaram a ser ao vivo (com treinamento de locutores) pela necessidade de interagir com a cidade, algo que a concorrência já fazia. Isso motivou todas as emissoras afiliadas a fazerem o mesmo, cada uma transmitindo a sua própria programação local. No entanto, a Transrio FM já tinha começado desde 1988 a sua programação local ao vivo.

Por volta de 2005, entraram três opções da programação via satélite da Rede Transamérica, que diversificavam o estilo musical: o *hits* (música popular), o pop (pop-rock) e o *light* (músicas mais suaves). A primeira FM de Juazeiro optou por testar o formato de *hits*, por ser mais popular e ter mais horas locais.

Desde 1985, a Transrio/Transamérica já operava com um transmissor de 10 KW e alcançava um raio de 130 km em direção à Bahia e até 250-km em direção a Pernambuco, já que as antenas estavam voltadas para esse estado.

Por volta de 2014, a emissora saiu da Rede Transamérica por necessidade de veicular mais horas locais e voltou a se chamar Transrio.

TROPICAL FM, JORNALISMO EM FREQUÊNCIA MODULADA

A Tropical nasceu com o nome Vale FM em 1987. O comerciante Flávio Silva ganhou a concessão da segunda FM da região e resolveu criar a primeira emissora de frequência modulada com a programação totalmente local.

Foto 14 – Estúdio da Tropical FM em 2005



Fonte: Foto de Flávio Ciro (2005).

Foto 15 – Estúdio da Tropical FM em 2005



Fonte: Foto de Flávio Ciro (2005).

A rádio começou com uma programação popular e variada. Dez anos depois de sua fundação, em 1997, a emissora se filiou à Rede Somzoom Sat, sediada em Fortaleza. Essa inovação surgiu no Brasil nos anos 1970, com as agências de produção radiofônica, que vendiam gravações para emissoras de menor porte. Até 1999, a programação noturna da Vale FM, aos sábados à tarde e aos domingos, era transmitida via satélite da capital do Ceará.

A emissora mudou de nome quando se filiou à rede Tropical Sat e passou a transmitir doze horas de programação local. Foi quando se fez um grande investimento em equipamentos digitais, como um processador OMNIA, um dos três únicos da Bahia até então, responsável pelo tratamento do som e até da correção de erros em músicas; um *link* RVR italiano, para captar o sinal do transmissor; além de equipamentos reserva para todos os que estavam em funcionamento na rádio.

A rádio implantou ainda o Attendance, um sistema de atendimento ao ouvinte. A emissora funciona com 10 KW-Classe A e tem um raio de 100km de alcance.

A Tropical resolveu ousar ainda mais quando alternou a programação musical, característica da FM, com o jornalismo. O projeto começou com a produção de sete boletins diários e a intenção de melhorar o conteúdo informativo com a qualificação dos profissionais. Em 2018, a emissora tinha a participação do jornalismo de hora em hora, além de um radiojornal ao meio-dia (o *Tropical Notícias*) e uma revista radiofônica das 18h às 19h, o *Ligação Direta*.

A programação também ganhou dois novos programas, o *Gestão em Negócios*, de 12:20min às 13h, e o *Revista Tropical*, das 13h às 14h. Conectada com as possibilidades que a digitalização proporcionou, a emissora tem um aplicativo da rádio e toda sua programação está disponível ao vivo pelo seu site. Se não for possível ouvir ao vivo, há opção de conferir os *podcasts* dos programas jornalísticos.

A Tropical também foi a primeira da região a abrir espaço para as produções universitárias (em 2006) e exibiu por cerca de cinco anos o programa *Eufonia*, produzido por estudantes do curso de Jornalismo em Multimeios da Uneb.

RÁDIO GRANDE RIO FM, OUVIDA EM TODO O SERTÃO

A rádio Grande Rio FM é integrante do Sistema Grande Rio de Comunicação, ao lado da TV Grande Rio, de Petrolina, rádio Boa Vista FM, de Santa Maria da Boa Vista (PE), rádio Grande Serra, de Araripina (PE), e rádio Voluntários da Pátria FM, de Ouricuri (PE). A emissora foi inaugurada em 17 de fevereiro de 1989.

Foto 16 – Estúdio da rádio Grande Rio FM em 2005



Fonte: Acervo da emissora (2005).

Com 10 KW de potência, frequência 100,7MHz, prefixo ZYD-265 e uma programação musical eclética, a rádio, que tem uma grande cobertura, abrange a maior parte do sertão de Pernambuco, tendo ainda penetração em cidades de estados vizinhos, de acordo com Valéria de Souza, gerente da rádio em 2005.

Nesse mesmo período, a Grande Rio FM dispunha de um estúdio, de uma gravadora e de uma programação local, com a participação constante dos ouvintes. Em alguns programas, havia interação simultânea de dois ouvintes com o locutor, os quais ajudavam a elaborar a seleção musical.

A programação da emissora era dividida em vários estilos musicais, como música popular brasileira (MPB), temas românticos nacionais e internacionais e forró, tendo ainda um programa especial dedicado ao Rei Roberto Carlos, com músicas do cantor e compositor.

O jornalismo também faz parte da programação da rádio, que inaugurou esse tipo de produção em frequência modulada na cidade “[...] *com a proposta de se implantar um jornalismo de rádio FM sério, dinâmico e atuante, trazendo notícias locais e nacionais dos mais diversos assuntos e temas*”, afirma Daniel Campos (2005, informação verbal), então apresentador, produtor e editor geral da programação jornalística. Além das notícias nacionais, as pautas ligadas à comunidade local também são abordadas pela equipe da rádio.

Foto 17 – Estúdio da Grande Rio FM em 2018



Fonte: Acervo da Grande Rio FM (2018).

Em 2018, a Grande Rio FM completou 28 anos com uma programação 24 horas no ar. Entre os destaques estão o programa jornalístico premiado *Nossa Voz*, veiculado de 7h a 8:30min, e o programa esportivo *Nossa Voz Esporte*, de 13h a 14h, além de boletins de notícias de hora em hora. Alguns desses programas são transmitidos em cadeia via satélite para as outras três emissoras de rádio do sistema Grande Rio.

Na pesquisa mais recente encomendada pela própria emissora, a Grande Rio FM tinha mais de 50% de audiência na região, o que reflete a forte atuação da rádio na realização de promoções em datas festivas e de uma programação interativa, com a estreia de novos formatos, como o programa *Perfil*, que, entre outras coisas, promove entrevistas e divulgação de eventos.

De acordo com a diretora das rádios do Sistema Grande Rio, Ana Amélia Coelho Lemos (2018, informação verbal), a missão da emissora é proporcionar o crescimento regional:

[...] divulgar arte, cultura, fazer parte do dia a dia, informando, impulsionando a nossa economia, questionando e debatendo, alegrando nossos ouvintes, é um desafio diário, que requer pessoas comprometidas.

A emissora também está ao vivo na internet e no aplicativo da Grande Rio FM. Tem ainda perfil nas redes sociais *Twitter*, *Facebook* e *Instagram*.

COMUNITÁRIAS NO COMANDO DA NOTÍCIA

A rádio comunitária se insere no Brasil como meio de democratização das relações de comunicação, de forma restrita, pelas próprias características técnicas, mas com a vantagem de expressar a identidade de determinada comunidade e com a circulação de informações de forma menos vinculada a interesses escusos, hegemônicos na sociedade e, às vezes, prejudiciais às peculiaridades do indivíduo daquela área. De acordo com o estudioso em comunicação Costella (2002, p. 188),

[...] admite-se, hoje em dia, que o rádio poderá desdobrar-se ainda em novas formas de serviços, principalmente tendo em vista o interesse social. Com esse sentido foram imaginadas as rádios comunitárias, isto é, emissoras para prestar serviços de utilidade pública no âmbito de uma comunidade. Controladas por associações ou fundações sem fins lucrativos, dotadas de baixa potência (25w), para transmitir em FM (frequência modulada) e limitadas à área geográfica de um bairro, elas já são previstas no Brasil, por lei, desde 1998.

A facilidade de movimento propiciado pelo aparelho de rádio se alia à resposta imediata às necessidades do sujeito local, favorecida pelo rádio. A emissora comunitária, ainda mais, pois é feita por

peças da localidade, em uma área geográfica específica, geralmente integrantes de comunidades e engajadas em movimentos reivindicatórios, que trabalham os problemas e anseio locais.

Além disso, as rádios comunitárias se caracterizam tecnicamente por terem um alcance limitado, com potência de transmissão de até 25 *watts* a partir de sua antena transmissora e frequência modulada, e pela simplicidade da técnica. Conforme explicação de Harari (1997, p. 20),

[...] um dos fatores que mais caracterizam as transmissões em FM (frequência modulada) de baixa potência, vem a ser justamente a simplicidade técnica tanto para montagem quanto para a operação e manipulação dos equipamentos. O dial de FM é justamente a faixa de frequências onde encontra-se apta a operação em frequência modulada. Nos rádios analógicos é aquela faixa cheia de números que contém a marcação da emissora que vai de 88 a 108 MHz.

O rádio se tornou um meio de socialização da comunicação, não só de popularização da informação. Se o veículo, na sua forma comercial, consegue ser o meio de comunicação mais próximo à comunidade (já que a maioria das emissoras tende a focar na regionalização), quando ganha o aspecto comunitário, desvinculado da necessidade de gerar lucro, é que realmente se torna o meio de comunicação mais fiel à comunidade que retrata.

No Brasil, o fenômeno das rádios livres começou a ganhar impulso nos anos 1980, principalmente (de acordo com estudiosos) a partir da divulgação pela imprensa da proliferação de “rádios piratas” na cidade paulista de Sorocaba. Informações dão conta que lá

chegaram a existir, em operação, 42 emissoras clandestinas de FM durante o verão de 1982. Para Ortriwano (1985, p.34),

[...] o ponto mais importante para os animadores das rádios livres populares é aquele que permite ao conjunto dos meios técnicos e humanos estabelecer um verdadeiro sistema de feedback entre os ouvintes e a equipe que o realiza. E são diversos os tipos de problemas a serem enfrentados. De um lado existe a questão da liquidação do monopólio, como condição inicial para o desenvolvimento das rádios livres e do outro a questão muito mais ampla do controle da publicidade comercial.

No Vale do São Francisco, esse fenômeno também é observado e está em plena expansão. As rádios comunitárias chegaram para ampliar a participação da população na sociedade. Um espaço ainda mais democrático para as pessoas colocarem suas reivindicações e anseios, para se sentirem em casa e também para fazer comunicação.

LIBERDADE FM: O POVO DO CAMPO NO AR

Na localidade de Campos, antigo distrito de Itamotinga, atual distrito de Maniçoba, a 34 km de Juazeiro, nasceu a Associação Comunitária Liberdade FM. Foram quase cinco anos desde a fundação da associação, em 16 de novembro de 1997, até o licenciamento, em 27 de setembro de 2002, e o dia em que a rádio foi finalmente ao ar, em 22 de outubro de 2002.

Formada por pessoas da própria comunidade, toda a programação da emissora é elaborada e exibida por voluntários. São mais de vinte programas, todos ao vivo, que vão ao ar das seis da manhã às dez da noite. De acordo com Machado, Magri e Masagão (1986, p. 21),

[...] rádios e televisões livres constituem a melhor resposta de uma sociedade democrática aos conglomerados e monopólios, bem como ao seu poder de concentração e comando. Elas se dirigem a segmentos específicos da população, oferecendo transmissões diferenciadas, voltadas às aspirações de cada estrato social, de cada comunidade ou de cada grupo cultural. Sua programação tende a ser diversificada na mesma amplitude da diversidade do público, ao contrário das rádios e televisões comerciais que, por força de suas ambições hegemônicas, só podem se dirigir à média indiferenciada e amorfa dos cidadãos abstratos. A liberdade para as ondas pode ser a base de uma explosão informativa tão ampla e diversificada como foi o fenômeno das rádios e TV livres na Europa na segunda metade dos anos 70.

No caso da Liberdade FM, entre os programas, cinco são evangélicos, um é católico e outros são musicais, como o *Forró na roça*, que abre espaço para os cantores da região, além do *Arquivo da liberdade*, que relembra os sucessos do passado. A rádio tem ainda programas de variedades, como *A hora e a vez do campo*, com entrevistas, culinária, saúde, notícias da região e informações agrícolas. A Liberdade FM ousa ao sair do estúdio e fazer transmissões ao vivo de campeonatos locais e de outras comunidades de futebol amador. Já o programa *Momento dos Artistas* é apresentado semanalmente, de comunidades diferentes, com participações de artistas da terra, como aboiadores, poetas, repentistas, violeiros e sanfoneiros (dados de 2005).

A rádio tem um alcance médio de 20km, com ouvintes nos projetos de irrigação de Maniçoba e Curaçá, além de outras comunidades. Com prefixo 104.9, a Liberdade FM tem 25 *watts* de potência.

Em 2018, a emissora continuava enfrentando os mesmos problemas para conseguir apoio cultural e voluntários, por isso alguns horários ficaram livres, principalmente no período da tarde.

Mas a programação da Liberdade também ganhou novos programas com muita audiência na comunidade. Um deles é o *DIM rural*, que é transmitido às sextas-feiras, das 10h ao meio-dia. O programa é apresentado por técnicos agrícolas que abordam questões como plantio, colheita, previsão do tempo e até o preço de produtos agrícolas, sem perder de vista a questão ambiental e a sustentabilidade no distrito de irrigação de Maniçoba.

TABAJARA, A COMUNIDADE NAS ONDAS DO RÁDIO

A rádio Tabajara surgiu em abril de 2001 a partir de uma brincadeira de fim de semana. Luis Carlos de Sousa, seu diretor e idealizador, pretendia escutar e criar a sua própria programação musical. Foi quando teve a ideia de montar o transmissor e o equipamento para transmitir o sinal para outras pessoas em um raio de quatro a cinco quarteirões, no bairro Cohab Massangano, em Petrolina. Um dia, Luis Carlos resolveu dar um número de telefone no ar, quando várias pessoas começaram a ligar e pedir música. A partir daí a emissora começou a ter uma programação 24 horas no ar, mas funcionando como rádio livre. A grade de programação era direcionada para os ouvintes que gostavam de MPB, forró e música brega.

Foto 18 - Fachada da primeira sede em 2006



Fonte: Acervo da Tabajara FM (2006).

Foto 19 - Unidade avançada de transmissão da rádio Tabajara FM



Fonte: Acervo da Tabajara FM (2006).

A Tabajara passou por muitas dificuldades. O momento mais crítico foi no dia 11 de março de 2004, quando os equipamentos foram todos lacrados pela Polícia Federal. Esse fato aconteceu logo após a cobertura que a emissora fez durante a chuva na região e que foi noticiada em todo o país, devido ao estado de calamidade que atingiu a cidade de Petrolina. Nessa ocasião, a rádio ficou bastante conhecida e foi denunciada. Na mesma época, a emissora já tinha encaminhado para o Ministério das Comunicações o pedido de regularização do canal.

Em abril do mesmo ano, Luis Carlos resolveu colocar novamente a rádio no ar, operando como rádio livre. Dessa vez, porém, a Tabajara passou a funcionar só nos finais de semana, com uma programação musical. “Em vários países, a palavra escrita é relativamente livre, mas a liberdade de expressão da palavra falada e da imagem tem esbarrado sistematicamente no monopólio da radiodifusão”, afirma Ortriwano (1985, p. 34).

Foto 20 – Luis Carlos no novo estúdio da Tabajara FM, em 2018



Fonte: Acervo da Tabajara FM (2018).

No dia 22 de fevereiro de 2005 foi publicada no *Diário Oficial da União* a portaria nº 108, do Ministério das Comunicações, concedendo a legalização de funcionamento para a rádio da Associação dos Moradores da Cohab Massangano – Rádio Tabajara FM.

Em 2005, depois de quatro anos de espera, a rádio comunitária Tabajara FM contava com uma programação que era substituída e renovada a cada 60 dias, operando na frequência 104,9MHz, em um raio de 1km e com um equipamento de 25 *watts* de potência.

A Tabajara surpreendeu mais uma vez quando adquiriu, em 2014, a unidade avançada de transmissão, equipada para fazer coberturas ao vivo na cidade. A emissora também mudou de endereço e agora funciona no bairro Jardim Imperial. Em 2018, tinha oito locutores e uma programação 24 horas no ar. Entre os novos programas estão alguns evangélicos e o *Fala Petrolina*, de notícias, que é transmitido de segunda a sexta-feira, das 14h às 16h.

PETROLINA FM: ATUANDO NO DIA A DIA DA CIDADE

A Petrolina FM foi inaugurada no bairro Gercino Coelho, em Petrolina, no dia 20 de abril de 2005, com o prefixo 104,9. A emissora foi criada por meio da Fundação Assistencial, Educacional e Cultural de Petrolina (Faepe), instituída em 1989 sem fins lucrativos. A arrecadação com os patrocínios, sob a forma de apoio cultural, é revertida para o pagamento das despesas de custeio (como salários, encargos, água, luz e telefone) e de capital (equipamentos).

Foto 21– Fachada da primeira sede da Petrolina FM



Fonte: Foto de Luís Frota (2005).

O caminho até a regularização não foi curto. Em junho de 2003, atendendo aos requisitos da Lei Federal nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998, o deputado federal Gonzaga Patriota encaminhou o pedido ao Ministério das Comunicações. Em agosto de 2004, o órgão outorgou a permissão de funcionamento mediante portaria de autorização publicada no *Diário Oficial da União*. Posteriormente, o presidente da república, por meio de mensagem presidencial, encaminhou o projeto de lei ao Congresso Nacional para ratificação da outorga da emissora. A Câmara dos Deputados e o Senado Federal, por intermédio das Comissões de Ciência e Tecnologia e Constituição, Justiça e Educação, aprovaram, por unanimidade, o referido Projeto de Lei do Poder Executivo, concretizando assim o objetivo da Faepe.

Logo que a Petrolina FM entrou no ar, houve choque de frequência entre as rádios comunitárias, uma vez que todas operam no sinal 104,9. Um problema, de acordo com o coordenador de programação da emissora, Edenevaldo Alves, causado pela geografia da cidade, “que é muito plana e sem barreiras, o que faz com que a transmissão vá mais longe, interferindo em outras emissoras”.

Técnicos da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), estiveram na cidade e constataram o problema. Desde então, a Petrolina FM opera na frequência 98,3, de emissora educativa, embora ainda não tenha conseguido a transição oficial junto ao Ministério das Comunicações.

Foto 22 - Fachada da atual sede da Petrolina FM



Fonte: Foto de Luís Frota (2018).

Foto 23 - Recepção da Petrolina FM



Fonte: Foto de Luís Frota (2018).

A rádio tem uma programação variada, incluindo entretenimento, cultura, música, jornalismo, saúde, religião, notícias policiais, além de promover discussões e debates sobre diversos temas relacionados à comunidade. O objetivo, segundo seus dirigentes, é proporcionar um espaço democrático, variado e bem próximo da população. Profissionais já renomados na região fazem parte da emissora. Eles trocaram as rádios comerciais para apostar na emissora.

A Petrolina FM tem site e aplicativo e, há alguns anos, funciona em sede própria, na avenida Francisco Coelho Amorim, no bairro José e Maria, local em que também está sediada a Faepe.

Sejam comerciais ou comunitárias, as emissoras instaladas no Vale do São Francisco têm cumprido um papel fundamental em todos os contextos, do social ao histórico, passando pelo político até o cultural. Independentemente da sua natureza, das finalidades e de

como são geridas, todas essas emissoras têm a sua importância no processo contínuo e dinâmico de transformação dos territórios em que estão inseridas. Um poder que exige equilíbrio e consciência.

AS VOZES DO RIO: TESTEMUNHOS DE UMA HISTÓRIA

[...] É pela voz e pelos olhos que conhecemos a fundo uma pessoa, determinando os detalhes de sua personalidade e de seu comportamento.

Pela voz determinamos sua cultura, região de onde vem, comportamento, e pelos olhos, quando bem observados, penetramos no fundo de sua personalidade.

(CÊSAR, 1996)

O ser humano adaptou órgãos de outros sistemas, como o digestivo e respiratório, para constituir o aparelho fonador e poder falar. Foi dessa forma que saímos da comunicação gestual para a fonoarticulatória.

Mas a espécie foi mais longe, e a linguagem exteriorizada por meio da fala se transformou em muito mais do que a expressão do pensamento. Aperfeiçoamos o som que emitimos através das pregas vocais para tornar mais bela a comunicação, uma estética buscada sempre pelos profissionais, que usam a voz como instrumento de trabalho, seja na música, na televisão ou no rádio. São vozes que marcam gerações e servem de inspiração para famosos e anônimos.

Quando o rádio nasceu no Brasil, (não oficialmente) em Recife, no dia 6 de abril de 1919, era apenas uma experiência de amadores. A primeira transmissão considerada oficial, no entanto, só ocorreria em 7 de Setembro de 1922, no Rio de Janeiro. Mas o primeiro a entrar no ar não foi nenhum locutor profissional. Alguns poucos

ouvintes da sociedade carioca acompanharam o discurso do Presidente Epitácio Pessoa em comemoração ao Centenário da Independência.

Só nos anos 1930, com a instituição do rádio comercial no país, os primeiros profissionais foram contratados. Artistas e produtores passaram a preparar os programas com antecedência. Nessa época, o rádio também já veiculava propaganda política. A pesquisa de Gisela Ortriwano (1985) revelou um locutor que teve grande atuação na Revolução Constitucionalista, em 1932. César Ladeira ficou famoso como o locutor oficial da revolução, por meio da Rádio Record.

Outra voz anunciou a inauguração da emissora que marcaria mais adiante a Época de Ouro do rádio. Em 12 de setembro de 1936, um gongo soou três vezes e Celso Guimarães lançou a boa nova, “Alô, Brasil! Está no ar a Rádio Nacional do Rio de Janeiro”. A Rádio Nacional também foi responsável pelo lançamento do radiojornal mais famoso da história brasileira. Às 12:45min do dia 28 de Agosto de 41 entrava no ar o *Repórter Esso*, com o *slogan* “Testemunha Ocular da História”. A voz grave de Heron Domingues comandou 18 dos 27 anos em que o programa esteve no ar.

O futebol também contribuiu para eternizar algumas vozes. Nicolau Tuma, considerado o pioneiro entre os locutores esportivos, narrou a primeira partida de futebol transmitida pelo rádio, em 10 de fevereiro de 1932. Já a Copa do Mundo de 1938 foi transmitida da França por Gagliano Neto.

Assim como as vozes que marcaram época no Brasil, Juazeiro e Petrolina também fizeram e fazem história com locutores que testemunharam e participaram ativamente do desenvolvimento regional e das emissoras de rádio nas quais atuaram e/ou atuam. São profissionais que não conquistaram a notoriedade nacional, mas alcançaram respeito e credibilidade de seus ouvintes, realização que não tem preço para aqueles que fazem rádio, acima de tudo,

por amor. Uma parcela da história de alguns desses profissionais está registrada neste estudo. São testemunhos que servem de exemplo para quem quer seguir carreira no rádio, e também, para todos os cidadãos comuns que participam dessa jornada.

Além dos depoimentos desses profissionais, apresenta-se ainda, seus perfis vocais, em quem eles se inspiraram no início da carreira e como cuidam de seu instrumento mais valioso de trabalho: a voz. Aqui, está registrado, não só o estilo de narração por eles adotado, mas também as modificações de locução ao longo dos anos, acompanhando as transformações desse veículo, já que “a comunicação é um processo dinâmico, com características e necessidades de cada época. As características de fala herdadas do rádio antigo foram substituídas pela naturalidade”. (STIER, 2003, p. 20). Vamos mergulhar, portanto, na história das vozes do rio.

CARLOS AUGUSTO: O PORTA-VOZ DO HOMEM SERTANEJO

Carlos Augusto Amariz Gomes só estudou até o segundo grau (atual Ensino Médio), mas a experiência adquirida em mais de 52 anos ininterruptos no rádio deu-lhe a formação autodidata de radialista na função de radiorepórter. Tudo começou quando Carlos Augusto tinha 22 anos. A estreia foi em alto-falantes, por meio de um projetor de som da Brasil Publicidade instalado no bairro Alto Cheiroso, em Petrolina. Na pequena estação, que também tinha alcance no centro da cidade, ele participava de programas musicais e fazia publicidade. Foram cerca de três anos trabalhando assim.

Foto 24 – Carlos Augusto, uma voz para as coisas simples do sertão



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2005).

A carreira como profissional de rádio começou em seguida, quando Carlos Augusto não só ajudou a fundar a Emissora Rural, ao lado do padre, posteriormente deputado estadual e federal, além de senador, Mansueto de Lavor, como também quando sua voz foi a primeira a ser ouvida no dia em que a rádio entrou no ar. Doze anos depois, o radiorepórter, tendo sido convidado para montar a Grande Rio AM, foi, mais uma vez, o primeiro a entrar no ar quando a emissora ainda estava em fase experimental. A rádio estreou com a voz grave de Carlos Augusto, anunciando a música “A guerra dos meninos”, interpretada por Roberto Carlos.

Em todos esses anos de carreira, Carlos Augusto fez de tudo: produção, locução de programas musicais (principalmente de forró) e policiais, além de reportagens de rua. Sob o seu comando, programas como *No terreiro da fazenda* e *Repórter Somassa* ficaram famosos na região. Foi também ele quem criou o *slogan* que ficaria

marcado para sempre na história da cidade, “Petrolina, encruzilhada do progresso”. O jornalista chegou até a dirigir a rádio Grande Rio AM, mas foi por meio dos programas regionais que encontrou seu estilo e sua identidade.

Todos os dias, ele cumpria uma rotina que era parte da vida do homem do sertão. Às seis da manhã, Carlos Augusto já estava no ar com o programa *Forró do povo* no qual, entre uma música e outra, também discutia as questões sociais, numa linguagem simples e acessível, para o homem do campo. No quadro “Ponte da saudade”, nordestinos que foram em busca de uma vida melhor na cidade grande participavam ao vivo. De lugares como São Paulo, por exemplo, mandavam recados aos familiares que ficaram na região.

Mas foi o *Forró no Malhadão* que consagrou o jornalista como o porta-voz do homem sertanejo. No ar por mais de 20 anos, sempre aos sábados, o programa ficou pequeno demais para o estúdio. Eram quase três horas ao vivo, numa programação transmitida da frente da emissora e com a participação de até 500 pessoas, entre público e artistas. Passaram pelo *Malhadão* nomes como Hermeto Pascoal, Flávio José e Alcymar Monteiro. Às seis da manhã em ponto, Carlos Augusto fazia a abertura do programa sempre com a mesma frase: “A partir de agora, as coisas simples do sertão viram programa de rádio”. Um vaqueiro entoava seu canto e o programa seguia com muito forró, música sertaneja e a irreverência dos participantes.

Foto 25 – A fachada da rádio Grande Rio AM se transformava em um estúdio ao ar livre no programa *Forró no Malhadão*



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2005).

A voz marcante foi inspirada em nomes famosos da Rádio Globo, no tempo em que os comerciais eram narrados ao vivo. Carlos Augusto se espelhou em Cid Moreira e no locutor do histórico *Repórter Esso*, Heron Domingues, para criar seu estilo. O radialista não escondia que se descuidou da voz no começo da carreira, uma vez que fumou por 30 anos. Mas largou o vício e resolveu adotar uma vida saudável. Acordava todos os dias às 4h da manhã para fazer caminhada antes de ir para a rádio. O profissional tinha consciência de que a voz era seu instrumento de trabalho, por isso, evitava gelado e bebia muita água.

Foto 26 – O povo faz o programa ao lado de Carlos Augusto



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2005).

Quando foi entrevistado, aos 64 anos, Carlos Augusto estava mais na ativa do que nunca e não pensava em se aposentar, muito menos em tirar férias. Para continuar fazendo bem o que fazia, ele não teve dúvidas em sacrificar a vida social. Ouvia colegas de profissão, sempre procurando aprender com eles, e fazia uma avaliação pessoal diária. Mas admitiu: *“até hoje, ainda tremo no microfone”* e completou emocionado: *“o rádio é minha vida”*. (Carlos Augusto Amariz, [2005], informação verbal).

Foto 27 - “Até hoje ainda tremo no microfone”, declarou o radialista



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2005).

Com a experiência de uma vida dedicada ao rádio, Carlos Augusto aconselhou: “[...] *tem que ter responsabilidade para empunhar o microfone*” e concluiu,

[...] é diferente de escrever, que a gente rasga e joga fora. No rádio, o que a gente fala não tem volta. O ouvinte tem que saber o que estamos colocando. Por isso é importante ter equilíbrio, podemos mudar comportamentos e isso é sério. No microfone, o que você diz tem força e, em

rádio, eu sou o que eu digo. (Carlos Augusto Amariz, 2005, informação verbal).

O profissional seguia com sabedoria durante toda sua carreira o que o radialista Cyro César (1996, p.45) registrou, “[...] o poder de influenciar, transformar, sensibilizar, convencer e esclarecer provém da simplicidade e não da complexidade das palavras”.

Carlos Augusto faleceu em 2 de abril de 2015 sem nunca ter se afastado do rádio. Foi ainda organizador de eventos, como a corrida de jegues - Jecana e a Missa do Vaqueiro de Petrolina. Seu trabalho se mantém vivo com a filha, Maíra Amariz, que assumiu o lugar do pai na apresentação do *Forró no Malhadão*.

INAH TORRES: COMUNICADORA SOCIAL

O rádio entrou na vida de Inah Torres aos 15 anos, quando o seu irmão mais velho, Luiz Torres, foi convidado para ser o primeiro gerente da Rádio Difusora de Caruaru AM (atual Rádio Jornal), e a menina curiosa começou, então, a frequentar a emissora nas horas de folga. Logo Inah estava dando sugestões nas propagandas e aprendendo todas as funções em uma emissora de rádio. Eram os anos 1950. Um dia, um operador faltou ao trabalho e a menina o substituiu. Depois foi a vez de Inah participar dos programas de auditório e se tornar a primeira radioanimadora de Caruaru (PE).

Foto 28 – Inah “Em Sociedade”: há 36 anos no ar



Fonte: Foto de Luís Frota (2005).

Veio o casamento e com ele a mudança para uma nova cidade. O marido e comerciante, Manoel Nelson Moura, escolheu Petrolina para trabalhar e criar a família. Inah, que já havia concluído o segundo grau, dividia o tempo com o ofício de auditora fiscal da Secretaria da Fazenda de Pernambuco e os cuidados com os quatro filhos. Nem assim o rádio saiu de sua vida. Muito católica, Inah escolheu o veículo para evangelizar. Na Emissora Rural esteve no ar por quatro anos, produzindo e apresentando programas como *Palavras da Bíblia* e *Palavras da vida*. O trabalho não parava nem aos domingos, quando Inah estava no comando do *Encontro das comunidades*, programa de 30 minutos em que temas como a Teologia da Libertação eram abordados.

Em 1982, com a inauguração da Rádio Grande Rio AM, Inah recebeu o convite do jornalista Carlos Augusto para fazer um programa

de “orientação sociorreligiosa” na emissora. Em seguida, a colega Zizi Gomes foi transferida da cidade, e Inah assumiu o programa *Em sociedade*, até então comandado pela amiga.

No começo, era apenas uma participação semanal com entrevistas. Mas, em pouco tempo, o programa passou a ser diário, com 15 minutos de duração. *Em sociedade* está no ar há 36 anos (completados em 2018), inicialmente de segunda a sexta-feira, com 30 minutos de produção, entre o que Inah chama de jornalismo social, entrevistas e coluna social. Um tempo ainda pequeno, segundo a própria Inah, que não esconde: “*ainda sonho fazer um programa de uma hora*”. (Inah Torres, 2005, informação verbal). Porém, há alguns anos o *Em Sociedade* passou a ser exibido as segundas, quartas e sextas, das 11:30min às 12h.

Foto 29 – Jornalismo social toda semana. Na foto Inah Torres com o radialista Valdiney Passos e o odontólogo César Durando



Fonte: Foto de Luís Frota (2005).

À frente do microfone durante tantos anos, Inah Torres nunca deixou de ser ela mesma. E define seu estilo de locução como “*comunicar, testemunhando o que diz*”. (Inah Torres, 2005, comunicação verbal). Como afirma Cyro César (2005, p. 84),

[...] seria como se nossa voz atuasse como um verdadeiro túnel de ligação entre o nosso mundo interior e o exterior [...] o equilíbrio de quem se comunica vem lá de dentro, do que realmente somos e sentimos.

Os cuidados, no entanto, com o instrumento de trabalho, a sua voz, só vieram depois de um câncer de laringe. Foram três meses sem falar, lutando contra a doença em sessões de quimioterapia. Inah se recuperou e, com a ajuda da Fonoaudiologia, recebeu orientações de respiração, hidratação, higiene vocal e dicção, uma das variantes em que ela mais observou avanços. Para Santos e Ferreira (2001, p.10),

[...] o objetivo da dicção é dar sensibilidade ao canto, e também deve dar expressividade ao texto. O trabalho de dicção tem sido considerado como um fator primordial na carreira do profissional da voz. É essencial que esses profissionais tenham consciência de que a clareza da dicção depende da nitidez do desenho articulatório e de que eles próprios conheçam o mecanismo da fala.

De volta ao rádio, Inah se sente melhor do que nunca. Fala com conforto e ganhou um melhor desempenho na apresentação, um caso de sucesso na fonoterapia especializada em voz. Nas palavras de Sílvia Pinho (1998, p. 4),

[...] nós, fonoaudiólogos, devemos orientar o paciente na utilização da melhor voz possível,

com mínimo de esforço e rendimento máximo, dentro de suas possibilidades orgânicas e da estética (imagem corporal e imagem social).

Só depois de 29 anos na profissão de comunicadora, é que Inah conquistou o registro de jornalista. Foi delegada da Associação de Imprensa do Sertão e representante da Associação Brasileira de Jornalistas de Turismo (Abrajat). Mas é a possibilidade de se comunicar pelo rádio com pessoas, que não vê e não conhece, que fascina Inah.

A profissional dá a receita:

[...] o comunicador tem que ser agradável, carismático e, acima de tudo, comunicativo. Tem que saber ouvir, não interromper o entrevistado quando fizer uma pergunta e se preparar antes de se aventurar numa entrevista. (Inah Torres, 2005, comunicação verbal).

E reforça: “*um bom profissional não visa apenas o dinheiro, tem que buscar qualidade no seu trabalho*”. (Inah Torres, 2005, comunicação verbal).

Aos 85 anos e no ar há 36, Inah talvez seja a radialista mais idosa em plena atividade no Brasil. Com toda essa experiência e com o afeto de quem sempre fez comunicação de forma voluntária, Inah Torres ([2005], comunicação verbal) conclui: “*[...] gosto de fazer o bem, sem saber a quem*”.

HERBERT MOUZE: A VOZ DOS GRAMADOS

Era pelas ondas das rádios Nacional e Tupi que, ainda menino, Herbert Mouze acompanhava os jogos do time do coração, o Flamengo. Nessa época, ele descobriu duas paixões: o esporte e o rádio. Por uma coincidência do destino, o pai de Herbert era radio-técnico. Na oficina que funcionava na Praça da Misericórdia, centro

de Juazeiro, usava bateria de carro para consertar os aparelhos de rádio, já que a energia elétrica só chegava à noite.

Foto 30 – Herbert Mouze, o repórter dos gramados



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2005).

Um dia, o pai de Herbert suspendeu o conserto de um alto-falante e deixou o menino de 11 anos cuidando da oficina por alguns minutos. Tempo suficiente para Mouze ligar o alto-falante (com a saída estrategicamente virada para a rua) e começar a narrar um jogo. A partida fictícia tinha até oferecimento comercial da Casa Borborema, a loja de um tio, que ficava próxima dali. Estava começando a carreira de um dos narradores esportivos mais importantes da região.

Além do pai de Herbert, o tio, Eurípedes de Lima, também tinha ligações com o rádio. Seu Galo, como era conhecido, trabalhou na Rádio Juazeiro, no programa *Alvorada nordestina*. Antes disso,

comandava *O que o povo precisa saber*, programa muito ouvido e debatido do serviço de Alto-Falante Cultural, propriedade de Júlio Matutino. Foi lá que Mouze começou a dar os primeiros passos na profissão de radialista. Ele lia as cartas endereçadas ao programa e logo começou a colaborar no departamento de esporte de um outro serviço de alto-falante, o Paraíso. O ano era 1957 e tudo não passava de uma espécie de brincadeira que o garoto levava a sério. Queria ouvir a própria voz irradiando pelas ondas sonoras e que todos o ouvissem, inclusive a namorada.

Na reabertura da Rádio Juazeiro, depois de a emissora passar por alguns problemas de concessão, o radialista Clésio Athanásio montou um programa de esporte com a ajuda de outros quatro colegas. Ouvir a resenha esportiva das 18h se tornou uma rotina para Herbert. Era a sua hora preferida, quando o adolescente voltava da escola e sonhava com o dia em que seria chamado para compor a equipe. O grupo foi se desfazendo com o passar do tempo. No dia do aniversário de Herbert, em 8 de outubro de 1960, o programa era comandado apenas por Clésio. A emissora ainda funcionava na sua primeira sede, na Praça da Misericórdia. Antes da resenha terminar, Mouze resolveu entrar no estúdio e participar da apresentação. Nunca mais abandonou a função. Foi o melhor presente de aniversário que o radialista poderia ganhar.

De lá pra cá, com mais de 60 anos de carreira, são muitas histórias. Herbert narrou a primeira partida de futebol transmitida por uma rádio de Petrolina. Com a inauguração da Emissora Rural, na década de 1960, o diretor da rádio, Padre Mansueto de Lavor, resolveu transmitir o jogo Petrolina x Propriá. A ousadia foi mais longe. Como a rádio tinha onda curta e podia ser sintonizada em qualquer lugar, o jogo também foi transmitido para a cidade do time sergipano. E já que a emissora de Petrolina não tinha departamento esportivo, Mouze foi convidado para narrar a partida pela Rádio Juazeiro.

O sinal foi enviado pela emissora baiana à rádio pernambucana, que o reenviou para Petrolina e Propriá. Estava completo o *pool* da primeira transmissão interestadual do Vale do São Francisco. Nessa mesma partida, as equipes balançaram a rede e foi Herbert quem gritou o primeiro gol da radiofonia de Petrolina.

Quando o telefone chegou à região, o radialista fez a primeira transmissão esportiva ao vivo, realizada totalmente de Petrolina, dessa vez sem a ajuda da emissora da vizinha cidade de Juazeiro. De um telefone instalado fora do estádio da Associação Rural, a 800m da cabine, a equipe puxava a linha de transmissão. Pela manhã, o grupo montava postes, que levavam os fios para a cabine. Os cabos ficavam no alto para evitar que fossem cortados por vândalos, já que a equipe não podia pagar um vigia.

Era dessa mesma maneira que a Rádio Juazeiro levava o sinal do estúdio para o transmissor instalado no bairro Piranga (perto da antiga estação) e do equipamento para o estádio, nos domingos de futebol. Não raro, a poucos minutos do início da partida, um carro batia no poste e cortava os fios de transmissão. Nessas emergências, era o técnico Manoel Alves, o seu Santinho, quem corrigia o problema a tempo de salvar a transmissão do jogo.

Foto 31 – Foram incontáveis as transmissões de Herbert Mouze em mais de 60 anos de carreira



Fonte: Foto de Fabíola Moura (2005).

Mouze também se considera o primeiro locutor FM da região, porque foi o mestre de cerimônia na inauguração transmitida ao vivo da Transrio que também se chamou Transamérica, do grupo da Rádio Juazeiro. A voz de Herbert foi a primeira a entrar no ar na FM pioneira do Vale.

Já na década de 1980, ele passou dez meses na Grande Rio AM. Transmitia os jogos do campeonato da Liga Desportiva Juazeirense do Estádio Adauto Moraes para a emissora de Petrolina.

Depois, foi convidado para fundar a Rádio Independência (atual Rádio São Francisco). Além de gerente da nova emissora, era responsável, entre outras coisas, por organizar a programação. O radialista também tinha um programa de esporte. Foram dois anos trabalhando na Independência.

Herbert resolveu voltar para a Rádio Juazeiro como *freelancer* já que, por quatro vezes, ocupou o cargo de Secretário Municipal. Até então, Mouze trabalhava voluntariamente. A primeira remuneração só chegou 25 anos depois que o narrador estava no rádio. Foi quando ele aceitou o desafio de gerenciar a Rádio Juazeiro e resolveu se profissionalizar. Com apenas o segundo grau, conquistou o registro de radialista. Ficou oito anos na função de gerente administrativo mas não deixou os microfones de lado. Foi redator de notícias, apresentava o radiojornal da emissora e auxiliava a chefe do departamento de jornalismo da época, Marta Luz, a redigir as notícias e reportagens.

Também foi *disc-jockey* e apresentador do programa infantil *Gincana estudantil*, exibido todos os dias pela manhã, e de programas de auditório. O radialista foi ainda o locutor de um dos primeiros programas polêmicos de Juazeiro. No *A Cidade Reclama*, Mouze levantava o cartão vermelho ou amarelo para a “dona préfa”, apelido que deu à prefeitura. O primeiro programa policial da Rádio Juazeiro foi feito por ele e Douglas Dourado. Na estreia do *Agente policial*, teve até um alto-falante na porta da rádio, na Praça da Misericórdia.

Em 2005, Herbert tinha terceirizado o departamento esportivo da Rádio Juazeiro. Ele não só coordenava a equipe de esporte como também narrava, era repórter de pista e ainda preparava a resenha da emissora, com dois comentários diários, das 7:30min às 7:55min e das 18h às 19h. O radialista respondia pela abertura do programa com cinco minutos de opinião ao vivo.

A inspiração para encontrar um estilo próprio de locução veio numa fase conturbada da sua vida. Em 1951, o juazeirense foi morar com a mãe em São Paulo e, aos 13 anos, começou a trabalhar para ajudar a família. Foi trocador de óleo, engraxate e até limpador de sanitário de posto de gasolina. Aos domingos, ia para o estádio do Pacaembu e ficava olhando para a cabine de transmissão. Os locutores chamavam

mais a atenção do menino do que a bola rolando. Um, em especial, fazia os olhos do garoto brilharem.

Fiori Guiliotti, um descendente de italiano que também atuou em um programa da Rede Vida com a mesma voz de quando era jovem, era o narrador preferido de Herbert.

Ele tinha um estilo rápido, sem prejudicar a dicção, a voz bonita e me colocava dentro do campo. Eu sabia onde o jogador estava. Até hoje admiro o locutor e ainda fico estremecido quando escuto a sua voz. (Herbert Mouze, 2005, informação verbal).

O radialista ainda aconselha,

[...] quem quer ser um bom narrador, não precisa ter um vozeirão, apenas uma voz forte, que aguente os 90 minutos. Um locutor de futebol não pode ser lento nem rápido demais. Deve encontrar o equilíbrio de uma transmissão dinâmica, com padrão definido e sem imitar ninguém. Eu gostava de Fiori, mas nunca quis imitá-lo. (Herbert Mouze, 2005, informação verbal).

A experiência de Mouze é comprovada por Maria Aparecida Stier (2003, p. 23):

[...] o ritmo não deve ser confundido apenas com emprego da velocidade acelerada, normal ou lenta. Reboul (2000) comparou o ritmo da frase à música do discurso, que torna a expressão harmoniosa e mais fácil de ser retida.

Stier (2003, p.20) completa:

[...] cada pessoa tem sua maneira própria de falar e de ler. Essa maneira vai sendo desenvolvida a partir de todas as experiências vividas pelo indivíduo somadas à sua percepção”.

E reforça: “[...] desenvolver o próprio estilo requer, muitas vezes, evitar seguir o modelo de outro profissional”. (STIER, 2003, p.20).

Foto 32 – Narração equilibrada nos gramados



Fonte: Fabíola Moura (2005).

Com a maturidade que alcançou, o radialista define seu estilo de locução:

A gente tem que marcar por alguma coisa, fazer uma transmissão alegre, mas sem cair no ridículo de ficar falando bobagens; lembrar sempre que não está fazendo a transmissão somente para homens tomando cerveja na mesa de um bar. Tem gente que está em casa ouvindo detalhe por detalhe. Temos que saber quem está nos ouvindo, a quem estamos

transmitindo aquela mensagem. Não é simplesmente pegar o microfone, abrir a boca e dizer o que quer. O que me caracterizou foi justamente tentar ser meio rápido, ter segurança e localizar a bola e o jogador para o torcedor que está em casa visualizar a partida. (Herbert Mouze, 2005, informação verbal).

Para cuidar da voz grave e forte, Mouze diz não ter segredos. Apenas faz caminhadas diárias, que o ajudam na respiração e a manter o peso. Mas não foi sempre assim. Quando começou no rádio, recebeu o conselho de que, para “engrossar” a voz fina de adolescente, deveria dar “duas tragadas de cigarro”. Foram dez anos acreditando nesse mito.

Generoso, Herbert orienta os que querem seguir a carreira de radialista, principalmente no esporte,

Primeiro tem que ter queda, vontade, gostar do negócio. Segundo, se a opção for pela narração, facilita muito ter passado pelos gramados, tem que ter jogado, saber como a bola corre, como é feito um cruzamento. Quando vou narrar e vejo o jogador cruzar a bola, já sei que o zagueiro vai se antecipar e cortar o lance. Nesse momento, estou narrando o que vai acontecer. (Herbert Mouze, 2005, informação verbal).

A dica do narrador é começar já, assistir aos jogos e treinos e gravar transmissões, reportagens, resenhas etc. Ouvir como se faz, como funciona o trabalho de um setorista de futebol. E, acima de tudo,

[...] manter o entusiasmo. Continuo vibrando a cada transmissão. Só Deus é que me vai fazer parar. Enquanto eu tiver voz, força e espírito jovem, vou continuar nos gramados. (Herbert Mouze, 2005, informação verbal).

Em 2018 Mouze completou 80 anos de idade, totalmente na ativa. Está no ar na Rádio Juazeiro de segunda a sexta, das 18h às 19h, com a

resenha do programa *No Mundo do Esporte*, além de participar todas as terças e quintas do *Sem Fronteiras*, na mesma emissora, das 9:10min às 11h, com muita informação. O radialista ainda escreve crônicas para o jornal *Diário da Região* até três vezes por semana, material que também é reproduzido pelo *blog* do radialista Geraldo José. Um profissional multimídia, como ele mesmo se intitula.

MARTA LUZ: UMA VOZ PARA PENSAR

Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco, em Direito pela Universidade Estadual do Piauí e pós-graduada em Linguística pela Universidade Federal do Piauí, Marta Luz começou a carreira alternando o magistério em várias escolas de Petrolina com o jornalismo radiofônico, em Juazeiro.

Foto 33– Marta Luz e Herbert Mouze durante um concurso cultural de conhecimentos gerais para crianças do Ensino Fundamental, em 1979



Fonte: Acervo de Marta Luz (1979).

O rádio entrou na vida de Marta Luz quase por acaso. Foi quando ela e o então marido resolveram comprar a Rádio Juazeiro – que, à época, pertencia ao comerciante e político da cidade Joca Oliveira. O primeiro passo foi elaborar uma programação atraente para competir com a única concorrente até então, a Emissora Rural, na vizinha cidade de Petrolina. Com muito trabalho, a Rádio Juazeiro foi conseguindo credibilidade e audiência. Entre os programas que Marta ajudou a criar e que foram responsáveis por essa nova etapa da emissora, está o *Reflexões para um dia feliz*, produzido diariamente pelo bispo diocesano da época, dom Tomás Guilherme Murphy.

Foto 34 – Marta Luz transmitindo uma sessão da Reunião da Bacia do São Francisco, em 1978



Fonte: Acervo de Marta Luz (1978).

Ainda falando de programação, Marta Luz destaca dois programas que tinham grande audiência em Juazeiro e Petrolina.

Na década de 1970, diariamente, às 13h, era transmitido *E nós, para onde vamos?*, com crônicas elaboradas por ela e por diversos autores da cidade, como Layse de Luna Brito, Nilda Ízaga, José Pereira, Luís Freire, Maria do Carmo Sá Nogueira, Edílson Monteiro, Joaquim Moniz Barreto, Antonila da França Cardoso, Joseph Bandeira, Gisélia Carvalho, Esmelinda Pergentino Nunes, Charles Alexandre, Giuseppe Muccini e Gentil Porto. Enquanto Marta interpretava a crônica, o *background* era feito com a “Bachianas Brasileiras nº 4”, de Villa Lobos.

Outro programa que marcou a trajetória da ex-radialista foi o *Pagão*, que ia ao ar todos os domingos, das 11:30min da manhã às 13:30min. Para Marta,

Fazê-lo era estar no paraíso profissional. Grupos e mais grupos formaram-se nas duas cidades para concorrer, por telefone, aos testes de conhecimentos gerais. Ah, é indizível como o Pagão despertou jovens e adultos para o estudo, para a leitura, para a leitura de poetas, para o gosto de ouvir os grandes mestres da música universal! (Marta Luz, 2005, informação verbal).

Marta se apaixonou pelo radiojornalismo à medida que foi aprendendo a profissão. Em 20 anos de atuação, sempre na Rádio Juazeiro, ela experimentou quase todas as funções: produção, redação, jornalismo interno e externo, locução e, até mesmo, um pouco de administração. Nas palavras da ex-radialista,

Até os comerciais que produzia, cuidava de fazê-los com arte e beleza. O ouvinte aprendeu a ouvir beleza na Rádio Juazeiro e aprendeu a gostar disso. Minha paixão, mesmo, era a comunicação. Estar direto com o povo. Ser voz. Ser o poder poderosíssimo da voz! Minha voz era bonita, tanto em timbre quanto em volume. Meu gosto era comunicação com o povo. Agradava-me entrar na casa do povo todo, um gesto que tratei de fazer sempre fraterno, com a poderosíssima arma chamada palavra. (Marta Luz, 2005, informação verbal).

Marta acabou criando o próprio estilo de locução sem se espelhar em ninguém. Um modo de narrar que ela atribui a um antigo aprendizado, a arte da declamação, em que se aperfeiçoou desde os seis anos de idade, quando já declamava poemas (razoavelmente grandes e difíceis) no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, onde estudava. Foi assim que ela aprendeu instintivamente a impostar e interpretar, uma vez que “o locutor faz das nuances de voz a ferramenta principal dentro dos recursos de interpretação. É dessas nuances que ele cria inflexões que valorizam a leitura de um texto, quando colocadas no momento e na dose certa”. (CÉSAR, 1996, p. 84).

A ex-radialista cita o artigo 221 da Constituição Brasileira para avaliar o trabalho das emissoras de rádio do país (BRASIL, 1988):

A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios:

I – preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;

II – promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação;

III – regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;

IV – respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família.

Foto 35 – Marta Luz: enveredando pelas leis



Fonte: Acervo de Marta Luz (2005).

E conclui deixando algumas reflexões:

Em que as rádios e televisões estão atendendo à Constituição? Onde está o ideal de educar, de disseminar a cultura, de promovê-la? Onde estão os valores éticos de algumas novelas? Onde está a valorização da família, base da sociedade – como dispõe a Constituição – que os meios de comunicação estão a cada dia ensinando a destruir? Vale o dinheiro, a imprensa marrom. Que valor tem o testemunho dos que ensinam com a palavra e provam o contrário com o exemplo, como a todo instante se vê? (Marta Luz, 2005, informação verbal).

Marta continua com a bela voz que encantou os ouvintes do Vale do São Francisco, mesmo não atuando mais nas ondas do rádio.

FRANCISCO FERNANDES: O ANIMADOR DE TODAS AS TARDES

Em 1973, Francisco Fernandes Bezerra começou a descobrir a magia das ondas do rádio. Tudo teve início como uma brincadeira. Aos 13 anos, na cidade de Taporanga/PB, o dono de uma rádio comunitária local, Crispim Pessoa, convidou Francisco Fernandes para ajudá-lo na emissora. Em troca, lhe daria ingressos para o parque de diversões e para o cinema. O garoto, então, aceitou a proposta, mais interessado nas entradas de cinema do que na experiência de trabalhar em uma rádio.

Foto 36 – Francisco Fernandes durante seu programa no estúdio da rádio Grande Rio AM



Fonte: Acervo de Francisco Fernandes (2005).

Crispim Pessoa era um radialista experiente. Na época tinha 70 anos e já havia passado pela Rádio Clube do Recife, pela Rádio Sociedade da Bahia e pela Rádio Globo, no Rio de Janeiro. Mas mudou-se para a Paraíba e resolveu montar uma rádio comunitária.

Aos 15 anos, Francisco Fernandes foi morar em Patos/PB, onde, sem sucesso, foi procurar estágio na área do rádio. Mas não desistiu. Seis meses depois, sua irmã o chamou para ir morar em Petrolina. *“Tomei gosto pelo rádio e fui batalhar um estágio, nessa época eu tinha 17 anos”*, destaca Francisco ([2005], informação verbal). Logo que chegou a Petrolina, tentou um estágio na Emissora Rural e conseguiu. *“Foi um ano em fase de aprendizagem”* (Francisco Fernandes, [2005], informação verbal). Um ano depois ele conseguiu o primeiro emprego como operador de áudio na Emissora Rural, em 1978.

Aos 23 anos, recebeu um convite, por meio de Geraldo Coelho, que estava interessado em um jovem que pudesse levar à frente a Rádio Grande Serra, em Araripina, no agreste pernambucano. *“No início, fiquei bastante assustado e inseguro, mas fui em frente com o apoio da minha família e da namorada, minha atual esposa”*, salienta Francisco Fernandes ([2005], informação verbal).

Francisco trabalhou dois anos como gerente da rádio Grande Serra, em Araripina. Como tudo deu certo por lá, logo a diretoria da emissora resolveu chamá-lo para gerenciar a rádio Grande Rio AM e supervisionar a Grande Serra de Araripina. Ele acompanhou ainda o processo de montagem de todas as rádios do Sistema Grande Rio de Comunicação.

Em um momento, eu estava admirando meus colegas de trabalho e, em outro, eu estava direcionando a equipe que eu tanto respeitava. Foi muito gratificante, uma grande experiência.

Nesse ritmo, o profissional foi ganhando experiência e espaço no rádio. A sua profissionalização, conseguiu no dia a dia. *“Não*

sou formado em jornalismo e nem em radialismo, sou formado pelo tempo” (Francisco Fernandes, [2005], informação verbal). Em 2005, ele entoava sua voz nas tardes de segunda a sábado, no *Forró pé-de-serra*, levando diversão e entretenimento para os ouvintes, das 17h às 18h. Um programa com muita música sertaneja e forró, além de “pegadinhas” com personalidades artísticas. Aos domingos, ele apresentava o *Especial de domingo*, das 8h às 10h.

WASHINGTON LUIZ: O REPÓRTER POLICIAL

Washington Luiz de Menezes estreou no rádio quando tinha apenas 14 anos. Tudo começou em 1974, por meio do serviço de alto-falante *A Voz do Povo*, instalado na rua Santo Antônio, em Juazeiro. Utilizando um projetor de som, Washington Luiz, também conhecido pelos amigos de trabalho como Luizinho, ecoava a sua voz com a leitura de cartas de ouvintes, avisos, notas de falecimento e outros recados das comunidades dos bairros Santo Antônio e Alagadiço. Apesar de só ter concluído o nível médio escolar, sua formação profissional foi adquirida no dia a dia.

Foto 37 – Washington Luiz apresentando o *Agente 680*



Fonte: Foto de Juliana Amorim (2005).

O gosto pelo rádio começou muito antes. Aos 9 anos, Washington já brincava com seus amigos narrando os jogos de futebol do bairro em que morava, o Quilômetro Dois, em Petrolina. *“Eu gostava muito de escutar o Repórter somassa, que era apresentado pelo radialista Carlos Augusto Amariz, que serviu de grande inspiração para minha profissão”*, afirmou Washington Luiz (2005, informação verbal), que também já foi menino de rua e até engraxou sapatos, mas cuja dedicação o fez ingressar por outros caminhos.

Em 1977, com seus 16 anos, Washington foi convidado por Bráulio Pereira, da Rádio Juazeiro, para fazer a sonoplastia dos

programas matinais. Essa experiência durou até o final de 1979. E é justamente dessa época que ele relembra um dos momentos mais marcantes da sua carreira:

Eu e Herbert Mouze, juntamente com Douglas Dourado e Altamiro Brasil, fizemos a primeira transmissão de um jogo internacional para a região. Nós estávamos no Estádio do Arruda, no Recife, para transmitir o jogo da Seleção Brasileira. Era a despedida de Nunes, atacante do Brasil. (Washington Luiz, [2005], informação verbal).

Em 1979, Luizinho saiu da Rádio Juazeiro e foi convidado a fazer parte do quadro de funcionários da Emissora Rural para apresentar o *No terreiro da fazenda*, um programa dedicado ao forró, transmitido de segunda a sábado, das 17h às 18h. Washington ficou nove anos à frente desse programa. Em 1986, começou a apresentar o *RP 730*, programa policial da Emissora Rural.

No início de 1989 foi trabalhar na Rádio Grande Rio AM como apresentador do *Agente 680*, programa que noticia todos os fatos de natureza policial que acontecem em Petrolina e Juazeiro, ficando no posto até 1994. Passou seis meses longe do rádio e depois retornou para a Rádio Grande Rio AM. Mantendo um estilo característico da locução de programas policiais, uma narrativa pausada e enfática, Washington Luiz voltou a fazer o *Agente 680*, veiculado de segunda a sábado, das 12:40min às 14h, programa que lhe rendeu reconhecimento no meio em que trabalhava.

A sua rotina começava logo cedo. Pela manhã, às 6:30min, ligava para as delegacias de Petrolina e Juazeiro para apurar os acontecimentos. Havendo necessidade, ia ao local para pegar as entrevistas. “Normalmente, as entrevistas são feitas sempre às 7h da noite, de segunda a sexta. Aos domingos, vou às delegacias sempre às 7h da noite, quando é feito o balanço do final de semana”, salienta Luizinho ([2005], informação verbal). “Para fazer um programa policial é preciso ter

bastante jogo de cintura” (Washington Luiz, [2005], informação verbal), finalizou o radialista, que se afastou do rádio há alguns anos por motivo de saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar um levantamento histórico sobre as rádios de Juazeiro e Petrolina, as autoras se propuseram, antes de qualquer coisa, a fazer um registro jornalístico dos fatos relevantes que marcaram essas emissoras. Não tinham a pretensão de realizar o trabalho de um historiador, mas sim a intenção de contribuir para a bibliografia sobre o rádio, tão carente em registros regionais que abordem a prática das emissoras e dos profissionais da área.

Por isso, documentou-se aqui, por meio, principalmente, da memória oral de protagonistas da história do rádio no Vale do São Francisco, a trajetória das primeiras emissoras comerciais AM e FM da região, além das comunitárias pioneiras.

Também estão eternizadas nesta obra as vozes de medalhões do rádio regional, que contribuíram com seu trabalho para a consolidação desse suporte de comunicação tão presente na vida do povo ribeirinho. Mulheres e homens que, com profissionalismo e paixão pelo rádio, possibilitam o exercício da cidadania e o acesso à informação numa sociedade ainda desigual e carente de justiça social.

O desafio não foi fácil, principalmente pelo quase inexistente arquivo sobre a temática, o que não quer dizer que cada emissora e cada profissional não tivesse história suficiente para obras individuais. Por isso, a árdua tarefa de elencar apenas os fatos mais relevantes das rádios para trazer nesta obra uma visão geral dos primórdios da radiofonia sanfranciscana.

No entanto, este registro não se conclui aqui, até porque o fazer história não é estático e, em especial, no caso de emissoras regionais, está em constante desenvolvimento. Sendo assim, este trabalho abre o caminho para novos estudos e pesquisas na área, reafirmando a necessidade de aprofundar o olhar em aspectos importantes da comunicação regional.

Algumas questões relevantes podem ser abordadas em trabalhos futuros. Observar a diferença da linguagem regional no jornalismo das emissoras AM e FM e/ou mensurar o espaço dado aos assuntos de interesse local e nacional pode ser o começo de uma nova pesquisa, o que nos ajudaria a compreender mais a comunicação que se faz no Vale do São Francisco.

Conhecer o passado para saber quem somos agora. Resgatar – e registrar – a memória do rádio nas cidades de Juazeiro e Petrolina é compreender que caminho a comunicação e os comunicadores locais percorreram e sua contribuição para o Vale do São Francisco. Cada rádio e cada profissional tiveram (e alguns ainda têm) um papel fundamental em todas as transformações que essa região passou nas últimas décadas.

Ter o privilégio de contar essa história neste livro-reportagem é também cumprir o dever de multiplicar essas memórias para outros profissionais de comunicação, estudiosos ou simplesmente interessados no assunto. É contribuir para eternizar o trabalho de todas essas pessoas que ajudaram a construir a comunicação no coração do Semiárido. É também inspirar futuros jornalistas e radialistas, gente que deseja atuar no rádio e que deve conhecer a paixão que moveu tantas pessoas a levar cultura e informação para cada ouvinte, a razão de tudo isso.

Vozes do rio é uma homenagem a profissionais, estudantes de comunicação e ouvintes, amantes do rádio, esse veículo que faz a alma pulsar e desperta nossos sentidos e imaginação. Mas

esta pesquisa é igualmente uma provocação para que outras histórias sobre esse campo tão fértil sejam contadas. Outras duas emissoras passaram a funcionar em Petrolina quando esse estudo já havia sido concluído, a comercial Rádio Jornal (2006) e a comunitária Ponte FM (2010), além da comunitária Vitória FM (2010), em Juazeiro. As trajetórias dessas rádios, também precisam ser contadas. Outros profissionais de gerações posteriores aos pioneiros do rádio no Vale do São Francisco têm muito a compartilhar, são as novas vozes do rio que continuam levando as ondas sonoras para cada lar, transformando a sociedade e ajudando a construir uma nova história. Precisamos ouvir essas vozes, será uma nova aventura.

O rádio, esse veículo tão apaixonante para quem faz e para quem acompanha, também teve um papel fundamental no desenvolvimento da população ribeirinha, especialmente das cidades de Juazeiro e Petrolina. É inegável o impacto causado pela atuação das emissoras no fortalecimento cultural, econômico e social no contexto do rio São Francisco, desde que a primeira onda sonora ressoou no coração do Semiárido nordestino. Uma história que é construída dia a dia, com a vigilância incansável de comunicadores e técnicos que garantem que as mais variadas vozes tenham espaço na programação. Quem quer se fazer ouvir, basta entrar no ar. Sempre foi assim e sempre será no rádio.

Novos relatos sobre a radiofonia sanfranciscana poderão surgir e, se este trabalho conseguir levantar a curiosidade de estudar e observar mais de perto esse veículo tão fascinante que é o rádio, terá atingido o seu objetivo. O desafio está lançado.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Daniela; CAMARGO, Eduardo. *Algumas considerações sobre a história do Rádio no Brasil*. São Paulo. 2010. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/Daniela-Oliveira-Albertin-de-Amorim-e-Eduardo-Camargo.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

ASSOCIAÇÃO DAS EMPRESAS DE RADIODIFUSÃO DE PERNAMBUCO. *Rádiodifusão pernambucana*. Recife: Comunicarte, 1992.

BARBOSA, Silvio Henrique Vieira. *TV e cidadania*. São Paulo: All Print, 2010.

CAPARELLI, Sérgio. *Comunicação de massa sem massa*. São Paulo: Summus, 1986.

CÉSAR, Cyro. *Como falar no rádio: prática de locução AM e FM*. São Paulo: Ibrasa, 1990.

CÉSAR, Cyro. *Rádio: inspiração, transpiração e emoção*. São Paulo: Ibrasa, 1996.

CÉSAR, Cyro. *Rádio: a mídia da emoção*. São Paulo: Summus, 2005.

COSTELLA, Antônio F. *Comunicação: do grito ao satélite*. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2002.

CUNHA, João Fernandes da. *Memória histórica de Juazeiro*. Salvador: ABC, 1978.

DIAS, Wilson. *História da imprensa juazeirense*. Juazeiro: Santa Inês, 1982.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999.

HARARI, Cláudio Zamboni. *Montagem técnica de rádios comunitárias*. São Paulo: Secretaria de Comunicação, 1997. (Série Cartilhas de Formação em Rádios Comunitárias).

KLÖCKNER, Luciano. Linha do tempo do rádio no Brasil. Apêndice C. In: HAUSMAN, Carl; MESSERE, Fritz; O'DONNELL, Lewis e BENOIT, PHILIP. *Rádio: produção, programação e performance*. Tradução da 8. edição norte-americana. São Paulo: Editora Cengage Learning, 2010.

LEÓN, Osvaldo. Democratização das comunicações e da mídia. 2002. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/w3/fsmrn/fsm2002/leon1_midia.html>. Acesso em: 22 abr. 2018.

MACHADO, Arlindo; MAGRI, Caio; MASAGÃO, Marcelo. *Rádios livres: a reforma agrária no ar*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MENEGUEL, Y.P.; OLIVEIRA, O.de. *O rádio no Brasil: do surgimento à década de 1940 e a primeira emissora de rádio em Guarapuava*. [21--?]. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/713-4.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

MOREIRA, Elisabet Gonçalves. Recados do rádio: a fala da mediação. In: SÁ, Edna Maria Alencar; SOUZA, Geida Maria Cavalcanti; NASCIMENTO, Genivaldo do (Org.). *O professor pesquisador e a construção de novos discursos*. Recife: Edupe, 2004.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus, 1985.

PINHO, Sílvia M. Rebelo. *Fundamentos em fonoaudiologia: tratando os distúrbios da voz*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

SANTOS, Fabíola Moura Reis; FERREIRA, Vicente José Assencio. Técnicas fonoarticulatórias para o profissional da voz. *Revista CEFAC*, São Paulo, v. 3, p. 53-64, 2001.

STIER, Maria Aparecida; NETO, Benedito Costa. Oficina de narração. In: KYRILLOS, Leny Rodrigues (Org.). *Fonoaudiologia e telejornalismo: relatos de experiências na Rede Globo de Televisão*. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

ANEXO

CRONOLOGIA DO RÁDIO NO BRASIL²

1922 Primeira transmissão oficial. Realizada por ocasião da Exposição do Centenário da Independência no Rio de Janeiro (07/09), com o pronunciamento do presidente Epitácio Pessoa, seguida de audição de músicas, entre as quais, trechos da ópera O Guarani, de Carlos Gomes.

1923 Inaugurada a primeira emissora no Brasil: a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, por Edgard Roquette-Pinto e Henry Charles Morize, cuja missão primordial é difundir a educação e a cultura. Doadas ao Ministério de Educação e Cultura em 1936, passa a chamar-se Rádio MEC. Constitui o embrião do sistema de rádios educativas no país. Em homenagem a Roquette-Pinto, a data do nascimento dele, em 25 de setembro (de 1884), é instituída como o Dia Nacional da Radiodifusão.

² Informações extraídas de Klöckner (2010).

DÉCADA DE 30

Com o golpe de Getúlio Vargas o rádio foi utilizado como propaganda do governo. Neste período também surgiram diversas rádios de notícias.

(Continua)

1930 Primeiras coberturas jornalísticas pelo rádio, durante a Revolução de 30. Torna-se, nesta ocasião, conhecido o repórter e locutor César Ladeira, pela Rádio Record, de São Paulo. Posteriormente, é considerado a voz da Revolução Constitucionalista de 32, ao lado de Celso Guimarães da Rádio Cruzeiro do Sul. Coube a Ladeira introduzir um novo modelo para o rádio, com a contratação de um *cast* de profissionais com remuneração mensal.

1932 Criado o primeiro jingle no rádio brasileiro pelo cartunista e compositor Antônio Gabriel Nássara, com o refrão: “Oh, padreiro desta rua, tenha sempre na lembrança. Não me traga outro pão, que não seja o pão Bragança”. A padaria Bragança situava-se no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro.

Decreto-Lei 21.111 libera as emissoras para veicularem anúncios.

A Rádio Record de São Paulo realiza as primeiras propagandas políticas do rádio brasileiro.

1933 Rádio Escola do Municipal do Distrito Federal, obra do educador Anísio Teixeira, desenvolve aulas para o povo por intermédio do novo veículo.

1935 O Presidente Getúlio Vargas, através do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), do Governo Federal, cria o programa Hora do Brasil.

As rádios Kosmos e América, de São Paulo, são as primeiras a apresentarem programas de auditório.

(Conclusão)

1936	Entra no ar a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, emissora que por anos foi a mais ouvida em todo o Brasil.
1937	Programa Hora do Brasil (que alterou o nome em 1946 para Voz do Brasil) passa a ser transmitido em rede nacional obrigatória. Nos anos 90, algumas emissoras obtiveram liminares para alterar o programa para o horário da madrugada.
1938	Formação da primeira rede nacional de rádios, a Rede Verde e Amarela, liderada pelas Organizações Byngton, realiza cobertura esportiva pioneira de um Campeonato Mundial de Futebol na França.
1939	Começam as atividades do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão que tem, entre outras finalidades, exercer censura prévia sobre os programas radiofônicos.

DÉCADA DE 40

A partir da estadização radiofônica implantada por Getúlio Vargas no final da década de 30, o rádio sofreu mudanças radicais. Neste período também surgiram as primeiras redações jornalísticas voltadas para o rádio.

Resumo da década em Áudio produzido por Alunos de Radio
Adaptação da época: A vida de Carmem Miranda

1940	O governo do presidente Getúlio Vargas estatiza a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. (Continua)
	As primeiras agências de publicidade começam a atuar e os programas de rádio recebem patrocinadores como Coca-Cola, Gessy Lever, Colgate, Esso, Goodyear, etc.
1941	Lançado para os professores do ensino secundário o programa educativo Universidade no Ar pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro.
	O ano marca a primeira edição de <i>O Repórter Esso</i> , boletim de notícias de cinco minutos, irradiado pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro e emissoras de outras quatro capitais (São Paulo, Belo Horizonte, Recife e Porto Alegre). Também pela Nacional estréia <i>Em busca da felicidade</i> , radionovela cubana, pioneira no gênero, que permanece até 1943 no ar. No mesmo ano, é produzida <i>Fatalidade</i> , de Oduvaldo Viana, na Rádio São Paulo, primeira radionovela criada no Brasil.
1942	Rádio Nacional amplia a potência, inaugurando estação de ondas curtas com oito antenas voltadas para Estados Unidos, Europa e Ásia, transmitindo para o exterior em quatro idiomas.

(Conclusão)

1944	Criada a Associação Brasileira de Rádio (ABR). A entidade colabora para regulamentar a profissão de radialista e também com o texto-base do Código Brasileiro de Radiodifusão. Em 1962, já contemplando a televisão, foi instituído o Código Brasileiro de Telecomunicações.
1945	Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o modelo de rádio brasileiro, até então um mix europeu, passa a adotar o exemplo dos Estados Unidos.
1947	A Rádio Pan-americana de São Paulo é a primeira emissora a dedicar-se continuamente a transmissões esportivas.
1947/1948	Montadas as primeiras redações jornalísticas especialmente para o rádio. Em 1947, a Rádio Globo estrutura um departamento de notícias para o noticiário O Globo no Ar. Em 1948, a Rádio Nacional implanta a Seção de Jornais Falados e Reportagens. No final dos anos 40, início dos anos 50, ficam disponíveis os primeiros gravadores magnéticos de rolo, para consumo doméstico.

DÉCADA DE 50

O início da década é marcado pela chegada da televisão no Brasil. Através da iniciativa de Assis Chateaubriand, proprietário do grupo midiático Diários Associados, entra ao ar, no dia 19 de setembro, em São Paulo, a TV TUPI. A primeira emissora televisiva do Brasil. Para concorrer com o novo veículo, o rádio teve que se transformar.

(Continua)

	Inicia-se a concorrência com a Televisão e com a Era da Imagem. É inaugurada a PRF-3 TV Tupi-Difusora, de São Paulo (18/9). Os elencos e principais programas das rádios começam a se transferir para o novo veículo. Ao rádio cabe flexibilizar, inovar na programação.
1950	A notícia recebe tratamento destacado. Vários radiojornais e boletins noticiosos (sínteses) são elaborados pelas emissoras, buscando igualar-se à audiência da Rádio Nacional. A iniciativa de Carlos Palut, com a Rádio Continental, de criar unidades volantes (Comandos Continental) para que os repórteres falassem direto do local dos acontecimentos, promove uma revolução no rádio informativo. O rádio segmenta-se nos 30 anos seguintes e de uma programação mais eclética (estilo que predomina nas televisões abertas de hoje), especializa-se tanto nas emissoras de Amplitude Modulada (AM) quanto nas de Frequência Modulada (FM). Os estilos variam a partir dos mais populares, com esportes (predominantemente o futebol), polícia, até o jornalismo com prestação de serviço, informações e música.
1954	Rádio Bandeirantes tenta um modelo inédito: a cada 15 minutos, um é dedicado à transmissão de informações.

(Conclusão)

1955	Entra no ar a primeira rádio em FM, Rádio Imprensa, do Rio de Janeiro, que comercializava a programação em supermercados, em lojas e em escritórios.
1957	Inaugurada a Rádio Guaíba de Porto Alegre uma das primeiras emissoras a dedicar-se ao público classe AB, investindo no trinômio música-esporte-notícia. Um ano depois, em 1958, transmite a Copa do Mundo, da Suécia, sendo a primeira a contar com o retorno no estúdio Também entra no ar em Porto Alegre a Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, primeira emissora universitária AM do Brasil, por obra de Antônio Alberto Goetze e Elyzeu Paglioli (18/11).
1957/1958	Organização do Sistema de Rádio Educativo Nacional (SIRENA), pelo professor João Ribas da Costa, que contabilizou 47 emissoras na luta contra o analfabetismo. Em 1963, foi incorporado à Rádio Educadora de Brasília e extinguiu-se. São comercializados em nível internacional os primeiros rádios receptores transistorizados com funcionamento a pilha.
1959	Rádio Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, uma das primeiras emissoras a integrar a música e a notícia, inova ao lançar o Serviço de Utilidade Pública (achados e perdidos).

DÉCADA DE 60

Nos anos 60, o rádio adquiria novas dimensões. Algumas emissoras se dedicavam a ouvintes de classe A com músicas selecionadas, intercaladas com noticiários políticos nacionais e internacionais.

(Continua)

1961 A renúncia do presidente da República Jânio Quadros deflagra uma crise de governo. No Rio Grande do Sul, o governador Leonel Brizola utiliza a Cadeia Radiofônica da Legalidade, com mais de uma centena de emissoras liderada pela Rádio Guaíba, e garante a posse do vice João Goulart, o Jango, na Presidência.

Decreto presidencial regulamenta em 1961 o Movimento de Educação de Base (MEB), criado por Dom Eugênio Salles, com supervisão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), embora as ações da Igreja neste campo já existissem desde os anos 50.

1962 Fundada a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT) (27/11).

É instituída a propaganda política gratuita no rádio e na televisão.

1963 Estabelecido o Código Brasileiro de Radiodifusão

O golpe militar de 31 de março, que perdurou até os anos 80, institui diversos atos institucionais que recrudescem a censura sobre os veículos de comunicação até mesmo extinguindo alguns programas radiofônicos.

1964 No Rio Grande do Sul, é montada a Segunda Cadeia da Legalidade para resistir ao golpe militar. É coordenada pela Rádio Difusora de Porto Alegre, mas a tentativa não dá resultado.

Os gravadores cassetes, lançados pela Phillips no início dos anos 60, começam a chegar ao país.

1965 O Brasil é integrado ao INTELSAT, para transmissões de rádio e televisão via satélite.

(Conclusão)

1967

Criado o Ministério das Comunicações e com ele o Departamento Nacional de Telecomunicações (DENTEL), órgão encarregado de fiscalizar as programações das emissoras de rádio e de televisão.

1968

As ligações em FM, utilizadas como links para transporte do som dos estúdios aos transmissores, são proibidas. O governo decide distribuir estes canais, visando a expandir o número de emissoras, o que efetivamente ocorre em meados dos anos 70. A Rádio Difusora de São Paulo foi a primeira a transmitir regularmente em FM no Brasil (02/12/1970).

1969

Rádio Cultura AM de São Paulo é estatizada, passando a fazer parte da recém instituída Fundação Padre Anchieta.

DÉCADA DE 70

A ditadura militar assombrava os veículos de comunicação graças ao Ato Institucional nº 5. O rádio não seria o único veículo a se adaptar aos tempos militares. A década consolidaria o Brasil como país do futebol com o tricampeonato mundial. E no final da década, a população vê os resultados da luta pela democracia.

1970	Emissoras oficiais e privadas transmitem o Projeto Minerva. O programa é produzido pelo Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação e Cultura, e gerado pela Rádio MEC, do Rio de Janeiro. (04/10)
------	--

1973	Lançado pelo governo o Plano Básico de Canais em FM com incentivo à produção de radiorreceptores com faixa AM e FM. O número de emissoras em FM aumenta. O padrão seguido é o dos Estados Unidos com comunicadores de voz jovem, aplicando aos diálogos a informalidade, o humor, além de promover sorteios de brindes e rodar muita música.
------	--

1975	Governo cria a Radiobrás (Lei 6.301, de 15/12).
------	---

DÉCADA DE 80

As rádios FM se consolidam como o novo canal de rádio. Graças à automatização das emissoras, é possível escutar músicas 24 horas por dia.

	Inicia-se a automatização das emissoras de rádio. Até fins dos anos 90 o cartucho e a fita magnética são substituídos pelo MD (Mini disc), o disco de vinil pelo CD (Compact Disc), e o próprio rádio transmissor utilizado pelos repórteres é trocado pelo telefone celular, transformando cada profissional numa unidade móvel. (Continua)
1980	Na área da informática, os computadores são, gradativamente, implantados nos estúdios e nas redações. Do mesmo modo, as redes nacionais de telefonia são supridas de fibras óticas, essenciais para elevar a velocidade e aumentar a qualidade das transmissões. A segmentação das rádios comerciais torna-se mais intensa a partir da metade dos anos 80.
1981	Começa em Sorocaba, interior de São Paulo, o movimento das rádios alternativas ou livres, que posteriormente se espalhou pelo país.
1982	Rádio Bandeirantes AM, de São Paulo, transmite o <i>radiojornal Primeira Hora</i> via satélite.
1983	Rádio Gaúcha, de Porto Alegre, é a primeira emissora AM a implantar o estilo para transmitir noticiário radiofônico 24 horas por dia, processo que se consolida nos anos seguintes. Tentativa semelhante foi desencadeada pela JB, do Rio de Janeiro, em 1980, mas algumas versões relatam que a programação era completada por música. A experiência durou seis anos e foi descartada por falta de investimentos em profissionais e equipamentos. Instituído oficialmente o Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa (SINRED), que funcionou até 1988. Em 1994, houve tentativa de reativá-lo, mas sem êxito.

(Conclusão)

1988 A Constituição Brasileira de 1988 prevê a regulamentação de vários itens que abrangem os meios de comunicação social. Entre eles: as permissões para as rádios comunitárias (regulamentadas em 1998), criação do Conselho de Comunicação Social (regulamentado em 2002).

1989 Desponta a primeira rede de rádio comercial via satélite: Band-Sat AM. A partir de 1990, outras emissoras passam a transmitir nesta modalidade, entre elas, a Jovem Pan e Transamérica.

DÉCADA DE 90

Marcada por grandes acontecimentos e tragédias, o rádio teve grande participação nas coberturas de grandes eventos como a Copa do Mundo de 1998.

1990	Sistema de rádio por cabo é lançado, mas não se firma. (Continua)
1991	No rádio AM, uma inovação: surge a primeira emissora <i>all news</i> do país, a Central Brasileira de Notícias (CBN). Em 1995, também seria pioneira neste estilo no rádio FM.
1993	Formada a Rede Conesul de Comunicação, agregando as rádios: Gaúcha (Porto Alegre/Brasil), Mitre (Buenos Aires/Argentina), Carve (Montevideu/Uruguai), Ñanduti (Assunção/Paraguai) e Cooperativa (Santiago/Chile).
1995	A <i>web</i> comercial brasileira começa oficialmente neste ano (31/05), embora a primeira conexão tenha acontecido em 1991 e em 1994 a Embratel tenha oferecido os primeiros contatos à rede mundial. Muitas emissoras convencionais começam a experimentar as transmissões <i>on-line</i> pela <i>world wide web</i> (www) que tornou possível acoplar som, imagem e vídeo, além dos textos. As pioneiras a transmitirem a programação ao vivo foram a Gaúcha, Jovem Pan, Eldorado e CBN.
1996	Rádio CBN, de São Paulo, passa a transmitir a mesma programação do AM no FM, ampliando a audiência. À <i>posteriori</i> , a mesma medida é aplicada no Rio de Janeiro. Experiência pioneira no gênero foi registrada pela Rádio Eldorado em 1958. Surge a Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (ABRAÇO).
1997	Congresso Nacional aprova a Lei Geral das Comunicações, criando a Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL). RadioFam da PUC do Rio Grande do Sul, <i>web</i> rádio universitária pioneira no país, entra na internet.

(Conclusão)

Realizada a primeira transmissão experimental em Digital Audio *Broadcasting* (DAB) no Brasil, em Foz do Iguaçu, no Paraná, durante Congresso da ABERT, pelo sistema europeu Eureka-147.

1998 Decreto 26.615 regulamenta as rádios comunitárias (Lei nº 9.612, de 19/02/1998).

Entra no ar a Rádio Totem, com sede em São Paulo, considerada a primeira emissora brasileira com existência apenas na internet.

SÉCULO XXI

Desde 1922, o rádio teve que se adaptar muito. Do transistor às plataformas móveis, o rádio completa noventa anos em 2012 e enfrenta um processo de reinvenção.

2000	A transmissão por rádio tem um aliado e um concorrente. O aliado é o telefone celular, cujos novos aparelhos oferecem o rádio em FM, mas eliminam a transmissão em AM. O concorrente é constituído pelos tocadores de música (<i>Ipod</i> , MP3, MP4, etc.). Este fato, aliás, já havia ocorrido com os gravadores de fita de rolo e cassetes nos anos 60 e 70 (Continua) <i>Ilkman</i> nos anos 80 e os <i>CDplays</i> nos anos 90.
2003	A Rádio Gaúcha de Porto Alegre é a primeira emissora comercial brasileira a realizar uma transmissão experimental de recepção digital do Brasil pelo padrão <i>In-Band-On-Channel</i> (IBOC), da empresa iBiquity Digital . Outro sistema testado pela Rádio Nacional de Brasília é o Digital Radio Mondiale (DRM) desenvolvido e adotado por países europeus.
2004	O <i>podcast</i> , serviço de transmissão de áudio, é incorporado como mais um atrativo das emissoras na <i>web</i> .
2005	Primeira rede em FM com 24 horas de notícias (BandNews).
2007	Carta dos Pesquisadores de Rádio e Mídia Sonora do Brasil, iniciativa da reunião do grupo da Intercom, em Santos/SP, é divulgada, questionando o Ministério das Comunicações sobre a tecnologia e os métodos na implantação do rádio digital no país. Criada a Empresa Brasil de Comunicação (EBC), congregando a TV Brasil, NBR (televisão a cabo), Agência Brasil e os Sistemas de Rádio (Rádio Nacional AM e FM/ DF, Rádio Nacional AM /RJ, Rádio MEC AM/RJ, Radio MEC AM/DF, Rádio MEC FM/RJ, Rádio Nacional do Alto Solimões AM, Rádio Nacional da Amazônia OC, Radioagência Nacional).
2008	Comissão da ABERT entrega ao Ministério das Comunicações relatório final dos testes com o sistema de rádio digital IBOC, realizados pelo Instituto Mackenzie, concluindo que o padrão é o único a atender às necessidades da radiodifusão sonora brasileira em OM (Ondas Médias) e FM.

(Conclusão)

Ministério das Comunicações divulga padrão do rádio digital brasileiro.

- 2010 Ministério das Comunicações caça a liminar que permitia veículos de comunicação transmitir a Voz do Brasil em horários alternativos.
-

SOBRE AS AUTORAS

Fabíola Moura Reis Santos

Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pela Universidade do Estado da Bahia (Uneb). Especialista em Ensino Superior, Contemporaneidade e Novas Tecnologias pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf); em Ensino da Comunicação Social pela Uneb; e, em Voz pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia (CFFa). Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco (Ufpe) e em fonoaudiologia pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Professora do curso de Jornalismo em Multimeios do Departamento de Ciências Humanas, campus III, da Uneb. Pesquisadora integrante dos grupos de pesquisa Laboratório de Estudos em Mídia e Espaço (Leme/Uneb) e Comunicação, Economia Política e Diversidade (Comum) da Universidade Federal do Piauí (Ufpi). Autora do livro *O sertão que a TV não vê: o jornalismo contextualizado com o Semiárido Brasileiro*. Coordenadora dos projetos de extensão da Rádio Universitária – Programa Eufonia e Programas Experimentais de Televisão da WebTV do campus III, da Uneb em Juazeiro, além do Projeto de pesquisa Jornalismo contextualizado com o Semiárido Brasileiro. Coordenadora de programação e jornalismo da TV e Rádio Caatinga da Univasf. Escreve o *blog* de viagem *Família que viaja junto*. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/6276475685102074>>. E-mail: fabiolamsantos@hotmail.com

Juliana Ribeiro de Amorim Galdino

Pós-graduada em Ensino de Comunicação Social pela Uneb, campus III Juazeiro/BA. Graduada em Comunicação com habilitação em Jornalismo pela Unicap. Possui larga experiência como assessora de imprensa e de comunicação de instituições e empresas como: Diocese de Juazeiro; Confederação Nacional das Cooperativas Médicas (Unimed) Vale do São Francisco; Serviço Autônomo de Água e Esgoto (Saae) de Juazeiro; e, Secretaria de Educação do Município de Juazeiro. Gerente de comunicação da Secretaria de Saúde do Município de Petrolina/PE. *E-mail:* jugaldino01@yahoo.com.br

Formato: 150 mm x 210 mm
Fonte: Minion Pro
Papel miolo: Pólen Soft, 80 g/m²
Papel capa: Cartão Supremo, 300 g/m²
Impressão: Setembro / 2018
Impressãobigraf Ltda